

Contos de AMÉRICA, SENE DUCAS, e JÓHAN

DANIELLE STEEL



O ANEL^{DE}
NOIVADO



Danielle Steel

O Anel de Noivado

Tradução de

Luís Manuel De Campos Dionísio

Para Omi, com todo o meu amor,
D. S.

LIVRO UM - KASSANDRA

Capítulo 1

Kassandra von Gotthard estava tranqüilamente sentada na margem do lago de Charlottenburg, a observar a pequena e lenta ondulação provocada pelo seixo que acabara de lançar. Os dedos, compridos e graciosos, pegaram noutro pequeno seixo, sustiveram-no no ar por instantes e depois lançaram-no ao acaso para dentro da água. Estava um dia quente e soalheiro de final de verão. Os cabelos louros acobreados, afastados do rosto por um travessão de marfim preso lateralmente, caíam-lhe num longa e suave onda pelos ombros. A linha do travessão nos cabelos louros e lisos era tão perfeita e graciosa como tudo o resto no rosto. Os olhos eram enormes e amendoados, do mesmo azul vivo da fiada de flores atrás dela. Eram olhos que prenunciavam o riso, e no entanto sussurravam algo terno ao mesmo tempo; eram carinhosos e provocantes, para depois ficarem pensativos, como que perdidos num qualquer sonho distante, tão afastados do presente como o palácio de Charlottenburg, do outro lado do lago, estava da cidade buliçosa. O velho palácio observava-a incessantemente, como se ela pertencesse mais a época dele que a dela.

Deitada na relva a beira do lago, Kassandra parecia um mulher num quarto ou num sonho, as mãos delicadas esquadrinhando suavemente a relva, procurando outro seixo para atirar. Próximo, os pactos entravam, bamboleantes, dentro de água, enquanto duas crianças batiam palmas alegremente. Kassandra observava-as, parecendo procurar os seus rostos durante um longo instante, enquanto elas riam e se afastavam a correr.

- Estava pensando em que? - A voz a seu lado arrancou-a do seu devaneio, e voltou-se na direção da voz com um lento sorriso.

- Em nada. - O sorriso alargou-se e estendeu a mão em direção a ele, o complexo anel com sinete, incrustado de diamantes, a reluzir ao sol. Mas ele não reparou no anel. As jóias que ela usava não lhe interessavam. Era Kassandra que o intrigava, era ela que, para ele, parecia deter o mistério da vida e da beleza. Ela era um questão para a qual ele nunca conheceria resposta, um dádiva que ele nunca possuiria.

Tinham-se conhecido no Inverno anterior, num festa para celebrar o lançamento do seu segundo livro, *Der Kuss*. No seu estilo franco, ele chocara, durante algum tempo, toda a Alemanha, mas o livro granjeara-lhe, apesar disso, ainda mais aplausos do que o primeiro. A história era profundamente sensual e erótica e o lugar dele no

pináculo do movimento literário contemporâneo alemão parecia assegurado. Ele era controverso, moderno, por vezes irascível, e extremamente talentoso. Aos trinta e três anos, Dolff Sterne atingira a fama. E realizara o seu sonho.

A beleza dela deixara-o sem respiração na noite em que se conheceram. Ouvira falar dela; toda a gente em Berlim sabia quem ela era. Tinha um ar intocável, intangível, assustadoramente frágil. Dolff sentira algo parecido a um pontada quando a vira pela primeira vez com um vestido sedoso, de cor dourada, colado ao corpo, os cabelos tremeluzentes mal cobertos por um pequeníssima boina dourada, um casaco de pele de zibelina dobrado sobre o braço. Porém, não foi a cor dourada nem a pele de zibelina que o tinham deixado aturdido, mas sim a sua presença, o ar ausente e o silêncio no clamor da sala, e finalmente os olhos. Quando ela se virou e lhe lançou um sorriso, ele teve, por instantes, a sensação de que ia morrer.

- Parabéns.

- Porquê? - Ele fitou-a por momentos, com ar boquiaberto, sentindo os seus trinta e três anos a diminuir para dez, até que notou que ela também estava nervosa. Ela não era nada aquilo que ele imaginara. Era elegante, mas não altiva. Parecia estar assustada, com os olhos arregalados, no meio do aglomerado de gente. Fora-se embora cedo, desaparecendo como a Gata Borralheira, enquanto ele cumprimentava mais alguns convidados. Ainda quis correr atrás dela, procurá-la, vê-la de novo, pelo menos por instantes, para voltar a admirar os olhos de alface.

Duas semanas mais tarde encontraram-se novamente No parque, ali em Charlottenburg. Ele vira-a levantar o olhar para o palácio e depois sorrir para os patos.

- Vem aqui muitas vezes? - Ficaram lado a lado durante um silencioso instante, a altura e tez escura dele em impressionante contraste com a delicada beleza dela. O cabelo dele era da cor da pele de zibelina, os olhos de ônix brilhantes fixos nos dela. Ela fez um gesto afirmativo com a cabeça e depois levantou os olhos para ele com um sorriso misteriosamente acriançado.

Eu costumava vir aqui quando era miúda.

É de Berlim? - Parecera um pergunta estúpida, mas ele não sabia ao certo o que dizer.

Ela riu-se, mas sem qualquer tom de indelicadeza.

- Sou. E o senhor?

- De Munique.

Ela meneou novamente a cabeça, e ambos ficaram em silêncio durante um longo instante. Ele perguntou a si mesmo quantos anos é que ela teria. Vinte e dois? Vinte e quatro? Era difícil dizer. E então, subitamente, ouviu-a soltar um gargalhada cristalina ao ver três crianças a cabriolar com um cão, com água pelos joelhos, iludindo a vigilância da ama, e o buldogue, recalcitrante, a negar-se a segui-los novamente para a margem.

- Fiz isto um vez. A minha ama não me deixou voltar aqui durante um mês.

Ele sorriu. Conseguia imaginar a cena. Ela tinha um ar suficientemente jovem para ainda se meter a água; no entanto, a pele de zibelina e os diamantes que usava faziam com que parecesse pouco provável que ela algum vez tivesse sido desinibida o suficiente para ir atrás de um cão para dentro da água. Ele quase conseguia ver a cena: um preceptora de farda engomada e de touca a repreendê-la da margem. E quando é que teria sido? 1920? 1915? Tudo isso parecia estar a anos-luz de distância dos seus afazeres naquela altura. Nesses anos, fazia um grande esforço por conseguir conciliar a escola e o trabalho ao mesmo tempo, ajudando os pais na padaria todas as manhãs, antes da escola, e durante longas horas da parte da tarde. Que contraste com esta mulher de cabelos dourados!

Visitara com frequência o parque de Charlottenburg depois disso, dizendo a si próprio que precisava de ar e de exercício depois de escrever todo o dia, mas, no seu íntimo, não acreditava. Ele andava mas era a procura daquele rosto, daqueles olhos, dos cabelos louros como ouro e finalmente descobriu-a, novamente no lago. Ela parecera contente por vê-lo quando se reencontraram. Começou então a haver um gênero de acordo tácito entre eles. Ele ia passear quando acabava de escrever e, se controlasse bem o tempo, ela estaria lá.

Tornaram-se os guardiães espirituais do palácio, os segundos pais das crianças que brincavam perto do lago. Sentiam um espécie de prazer possessivo no seu ambiente envolvente, contando um ao outro histórias da sua infância e falando dos seus sonhos. Ela quisera entrar para o teatro, para horror do pai, mas isso fora sempre o seu sonho secreto. Sabia perfeitamente que isso nunca aconteceria; no entanto, de vez em quando, sonhava que escreveria um peça de teatro anos mais tarde. Ficava sempre fascinada quando ele falava da sua escrita, de como começara, do que sentira quando o seu primeiro livro se tornou um êxito. A fama ainda não lhe parecia ser um realidade, e talvez nunca o viesse a ser. Tinham-se passado cinco anos desde o seu primeiro romance de sucesso, sete anos desde que deixara Munique e viera para Berlim, três anos desde que comprara o Bugatti, dois desde que a antiga e bonita casa em Charlottenburg se tornara sua e no entanto nada disso lhe parecia real. Não acreditando sequer que tudo isso lhe conservara a juventude e o ar de deleite e espanto nos olhos. Dolff Sterne ainda não estava saturado, nem da vida, nem da escrita, e muito menos dela.

Ela ficava encantada a escutá-lo. Ao ouvi-lo falar sobre os seus livros, ela sentia as histórias ganharem vida, as personagens tornarem-se reais; e, ao estar com ele, ela própria também se sentia ganhar vida de novo. E semana após semana, a medida que se iam conhecendo melhor, ele via o receio nos olhos dela a dissipar-se. havia algo de diferente nela agora quando a encontrara no lago. Algo engraçado, juvenil e delicioso.

- Fazes idéia de quanto gosto de ti, Cassandra? - perguntara-lhe um dia, em tom

de brincadeira, quando passeavam calmamente a volta do lago, saboreando a suave brisa primaveril.

- Vais escrever um livro a meu respeito?

- Achas que devia?

Kassandra baixou os olhos de alface por momentos e depois, olhando-o por sobre o ombro, fez um ligeiro aceno com a cabeça.

- Pouco provável. não haveria nada a dizer. Nenhum s vitórias, nenhum êxito, nenhum façanha. Nada mesmo.

Os olhos dele fixaram os dela durante um longo instante, trocando mudas palavras que ainda não podiam ser ditas. isso que achas?

A pura verdade. Nasci nesta vida e nesta vida hei de morrer. Entretanto usarei um ror de vestidos deslumbrantes, irei a um milhar de jantares respeitáveis, ouvirei um sem-número de óperas bem cantadas a e isso, meu amigo, é tudo. - Aos vinte e nove anos, ela dava já impressão de ter perdido a esperança a esperança de um vida diferente.

- E a tua peça?

Kassandra encolheu os ombros. Ambos conheciam a resposta. Ela era um prisioneira num prisão de diamantes. E então, lançando-lhe um sorriso, riu de novo.

- Portanto, a minha única esperança de fama e de glória é que faças algo por mim, que me ponhas num romance e que, na tua cabeça, me transformes num personagem exótica. - Isso já ele tinha feito, mas não se atrevia a dizer-lhe. Ainda não. Em vez disso, procedia com lealdade, enfiando a mão dela no seu braço.

- Certo. Nesse caso vamos fazer as coisas conforme o teu gosto. Que gostarias de ser? O que é para ti algo bem exótico? Um espia? Um cirurgiã? A amante de um homem muito rico?

Kassandra fez um careta e olhou-o com ar trocista.

- Que horror! Realmente, Dolff, que sensaboria! não, vejamos - Tinham parado para se sentarem na relva; entretanto, ela tirou o chapéu de palha de aba larga e soltou os cabelos louros como ouro. - Atriz, acho a podias fazer-me estrela dos palcos de Londres a e depois a - Deixou tombar a cabeça para o lado, ao mesmo tempo que enrolava os cabelos nos dedos, compridos e graciosos, e os anéis brilhavam ao sol.

- Depois a eu podia ir até a América e ser um estrela .

- América? Em que sitio?

- Nova Iorque.

- Já estiveste lá algum vez?

Kassandra fez um gesto afirmativo com a cabeça.

- Com o meu pai, quando fiz dezoito anos. Foi fabuloso. Ficamos a - E depois deteve-se. Estivera prestes a contar-lhe que tinham sido convidados dos Astor, em Nova Iorque, e depois do presidente, em Washington, D. C., mas não lhe parecera

correto. não queria impressioná-lo. Queria ser sua amiga. Gostava demasiado dele para fazer esse tipo de coisas com ele. E não importava o êxito que tinha alcançado; a verdade era que ele nunca faria parte desse mundo. Ambos sabiam isso. Era algo que nunca discutiam.

- Ficaram o quê? - Dolff estivera a observá-la, o rosto magro e atraente perto do dela.

- Ficamos apaixonados por Nova Iorque. Pelo menos, eu fiquei. - Soltou um suspiro e olhou, com ar melancólico, para o lago.

- É parecida com Berlim?

Ela abanou a cabeça, semicerrando os olhos, como que para fazer desaparecer o palácio de Charlottenburg.

- Não, é maravilhosa. É um cidade nova e moderna, de grande movimento e excitação.

- E, naturalmente, Berlim é um cidade bastante sombria. - As vezes não conseguia evitar um certo tom de escárnio; para ele, Berlim era ainda todas aquelas coisas que ela dissera acerca de Nova Iorque.

- Estás a entrar comigo. - havia um tom de censura na voz, mas não no olhar. Gostava de estar com ele.

Adorava o ritual dos passeios da tarde. Agora, cada vez mais, escapava aos grilhões e a as restrições das suas obrigações diárias e vinha encontrar-se com ele no parque.

Os olhos de Dolff tinham um ar simpático quando lhe respondeu.

- Estou a entrar contigo, Cassandra. Isso incomoda-te muito?

Ela abanou a cabeça lentamente.

- Não. - E depois, após um pausa: - Sinto como se começasse a conhecer-te melhor do que a qualquer outra pessoa. - Era perturbante, mas ele sentia o mesmo. Todavia, ela era ainda o seu sonho, a sua ilusão, e evitava-o constantemente, exceto ali no parque. - Sabes o que quero dizer?

Dolff fez que sim com a cabeça, sem encontrar palavras. Não queria assustá-la. Não queria que ela deixasse de se encontrar com ele para os seus passeios.

- Sei. - Muito mais do que ela imaginava. E então, num acesso de loucura, pegou-lhe na mão, comprida e frágil, repleta de enormes anéis. - Queres vir a minha casa tomar um chá?

- Agora?

- O coração palpitara estranhamente perante o convite. Ela queria, mas não estava certa em não achar que sim, agora.

- Tens algum coisa para fazer?

- Abanou lentamente a cabeça.. - Não, não tenho

- Podia-lhe ter dito que estava ocupada, que tinha um encontro marcado, que a

esperavam para o chá num sítio qualquer. Mas não o fez. Olhou para ele com aqueles olhos enormes de alfazema. - Gostaria imensamente.

Caminhavam lado a lado, a rir e a conversar, secretamente nervosos, abandonando a proteção do paraíso pela primeira vez. Ele contava-lhe histórias divertidas, e ela ria, caminhando com passo apressado, ao lado dele, o chapéu a gingar. havia um súbita urgência para a sua missão. Como se tivesse sido isso que tinham estado a arquitetar durante os meses de passeios no parque.

A porta, cheia de entalhes, abriu-se lentamente, e entraram num amplo vestíbulo de mármore. havia um simpático quadro, de grandes dimensões, pendurado por cima de um secretaria Biedermeier. Os passos ecoaram no vazio quando ela o seguiu para o interior.

- Então é aqui que o famoso escritor vive.

Dolff lançou-lhe um sorriso nervoso quando pousou o chapéu em cima da secretaria.

- A casa é muito mais famosa do que eu. Pertencia a um barão do século dezassete e tem estado em mãos mais ilustres do que as minhas desde então. - Olhou em redor, com ar orgulhoso, e sorriu-lhe, enquanto ela levantava o olhar e o fixava no tecto estilo rococó, e depois o baixava para se fixar nele.

- É lindo, Dolff. - Ela estava com um ar muito calmo, e ele estendeu-lhe a mão.

- Anda, vou mostrar-te o resto da casa.

O resto da casa cumpria a promessa da entrada, com tetos altos, maravilhosamente trabalhados, soalhos admiravelmente incrustados, pequenos candeeiros de cristal, e janelas elegantes e compridas, que davam para um jardim cheio de flores resplandcentes. No andar principal ficava um ampla sala de estar e um sala mais pequena que ele utilizava como escritório. No andar seguinte ficava a cozinha, a sala de jantar e um pequeno quarto da criada, onde ele guardava um bicicleta e três pares de esquis. Por cima deste havia dois quartos enormes e maravilhosos, com vista para o palácio e para o parque. De cada quarto sobressaía um simpática varanda, e no maior dos dois quartos havia um estreita escadaria em espiral.

- O que há ali em cima? - Sentia-se intrigada. A casa era realmente um beleza. Dolff tinha boas razões para estar orgulhoso.

Ele sorriu-lhe. Estava deleitado com a admiração e a aprovação que vislumbrava nos olhos dela.

- A minha torre de marfim. É onde trabalho.

- Pensei que trabalhasses aqui em baixo, no escritório.

- Não, o escritório é só para receber os amigos. A sala de estar ainda me intimida um pouco. Mas - Apontou para cima, ao fundo da estreita escadaria - só por isso.

- Posso ver?

- Claro, se quiseses andar pelo meio dos papéis que há a volta da secretaria.

No entanto, não havia quaisquer papéis a volta da secretaria bem arrumada. Era um sala pequena, maravilhosamente proporcionada, com um vista de trezentos e sessenta graus. havia um lareira acolhedora e livros em todos os cantos imaginários. Era um sala onde virtualmente se podia viver, e Cassandra instalou-se, com um suspiro, a felicidade estampada no rosto, num enorme poltrona de couro vermelho.

- Que lugar maravilhoso. - Ela olhava, com ar sonhador, para o palácio.

- Acho que foi por isso que comprei a casa. A minha torre de marfim e a vista.

- Não te censuro, muito embora o resto também seja maravilhoso. - Cruzara as pernas ao sentar-se, e sorria para ele com um ar de paz que ele nunca lhe vira antes. - Sabes um coisa, Dolff Isto faz-me sentir como se estivesse finalmente em casa. Sinto como se tivesse estado a espera de vir aqui durante toda a vida. - Os olhos nunca se afastaram dos dele.

- Talvez a - A voz de Dolff era um suave murmúrio na sala. - Talvez a casa tenha estado a tua espera durante estes anos todos a tal como eu. - Sentiu um onda de choque a percorrê-lo. Não quisera dizer aquilo. No entanto, os olhos dela não mostravam qualquer sinal de raiva. - Desculpa, foi sem querer.

- Não faz mal, Dolff. - Estendeu-lhe um mão, o anel com sinete, incrustado de diamantes, a brilhar ao sol. Ele pegou-lhe gentilmente na mão e, sem parar de pensar, puxou-a lentamente para os seus braços.

Manteve-a ali durante o que pareceu um eternidade, enquanto se beijavam sob o céu primaveril, azul vivo, e se enleavam num apertado abraço, na torre de marfim. Ela beijava-o com um ardor e um paixão tais que aticava a chama dele, e só ao fim daquilo que pareceram horas é que ele teve presença de espírito para se afastar dela.

- Cassandra a - havia tanto de prazer como de tormento nos olhos dele, no entanto, ela pôs-se de pé, e virou-lhe as costas, olhando para baixo, para o parque.

- Não. - A voz dela era um murmúrio. - Não me digas que lamentas. não quero ouvir isso não posso- conduziu-a até a cama e despiu-lhe o vestido cinzento, de cetim .

- Ela virou-se então para ele, os olhos incendiados por um dor parecida a dele. - Desejo-te há tanto tempo.

- Mas a - Ele odiava-se por causa das suas hesitações, mas tinha de o dizer, pelo menos a ela.

Kassandra levantou um mão para o silenciar.

- Compreendo. A Cassandra von Gotthard não diz coisas como esta, isso? - O olhar endureceu. - Tens toda a razão. não digo. Mas desejava fazê-lo. Oh, meu Deus, como o desejava! Nem eu própria sabia quanto, até agora. Nunca o soube antes. Vivi a minha vida até agora da forma que quis. E sabes o que tenho, Dolff Nada. Sabes quem sou? Ninguém. Sou fútil. - E depois, com as lágrimas a umedecerem-lhe os olhos: - E andava a tua procura para me preencheres a alma. - Desviou novamente o olhar. Desculpa.

Dolff aproximou-se de mansinho por trás dela e pôs-lhe os braços a volta da cintura.

- Não. Nunca penses que não és ninguém. Tu és tudo para mim. Durante todos estes meses, tudo o que quis foi conhecer-te melhor, estar contigo, dar-te algo do que sou, e partilhar um parte de ti. Só não quero magoar-te, Cassandra. não quero puxar-te para o meu mundo, correndo o risco de impossibilitar que vivas no teu próprio mundo. não tenho o direito de fazer isso. não tenho nenhum direito de te levar para um lugar onde não pudesses ser feliz.

- O quê? Aqui? - Virou-se e olhou-o com desconfiança. - Achas que eu podia ser infeliz aqui contigo? Por um hora que fosse?

- Mas a questão, essa. Durante quanto tempo, Cassandra? Um hora? Duas? Um tarde? - Dolff estava com um ar angustiado quando a encarou.

- É o suficiente. Mesmo um momento destes na minha vida seria suficiente. - E então, com os delicados lábios a tremer, baixou a cabeça. - Eu amo-te, Dolff; eu amo-te a eu Dolff silenciou-lhe os lábios com os seus, e desceram novamente, em passo lento, a estreita escadaria.

Mas não foram muito mais longe. Pegando-lhe gentilmente na mão, da fina, e a combinação de cetim, de um bege cremoso, até chegar a as delicadas rendas, que estavam por baixo, e a pele aveludada. Ali ficaram durante horas, os lábios, as mãos, os corpos e os corações misturados num só.

Tinham-se passado quatro meses desde aquele dia, e o caso amoroso tinha-os modificado. Os olhos de Cassandra cintilavam e dançavam de um lado para o outro; metia-se com ele, brincavam, e sentava-se de pernas cruzadas na enorme cama, maravilhosamente trabalhada, contando-lhe histórias engraçadas do que fizera no dia anterior. Quanto a Dolff, o seu trabalho tomara um nova textura, um nova profundidade, e havia um nova força nele que parecia vir do coração. juntos partilhavam algo que, estavam certos, ninguém partilhara antes. Eles eram um cruzamento do melhor de dois mundos: a luta determinada e árdua dele para se distinguir, e o ténue esforço dela para se libertar dos seus laços dourados.

Ainda passeavam no parque algumas vezes, mas menos frequentemente, e agora, quando se encontravam fora daquela casa, ele achava-a muitas vezes triste. havia demasiadas pessoas, demasiadas crianças e amas, demasiados casais a passear no parque. Ela queria estar sozinha com ele, no mundo privado deles.

Não queria que lhe fizessem lembrar a existência de um mundo fora das paredes da casa que eles não queriam partilhar.

- Queres ir embora? - Dolff estivera a observá-la, em silêncio, durante alguns instantes. Ela estava estendida, graciosamente, sobre a relva, um vestido transparente, cor de malva, cobria-lhe as pernas, o sol a realçar o dourado dos cabelos. Um chapéu de seda, também cor de malva, repousava a seu lado, e as meias eram da mesma cor de

marfim que as suas sapatilhas. volta do pescoço, um pesado colar de pérolas, e atrás de si, sobre a relva, jaziam as luvas de pelica e a mala de seda, cor de malva, com fecho de marfim, que fora mandada fazer para condizer com o vestido.

- Sim, quero. - Cassandra levantou-se apressadamente, com um sorriso de felicidade estampado no rosto. - Para o que é que estavas a olhar? - Ele estivera a olhá-la fixamente com extrema atenção.

- Para ti.

- Porquê?

- Porque és incrivelmente bonita. Sabes que se escrevesse acerca de ti não saberia que palavras arranjar?

- Dizias apenas que sou feia, estúpida e gorda. - Lançou-lhe um largo sorriso e ambos riram.

- Isso dar-te-ia prazer?

- Imenso. - Estava a ser novamente provocante e mordaz.

- Bem, pelo menos, ninguém te reconheceria se eu escrevesse isso de ti.

- Vais mesmo escrever a meu respeito?

Dolff ficou pensativo durante um longo instante, enquanto se encaminhavam para a casa que ambos adoravam.

- Hei de fazê-lo um dia. Mas agora não.

- Porquê?

- Porque estou ainda demasiado apegado a ti para escrever algo coerente. De facto - sorriu-lhe do alto da sua considerável altura -, talvez nunca mais volte a ser muito coerente.

As tardes juntos eram sagradas, e muitas vezes ficavam divididos entre passá-las na cama ou sentados confortavelmente na torre de marfim dele a falar acerca do seu trabalho. Cassandra era a mulher por quem ele esperara metade da vida. E, com Dolff, Cassandra encontrara o que sempre tão desesperadamente ansiara, alguém que compreendesse os estranhos meandros da sua alma, as ansiedades, as peças fragmentadas, a rebeldia contra as solitárias restrições do seu mundo. Tinham chegado a um entendimento. E ambos sabiam que, no momento, não tinham outra alternativa.

- Queres chá é querido? - Cassandra atirou o chapéu e as luvas para cima da secretaria, no vestíbulo, e procurou o pente na mala. O pente era de marfim, cor de ônix, com belas incrustações, e caro, como tudo o mais que ela possuía. Voltou a pô-lo na mala e voltou-se para Dolff, com um sorriso nos lábios. - Para de sorrir para mim, pateta a?

- Humm a o que? Sim. ou melhor, não. Não te preocupes, Cassandra. - Envolveu-lhe então a mão na sua. Vamos lá para cima.

- Estás a planejar mostrar-me um novo capítulo, não estás? - Lançou-lhe um sorriso incomparável, ao mesmo tempo que os olhos dançavam de um lado para o

outro.

- Claro. Tenho finalmente um novo livro para discutir contigo.

Um hora mais tarde, enquanto ele dormia calmamente a seu lado, Cassandra olhava-o, com lágrimas nos olhos. Depois saltou cuidadosamente da cama. Detestava abandoná-lo. Mas eram quase seis horas. Depois de fechar suavemente a porta que dava para a enorme casa de banho de mármore, saiu, dez minutos mais tarde, completamente vestida, com um ar de grande ansiedade e tristeza estampado no rosto. Parou, por momentos, junto a cama, e, como se pressentisse a sua presença ao lado da cama, Dolff abriu os olhos.

- Vais-te embora?

Ela fez um gesto afirmativo com a cabeça; por instantes partilharam um expressão de dor.

- Amo-te.

Ele compreendeu.

- Eu também te amo. - Sentou-se na cama e estendeu os braços na direção dela. - Encontramo-nos amanhã, querida. - Ela sorriu, beijou-o de novo e depois atirou-lhe outro beijo da porta, antes de descer apressadamente as escadas.

Capítulo 2

A viagem de Charlottenburg até Grunewald, a pouca distância do centro da cidade, levou a Kassandra menos de meia hora. Ela conseguia fazê-la exatamente em quinze minutos se não tirasse o pé do acelerador do seu pequeno Ford coupê azul marinho; estabelecera, há muito, o melhor tempo até casa. O coração palpitava levemente, enquanto olhava de relance para o relógio.

Hoje estava mais atrasada do que era costume, mas ainda ia a tempo de alterar a situação. Aborrecia-a o facto de estar muito nervosa. Parecia absurdo sentir-se ainda como um moça de quinze anos atrasada para o toque de recolher.

As ruas estreitas e sinuosas de Grunewald surgiram rapidamente a vista, enquanto o lago, a sua direita, estava calmo, mais parecendo um espelho. Não havia qualquer agitação na água, e só se ouviam os pássaros. As enormes casas que ladeavam a estrada repousavam atrás dos seus muros de tijolo e dos seus portões de ferro, ocultas pelo arvoredor e envoltas no seu silêncio conservador, enquanto nos quartos dos pisos superiores as criadas ajudavam as patroas a vestir. Mas ainda tinha tempo, não estava assim tão atrasada.

Parou o carro, de supetão, no portão da entrada de viaturas e saltou rapidamente, enfiando a chave na pesada fechadura do portão. Abriu-o de par em par e entrou com o carro. Depois pediria a alguém para fechar o portão. A gravilha rangia ruidosamente sob as rodas do carro, enquanto o olhar experimentado dela inspecionava a casa. Fora construída ao estilo francês, estendendo-se interminavelmente para ambos os lados da porta principal. Havia três pisos de aspecto sóbrio, de discreta pedra cinzenta, e ainda um último piso, com tecto mais baixo, anichado sob o telhado de mansarda, de magnífico recorte. O piso superior alojava os criados. Abaixo deste havia um piso que, como ela reparava agora, tinha luzes acesas em quase todos os quartos. Depois havia os seus próprios aposentos, assim como vários quartos de hóspedes, e duas bonitas bibliotecas: uma dava para o jardim, a outra para o lago. No piso onde ficavam os seus próprios aposentos brilhava apenas uma luz, e por baixo, no piso principal, estava tudo resplandecente de luz. A sala de jantar, o salão principal, a enorme biblioteca, a pequena sala de fumo, com lambril de madeira escura e recheada de livros raros.

Interrogou-se, por instantes, por que razão é que todas as luzes no piso inferior estavam acesas; depois lembrou-se e levou a mão à boca.

- Oh, meu Deus a olha, não! - Com o coração a bater com mais força, abandonou o carro em frente à casa.

O enorme relvado, cuidadosamente tratado, estava deserto, e mesmo os canteiros, abundantemente sortidos, pareciam repreendê-la, enquanto corria pelo pequeno lanço de escadas acima. Como é que se podia ter esquecido? Que diria ele? O chapéu e as luvas agarradas num mão, a mala de mão enfiada, sem cerimônias, debaixo do braço, procurou enfiar afanosamente a chave na fechadura da porta principal.

Mas, enquanto fazia isso, a porta abriu-se e deu de caras com o rosto intransigente de Berthold, o mordomo, a careca a brilhar a luz dos candelabros de duas lâmpadas no vestíbulo principal, a gravata e o fraque brancos, impecáveis como sempre, os olhos demasiado frios para se vislumbrar qualquer sinal de desaprovação. Limitavam-se a fitar impassivelmente os olhos dela. Atrás dele, um criada, de farda preta, avental de renda e touca brancos, atravessou apressadamente o vestíbulo principal.

- Boa noite, Berthold.

- Madame. - A porta fechou-se resolutamente atrás dela, quase ao mesmo tempo que Berthold batia os calcanhares.

Com ar nervoso, Kassandra olhou de relance para o salão Principal. Estava tudo pronto, graças a Deus! O jantar para dezasseis pessoas fora a última coisa que lhe viera a memória. Felizmente verificara tudo, em pormenor, com a sua governanta na manhã anterior. Frau Klermmer tinha tudo sob controle, como sempre.

Cumprimentando os criados.... a medida que passava, Kassandra precipitou-se pelas escadas acima, desejando poder subir os degraus dois a dois, como fazia em casa de Dolff quando iam a correr para a cama ... para a cama Um lampejo de sorriso assomou-lhe aos olhos quando pensou nisso, mas teve de deixar de pensar nele.

Fez um pausa no patamar, olhando para o comprido vestíbulo, coberto com um tapete cinzento. Tudo a em volta dela era cinza pérola, a seda nas paredes, os espessos tapetes, os cortinados de veludo. havia duas cômodas Luís XV, com magníficas incrustações e tampo de mármore e, todos os palmos de parede estavam ocupados com candelabros antigos, com bonitas lâmpadas em forma de chama. E, penduradas entre eles, estavam pequenas gravuras de Rembrandt, que pertenciam a família a vários anos. As portas prolongavam-se a sua direita e a sua esquerda, e um bruxuleio de luz vislumbrou-se por baixo de uma .

Parou, por instantes, e depois continuou a correr, pelo corredor, em direção ao seu quarto. Acabara de chegar ao quarto, quando ouviu um porta atrás dela a abrir-se, e o corredor, mal iluminado, viu-se subitamente invadido de luz.

- Kassandra? - A voz atrás dela era ameaçadora, mas os olhos não, quando se voltou para o encarar. Alto, ágil, ainda elegante aos cinquenta e oito anos, os olhos eram de um azul mais gélido do que os dela, os cabelos um mistura de areia e neve. Tinha um rosto bonito, o tipo de rosto que se via nos primeiros retratos teutônicos, e os

ombros eram quadrangulares e largos.

- Desculpa a não tive culpa a atrasei-me terrivelmente ... - Por instantes ficaram de olhos fixos um no outro. havia muita coisa por dizer.

- Compreendo. - E ele compreendia. Muito mais do que ela pensava. - Achas que consegues? Seria embaraçoso se te atrasasses.

- Não me atrasarei. Prometo. - Lançou-lhe um olhar triste. Mas a sua tristeza não era pelo jantar de que se esquecera, mas pela alegria que não partilhava mais.

Ele lançou-lhe um sorriso que percorreu a vasta distância que parecia separar as suas vidas.

- Despacha-te. E a Cassandra a - Ele fez um pausa, e ela sabia o que viria a seguir, como ondas de culpa a subirem-lhe pela garganta acima. - Estiveste lá em cima?

Kassandra abanou a cabeça.

- Não, ainda não. Farei isso antes de descer.

Walmar von Gotthard fez um gesto afirmativo com a cabeça e fechou suavemente a porta. Atrás dessa porta ficavam os seus aposentos privados, um amplo quarto, mobilado com móveis antigos, alemães e ingleses, de madeiras escuras; um tapete persa, de vários tons de púrpura e azul marinho, cobria os ricos soalhos de madeira. As paredes do quarto estavam revestidas com lambril de madeira, tal como as do escritório, que era o seu retiro, um pouco mais a frente.

Havia também um amplo quarto de vestir e a sua própria casa de banho. Os aposentos de Cassandra eram ainda maiores. E agora, entrando a correr a toda a velocidade pelo quarto, ela atirou o chapéu para cima da colcha de cetim cor-de-rosa, em cima da cama. Os aposentos dela eram tão parecidos com ela como os de Walmar eram com ele. Tudo era suave e calmo, marfim e cor-de-rosa, de cetim e seda, drapejado e delicado, e escondido do mundo. Os cortinados eram tão sumptuosos que não a deixavam ver o jardim com nitidez, o quarto tão cheio de tapeçarias e recôndito que, tal como a sua vida com Walmar, a escondiam do mundo exterior. O quarto de vestir era quase tão grande como o quarto de dormir, um série de armários cheios de roupas requintadas, um parede inteira de sapatos feitos por medida defronte de fiadas pérolas intermináveis de caixas de cetim cor-de-rosa cheias de chapéus. Atrás de um pequeno quadro impressionista francês escondia-se o cofre que guardava as suas jóias. E, diante do quarto de vestir, um pequena sala de estar com vista para o lago. havia um espreguiçadeira, que fora da mãe, e um pequeníssima escrivaninha de senhora, francesa. Montes de livros que já não lia, um pasta mata-borrão que não tinha serventia desde Março. Era como se já não vivesse ali. Ela só ressuscitara para a vida nos braços de Dolff.

Ao mesmo tempo que descalçava as sapatilhas cor de marfim com um pontapé e desabotoava apressadamente o vestido cor de malva, abriu as portas de dois armários, relembrando o que estava pendurado lá dentro. Porém, enquanto fitava o conteúdo

dos armários, teve de parar, mal podendo conter a respiração. Que estava a fazer? Que fizera? E em que tipo de louca existência é que se deixara cair? Que esperança tinha de algum vez ter uma vida autêntica com Dolff? Era mulher de Walmar para sempre.

Sabia disso, sempre soubera, desde que casara com ele aos dezanove anos. Ele tinha então quarenta e oito, e o casamento parecera-lhe tão sério. Um sócio íntimo do pai, diretor do banco da irmã do pai, e fora tanto uma fusão de interesses como um casamento. Para pessoas como Cassandra e Walmar, isso era o que fazia mais sentido. Partilhavam o mesmo estilo de vida, conheciam as mesmas pessoas. As suas famílias já se tinham ligado matrimonialmente um ou duas vezes antes. Tudo no casamento deveria dar certo.

Não importava que ele fosse mais velho que ela, pois era como se não fosse. Walmar fora sempre um homem deslumbrante, e dez anos após o casamento ainda era. E, o que era mais importante, compreendia-a. Compreendia o efêmero desprendimento do mundo. Por parte dela, sabia como ela fora cuidadosamente enclausurada e educada na sua juventude. Protegê-la-ia dos momentos mais grosseiros da vida.

Assim, Cassandra tinha a vida talhada à sua medida, a partir de um padrão já bem gasto pela tradição, e talhado por mãos mais experientes que as suas. A única coisa que ela tinha de fazer era o que era esperado dela, e Walmar tratá-la-ia com carinho, protegê-la-ia, guarda-la-ia, guiá-la-ia e continuaria a manter o casulo que fora tecido para ela quando nascera, Cassandra von Gotthard não tinha nada a recear de Walmar; de facto, ela não tinha de ter receio de nada, exceto, talvez, de si própria. E sabia isso agora, melhor que nunca.

Ao abrir um pequeníssimo buraco no casulo que a protegia, ela conseguira fugir, se não em corpo, pelo menos em espírito. Porém, tinha de voltar para casa à noite, para desempenhar o seu papel, para ser quem devia ser, para ser a esposa de Walmar von Gotthard.

- Frau von Gotthard?

Kassandra virou-se, com ar nervoso, quando ouviu a voz atrás dela, no quarto de vestir.

- Oh, Anna obrigada. não preciso de ajuda.

- Fraulein Hedwig pediu-me para lhe dizer - Oh, meu Deus a - Cassandra virou-lhe as costas, o sentimento de culpa estava a dilacerar-lhe, uma vez mais, o coração. As crianças gostariam de ver a senhora antes de irem para a cama.

- Vou lá logo que esteja vestida. Obrigada. - O tom de voz dizia a jovem, vestida de farda negra com rendas, para se retirar. Cassandra conhecia todos os tons de voz a utilizar até à perfeição, as entoações e as palavras corretas faziam parte do seu sangue. Nunca rude, nunca irada, raramente brusca, ela era uma dama. Aquele era o seu mundo. Mas, logo que a porta se fechou suavemente atrás da criada, Cassandra afundou-se numa poltrona do quarto de vestir, com os olhos bordejados de lágrimas.

Sentia-se indefesa, abatida, destroçada. Aquele era o mundo dos seus deveres, a existência para que fora criada. E era precisamente disso que ela fugia todos os dias quando se ia encontrar com Dolff.

Walmar era a sua família agora. Walmar e os filhos. não tinha ninguém para quem se virar. O seu pai já tinha morrido. E a mãe, que falecera dois anos depois do pai, Também se sentira assim tão solitária? não havia ninguém a quem perguntar, e nenhum das pessoas que ela conhecia lhe teria contado a verdade.

Desde o princípio que ela e Walmar mantinham um distância respeitável. Walmar sugerira quartos separados. Foram poucas as noites no boudoir dela, com champanhe gelado em baldes de gelo de prata, que acabaram inevitavelmente na cama, muito embora a frequência tivesse diminuído ainda mais depois do nascimento do último filho, quando Cassandra tinha vinte e quatro anos. A criança nascera de cesariana e estivera a beira da morte. Walmar, tal como ela, estava preocupado com o que outra gravidez lhe poderia fazer. O champanhe fora posto a refrescar cada vez menos vezes desde então. E desde Março que não havia qualquer noite no boudoir. Walmar não fazia perguntas. Ela não tivera dificuldade em fazer-se entender, quer aludindo a um série de viagens ao médico, quer a um dor qualquer; retirava-se cedo para o quarto todas as noites. Tudo estava bem, Walmar entendia. Mas na verdade, quando Cassandra regressava a casa, a casa dele, ao quarto dela, ela sabia bem que não estava tudo bem. Que faria agora? Era isto que a vida lhe prometera? Iria continuar assim indefinidamente? Provavelmente. Até que Dolff se cansasse do jogo. Porque ele iria cansar-se, isso teria de acontecer. Cassandra já conhecia o jogo, Dolff ainda não. E depois? Outro? E mais outro? Ou mais ninguém? Enquanto fitava, com olhar frio, o espelho, ainda não estava segura. A mulher que se mostrara tão segura na casa de Charlottenburg naquela tarde já não estava tão serena. Sabia apenas que era um mulher que traía o marido e o seu estilo de vida.

Com um profundo suspiro pôs-se de pé e voltou para o armário. não importava o que sentia agora, tinha de se vestir. O mínimo que podia fazer por ele era apresentar um compostura decente no jantar. Os convidados eram banqueiros, colegas dele, e as respectivas esposas. Era sempre a mais jovem em qualquer festa, mas saía-se bem.

Por instantes, Cassandra teve o desejo de bater com a porta do armário e correr escadas acima até junto dos filhos, os seus prodígios, escondidos dela no terceiro piso. As crianças que brincavam no lago, em Charlottenburg, traziam-lhos a lembrança, e causava-lhe sempre um grande dor dar-se conta de que conhecia tão pouco os seus próprios filhos como aqueles pequeninos estranhos no lago. Fraulein. Hedwig era agora a mãe deles. Sempre fora e sempre seria.

Kassandra sentia-se como um estranha com as crianças, o rapaz e a moça, que se pareciam tanto com Walmar e tão pouco com ela. Ainda conseguia recordar..

- Não sejas pateta, Cassandra. não consegues tomar conta dela sozinha.

- Mas eu quero. - Olhara, com ar triste, para Walmar, no dia seguinte ao do nascimento de Ariana. - Ela é minha.

- Ela não é tua, é nossa. - Walmar lançara-lhe um sorriso afável, enquanto os olhos dela se enchiam de lágrimas. - que queres fazer?

Ficar a pé toda a noite a mudar fraldas? Ficarias exausta ao fim de dois dias. É insólito, é a um disparate. - Por instantes, ele parecera aborrecido. Mas não era nenhum disparate. Era o que ela queria, e sabia também que era algo que nunca lhe permitiriam fazer.

A ama chegara no dia em que elas deixaram o hospital e levou rapidamente o bebê, Ariana para o terceiro piso. Naquela noite, quando Cassandra subiu para a ver, Fraulein admoestou-a por perturbar o bebê. A ama podia-lhe trazer o bebê,, insistia Walmar; não havia nenhum razão para Cassandra ir lá acima. No entanto, só lhe traziam a sua pequenita um vez, da parte da manhã, e quando Cassandra aparecia no quarto do bebê, mais tarde, diziam-lhe sempre que era muito cedo ou que era muito tarde, que o bebê, estava a dormir, que estava a chorar, que estava adoentada, ou que estava rabugenta. E Cassandra era mandada embora para o seu quarto, morta de saudades.

- Espera até ela ser mais crescida - dizia-lhe Walmar. Depois podes brincar com ela sempre que queiras.

Porém, por essa altura, era demasiado tarde. Cassandra e a filha eram estranhas. A ama vencera. e, quando o segundo filho chegou, três anos mais tarde, Cassandra já estava demasiado abatida para guerras.

Quatro semanas no hospital e outras quatro em casa. Mais quatro meses de um opressiva sensação de depressão. E quando tudo terminou, sabia que era um batalha que nunca ganharia. A sua presença, a sua ajuda, o seu amor e o seu tempo eram dispensáveis. Ela era um mulher bonita, que vinha visitá-los, vestida com roupas bonitas e cheirando a deslumbrante perfume francês. Dava-lhes, a sorrelfa, bolos e caramelos, gastava fortunas em brinquedos exóticos, mas o que eles precisavam dela não a deixavam dar, e o que ela, em troca, queria deles a há muito que tinha sido outorgado a ama.

Logo que as lágrimas cessaram de correr, Cassandra recompôs-se, tirou o vestido do armário e atravessou o quarto para procurar um par de sapatos pretos de camurça. Tinha nove pares para noite mas escolheu os que adquirira mais recentemente, com aberturas nos dedos em forma de pêra, deixando as reluzentes unhas a mostra. As meias de seda fizeram Um som rumorejante quando as tirou da caixa de cetim, e trocou as meias cor de marfim que tinha calçadas. Ficou subitamente grata por ter tido tempo de tomar banho em casa de Dolff. Agora, enquanto vestia cuidadosamente o vestido preto, parecia-lhe incrível que também existisse no Inundo de Dolff. A casa em

Charlottenburg parecia-lhe Um sonho distante. Esta era a sua realidade. O mundo de Walmar von Gotthard. Ela era irremediável e inegavelmente a sua esposa.

Enfiou-se dentro do vestido, que era um invólucro de crepe de lã preta, comprido e cingido ao corpo, com mangas compridas e gola alta, prolongando-se até um pouco acima dos sapatos pretos de camurça. Era atraente e melancólico, e só quando ela se voltava é que toda a beleza do vestido e do seu corpo era exibida. Um enorme abertura oval, parecida a um lá grima gigante, revelava as costas desde o pescoço a cintura; a pele de marfim reluzia na abertura, como um raio de luar refletido na negrura do oceano num noite de verão.

Pôs um curta capa de seda sobre os ombros para proteger o vestido, penteou cuidadosamente os cabelos para trás, apanhou-os junto ao pescoço e deu-lhes um torção, prendendo-os. Com simplicidade e elegância, com compridos alfinetes de coral pretos. Satisfeita com o efeito que criara, limpou o rímel por baixo de cada olho e retocou a pintura, deu um última olhadela para o espelho e prendeu um enorme diamante em forma de pêra em cada orelha. Nas mãos exibia o magnífico anel de esmeralda, que usava freqüentemente a noite, e o anel Com sinete, incrustado de diamantes, que trazia sempre na mão direita. O anel adornava as mãos de mulheres da família há quatro gerações. Tinha as iniciais da sua bisavó incrustadas com diamantes, que reluziam quando apanhavam luz.

Com um última olhadela por sobre o ombro, reconheceu que estava atraente, sedutora e tranqüila, como sempre. ninguém sonharia que por baixo daquela capa havia um mente atormentada. ninguém suspeitaria que ela passara a tarde nos braços de Dolff.

No comprido e calmo corredor cinzento fez um pausa, por instantes, ao fundo das escadas que davam para o terceiro piso. Um relógio, no canto, batia melancolicamente as horas. Conseguira arranjar-se a tempo. eram sete horas, e os convidados eram esperados a as sete e meia. Tinha meia hora para passar com Ariana e Gerhard antes de irem para a cama. Trinta minutos de amor materno. Perguntou a si própria, enquanto subia as escadas para os ver, quanto é que isso daria durante o tempo de vida deles. Quantos trinta minutos multiplicados por quantos dias? Mas ser que vira a sua própria mãe mais vezes? Sabia bem - Atingira entretanto o último degrau das escadas - que não a vira com muita freqüência. E o que tinha de mais vívido e tangível era o anel com sinete, que estivera sempre na mão da mãe.

A porta do quarto de brinquedos fez um pequena pausa e bateu. não obteve resposta, mas conseguia ouvir guinchos e risadas lá dentro. já teriam comido a algumas horas, e nesta altura já teriam tomado banho. Fraulein Hedwig já os teria mandado guardar os brinquedos, e a ama-seca tê-los-ia ajudado nessa tarefa monumental. Mas, pelo menos, estavam de volta; tinham passado a maior parte do verão no campo, e Cassandra não os vira. Este ano, pela primeira vez, Cassandra não quisera sair de

Berlim, por causa de Dolff. Um conveniente obra de caridade proporcionara-lhe a desculpa desesperadamente procurada.

Bateu novamente e dessa vez ouviu Fraulein Hedwig a convidá-la a entrar. Mal apareceu, instalou-se um súbito silêncio, as crianças desviaram os olhos das suas brincadeiras com ar atemorizado. De todas as coisas era aquilo que Cassandra mais detestava. O olhar que lhe lançavam sempre, como se nunca a tivessem visto antes.

- Olá a todos. - Cassandra sorriu e estendeu os braços. Por instantes, ninguém se mexeu. Então, instigados por Fraulein Hedwig, Gerhard veio primeiro. Ele só precisava de um pequeno incitamento para voar desenfreadamente para os braços dela. Mas a voz de Fraulein Hedwig foi lesta a detê-lo.

- Gerhard, não toque! A sua mãe está vestida para a festa.

- Não faz mal. - Os braços abertos dela nunca vacilaram, mas a criança recuou para fora do alcance dos seus braços.

- Olá, mamãe. - Os olhos dele eram grandes e azuis como os dela, mas o rosto era o de Walmar. Tinha feições deliciosamente perfeitas, um sorriso alegre, cabelos louros, e ainda o corpo roliço de bebê,, apesar dos seus quase cinco anos. - Hoje fiz um dói-dói. - Mostrou-lhe, sem se chegar perto dela. Cassandra estendeu ternamente o braço para ele.

- Deixa-me vê-lo. E depois: - Oh, está com um aspecto horrível. Dói muito? - tratava-se de um pequeno arranhão e de um hematoma ainda mais pequeno, mas para ele era importante, como se via no olhar quando passou os olhos do braço ferido para a mulher vestida de preto.

- Dói. - Fez um gesto afirmativo com a cabeça. Mas não chorei.

- Foste muito corajoso.

- Eu sei. - Parecia satisfeito consigo próprio; depois, afastou-se dela aos pulos, para ir buscar um brinquedo de que se esquecera noutro quarto, deixando Cassandra sozinha com Arianne, que ainda estava a sorrir timidamente para ela, ao lado de Fraulein Hedwig.

Hoje não tenho um beijo, Arianne? - A criança fez que sim com a cabeça e aproximou-se, hesitante, como um duende, com feições delicadas que prometiam ofuscar as da mãe. - Como Estás?

- Bem, obrigada, mamãe.

- Nenhum ferimento, nada para eu beijar? - Ela abanou a cabeça e trocaram um sorriso. Gerhard fazia-as rir algumas vezes. Era ainda muito criança.

Porem, Arianne fora sempre diferente. Pensativa, calada, muito mais temida do que o irmão. Cassandra interrogava-se muitas vezes se teria sido diferente se não tivesse havido um ama. - O que é que fizeste hoje?

- Li e fiz um desenho.

- Posso vê-lo?

- Ainda não está acabado. - Nunca estava.

- Não faz mal. Gostaria de vê-lo na mesma. - Porém, Ariana ficou extremamente corada e abanou a cabeça. Cassandra sentiu-se, mais que nunca, um intrusa e desejou, como sempre desejava, que Hedwig e a ama-seca desaparecessem, pelo menos para outro quarto, para poderem estar sozinhos. Só em ocasiões raras é que ficava sozinha com as crianças. Hedwig ficava por perto para as controlar.

- Olhe o que eu tenho! - Gerhard voltara para junto delas, aos pulos, de pijama vestido, com um enorme cão de pelúcia.

- Quem to deu?

- Foi a baronesa von Vorlach. Trouxe-mo esta tarde.

- A sério? - Fez um ar perplexo.

- Ela disse que a mamãe ia tomar chá com ela, mas a mamãe esqueceu-se. - Cassandra fechou os olhos e abanou a cabeça.

- Que horror! Esqueci-me. Tenho de lhe telefonar. Mas é um cão muito bonito.

- Já tem nome?

- Bruno. E a Ariana tem um gato branco grande.

- Tens? - Ariana guardara resolutamente as notícias para ela própria. Quando é que ela partilharia coisas? Quando fosse crescida, talvez ficassem amigas.

Agora era demasiado tarde, mas também demasiado cedo.

No piso de baixo, o relógio batia novamente as horas, e Cassandra olhou para as crianças, sentindo um aperto angustiante. E Gerhard, com o seu aspecto pequenino e rechonchudo, olhou para ela, cabisbaixo.

- A mamãe já tem de se ir embora?

Kassandra fez um gesto afirmativo com a cabeça.

- Desculpa. O papai vai dar um jantar.

- A mamãe também vai dar um? - Gerhard olhou-a com ar curioso e ela sorriu.

- Sim, eu também. Mas é um jantar banco dele e de outros bancos.

- Deve ser muito chato para pessoas do - Gerhard!

- Hedwig repreendeu-o de imediato, mas Cassandra riu-se.

Baixou a voz, em tom de conspiração, quando falou para aquela criança deliciosa.

- Vai ser a mas não digas a ninguém a É o nosso segredo.

- Mas a mamãe está muito bonita. - Gerhard examinou-a com ar aprovador, e ela beijou a pequenina mão rechonchuda.

- Obrigada. - Cassandra puxou-o então para entre os seus braços e beijou-o ternamente no alto da cabeça loura. - Boa noite, pequerrucho. Vais levar o teu novo cão para a cama?

Ele abanou a cabeça firmemente.

- A Hedwig diz que não posso fazer isso. - Cassandra endireitou-se e sorriu, com ar prazenteiro, para a mulher, mais velha e entroncada.

- Eu acho que pode.

- Muito bem, madame.

Gerhard sorriu para a mãe e ambos trocaram um sorriso conspiratório; depois, o olhar dela dirigiu-se para Ariana.

- Também vais levar o teu gato novo para a cama?

- Acho que sim. - Olhou primeiro para Hedwig e depois para a mãe, enquanto Cassandra sentia algo dentro de si a desvanecer-se de novo.

- Ter de mostrar amanhã.

- Sim, senhora. - As palavras saíram como um relâmpago, mas Cassandra não demonstrou quaisquer sinais de dor quando beijou ternamente a filha, acenou com a mão para ambas as crianças e fechou suavemente a porta.

Tão depressa quanto o justo vestido preto permitia, Cassandra desceu as escadas, chegando ao fundo a tempo de ver Walmar cumprimentar os primeiros convidados.

- Ah, estás aí, querida. - Voltou-se, sorrindo-lhe, apreciativo, como sempre, relativamente ao modo como ela se arranjava. Fez as apresentações ao som de calcanhares a bater e mãos a serem beijadas. Tratava-se de um casal que Cassandra encontrava freqüentemente em funções no banco, mas que ainda não visitara a sua casa. Cumprimentou-os calorosamente e deu o braço a Walmar quando entraram no salão principal.

Foi um noite de conversas civilizadas, comida abundante e os melhores vinhos franceses. Os convidados falavam sobretudo de finanças e viagens. As crianças e a política estavam estranhamente arredadas da conversa, embora corresse o ano de 1934 e a morte do presidente Von Heindenburg tivesse aberto o caminho do poder a Hitler. Era um tema que não valia a pena discutir. Desde que Hitler se tornara chanceler, no ano anterior, os banqueiros da nação mantinham esta posição. Eles eram importantes para o Reich, tinham a sua tarefa, e Hitler tinha a dele. Por pouco que alguns deles pudessem pensar dele, ele não lhes ia arranjar problemas na sua toca. Viver e deixar viver. E havia aqueles, naturalmente, que estavam satisfeitos com o Reich de Hitler. Walmar não estava entre eles, mas era um opinião que partilhava com poucos. Ficara surpreendido com a tomada do poder pelos nazis, e avisara os seus amigos várias vezes, em privado, que isso conduziria a guerra. No entanto, não havia qualquer razão para se discutir a questão nessa noite. os crepes flambés, servidos com champanhe, pareciam muito mais interessantes do que o Terceiro Reich.

O último convidado só saiu a um e meia. Walmar, com ar cansado, voltou-se para Cassandra com um bocejo.

- Acho que o jantar foi um êxito, querida. Gostei mais do pacto que do peixe.

- Gostaste? - Tomou nota mentalmente para dizer a cozinheira na manhã seguinte. Eles serviam jantares gigantescos, com aperitivo, sopa, prato de peixe, prato de carne, salada, queijo, sobremesa e, por fim, fruta. Era o que se esperava deles; por

isso era o que eles faziam.

- Passaste um noite agradável? - Ele olhou-a ternamente enquanto subiam lentamente as escadas.

- Claro que passei, Walmar. - Ficou tocada com a pergunta. - Não passaste?

- Foi útil. O negócio belga que estivemos a discutir ser provavelmente aprovado. Era importante que o Hoffmann tivesse vindo esta noite. Fiquei contente por ele ter vindo.

- Ótimo. Isso também me deixa feliz. - Enquanto o seguia, com ar ensonado, Cassandra perguntou a si própria se os seus objetivos se resumiam a encorajar Walmar com o negócio belga e Dolff com o novo livro. Era isso?

Estava disposta a ajudá-los a conseguir tudo o que eles fossem fazer? Mas, se fazia isso por eles, porque não pelos filhos? E porque não por ela própria?

- Achei a mulher dele muito bonita.

Walmar encolheu os ombros, e então, quando pararam no patamar, sorriu-lhe, mas havia um vislumbre de amargura no seu olhar.

- Não achei. Só tenho olhos para ti, para mais ninguém.

- Ela retribuiu-lhe o sorriso.

- Obrigada.

Instalou-se entretanto um clima de constrangimento entre eles, enquanto ali estavam, nas escadas. Era o momento de se separarem. Parecia mais fácil nas noites em que não tinham nada para fazer. Ele retirava-se para o seu escritório, ela ia para cima, sozinha, ler um livro. Mas subirem juntos as escadas deixava-os como que num bifurcação de estrada, o que não deixava de ser pungente, avivando o sentimento de solidão. Anteriormente sabiam sempre que poderiam encontrar-se no quarto mais tarde, mas agora não era segredo para eles que não se encontrariam. E havia um aura de despedida sempre que chegavam a naquele patamar. Parecia sempre muito mais que um simples boa noite.

- Andas com muito melhor aparência ultimamente, querida. não me refiro a aparência exterior. - Sorriu ternamente. - Refiro-me a tua saúde.

Ela retribuiu-lhe o sorriso.

- Sinto-me muito melhor. - Mas havia algo que se dissipara no seu olhar ao dizê-lo, e afastou rapidamente os olhos dos dele, baixando-os. Houve um momento de silêncio quando o relógio bateu suavemente o quarto de hora.

- Já é tarde, é melhor ires para a cama.

Ele beijou-lhe o alto da cabeça e caminhou resolutamente para a porta do seu quarto. Ela viu-lhe apenas as costas quando murmurou baixinho:

- Boa noite. - Encaminhou-se então lentamente pelo corredor fora, até ao quarto.

Capítulo 3

O vento fustigava as pernas de Dolff e Cassandra enquanto passeavam no lago, junto do palácio de Charlottenburg. Nessa tarde estavam sozinhos no parque. As crianças tinham voltado para a escola, e os namorados e os velhotes que vinham dar comida aos pássaros eram demasiado sensíveis para sair num dia tão frio. Mas Dolff e Cassandra estavam felizes com a sua solidão enquanto passeavam.

- Estás quente? - Ele olhou-a, com um sorriso nos lábios, e ela riu-se.

- Com isto vestido? Mentiria se dissesse que não, estava.

- Devias estar. - Olhou, admirado, para o novo casaco de pele de zibelina, que dançava de um lado para o outro, a poucos centímetros do chão. Ela usava um chapéu inclinado para o lado, e os cabelos, louros e lustrosos, estavam presos com um nó na nuca. As faces estavam rosadas do frio, e os olhos tinham um cor surpreendentemente mais violácea do que nunca. Ele tinha um braço sobre os seus ombros e olhava-a com orgulho. Corria o mês de Novembro e ela era dele a mais de oito meses.

- Como é que te sentes agora que acabaste o livro?

- Como se estivesse desempregado.

- Sentes muitas saudades das personagens?

- Sinto terrivelmente a falta delas ao princípio. - E beijou-a no alto da cabeça. -

Mas menos quando estou contigo. Estás pronta para nos irmos embora?

Ela fez um gesto afirmativo com a cabeça e encaminharam-se em direção a casa de Dolff, passando, em passo rápido, pelos poucos quarteirões que mediavam até a porta dele. Ele abriu-a para Cassandra e entraram no vestíbulo principal. Ali, ela sentia-se cada vez mais em casa. Na semana anterior, haviam-se arriscado a ir juntos a alguns antiquários e compraram duas cadeiras novas e um secretaria pequena.

- Chá? - Cassandra lançou-lhe um sorriso apaixonado e ele respondeu-lhe com um inequívoco gesto afirmativo com a cabeça, seguindo-a até a cozinha. Ela pôs a chaleira ao lume e puxou um das cadeiras de cozinha já muito usadas.

- Faz idéia como é maravilhoso tê-la aqui, madame?

- Também faz idéia de como é maravilhoso estar aqui? Ela já estava a conseguir aceitar o remorso. Era o seu modo de viver, e ficara bastante confortada ao saber, há vários meses atrás, que um das irmãs do seu pai tivera o mesmo amante durante trinta e dois anos. Talvez fosse esse também o seu destino. Envelhecer com Dolff e Walmar, ser útil a ambos, o tecido da sua vida emaranhado irrevogavelmente no de Dolff e confinada aos braços protetores de Walmar. Era, afinal de contas, um coisa assim tão terrível?

Estava alguém realmente a sofrer? A sensação de angústia era cada vez mais rara. Só quando estava com os filhos é que ainda sentia um espécie de dor, mas já a sentia muito antes de Dolff aparecer.

- Estás novamente com um ar sério. Em que é que estavas a pensar?

- Oh, em nós a - Ficou pensativa de novo enquanto deitava o chá. Que diferente era ali na confortável cozinha, ao contrário da elaborada cerimônia que tinha lugar em sua casa, em Grunewald, quando convidava os amigos para o chá, com Berthold, o mordomo, a fitá-los com ar sombrio.

- Pensar em nós faz-te um ar assim tão sério?

Kassandra voltou-se para o olhar de frente enquanto lhe passava a xícara.

- As vezes. Levo isto muito a sério, tu sabes.

Dolff olhou-a com ar grave.

- Eu sei. Também eu. - E então ele quis dizer-lhe algo que nunca dissera antes. - Se as coisas fossem a diferentes a Quero que saibas que a eu querer-te-ia para sempre.

Os olhos dela perderam-se nos dele.

- E agora?

A voz dele era um carícia no calor da cozinha.

- Ainda te quero para sempre. - E depois, com um pequeno suspiro: - Mas não posso fazer nada por isso.

- Não espero que o faças. - Sentou-se, a frente dele, com um sorriso terno nos lábios. - Sou feliz assim. E depois disse-lhe algo que nunca dissera anteriormente.

És a parte mais importante da minha vida, Dolff. - Significava tudo para ele tê-la como parte integrante da sua vida. Tanta coisa se alterara no ano anterior. O resto do mundo estava a mudar a volta deles, mas ele estava muito mais ciente disso que ela. Ela tocou-lhe suavemente na mão, arrancando-o aos seus pensamentos. - Fala-me do livro. Que diz o editor?

Porém, enquanto Kassandra proferia as palavras, o olhar dele tomou um expressão estranha.

- Nada de especial.

- Ele não gosta? - Estava com um ar chocado. O livro era maravilhoso. Lera-o, enfiada na cama, nas tardes frias de Inverno. - Que é que ele disse?

- Nada. - Ela viu-o endurecer o olhar. - Não estão inteiramente seguros de que o possam publicar. - Era essa a sombra que ela lhe vira no olhar quando chegara depois de almoço. Porque é que ele não lhe contara isso a mais tempo? A princípio era característico dele esconder os seus problemas. No entanto queria sempre ouvir as coisas dela.

- Eles são loucos? E o êxito do teu último livro?

- Não tem nada a ver com isso. - Afastou os olhos dos dela, levantou-se e pôs a sua xícara no lava-louça.

- Dolff, não compreendo.

- Nem eu, mas penso que iremos compreender. O nosso amado chefe nos mostrará isso muito em breve.

- De que é que Estás a falar? - Olhou fixamente para as costas dele e depois para a ira que lhe viu no olhar quando se voltou.

- Cassandra, fazes idéia do que está a acontecer ao teu país?

- Referes-te a Hitler? - Dolff fez um gesto afirmativo com a cabeça. - Isso passa. As pessoas ficarão fartas dele e retirar-lhe-ão o apoio.

- Sério? É isso que pensas? - E depois, num tom azedo: É isso que o teu marido pensa? - Ficou aterrada com a referência a Walmar.

. - Não sei. não fala muito disso. Pelo menos, comigo. Ninguém razoável gosta de Hitler, obviamente, mas não acho que ele seja tão perigoso como algumas pessoas pensam.

- Então és tola, Cassandra. - Nunca lhe falara naquele tom de voz.

Subitamente, ela via ira e azedume, sentimentos que ele nunca revelara para consigo antes. - Sabes por que razão é que o meu editor está indeciso? não porque o meu último livro não vendeu, não porque ele não goste do novo manuscrito. Ele foi suficientemente estúpido ao dizer-me que gostava antes de resfriar os ânimos. Mas por causa do Partido a - Olhou para ela com um angústia tal que a deixou de coração despedaçado. - Porque sou judeu, Cassandra a porque sou um judeu. - A voz era um murmúrio que mal se ouvia.

- Um judeu não é suposto ter êxito, não é suposto ganhar prêmios nacionais.

Não há espaço para os judeus na nova Alemanha, se Hitler levar a sua avante.

- Mas isso é um loucura. - O rosto de Cassandra dizia que não acreditava nele. Era um assunto que nunca tinham discutido. Ele falara-lhe dos pais, do passado, da infância, da padaria, mas nunca lhe falara acerca do facto de ser judeu e do que isso significava para si. Ela apenas presumira que ele o fosse e depois esquecera-se disso. E nas raras ocasiões em que pensava no assunto sentia prazer, dava-lhe a agradável sensação de ser algo diferente e exótico.

Mas era algo que simplesmente nunca entrava nas suas discussões, e raramente no seu espírito. Porém, o facto dessa diferença nunca o abandonara. E a verdade do que poderia significar para ele estava lentamente a revelar-se. Cassandra pensou nas implicações do que ele acabara de dizer.

- Não pode estar falando a sério. não pode ser isso.

- Não pode? Está começando acontecer a outros, não sou o único. E só está acontecendo aos judeus. Eles não aceitarão os nossos novos livros, não querem publicar os nossos artigos, não respondem aos nossos telefonemas. Acredita, Cassandra, eu sei.

- Então vai a outro editor.

- Onde? Em Inglaterra? Em França? Sou alemão, quero publicar o meu trabalho aqui.

- Então, publica-o. Eles não podem ser todos idiotas.

- Eles não são idiotas. São muito mais espertos do que aquilo que nós pensamos. Eles sabem o que está para vir, e estão com medo.

Kassandra olhava-o fixamente, chocada com o que estava a ouvir. Não podia ser tão mau como ele pensava. Ele estava apenas aborrecido com a recusa de publicação. Deixou escapar um longo suspiro e estendeu-lhe a mão.

- Mesmo que isso seja verdade, não durar um eternidade. Talvez fiquem mais calmos logo que vejam que Hitler não lhes vai causar tantos problemas como eles pensam.

- O que é que te leva a pensar que não?

- Ele não pode. Como é que pode? O poder ainda está nas mãos certas. A espinha dorsal deste país São os bancos, os negócios, as velhas famílias, elas não se vão deixar levar por todas aquelas porcarias que ele diz. As classes baixas talvez, mas quem são elas, afinal de contas?

Dolff tinha um ar severo ao responder.

- As velhas famílias, como disseste, podem não ir atrás daquilo que ele diz, mas, se elas não levantarem a voz contra isso, estamos tramados. E estás enganada em relação a outra coisa. Elas já não são mais o poder neste país. O poder é o homenzinho e um rol de exércitos de homenzinhos, homenzinhos que individualmente são inofensivos, mas são fortes enquanto grupo, pessoas que estão cansadas da espinha dorsal de que falavas, cansadas das classes superiores, das velhas famílias e dos bancos. Essas pessoas acreditam em todas as palavras que Hitler prega. Achem que descobriram um novo deus. E, se elas todas se juntarem, serão elas o verdadeiro poder neste país. E, se isso acontecer, estaremos todos em apuros, não só os judeus, mas também as pessoas como tu.

Aterrorizava-a ouvir aquilo que ele estava a dizer. Se ele tivesse razão a Mas não podia ter a não podia.

Kassandra sorriu, levantou-se e passou-lhe as mãos lentamente pelo peito.

- Espero que as coisas não sejam tão terríveis como prevês.

Ele beijou-a então ternamente e conduziu-a, em passo lento, pelas escadas acima, com um braço pela cintura. Ela queria perguntar-lhe o que é que ele ia fazer com o novo livro, 'nas não quis repisar o assunto, não desejando reavivar mais os seus receios. E para um autor da sua magnitude, parecia pouco provável que o preconceito de Hitler contra os judeus e os autores judeus pudesse ser de importância capital. Afinal de contas, ele era Dolff Sterne.

Naquela noite, Kassandra estava pensativa enquanto regressava, ao volante do seu carro, a Grunewald, a matutar novamente naquilo que Dolff dissera. A expressão

no olhar de Dolff atormentava-a quando entrou em casa. Tinha um hora só para si antes de jantar, e a noite, em vez de ir ver as crianças, procurou refúgio no seu quarto. E se ele tivesse razão? Que poderia isso significar? Que significaria para eles? Mas enquanto se afundava lentamente na banheira de água quente, convenceu-se de que tudo aquilo era um disparate. O livro seria publicado. Dolff ganharia outro prêmio. Os artistas eram, por vezes, um pouco loucos. Sorriu ao lembrar-se de outros momentos da tarde. Ainda estava a sorrir quando ouviu a pancada na porta do quarto e disse a criada, com ar ausente, para entrar.

- Cassandra? - Mas não era Anna. Era a voz do marido no outro quarto.

- Walmar? Estou no banho. - Deixara as portas abertas e interrogava-se se ele entraria, mas quando a voz de Walmar se ouviu de novo, não estava a aproximar-se, e continuou a falar com ele através da porta aberta.

- Podes, por favor, vir ter comigo quando estiveres vestida? - O tom de voz era sério, e, por instantes, sentiu o coração bater mais depressa. Ser que ia haver confrontações? Fechou os olhos e conteve a respiração.

- Queres entrar?

- Não, bate a minha porta antes do jantar.

Walmar parecia mais preocupado do que zangado.

- Estarei lá dentro de poucos minutos.

- Ótimo.

Kassandra ouviu a porta fechar-se de novo devagarinho e acabou apressadamente de tomar banho. Levou-lhe apenas alguns minutos a para maquilagem e a passar um pente pelos cabelos. Vestiu um facto simples, cor de cinza, para o jantar, com um camisa de seda branca e um gravata solta ao pescoço. Os sapatos eram de camurça cinzenta, as meias na mesma cor ténue; pôs, a pressa, o colar duplo de pérolas negras que fora o favorito de sua mãe, juntamente com os brincos a condizer. Estava com um ar desanimado e sério quando se olhou ao espelho antes de sair. O único toque de cor era o cabelo e o azul carregado dos olhos. Quando chegou junto da porta do escritório, bateu suavemente, e de imediato ouviu a voz dele.

- Entra! - Kassandra atravessou a soleira da porta, sentindo a saia de seda a roçar nas pernas. Walmar estava sentado num dos confortáveis cadeirões de couro castanho do seu escritório, e pousou rapidamente o relatório que estava a ler quando ela entrou.

- Estás linda, Kassandra.

- Obrigada. - Perscrutou-lhe o olhar e viu a verdade, a dor. Quis estender-lhe a mão, pedir-lhe, oferecer-lhe conforto. No entanto, quando olhou para ele, não conseguiu aproximar-se. Subitamente, viu-se de olhos fixos nele, do outro lado de um abismo. Walmar resignara-se.

- Senta-te, por favor. - Ela sentou-se e ele observou-a. - Xerez? - Ela abanou a cabeça. Via-se pelo olhar que ele já sabia. Ela virou a cara, fingindo aquecer-se. não

havia nada que lhe pudesse dizer. Só teria de resistir a acusação e arranjar um solução. Que poderia ela fazer? Qual dos dois é que abandonaria? Precisava e amava os dois. -
Kassandra a - Ela mantinha os olhos no lume, depois virou-os para ele.

- Sim. - Era um sensação dolorosa.

- Há um coisa que tenho de te dizer. Parecia agonizante, mas ambos sabiam que não havia volta a dar a . É extremamente doloroso para mim discutir isto contigo, e estou certo de que também é desagradável para ti. O coração de Kassandra batia com tal violência que ela mal o ouvia. A sua vida acabara. O fim chegara. - Mas tenho de falar contigo. Pelo teu bem. Para tua salvaguarda. E talvez nossa.

- Minha salvaguarda? - Soltou um suspiro e fixou o olhar nele, confusa.

- Escuta. - E depois, como se fosse demasiado para ele, recostou-se no cadeirão e suspirou. Quando ela olhou Para ele, também lhe vislumbrou o brilho cristalino de lágrimas nos olhos. - Eu sei a estou informado de que a nos últimos meses a tens andado empenhada num situação um tanto a complicada. - Kassandra fechou os olhos e escutou o som da voz dele a zumbir nos ouvidos. - Quero que saibas que eu a eu compreendo a Eu não sou insensível. - Os enormes olhos tristes abriram-se de novo.

- Oh, Walmar a - As lágrimas começaram a rolar lentamente pelas maçãs do rosto. - Não quero a não posso.

- Para. Ouve-me. - Por momentos, ele parecia pai dela; depois de novo suspiro, prosseguiu: - O que vou dizer-te é terrivelmente importante. Também quero que saibas, um vez que esta situação já é um tanto ou quanto pública, que te amo. não quero perder-te, penses o que pensares de mim agora.

Kassandra abanou a cabeça e, tirando um lenço de renda do bolso, assoou-se por entre lágrimas.

- Tenho muita consideração por ti, Walmar. E também te amo. - Era verdade. Amava-o mesmo e estava desgostosa por vê-lo sofrer.

- Então ouve o que tenho para dizer. Tens de deixar de ver a o teu amigo.

Kassandra olhava-o num silêncio terrífico. - E não pelas razões que pensas. Sou vinte e nove anos mais velho do que tu, querida, e não sou parvo. Estas coisas por vezes acontecem, e podem magoar bastante as pessoas envolvidas, mas, se o assunto for tratado condignamente, possível sobreviver-se a provação. Mas não é a isso que estou a referir-me agora.

Refiro-me a algo muito diferente. Refiro-me a outras razões que não têm nada a ver comigo, com o nosso casamento a Tens de deixar de ver.. o Dolff.

Parecia causar-lhe angústia pronunciar o nome do outro homem. - Com efeito, mesmo que já não estivesses casada, mesmo que nunca o tivesses sido, trata-se de um relação com a qual não podes condescender.

- Que queres dizer com isso? - Pôs em pé de um salto, irada, a gratidão pela benevolência dele instantaneamente desvanecida. - Porquê? Por ser escritor? Pensas

que ele é algum boêmio? Por amor de Deus, Walmar, ele é um homem maravilhoso, muito decente. - O absurdo de defender o amante perante o marido ainda não ocorrera a Cassandra quando perscrutara os olhos de Walmar.

Ele recostou-se no cadeirão com outro suspiro.

- Espero que não penses que tenho um espírito suficientemente mesquinho para eliminar escritores, artistas e pessoas dessa laia do meu círculo restrito de amizades. Nunca fui de idéias tacanhas. Era bom que te lembrasses disso.

Aquilo a que me refiro é completamente diferente. Estou a dizer-te a - Inclinou-se para a frente no cadeirão e falou-lhe com súbita veemência: - Estou a dizer-te que não podes conhecer o homem, estar com o homem, ser vista na casa dele, não por ser escritor.. mas por ser judeu. E custa-me dizer-te isso, porque penso que o que está a acontecer a este país é repugnante, mas o facto é que está a acontecer e tu és minha mulher e mãe dos meus filhos e não te quero morta ou presa! Compreendes isso, raios? Compreendes a importância disto?

Kassandra fitava-o, incrédula. Era como continuar o pesadelo daquilo que Dolff lhe dissera naquela tarde.

- Estás a dizer-me que achas que eles podem matá-lo?

- Não sei o que é que eles farão, e a verdade é que já não sei o que pensar.

Mas, desde que levemos um vida pacata e fiquemos longe dos acontecimentos, estamos em segurança, tu Estás em segurança, a Ariana e o Gerhard estão em segurança. Mas esse homem não está em segurança.

Kassandra, por favor a - Estendeu o braço e agarrou-lhe a mão. - Se algum coisa lhe acontecer, não quero que também estejas metida. Se as coisas fossem diferentes, se fossem outros tempos ficaria magoado com o que estás a fazer, mas fecharia os olhos, coisa que não posso fazer agora. Tenho de te deter. Tens de te deter.

- E ele? - Estava demasiado assustada para chorar. A enormidade daquilo que ele lhe dissera aclarou-lhe o espírito.

Walmar abanou a cabeça.

- Não podemos fazer nada para o ajudar. Se for esperto e se as coisas se mantiverem assim, o melhor que tem a fazer é sair da Alemanha. - Walmar olhou para Cassandra. Diz-lhe isso.

Kassandra sentou-se, de olhos fixos no lume, sem saber que dizer. A única coisa de que tinha a certeza era que não iria desistir dele. Nem agora, nem mais tarde, nunca.

Os olhos de Cassandra encontraram os do marido por instantes, e apesar da ira, ainda sentia muita ternura pelo marido. Aproximou-se e beijou-o ternamente na face.

- Obrigada por seres tão justo. - Ele não a censurara por ser infiel. Só estava preocupado com a sua segurança, e talvez mesmo com a do seu amante. Que homem extraordinário ele era! Por momentos, o seu amor por ele atçou-se como já não acontecia a anos. Olhou para ele com a mão pousada no ombro. - As coisas estão assim

tão más?

Walmar fez um gesto afirmativo com a cabeça.

- Eu penso que talvez estejam piores. Ainda não sabemos. - E então, após um pausa: - Mas saberemos.

- Acho difícil acreditar que as coisas se tenham tornado incontroláveis.

Walmar lançou-lhe um olhar insistente quando ela se levantou para abandonar a sala.

- Fazes o que te pedi, Cassandra?

Ela quis prometer-lhe, assegurar-lhe que o faria, mas algo mudara subtilmente entre eles. Ele sabia a verdade, e era melhor assim. Nunca mais teria de lhe mentir.

- Não sei.

- Não tens escolha. - O tom de voz era inflamado. Cassandra, proíbo-te. Mas ela já se escapulira discretamente da sala.

Capítulo 4

Seis semanas mais tarde, um dos amigos escritores de Dolff desapareceu. Era muito menos conhecido do que Dolff, mas ele também tivera problemas para publicar o seu mais recente trabalho. A namorada telefonara a Dolff, completamente histérica, a as duas da manhã. Chegara a casa naquela noite, depois de visitar a mãe em Munique, e o apartamento tinha sido assaltado, Helmut desaparecera e havia sangue no chão. Os vizinhos tinham ouvido gritar e depois chorar, era tudo o que ela sabia. Dolff encontrara-a perto do apartamento de Helmut e levava-a para casa dele. No dia seguinte, ela procurou refúgio em casa da irmã.

Quando Cassandra chegou, mais tarde, naquela manhã, encontrou-o em profunda depressão, desgostoso com o desaparecimento de Helmut.

- Não compreendo, Cassandra. A pouco e pouco, todo o país está a endoidecer. É como um veneno de ação lenta a alastrar nas veias deste país.

Acabar por atingir o nosso coração e matar-nos. não é a morte que me preocupa a Fitou-a, com ar sombrio, e ela arqueou as sobrancelhas.

- O que é que isso pode significar?

- O que é que achas que significa? Quanto tempo é que achas que demorar a chegar a mim? Um mês? Seis meses? Um ano?

- Não sejas doido. O Helmut não era romancista. Era um escritor político, não ficcionista, que criticara abertamente Hitler desde que chegara ao poder. Não vês a diferença? Do que é que achas que eles se zangariam no teu caso? Um romance como Der Kuss?

- Sabes, não vejo a diferença, Cassandra. - Olhou em volta, desgostoso. Nem sequer na sua própria casa se sentia já seguro; era como se esperasse que eles o viessem buscar qualquer dia.

- Dolff.. querido, por favor a sê razoável. Foi horrível o que aconteceu, mas não pode acontecer-te a ti. Toda a gente te conhece. não vão fazer-te desaparecer durante a noite.

- Porque não? Quem os vai deter? Vais tu? Irá alguém? Com certeza que não. Que fiz eu pelo Helmut a noite passava? Nada. Absolutamente nada.

- Tudo bem. então, vai-te embora, por amor de Deus. Vai para a Suíça. Podes publicar lá o livro. E estarás Em segurança. Dolff limitou-se a olhá-la com ar desolado.

- Cassandra, sou alemão. Este também é o meu país. Tenho tanto direito a aqui estar como outra pessoa qualquer. Por que diabo é que me deveria ir embora?

- Então, o que é que estás a dizer? - Era a primeira discussão que tinham num

ano.

- Estou a dizer-te que o meu país está a destruir-se a si próprio e está a destruir o seu próprio povo, e isso põe-me doente.

- Mas não podes fazer nada contra isso. Se achas que é o que está a acontecer, Então sai do país antes que te destruam.

- E tu, Cassandra? Ficas c a fingir que és intocável? Achas que isso ser possível?

- Não sei a não sei a já não sei nada. não entendo coisa nenhum . - A mulher de cabelos dourados andava com ar cansado havia semanas. Sabia da Situação através dos dois, e sentia-se insegura face aos receios deles.

Esperava que eles lhe dessem confiança e que lhe confirmassem que tudo aquilo em que ela acreditava nunca se alteraria, mas ambos lhe diziam que estava tudo a mudar; no entanto, a única coisa que Walmar queria que ela fizesse era que deixasse de ver Dolff, e a única coisa que Dolff queria fazer era ir contra aquilo que nenhum deles tinha poder para alterar. Continuaram a falar em círculos desconexos durante outra meia hora; de súbito, pôs de pé de um pulo, furiosa. - Que diabo queres de mim? Que posso eu fazer?

- Nada a nada a - E depois, enquanto as lágrimas lhe corriam pelas faces por causa do amigo perdido, puxou-a para entre os seus braços, enquanto soluçava: - Oh, meu Deus a Cassandra a Oh, meu Deus.

Ela manteve-se assim abraçada a ele durante um hora, apertando-o contra si, como faria com o filho.

- Tudo bem a tudo bem, querido a Amo-te a - Era a única coisa que realmente restava dizer, mas o tentáculo do medo que tentava evitar começou a subir-lhe pela espinha. E se tivesse sido Dolff a ser arrastado, aos gritos, para as entranhas da noite? E se tivesse sido ela a estar na pele da namorada de Helmut? Mas isso não poderia acontecer-lhe, a ela a ou a ele a Essas coisas nunca lhes tinham acontecido a e nunca lhes aconteceriam.

Quando chegou a casa, ao fim da tarde, Walmar aguardava-a, não no escritório, mas no salão principal. Fez-lhe sinal para ir ter com ele e fechou calmamente as portas duplas.

- Cassandra, isto está a tornar-se impossível.

- Não quero falar disso. - Virou-lhe as costas, fitando o lume crepitante, por baixo do retrato do avô de Walmar, cujos olhos pareciam sempre seguir toda a gente na sala. não é a altura certa.

- Nunca haver um altura certa. - E depois: - Se não fizeres o que te pedi, mando-te para fora.

- Não irei. não posso abandoná-lo agora. - Era loucura estar a discutir aquilo com Walmar, mas não tinha alternativa. O assunto fora discutido abertamente havia quase dois meses e, custasse o que custasse, não iria ceder. já desistira de demasiadas coisas

na sua vida. O sonho do teatro, os filhos a não iria deixar Dolff. Virou-se e olhou-o de frente. - Walmar, não sei o que Hei de fazer.

Custa a acreditar no que ouvi estes dias. O que é que nos está a acontecer? O que está a acontecer a Alemanha? É tudo por causa daquele homenzinho louco?

- Parece ser. Ou talvez ele tenha desencadeado algum insanidade incipiente que tenhamos algures dentro de nós. Talvez todas estas pessoas que o vitoriam estejam simplesmente a espera de alguém que os oriente.

- Não há ninguém que o detenha antes que seja demasiado tarde?

- Talvez seja já demasiado tarde. Ele incita as pessoas. Promete-lhes progresso, riquezas e sucesso. Para aqueles que nunca usufruíram disso, é hipnótico. não conseguem resistir.

- E o resto das pessoas como nós?

- Esperamos para ver. Mas não o teu amigo, Kassandra. Se as coisas continuarem como estão, não terão o luxo de esperar. Oh, meu Deus, dê-me ouvidos, por favor, tens de ir. Fica com a minha mãe durante alguns dias.

Pensa nisso. Ficarás longe de nós os dois durante uns tempos. - Porém, ela não queria ficar longe deles. E não queria deixar Dolff.

- Vou pensar nisso. - Mas ele sabia pelo tom de voz que ela não iria. não havia mais nada que ele pudesse fazer. Pela primeira vez nos seus quase sessenta anos de existência, Walmar von Gotthard sentia-se um homem abatido. Ela viu-o levantar-se e encaminhar-se para a porta, e estendeu-lhe a mão. -

Walmar a não fiques assim a Lamento a lamento a - No entanto, ele só se voltou quando chegou a porta.

- Tu lamentas, Kassandra. E eu também. E as crianças também, antes que tudo isto termine. O que Estás a fazer destruir-te -, e talvez, a longo prazo, nos destrua a todos nós.

Porém, Kassandra von Gotthard não acreditava nisso.

Capítulo 5

Era em Fevereiro que Walmar e Cassandra iam ao baile da Primavera. O tempo ainda estava gelado, mas já se celebrava a vinda da Primavera. Ela trazia o casaco de arminho de corpo inteiro por cima de um vestido de veludo branco extremamente simples. A parte de cima era do feitio de um colete curto, e a saia caía num perfeição total da cintura até aos sapatos de cetim branco.

Os cabelos eram um massa desgrenhada de delicados caracóis, e estava mais bonita que nunca, como se não tivesse nenhuma preocupação no mundo.

O facto de Dolff ter estado novamente irritado todo o dia por causa do manuscrito por publicar e de Walmar e ela mal se falarem, enquanto as suas relações iam de mal a pior, não lhe alterara o semblante. Educada desde o berço para não demonstrar nada mais do que afabilidade para lá do santuário do próprio quarto, sorria, com ar benevolente, para todas as pessoas que lhe eram apresentadas e dançava prazenteiramente com todos os amigos de Walmar. Como sempre, a entrada de Walmar e Cassandra causara um pequena sensação, tanto pela roupa que ela usava como pelo rosto de beleza deslumbrante, que ofuscava até a própria roupa.

- Está deslumbrante, Frau Gotthard. Parece um princesa de neve.

O cumprimento veio do homem que ela acabara de conhecer, um banqueiro qualquer. Walmar cumprimentara-o com um aceno de cabeça, curto e amigável, e um rápido sinal de aquiescência quando ele lhe pediu autorização para acompanhar Cassandra num dança. Dançaram lentamente a valsa, enquanto Cassandra observava Walmar a conversar com alguns amigos.

- Obrigada. Suponho que conhece o meu marido.

- Apenas superficialmente. Tivemos o prazer de negociar um ou duas vezes.

Mas as minhas atividades foram um Pouco menos comerciais no ano passado.

- Ah? Está a gozar uma licença sabática? - Cassandra sorria enquanto valsavam.

De modo nenhum. Os meus esforços têm-se centrado na assistência ao nosso chefe na organização das finanças do Terceiro Reich.

- Disse isto com tal força que Cassandra ficou perplexa e olhou-o nos olhos.

- Compreendo. Isso deve mantê-lo ocupado.

- Decididamente. E a senhora?

- Os meus filhos e o meu marido mantêm-me ocupada a maior parte do tempo.

- E o resto do tempo?

- perdão? - Cassandra começou a sentir-se desconfortável nas mãos daquele estranho atrevido.

- Deduzo que a senhora é um espécie de mecenas das artes.

- A sério? - Cassandra deu consigo a rezar para que a dança acabasse.

- A sério. - Sorriu-lhe com um ar prazenteiro, mas vislumbrava-se um brilho gélido a cintilar-lhe no olhar. - Eu não perderia muito do meu tempo nisso. O nosso conceito de arte vai alterar-se bastante com a assistência do Terceiro Reich.

- Vai? - Por instantes, sentiu-se a desmaiar. Estaria aquele homem a adverti-la acerca de Dolff ou estaria ela a ficar tão louca como ele, vendo ameaças ao virar de cada esquina?

- Sim, vai. Veja, temos esses a esses artistas rebeldes, essas mentes doentias que seguram a caneta. - Era então a Dolff que ele se referia. - Tudo isso ter de mudar. Subitamente, explodiu.

- Talvez já tenha mudado. já não estão a publicar as mesmas pessoas, pois não? - Oh, meu Deus, que estava a fazer? Que diria Walmar se a ouvisse? Mas a dança estava a chegar ao fim. Estava prestes a ver-se livre daquele estranho horrendo. Mas agora queria dizer mais alguma coisa.

- Não ligue a todos esses disparates, Frau Gotthard.

- Não fazia planos de ligar.

- É encorajador ouvir isso. - O que? O que é que ele queria dizer com aquilo?

Mas ele já a conduzia de volta até Walmar. A dança acabara. E não voltou a ver o homem naquela noite. Na viagem para casa, quis contar a Walmar, mas teve receio de que ele ficasse zangado, ou melhor, com medo. E no dia seguinte, Dolff estava tão bem-disposto que também não lhe contou o que acontecera. E, afinal, o que é que isso significava? Um banqueiro idiota que estava apaixonado por Hitler e o Terceiro Reich? E daí?

Dolff tornara um decisão. Ia escrever, quer o publicassem ou não. E ia continuar a tentar publicar o livro. Nem que morresse de fome, ia ficar. Ninguém o ia expulsar da sua pátria. Tinha o direito de lá estar e de prosperar, mesmo sendo judeu.

- Posso convidar-te para um passeio perto do palácio? Ela sorriu-lhe. Seria a primeira vez em dois meses que iam passear.

- Adoraria.

Caminharam durante quase duas horas, perto do palácio, junto ao lago, observando as poucas crianças que tinham vindo brincar ali, e sorrindo para as outras pessoas com que se cruzavam. Sentiam finalmente algo parecido ao seu primeiro Inverno, quando se encontraram ali, por acaso, vezes sem conta, a procura ansiosamente um do outro, contudo, com receio do que pudesse acontecer.

- Sabes o que costumava pensar quando te procurava aqui? - Sorriu-lhe, a mão dela firmemente presa na sua, enquanto caminhavam.

- O que?

- Pensava que eras a mulher mais misteriosa que havia conhecido, e que, se

pudesse passar apenas um dia contigo, ficaria feliz para o resto da vida.

- E agora? Estás feliz? - Cassandra, com um curto casaco de peles, um bola de pelo, por cima de um comprida saia de tweed e sapatos de camurça castanho-escuros, chegou-se mais a ele.

- Nunca estive mais feliz. E tu? O ano passado foi muito doloroso para ti? - O assunto ainda o preocupava a maior parte do tempo. Ela é que estava sujeita a pressões, com Walmar e as crianças, especialmente agora que Walmar sabia.

Ela contara-lhe da advertência de Walmar.

- Não foi doloroso. Foi maravilhoso. - Cassandra olhou-o com a plenitude do seu amor estampada no olhar.

É tudo o que sempre quis, e sempre pensei que não podia ter. - E ainda não podia ter. Nem de perto nem de longe. Pelo menos, o tempo todo. Porém, mesmo aqueles bocadinhos eram suficientes. Aquelas tardes preciosas que partilhava com Dolff.

- Ter-me- s sempre, Cassandra. Sempre. Mesmo depois de morrer.

No entanto, ela olhou-o, com ar infeliz.

- Não digas essas coisas.

- Referia-me a quando tivesse oitenta, minha tolinha. não vou para lado nenhum sem ti. - Ela sorriu então, e correram, de mãos dadas, pelo lago. Sem mais delongas, dirigiram-se para casa e deambularam de um lado para o outro, felizes, depois de fazerem chá. Beberam rapidamente o chá, tinham outras coisas em mente. O acto de amor foi ardente e urgente, como se precisassem desesperadamente um do outro, mais do que qualquer outra coisa na Terra. No final da tarde, adormeceram, Cassandra enroscada nos braços do amante.

Foi Dolff quem se mexeu primeiro, ao dar-se conta de alguém a bater a porta no piso inferior. Ouviu-se então um súbito barulho de passos nas escadas que davam para o piso principal. Ficou a escuta; depois, quando acordou completamente, sentou-se na cama. Sentindo o movimento de Dolff, Cassandra mexeu-se, e então, como que pressentindo o perigo, arregalou os olhos. Sem dizer palavra, puxou repentinamente os cobertores para cima dela e pulou para fora da cama, ficando nu no centro do amplo quarto, no preciso momento em que eles entravam impetuosamente no quarto. A primeira vista parecia um exército de uniformes castanhos e braçadeiras vermelhas, mas eram apenas quatro.

Cobrindo-se com o roupão, Dolff manteve-se firme.

- Que é isto?

Eles só se riram. Um agarrou-o com brusquidão e cuspiu-lhe no rosto.

- Ouçam o judeu!

Puxaram-no subitamente para o meio de dois deles, ao mesmo tempo que um terceiro lhe desferia um violento murro na barriga; Dolff soltou um gemido de dor, tombando dobrado no chão. Desta vez, o terceiro homem pontapeou-o, e

instantaneamente o sangue começou a jorrar de um ferida perto da boca, enquanto o quarto homem perscrutava calmamente o quarto.

- O que é que temos aqui debaixo dos cobertores? Um puta judia a aquecer o nosso ilustre escritor? - Com um movimento brusco, puxou os cobertores para trás, expondo Cassandra em toda a sua nudez, perante os olhares interessados deles. - E é bonita. Levanta-te! - Imóvel, por instantes, assim fez, sentando-se, e depois atirando graciosamente as pernas para fora da cama, o corpo, ágil e flexível, um pouco trêmulo, os olhos esbugalhados de terror a olhar silenciosamente para Dolff. Os quatro homens observavam-na, os três que rodeavam Dolff a olharem com ar interrogador para o quarto homem para ver o que é que ele faria. Este contemplava-a atentamente, esquadrinhando o corpo com o olhar, mas ela não desviava os olhos de Dolff, ainda a arfar, curvado sobre si e a sangrar, entre os dois homens uniformizados. O quarto homem virou-se então para os outros com um sorriso escarninho. - Levem-no daqui! E depois, com ar de gozo, enquanto tocava no cinto: A menos que ele goste de ver.

Dolff recuperou os sentidos, os olhos procurando freneticamente Cassandra, e depois, virando-se para o homem que chefiava a operação:

- Não! não lhe toquem!

- Porque não, Senhor Escritor Famoso? Ela tem gonorréia? - Os quatro homens riram em uníssono enquanto Cassandra arquejava. A percepção do que estava prestes a acontecer enchia-a de um terror que ela nunca conhecera. A um sinal do sargento, atiraram com Dolff para fora do quarto; pouco depois, um estrondo retumbante dizia-lhe que Dolff acabara de ser empurrado pelas escadas abaixo. Houve um troca de vozes iradas, e Cassandra ouviu a de Dolff acima das outras todas. Gritava pelo seu nome e tentava lutar com os seus captores, mas o ruído seco de um série de pontapés fê-lo mergulhar rapidamente no silêncio. Ouviu-se então o barulho de um corpo a ser arrastado, ao fundo das escadas, e a voz de Dolff não mais chegou aos seus ouvidos.

Enquanto isso, virou, horrorizada, os olhos para o homem que estava prestes a desapertar as calças.

- Vão matá-lo a Oh, meu Deus, vão matá-lo! - Esquivou-se dele, os olhos arregalados, o coração a bater freneticamente. Mal conseguia pensar nela própria, só em Dolff, que talvez já estivesse morto.

- E se o matarmos? - O seu atacante estava com um ar divertido. - Não é um grande perda para a nossa sociedade. Talvez também não seja um perda tão grande para ti. Ele não passa de um judeuzinho. E tu, minha querida? A sua bonita princesa judia? - Os olhos de Cassandra faiscavam; havia raiva misturada com terror naqueles apavorados olhos azul alfazema.

- Como é que se atrevem! Como é que se atrevem! Era um grito angustiado, enquanto corria desde a parede até ele, arranhando-o no rosto. Ele, com um movimento lesto do braço, esbofeteou-a com as costas das mãos. Quando ele falou para

ela, a voz era calma, mas o rosto estava tenso. Chega! Perdeste o teu namorado, judiazinha, mas agora vais ver o que é ser possuída por um raça superior. Vou dar-te um lição, querida. - E com isto, tirou impetuosamente o cinto das presilhas e fê-lo estalar nos seios dela.

Dilacerada pela dor, levou as mãos ao peito e baixou a cabeça.

- Oh, meu Deus... - E então, sabendo que tinha de o fazer, levantou os olhos para ele, a raiva misturada com vergonha. Ele matá-la-ia. Violá-la-ia e depois matá-la-ia. Tinha de lhe dizer. Tinha de a não tinha alternativa. não era Tão corajosa como Dolff. Olhava, furiosa, para o homem que acabara de lhe bater com o cinto, agarrada aos seios a sangrar. - Não sou judia.

- Ah, não? - Aproximou-se dela, o cinto em riste para lhe bater de novo. Ao olhar. para ele, reparou na inegável ereção que se manifestava na parte da frente das calças. A calma que ele exibira momentos antes estava a dar lugar a um desvairado frenesi que Cassandra receava que estivesse já fora de controle.

- Os meus papéis estão na mala. Sou... - Estremeceu perante a angústia do que estava a fazer, mas não tinha alternativa. - Sou Cassandra von Gotthard. O meu marido é presidente do Banco Tilden.

O homem fez um breve pausa, olhando-a com um misto de raiva e desconfiança, sem saber o que fazer. Franziu então o sobrolho.

- E o teu marido não sabe que estás aqui?

Kassandra estremeceu. Dizer-lhe que Walmar sabia era condenar Walmar.

Dizer-lhe que ele não sabia era condenar-se a si própria.

- A minha governanta sabe exatamente onde estou.

- Muito espertinha. - Enfiou novamente o cinto nas presilhas das calças. - Os papéis?

Kassandra apontou com o dedo.

- Estão ali.

Com duas passadas, ele chegou a mala castanha de pele de crocodilo com fecho dourado. Quase a rasgou para a abrir, procurou atabalhoadamente durante alguns instantes e descobriu a carteira dissimulada no seu interior.

Tirou bruscamente a carta de condução e o bilhete de identidade e atirou-os para o chão. Parecia rosar ao fazê-lo, e depois, com ar ameaçador, encaminhou-se para ela. não resultara. Ele estava-se nas tintas para quem ela era. Cassandra preparava-se para o que viria a seguir. Ele olhou-a durante um interminável momento e depois esbofeteou-a com força.

- Puta! Puta nojenta! Se fosse ao teu marido, matava-te. E um dia, por um coisa destas, morrerás, como aquele cabrão judeu. És nojenta. Nojenta. És um desgraça para a tua raça, para o teu país. Puta nojenta! - E então, sem mais palavras, virou-lhe as costas e deixou-a, ouvindo-se o ruído troante das botas pelas escadas abaixo, e

finalmente a porta principal a fechar-se com estrondo.

Acabou a acabou a com todo o corpo a tremer, deixou-se cair de joelhos no chão, um fio duplo de sangue ainda a correr dos seios, o rosto magoado, os olhos marejados de lágrimas, e ali se manteve no chão, a soluçar.

Ficou com a impressão de ali ter estado horas a soluçar, carpindo o último instante em que vira Dolff, aterrorizada com o que viria a seguir. De repente, lembrou-se do que poderia acontecer.

Poderiam voltar para destruir a casa. Com algum frenesi, enquanto olhava com ar apressado a sua volta, vestiu a roupa. Ficando durante um último instante no quarto onde ela e Dolff tinham dado vida aos seus sonhos, olhou, soluçante, para o sítio onde o vira pela última vez, e então, sem pensar, estendeu a mão e pegou na roupa que ele usara há poucas horas. Abandonada no chão antes do ardente acto de amor, ainda estava impregnada do perfume de limão e essência especial que ele usava. Acariciou-a por instantes e passou-a entre os dedos, apertando a camisa contra o rosto com um soluço. Depois, saiu rapidamente do quarto e correu pelas escadas abaixo. Foi ao fundo do patamar que viu a poça de sangue no sítio onde ele estivera e o rasto deixado quando o levaram de rastos, inconsciente, da sua própria casa. Fugiu do edifício e correu, desvairada, em direção ao carro, estacionado um pouco mais abaixo.

Nunca soube muito bem como é que fizera a viagem de volta até Grunewald, mas conseguiu chegar a casa, ainda a soluçar, agarrada ao volante.

Arrastou-se para fora do carro, abriu o portão, levou o carro até a porta principal e entrou. Em silêncio, com as lágrimas ainda a correrem-lhe pelo rosto, subiu até ao quarto, fechou a porta com violência e olhou a sua volta.

Estava de novo ali, estava em casa a era o quarto cor-de-rosa que vira tantas vezes a o cor-de-rosa a o cor-de-rosa a Foi a única coisa que conseguiu ver antes de rodopiar sobre si mesma e cair finalmente, inconsciente, no chão.

Capítulo 6

Quando Cassandra voltou a si, estava deitada na sua cama, com um compressa fria na cabeça. O quarto estava escuro e ouvia-se um estranho zumbido. Pensou, por momentos, que o som que ouvia estava na sua própria cabeça. Algures, ao longe, encontrava-se Walmar, de olhos fixos nela a aplicar-lhe algo úmido e pesado no rosto. Deu-se conta de lhe abrirem a blusa, de sentir um ardor terrível e depois de algo quente a passar nos seios nus. Pareceu-lhe um eternidade até conseguir vê-lo com nitidez. O zumbido parou por fim e ele sentou-se calmamente num cadeira, ao lado da cama. Ele não dizia nada, limitando-se a estar sentado, enquanto ela olhava para o teto, sem vontade e incapaz de falar. não lhe perguntou nada. Só mudava as compressas de vez em quando. O quarto ficou mergulhado na escuridão durante horas, e quando, de vez em quando, se ouvia bater a porta, era Walmar que mandava entrar. Cassandra olhou-o, agradecida, e depois, adormeceu. Era meia-noite quando acordou de novo; um luz tênue a bruxulear, ao longe, no seu boudoir e, mantendo a sua vigília silenciosa, lá estava ele ainda.

Finalmente, Walmar não se conteve por mais tempo; via nos olhos dela que estava consciente e já não se encontrava em estado de choque; tinha de saber o que acontecera, para bem dela e dele.

- Cassandra, tens de falar agora. Tens de me contar. Que aconteceu?

- Humilhei-te. - A voz era um mero murmúrio, e ele abanou a cabeça e pegou-lhe na mão.

- Não sejas tonta. - E depois, após um pausa: Querida, conta-me. Tens de me contar. Tenho de saber. Anna chegara ao pé dele a gritar que acontecera algo terrível a Frau von Gotthard e que estava meio morta no chão do quarto. Aterrorizado, correrá até ela, encontrando-a não meio morta mas ferida, em estado de choque. E soubera então - Cassandra?

- Ele ia a ia matar-me a violar-me a Disse-lhe a quem eu era. - Walmar sentiu um arrepio de terror a trespassá-lo.

- Quem foi?

- Eles a eles levaram-no a - E depois, num horrendo sussurro: - Eles levaram o Dolff.. bateram-lhe a eles a Ele estava a sangrar a e então eles a arrastaram-no a pelas escadas abaixo...- Sentou-se e vomitou. para cima da cama, enquanto Walmar assistia, impotente, com um toalha cor-de-rosa com monograma na mão. Quando acabou, ficou a olhar, com ar vazio, para o marido. - E um deles não foi com os outros a por causa de mim a Eu disse-lhe a eu disse-lhe...- Olhou para Walmar corri ar comovente. -

Pensaram que eu era judia.

- Fizeste bem em dizer-lhes quem és. Estarias morta agora se não o tivesses feito. Eles não te podem matar, mas provavelmente ter-te-iam morto. - Sabia que era mais provável o contrário acontecer, mas tinha de lhe mentir, para bem dela.

- O que é que lhe irão fazer?

Walmar tomou-a então nos braços e ela ficou a soluçar durante quase um hora. Quando se acalmou, estava com um ar exausto e abatido, e ele deitou-a calmamente de costas nas almofadas e apagou a luz.

- Tens de dormir agora. Ficarei aqui contigo toda a noite. - E ficou. Quando ela acordou na manhã seguinte, foi finalmente descansar. Fora um noite de angústia para si, ver o rosto pálido dela a contorcer-se, mergulhado em pesadelos, enegrecido pelas horríveis contusões. O homem que a esbofeteara não se poupou a esforços quando o fizera. Durante a vigília, a medida que as horas iam passando, Walmar começava a odiá-los de um maneira que nunca odiara antes. Isto era o Terceiro Reich. Era isto que se podia esperar dos anos vindouros? Ser que se tinha de contar com a bênção de alguém para não se ser judeu? Walmar detestaria ver o seu amado país transformar-se num nação de facínoras e saqueadores, mulheres agredidas, inocentes violados, artistas censurados por causa da sua ascendência. Que acontecera ao seu inundo que era este o preço que a sua amada Cassandra tinha de pagar? Sentia-se ultrajado e, a sua maneira, também lamentava o sucedido a Dolff.

Quando saiu de junto dela para tomar banho e beber um xícara de café, deu um olhadela ao jornal corria pavor. Sabia como é que eles agiam, e esperava encontrar um notícia de um qualquer acidente que vitimara Dolff.

Era como eles costumavam fazer as coisas deste gênero antes. Mas desta vez não havia nenhuma notícia pequena e pouco importante. Ou melhor, era tão pequena que nem sequer a noticiaram num última Página.

Quando Walmar voltou para junto da cama de Cassandra duas horas mais tarde, ela estava em silêncio e acordada, olhar vazio fixo no tecto. Ouvira Walmar a entrar no quarto mas não desviou o olhar para ele.

- Sentes-te melhor?

Ela apenas olhava para o tecto como resposta e, de vez em quando, fechava os olhos.

- Posso arranjar-te qualquer coisa? - Desta vez ela abanou a cabeça. - Talvez te sentisses um bocadinho melhor se tomasses um banho quente.

Porem, durante muito tempo ela ali ficou a olhar para o teto e depois para a parede, e então, como se o esforço fosse demasiado para ela, arrastou o olhar para ele.

- E se eles vierem matar-te a ti e a as crianças? - Era única coisa em que pensara desde que acordara.

- Não sejas ridícula, eles não virão. - Ela via agora as coisas de modo diferente.

Eles eram capazes de qualquer coisa. Arrancavam as pessoas da cama e matavam-nas ou, pelo menos, levavam-nas. - Cassandra a querida a estamos todos em segurança. - Mas mesmo Walmar sabia que estava a mentir.

Ninguém estava já em segurança. Um dia não seriam apenas os judeus.

- Não é verdade eles matar-te-ão. Porque lhes disse quem era. Eles virão aqui a eles virão.

- Não virão. - Forçou-a a olhar para ele novamente. não virão. Sê razoável. Sou banqueiro. Eles precisam de mim. não irão fazer-me mal, nem a minha família. não te deixaram em paz quando lhes disseste quem eras? - Fez um mudo gesto afirmativo com a cabeça, mas ambos sabiam que nunca mais se sentiriam em segurança.

- Humilhei-te - Era o seu único refrão.

- Para com isso! já acabou. Foi um pesadelo. Um horrível pesadelo, mas acabou, agora tens de acordar! - Mas acordar para o que? Dolff desapareceu?

O mesmo pesadelo de novo? haveria apenas vazio e, acrescentado a isso, dor e um terror que ela sabia que nunca se esqueceria. A única coisa que ela queria fazer era dormir. Para sempre. Um profundo sono negro do qual nunca teria de acordar. - Tenho de ir ao escritório durante duas horas, para a reunião com os belgas, e depois volto e, ficarei contigo durante todo o dia, Ficas bem? Ela fez que sim com a cabeça. Ele dobrou-se, aproximou-se dela, e beijou os compridos e delicados dedos da mão esquerda.

- Amo-te, Cassandra. E tudo voltar ao normal. Deixou ordens a Anna para lhe trazer um pequeno almoço leve, que o deixasse num tabuleiro ao lado da cama, e depois foi-se embora. E o que quer que ela tivesse visto não era para ser discutido com as outras criadas.

Anna abanou a cabeça com ar circunspecto e deixou o pequeno almoço meia hora depois, ao lado de Cassandra. Era o tabuleiro de pequeno almoço que Cassandra utilizava todas as manhãs, de vime branco, coberto com um toalha de renda branca. Um pequena jarra continha um comprida rosa vermelha, e o serviço de pequeno almoço de Limoges que fora o favorito da avó. Porém, Cassandra não disse nada quando o tabuleiro apareceu. Só depois de Anna deixar o quarto é que Cassandra sentiu algum curiosidade, ao ver o jornal da manhã dobrado dentro da cestinha lateral do tabuleiro. Tinha de o ver, tinha a talvez aparecesse um notícia pequena. Algumas palavras que lhe dissessem algo do destino de Dolff. Apoiou-se a custo sobre o cotovelo e abriu o jornal em cima da cama. Leu todas as linhas, todas as páginas, todas as notícias e, ao contrário de Walmar, os seus olhos descobriram a notícia na última pagina.

Dizia apenas que Dolff Sterne, romancista, tivera um acidente no seu Bugatti e morrera. Ao ler a notícia soltou um grito, e então, de súbito, o quarto ficou envolto em silêncio.

E ali ficou, imóvel, durante quase um hora. Depois, com ar decidido, sentou-se a beira da cama. Ainda estava abalada e extremamente tonta; no entanto, conseguiu ir até a casa de banho e por a água a correr para a banheira. Olhou-se ao espelho e viu os olhos que Dolff amara, os olhos que viram Dolff a ser levado de rastos do quarto, da sua casa, da vida dele e da vida dela. A banheira ficou cheia num instante, e Cassandra fechou silenciosamente a porta. Foi Walmar quem a encontrou ali um hora mais tarde, os pulsos cortados, sem vida, a banheira cheia de sangue.

Capítulo 7

O Hispano-Suíza castanho-escuro, que transportava Walmar von Gotthard, os filhos, Ariana e Gerhard, e Fraulein Hedwig, rolava solenemente atrás do carro fúnebre negro. Estava um manhã cinzenta de Fevereiro, e desde o amanhecer que a neblina e as chuvadas não paravam. O dia estava sombrio como Walmar e as crianças, estas sentadas com ar tenso, com as mãos apertadas nas da sua ama. Tinham perdido a sua formosa dama. A mulher de cabelos louros e olhos azul alfazema morrera.

Só Walmar entendia completamente o que acontecera. Só ele sabia o quanto e durante quanto tempo é que ela estivera dividida. não só entre dois homens, mas entre duas mentalidades, duas vidas, dois estilos de vida. Nunca se conseguira adaptar bem a as regras rígidas da vida para a qual nascera. Talvez tivesse sido um erro forçá-la a moldar-se. Talvez tivesse sido mais sensato tê-la deixado para um homem mais novo. Mas era tão jovem, tão livre, tão encantadora e tão quente, tudo aquilo com que sempre sonhara ter num esposa. E viu-se possuído por outros pensamentos. Talvez tivesse sido um erro tê-la afastado das crianças.

Enquanto prosseguiam a sua marcha impiedosa, Walmar lançou um olhar para a ama, a quem os seus filhos agora pertenciam. Um rosto austero e rugoso, olhos simpáticos, mãos fortes. Fora governanta dos seus sobrinhos antes de vir para aquela casa. Fraulein Hedwig era um boa mulher. Mas Walmar sabia que, em parte por causa dela, a sua mulher morrera. Cassandra era um mulher sem um causa ou um razão para viver depois da tragédia do dia anterior. A perda de Dolff, extremamente chocante, e o receio dos problemas que talvez tivesse ocasionado a Walmar eram coisas extremamente difíceis de suportar. Fora talvez um acto de cobardia, ou loucura, Porem, Walmar sabia muito bem que era mais do que isso. O bilhete que deixara ao lado da banheira fora escrito por um mão trêmula. Apenas: Adeus... lamento. Os olhos ficaram novamente marejados de lágrimas ao recordar-se... Auf Wiedersehen, minha querida adeus.

O Hispano-Suíza castanho deteve-se finalmente diante dos portões do cemitério de Grunewald, os pequenos amontoados de terra verdejantes circundados por flores de cores vivas, as simpáticas pedras tumulares a olhá-los com ar solene, por entre a chuva que começara de novo.

- Vamos deixar a mamãe aqui? - Gerhard estava com ar chocado, e Ariana limitava-se a olhar. Fraulein Hedwig abanava a cabeça. Os portões abriram-se, e Walmar fez sinal ao motorista para continuar.

O serviço fúnebre fora breve e privado na igreja luterana, em Grunewald, com

apenas as crianças e a mãe presentes. A referência a morte de Kassandra naquela noite sairia na imprensa, atribuída a doença súbita, a um inexplicável ataque de gripe letal. Ela fora sempre tão frágil que não seria difícil acreditar. E os militares que sabiam o que acontecera sentiram-se extremamente intimidados por Walmar a contar a verdade.

O pastor da Igreja Luterana acompanhara-os até ao cemitério no seu próprio carro, todo enlameado. não conseguiram realizar o funeral na Igreja Católica que geralmente freqüentavam. O suicídio de Kassandra afastara essa possibilidade, mas o pastor luterano fora simpático. Saiu então, calmamente do carro, seguido da mãe de Walmar, a baronesa Von Gotthard, a emergir do seu Rolls com motorista. Os dois motoristas de Von Gotthard ficaram discretamente por perto, enquanto a urna era baixada do carro funerário até a terra. Um homem do cemitério estava já a espera, o rosto sombrio, o chapéu-de-chuva aberto, enquanto o pastor levava a mão ao bolso e tirava um pequena Bíblia, que tinha marcada.

Gerhard chorava em silêncio, agarrando com força as mãos da irmã e de Fraulein Hedwig, e Ariana olhava em volta. Tantas lápides, tantos nomes. Que pedras e está tuas enormes, tantos montinhos, e que árvores com ar mais misterioso. Na Primavera estaria tudo verde e bonito, mas agora, a exceção das faixas de relva sobre as sepulturas, tudo tinha um aspecto horrível e desolado. Ariana sabia, enquanto olhava para eles, que nunca esqueceria esse dia. Na noite anterior, chorara pela Mãe.

Ficara sempre um pouco assustada pela sua beleza deslumbrante, por aqueles olhos enormes e tristes, e pelos cabelos reluzentes. Fraulein Hedwig dissera-lhes sempre para não lhe tocarem, para não lhe porem algum nódoa no vestido. Era um Sensação Tão estranha deixá-la ali agora, dentro daquele caixão, a chuva. Ariana sentia-se triste só de a imaginar ali, completamente só, debaixo de um dos pequenos amontoados de terra verdejantes.

Kassandra ia ser enterrada no talhão da família Von Gotthard. já estava povoado com o pai de Walmar, o Irmão mais velho, os avós e três tias. Agora ele ia deixá-la com outros, a sua noiva deslumbrante, a esposa frágil de riso tímido e olhos maravilhosos. O olhar passou das pedras tumulares para os filhos; Ariana estava com um ar desmaiado como a Mãe, e Gerhard parecia febril. Ariana, com as suas pernas compridas e roliças, estava a seu lado, com um vestido branco, meias brancas, e o casaco de veludo azul escuro com a gola de pele de arminho, que fazia conjunto com o casaco deslumbrante de sua falecida mãe. Ao lado dela, estava o pequenino Gerhard, o retrato da irmã, de calças curtas brancas, meias brancas, e um casaco também azul escuro.

Eles eram tudo aquilo que Walmar tinha agora, essas duas crianças, de pé a seu lado. Ele prometia solenemente, em silêncio, protegê-las do mal que destruíra tão brutalmente a sua vida. não importava o que acontecesse aos seus pais, não importava

a forma como os seus valores eram traídos, não deixaria que nada acontecesse aos seus filhos. Mantê-los-ia a salvo do veneno dos nazis até a Alemanha se ver novamente livre de Hitler e dos da sua laia. Poderia levar um eternidade; porém, quando a tempestade tivesse passado, ainda estariam em segurança em casa.

- A manter a vossa filha, pai, na paz eterna que ela agora encontrou a Vosso lado. Que descanse em paz. Amén.

Os cinco acompanhantes fizeram o sinal da cruz e mantiveram-se, em silêncio, por instantes, a olhar para o caixão de madeira escura. Os chapéus-de-chuva de Walmar e do pastor abriram-se quando o céu também começou a chorar.

Mas nenhum deles parecia sentir as bátegas de água que caíam a sua volta. Finalmente, Walmar abanou a cabeça e deu um leve toque nos ombros das crianças.

- Vamos, filhos, temos de nos ir embora. - No entanto, Gerhard não a queria deixar; limitava-se a abanar a cabeça, os olhos fixos no caixão. Por fim, Fraulein Hedwig conduziu-o até ao carro, pegou-lhe ao colo e sentou-o no assento. Ariana seguiu-os de imediato, lançando um último olhar por sobre o ombro para o sítio onde o Caixão se encontrava e o pai se mantinha de pé sozinho, agora que a avó também já se tinha ido embora. O pastor precipitou-se para dentro do carro, e só Walmar lá continuou, a olhar para o Caixão coberto com um coroa de enormes flores brancas. havia orquídeas, rosas e lírios-do-vale, as flores de que ela gostava.

Por instantes teve vontade de a levar consigo, nunca de a deixar nesse lugar, juntamente com outros que haviam sido muito diferentes dela. As suas tias, o pai e o Irmão mais velho que morrera na guerra. Fora sempre Tão acriançada e era ainda Tão jovem. Kassandra von Gotthard, falecida aos trinta anos. Walmar ali continuou, incapaz de acreditar que ela já não existia.

Foi Ariana que finalmente veio ter com ele. Sentiu os pequenos dedos a entrelaçarem-se nos seus e baixou os olhos para ela, a seu lado, o casaco azul com a gola de pele de arminho encharcado de água.

- Temos de nos ir embora, papai. Vamos levar-te a casa. Ariana estava com um ar tão adulto, tão atilado e tão terno, os enormes olhos azuis eram um sombra distante daqueles outros que ele conhecera. não se importou com a chuva enquanto ali esteve. Os olhos fixos nele, a mão firmemente agarrada a dele. E Walmar abanou a cabeça, em silêncio, o rosto molhado de lágrimas e da chuva de Inverno. O chapéu de feltro escorria água para os ombros, e a pequenina mão estava firmemente segura dentro da sua.

Walmar não olhou para trás, a filha também não. De mãos dadas, entraram, em silêncio, no Hispano-Suiza, e o motorista fechou a porta. Os homens do cemitério de Grunewald começaram então, lentamente, a cobrir o caixão de Kassandra von Gotthard de terra, que se transformaria, também, num pequeno amontoado verdejante, e descansaria com todos os outros que haviam chegado antes e que ela nunca

conheceu.

LIVRO DOIS - ARIANA BERLIM

Capítulo 8

- Ariana? - Walmar estava ao fundo das escadas, a espera. Se ela não se apressasse, chegariam atrasados. - Ariana! - Os quartos dos filhos, no piso acima do dele, estavam agora transformados em quartos mais adequados para adolescentes. De vez em quando pensava em mudar os filhos para baixo, para estarem perto dele, mas eles tinham crescido acostumados ao seu próprio piso, e nunca ganhara coragem de voltar a abrir os aposentos da esposa. As portas para o quarto vazio de Cassandra estavam fechadas há sete anos.

O relógio bateu a meia hora, no preciso momento em que a luz inundou o corredor do piso de cima. Quando levantou os olhos, lá estava ela, um vislumbre de organdi branco, com pequeníssimas rosas brancas entrelaçadas nos cabelos louros como ouro. O pescoço alto era como marfim a erguer-se sobre o vestido branco como a neve, as feições como um pedaço precioso cinzelado na perfeição e, ao olhá-lo, os olhos, de um azul vivo, dançavam de um lado para o outro. Lentamente desceu as escadas até ele, enquanto Gerhard, em cima, sorria, espreitando daquela que fora a porta do quarto de brinquedos. E quebrou o encanto do momento, gritando para o pai, que aguardava, estupefacto, ao fundo das escadas:

- Está bonita, não está? Para moça. - tanto Ariana como o Pai sorriram.

Walmar abanou a cabeça e atirou um sorriso cansado ao filho.

- Eu diria que está extraordinária, para um moça. Walmar fizera sessenta e cinco anos naquela Primavera. E os tempos não estavam fáceis, nem para um homem da sua idade, nem para quem quer que fosse. O país estava em guerra há quase três anos. não que isso mudasse o modo como viviam. Berlim ainda era um cidade esplendorosa, cheia de beleza e animação, quase no ponto máximo de frenesi, com festas constantes, teatro, ópera e um infindável série de novas formas de entretenimento que ele achava cansativas para um homem da sua idade. Além disso. havia a tensão constante de manter a ordem na família, de administrar o banco sem aborrecimentos e de afastar os filhos do veneno que corria livremente no sangue do país. Não, não era fácil. Mas até agora conseguira ultrapassar todos os escolhos. O Banco Tilden ainda era sólido, as relações com o Reich eram boas, o estilo de vida era ainda seguro, e devido a sua importância enquanto banqueiro, desde que continuasse a ser útil ao Partido, ninguém os incomodaria, a ele e aos filhos.

Quando Ariana e Gerhard atingiram a idade em que se esperava a sua participação num grupo de juventude, foi calmamente explicado que Gerhard estava a ter problemas com os estudos, tinha um pouco de asma e era angustiosamente acanhado com os outros miúdos da sua idade. Desde a morte da mãe a com certeza que compreende a e Ariana a não estamos totalmente seguros de que ela recupere algum vez do choque. Um viúvo nobre, de ascendência aristocrática, dois filhos jovens e um banco. não era preciso mais nada para se sobreviver na Alemanha, a não ser a paciência para agüentar, o bom senso de estar calado e a disposição de se ser surdo e mudo.

Ainda se lembrava do horror de Ariana quando ela fora visitar o peleiro da mãe um dia, três anos depois da sua morte. Quando era pequena, Rothmann, o peleiro, costumava dar-lhe chocolate quente e biscoitos e, de vez em quando, pequenos rabos de marta. No entanto, quando foi a procura dele, encontrou um dúzia de homens com braçadeiras, de guarda, a porta da loja. Estava escura e vazia, o toldo rasgado, as janelas destruídas, a enorme e luxuosa loja vazia, e nas janelas um simples palavra: judeu.

Ariana correra até ao banco do pai, a chorar, e ele fechara a porta e fora firme.

- Não podes dizer a ninguém, Ariana! A ninguém! não podes discutir ou fazer perguntas acerca disso. não digas a ninguém o que viste! Ela olhara para ele, confusa.

- Mas as outras pessoas também viram. Os soldados, eles estavam c fora com as armas, e a janela a e, papai a tenho a certeza, vi sangue! não viste nada, Ariana. Nunca lá estiveste.

- Mas ...

- Silêncio! Hoje almoçaste comigo, no jardim zoológico, e depois voltamos para o banco. Ficamos aqui sentados durante algum tempo, tu bebeste um xicara de chocolate quente, e depois o motorista levou-te a casa. Certo? - Ela nunca o vira assim, e não compreendia. Seria possível que o pai estivesse assustado? Eles não podiam tocar-lhe. Era um banqueiro importante. E além disso, o papai não era judeu. Mas para onde é que tinham levado Rothmann? E o que é que aconteceria a sua loja? - Estás a perceber, Ariana? A voz do pai subira para um tom espero, quase zangado, apesar de sentir que ele não estava zangado com ela.

- Estou. - E depois, num vozinha que trespassou o silêncio: - Mas a Porquê?

Walmar von Gotthard suspirou e recostou-se na cadeira. Era um escritório amplo, impressionante, um secretaria enorme, e a sua frente, apesar de ter doze anos, Ariana parecia tão pequenina. Que lhe poderia dizer? Como lhe poderia explicar?

Um ano depois daquele incidente, acontecera o pior. Em setembro, chegara a guerra. Desde então seguira o seu próprio rumo com cautela, mas sabia que isso tinha os seus custos. Os filhos Estavam seguros e protegidos. Gerhard tinha agora doze anos e meio, e Ariana apenas dezasseis. Muito pouca coisa mudara para eles e, embora os

filhos tivessem suscitado sempre que ele odiava Hitler, foi um suspiro que nunca discutiram, nem mesmo entre eles. Era perigoso admitir que alguém odiava Hitler. Toda a gente sabia isso. Ainda viviam na casa de Grunewald, freqüentavam as mesmas escolas, a mesma igreja, mas raramente visitavam as casas de outras pessoas. Walmar tinha-os com redea curta, para bem deles, como ele frisava cuidadosamente, e fazia-lhes sentido. Afinal de contas, o país estava em guerra. havia uniformes por todo o lado, soldados a rir, moças bonitas, e algumas vezes, a noite, ouviam música quando os vizinhos davam festas enormes aos oficiais e amigos. Sob certos aspectos, vivia-se em Berlim um período de alegria desmesurada. Por outro lado, as crianças sabiam que era também um período triste. Muitos dos pais dos seus amigos encontravam-se a combater. Alguns tinham já perdido os pais e irmãos na guerra. Mas para Ariana e Gerhard, apesar da chacota das outras crianças, era um alívio saber que o pai era muito velho. já tinham perdido a Mãe, não conseguiriam suportar também a morte dele.

- Mas não é muito velho para festas - dissera-lhe Ariana com um sorriso de desamparo. Era a Primavera do seu décimo sexto aniversário, e queria desesperadamente ir ao seu primeiro baile. já tinha idade suficiente para se recordar de que enquanto a Mãe era viva os pais tinham uma vida social muito intensa. No entanto, nos sete anos passados, desde a morte dela, Walmar passara quase todos os momentos em que estivera acordado ou no banco ou em casa, nos seus aposentos ou com eles a jogar e a cartas. A vida de bailes e festas acabara quando Cassandra se suicidou. Porém, as crianças sabiam muito pouco da mãe. A forma como ela morrera e a razão dessa morte eram realidades dolorosas que Walmar nunca partilhara.

- Então, papai? Podemos? Por favor. - Ela olhara-o com um ar suplicante e Walmar sorria.

- Um baile? Agora? Durante a guerra?

- Oh, papai, todos vão a festas. Até aqui em Grunewald, durante toda a noite. - Era verdade, mesmo na calma zona residencial onde moravam, a farra ia geralmente até a altas horas.

- Não és ainda um pouco nova para isso?

- De modo nenhum. - Olhara-o com um ar superior, um olhar misterioso que tinha mais da mãe do que seu. - Já tenho dezasseis anos.

Finalmente, com o apoio do irmão, Ariana conseguira os seus intentos, e agora ali estava, como um princesa num conto de fadas, com o vestido branco de organdi, que as mãos hábeis de Fraulein Hedwig fizeram.

- Estás maravilhosa, querida.

Ela lançou-lhe um sorriso acriançado, admirando a gravata branca e o fraque.

- O papai também está.

Gerhard ainda estava a observar e ouviram-no rir a socapa, no topo das escadas.

- vocês parecem dois tolinhos. - Mas também estava orgulhoso deles.

- Vai para a cama, monstrinho! - gritou ela num tom jovial, por sobre o ombro, enquanto descia, ligeira, o último lanço de escadas.

O Hispano-Suiza fora substituído pouco antes da guerra por um Rolls preto e cinzento, que agora os aguardava na entrada principal, o motorista idoso postado de pé ao lado da porta. Ariana tinha um xaile leve sobre os ombros, e o vestido branco redemoinhou a volta dela quando se precipitou para dentro do carro. A festa tinha lugar no Teatro da ópera, e todas as luzes resplandeciam quando os Von Gotthard se aproximaram. A larga avenida estava mais bonita do que nunca; a Unter den Linden não mudara nada com o início da guerra.

Walmar olhava orgulhosamente para a filha, sentada, como um princesa dos contos de fadas, a seu lado, no Rolls.

- Excitada?

Ariana fez um gesto afirmativo com a cabeça.

- Muito. - Estava encantada com a perspectiva do seu primeiro baile.

E foi ainda melhor do que esperava. As escadas que davam para o Teatro da ópera tinham um passadeira vermelha, o salão principal com o seu tecto maravilhoso estava resplandecente de luz. E por todo o lado, a volta deles, havia mulheres com vestidos de noite e diamantes, enquanto todos os homens envergavam uniformes e condecorações ou gravata branca e fraque. Para Walmar, o único desmancha-prazeres na noite foi a enorme bandeira vermelha que estava pendurada, diante deles, com o símbolo negro e branco do Reich.

A música, que vinha do salão principal, chegava-lhes num leve murmúrio aos ouvidos; a volta deles, rodopiava um sem-número de corpos ataviados, circunspectos, cheios de adornos. Os olhos de Ariana pareciam duas enormes águas-marinhas no rosto delicado de marfim, a boca um rubi delicadamente cinzelado.

Partilhou a primeira dança com o pai, e depois ele levou-a rapidamente para os confins seguros de um grupo de amigos. havia vários banqueiros conhecidos junto de um mesa perto do sítio onde os pares valsavam.

Ela estivera a conversar alegremente com eles durante cerca de vinte minutos quando Walmar se apercebeu da presença de um jovem alto que estava junto deles. Este observava Ariana com um olhar interessado enquanto conversava calmamente com um amigo. Walmar desviou o olhar do soldado e convidou a filha para dançar consigo novamente. não era muito correto o que estava a fazer, mas sentia que tinha de adiar o inevitável durante o máximo de tempo possível. Sabia quando a trouxera que ela dançaria com os outros homens.

Porem, os uniformes a os uniformes a Era inevitável a só lhe restava rezar para que a achassem demasiado jovem para ter qualquer grande encanto.

No entanto, enquanto dançavam aos círculos, pelo salão, Walmar sabia que ela despertaria a atenção de um homem qualquer. Tinha um ar jovem, fresco e gracioso,

mas, mais do que isso, havia um atrativo em Ariana, um poder oculto que atraía qualquer um que olhasse para aqueles olhos de um azul carregado. Era como se tivesse as respostas para um segredo. Ele vira a reação nos seus próprios amigos. Era um qualidade que hipnotizava a maioria dos homens. O rosto sereno, os olhos gentis, e depois o súbito sorriso, radioso como o sol de verão num lago. havia um qualidade em Ariana que atraía qualquer um, um magia e um espírito dos quais se queria saber mais, apesar da sua juventude. Era muito mais baixa do que o irmão e ainda mais delicada de ossos. Mal chegava ao ombro do pai, e os pés pareciam levantar vôo enquanto dançavam.

Só quando voltaram para a mesa é que o jovem oficial finalmente se aproximou. Walmar cerrou os dentes em silêncio. Porque não foi um dos outros? alguém sem uniforme, um homem normal e não um militar do Reich.

Não representavam nada para ele, aqueles uniformes, eles não eram pessoas, não passavam de um bando de insaciáveis e vorazes malfeitores, que agiam de acordo com aquilo que representavam e ameaçavam, e tinham assassinado a sua mulher.

- Herr von Gotthard?

Walmar fez um ligeiro gesto afirmativo com a cabeça e o braço direito do jovem esticou-se de imediato fazendo a saudação habitual, - Heil Hitler. - Walmar abanou novamente a cabeça, desta vez com um sorriso gelado. - Suponho que é a sua filha, não é?

Walmar teve vontade de o esbofetear mas, ao olhar para Ariana e para o intruso, deu um resposta seca em vez disso.

- É. Ela é ainda um pouco jovem para estar aqui esta noite, mas dei o meu consentimento com a condição de ficar comigo.

Ariana pareceu chocada com a declaração, mas não protestou. O jovem abanou a cabeça, com ar compreensivo, e depois olhou para a princesa dos contos de fadas com um sorriso deslumbrante. Tinha os dentes impecáveis, brancos como a neve, realçados ainda mais pela curva dos lábios e a beleza do sorriso. O azul dos olhos não era diferente do dos olhos de Ariana, mas enquanto os cabelos dela eram de um louro muito claro, os dele eram negros e lustrosos. Era alto e gracioso, com ombros largos, quadris pequenos e pernas compridas acentuadas pelo uniforme e as botas reluzentes.

Desta vez o jovem oficial fez um vência ao pai de Ariana, como se fazia nos tempos antes dos braços esticados para o ar; bateu com os calcanhares e pôs de novo em sentido.

- Werner von Klaub, Herr von Gotthard. - Lançou novamente um sorriso radioso na direção de Ariana. - Pelo que vejo, a menina Gotthard é efetivamente muito jovem, mas sentir-me-ia honrado se ma confiasse para um dança apenas.

Walmar hesitou. Conhecia a família do rapaz, lembrou-se, e recusar seria um desconsideração para com o uniforme que envergava. E Ariana estava tão ansiosa e tão

bonita. Como Poderia ele recusar? não podia combater os uniformes quando tinham sido eles que haviam tomado conta de todo o seu mundo.

de - Suponho que não posso objetar, pois não? - Olhou soslaio para a filha, com a voz cheia de ternura e desgosto.

- Posso, papai? - Os olhos tão grandes, tão ansiosos e tão azuis e brilhantes.

Von Maub fez nova vênia, mas desta vez a Ariana, e depois afastou-se com ela. Dançaram lentamente, como o Príncipe Encantado e a Gata Borracheira, como se tivessem sido feitos para os braços um do outro. Era um prazer vê-los, disse o homem junto ao cotovelo de Walmar. Talvez fosse, mas não para Walmar. Ele sentia que um nova ameaça acabara de entrar na sua vida. E, mais importante que isso, na vida de Ariana. Quanto mais velha ficasse, mais bonita seria, e ele não a conseguiria manter eternamente prisioneira na sua própria casa. Acabaria por perdê-la, e talvez para um deles. Estranho, pensou para consigo, enquanto os observava. Noutra vida, noutra época, Von Maub teria sido bem-vindo a sua casa e a vida de sua filha, mas agora a Aquele uniforme mudara tudo para Walmar. O uniforme e aquilo que ele representava. Era de mais para ele.

Quando a dança acabou, Ariana olhou de relance para o pai, um questão em aberto no olhar, e ele estava prestes a abanar a cabeça, negando a autorização, mas, mais um vez, achou que não podia fazer isso. Assim, fez novamente um sinal de anuência com a cabeça. E depois disso, um vez mais. E então, sabiamente, o jovem oficial alemão conduziu-a de novo para junto do pai, fez nova vênia, e desejou as boas-noites a Ariana. Mas havia algo no modo como ele lhe sorriu que dizia ao pai que não fora a última vez que vira Werner von Klaub.

- Quantos anos é que ele tem, Ariana?

- Vinte e quatro. - Olhou diretamente para o pai com um pequeno sorriso. - É muito simpático, sabes? Gostaste dele?

- A questão, gostaste?

Ela encolheu os ombros, com ar evasivo, e pela primeira vez em toda a noite Walmar riu-se.

- É assim que se começa. Querida, vais partir muitos corações. - Ele só esperava que, entre eles, ela não despedaçasse o de Werner. Protegera-a tão afincadamente daquele veneno que morreria se ela fosse contra as suas convicções.

No entanto, ela não dava quaisquer sinais de o trair, nem li os seus princípios, a medida que os anos passavam. Werner von Klaub viera de facto visitá-los, mas só um ou duas vezes. Achara-a tão encantadora como naquela primeira noite; contudo, também a achava muito jovem e bastante temida. Ela não era tão divertida como as mulheres que tinham sido vítimas do seu uniforme nos últimos três anos. Ariana não estava preparada, e Werner von Klaub não estava suficientemente interessado em esperar.

Walmar ficou aliviado quando as visitas acabaram e ela não pareceu particularmente entristecida com o desaparecimento. Era feliz com a sua vida em casa com o pai e o irmão, e tinha muitos amigos da mesma idade na escola. A batalha determinada de Walmar para a proteger deixara-a, de certa forma, jovem para a sua idade. Porém, para contrabalançar aquela inocência havia o discernimento que ganhara com a perda e o sofrimento. A perda da mãe, por muito distante que Cassandra se pudesse ter mostrado e por muito dissimulada que essa perda pudesse ter sido, marcara Ariana, e a ausência de um mãe a quem recorrer deixara uma tristeza latente algures no olhar da bela pequenita. No entanto, era um tipo particular de sofrimento, um sofrimento que vinha de dentro, que não tinha nada a ver com qualquer exposição a as agruras da guerra. Apesar do considerável aumento do número de bombardeamentos de Berlim desde 1943 e da quantidade de tempo passado na cave com Gerhard, o pai e os criados durante os ataques aéreos, Ariana não teve nenhum contacto efetivo com o sofrimento da guerra até fazer dezoito anos, na Primavera de 1944.

Durante toda essa Primavera, os aliados tinham redobrado os seus esforços, e Hitler publicara recentemente novos decretos confirmando o seu envolvimento na guerra total.

Ariana chegara a casa vinda da escola e encontrou o pai encerrado no salão principal com um amigo, segundo Berthold, que já estava bastante idoso e também muito surdo.

- Ele disse quem era? - Ariana sorriu-lhe. Berthold era uma das suas recordações mais antigas. Estivera sempre ali.

- Sim, menina. - Deixou escapar um afável sorriso, o rosto empedernido a desfazer-se em simpáticas rugas. Abanou a cabeça como se a tivesse percebido, mas ela soube imediatamente que não tinha.

Habituada aos seus pontos fracos, falou mais alto, ao contrário do irmão, que se metia freqüentemente com ele por causa da sua surdez. Mas, do menino Gerhard, Berthold admitia tudo. Gerhard era o seu preferido.

- Eu perguntei se o meu pai disse quem é que estava a visitá-lo.

- Ali não, menina. não disse. Foi Frau Klermmer quem os recebeu. Eu estava lá em baixo a ajudar o menino Gerhard com o equipamento de química.

- Oh, meu Deus, isso não.

- Sim?

- Deixa, Berthold, obrigada. - Ariana atravessou com ligeireza o vestíbulo. A casa e a sua vasta criadagem foram sempre um constante na sua vida. não conseguia viver noutro lugar.

Passou por Frau Klermmer, no corredor do piso de cima, a caminho do quarto. Naquela manhã, ela e Frau Klemner tinham estado a discutir o assunto da reabertura

do quarto da mãe. já se haviam passado nove anos, e Ariana estava prestes a passar dos dezoito. Aborrecia-a ter de partilhar o piso de cima com Gerhard, que era barulhento e estava constantemente a fazer misturas químicas explosivas, tentando construir pequenas bombas. E ela e o pai já tinham decidido que a entrada dela na universidade seria adiada para depois da guerra. Assim, quando acabasse o liceu dentro de dois meses, andaria num paz fama pela casa. Planeava fazer trabalho voluntário. já trabalhara num hospital duas vezes por semana. Porém, fosse como fosse, achava conveniente que, depois de acabar o liceu devesse simultaneamente elevar o seu status em casa. A perspectiva de ocupar o quarto da mãe agradava-lhe bastante a se conseguisse o acordo do pai!

- Já lhe pediu? - perguntou Frau Klermmer num murmúrio conspirativo, e Ariana abanou a cabeça.

- Ainda não. Esta noite. Se conseguir livrar-me do Gerhard depois do jantar. - Soltou um suspiro e revirou os olhos. Ele é um peste! - Acabara de ultrapassar os quinze anos.

- Penso que, se der tempo ao seu pai para pensar, ele provavelmente concordar. Ele gostar de a ter por perto.

Subir todas aquelas escadas até ao segundo piso para a ver esgota-o. - Era um razão sensível, mas Ariana não estava segura de que fosse essa a razão que o convenceria. Aos sessenta e oito anos, o pai não gostava que lhe lembrassem a idade.

- Vou pensar em qualquer coisa. Queria falar com ele agora, mas está alguém com ele. Sabes quem é? O Berthold disse que foste tu que o recebeste.

- Fui. - Parecia um pouco confusa. - É Herr Thomas. E não estava com boa cara. - Mas quem é que estava nos dias que corriam? Até o pai de Ariana estava com um ar cansado quando chegara a casa vindo do banco. O Reich estava a exercer cada vez mais pressão sobre os banqueiros do país para, contribuírem com fundos, que não tinham.

Quando Frau Klermmer se foi embora, Ariana meditou por instantes se haveria ou não de ir para o piso de baixo e juntar-se ao pai. Apetecera-lhe entrar novamente nos aposentos da mãe, para admirar o bonito quarto e ver se o boudoir era suficientemente amplo para albergar a sua secretaria. Mas poderia fazer isso mais tarde. Apeteceu-lhe, por momentos, fazer a visita com o amigo do pai.

Herr Thomas era uns trinta anos mais novo que o pai, mas, apesar da diferença de idades entre eles, o pai tinha um grande carinho por aquele homem bem-falante. Passara quatro anos a trabalhar para o pai e decidira então tirar o curso de Direito. Durante o curso casara com um colega, e tiveram três filhos em quatro anos. O filho mais novo tinha agora três anos, mas Herr Thomas não o via desde os quatro meses., A mulher era judia, e eles tinham-na levado juntamente com os filhos. Durante os primeiros dois anos da guerra, Max conseguira evitar os nazis. Mas era impossível adiar o inevitável.

Sarah e os filhos tiveram de ir. Em 1941, três anos antes, foram levados. O choque de os perder quase o destruíra, e agora, quando visitava o pai de Ariana, parecia ter mais quinze do que os seus trinta e sete anos. Lutara desesperadamente para os encontrar, e no ano anterior Ariana soube que já tinha perdido todas as esperanças.

Bateu suavemente nas portas duplas, mas a única coisa que ouviu foi um leve murmúrio lá dentro. Estava quase a virar costas e a ir-se embora quando ouviu finalmente o pai chamar.

Abriu a porta lentamente e espreitou lá para dentro, com o seu meigo sorriso.

- Papai? Posso entrar? - Mas ficou chocada com o que viu, e não sabia se havia de fechar a porta e ir-se embora, se ficar. Maximilian Thomas estava sentado de costas para ela, os membros ligeiramente trêmulos, o rosto caído entre as mãos. Ariana olhou para o pai, esperando que ele a mandasse sair de novo, mas para sua surpresa, fez-lhe sinal para ficar. Ele estava sem saber o que fazer. havia tão pouca coisa a dizer. Talvez a sua filha conseguisse oferecer algum consolo a Max, para além daquele que ele conseguira dar. Foi o primeiro acto de reconhecimento por parte de Walmar de que Ariana já não era um criança. Tivesse sido Gerhard a estar a porta e tê-lo-ia mandado para cima com um enérgico sinal com a mão. Mas Ariana já não era um simples moça, e também tinha a doçura de mulher. Fez-lhe sinal na direção dele e, quando ela se aproximou, Max deixou cair as mãos.

O que ela viu quando se aproximou dele foi um ar de completo desespero.- Max a que aconteceu? - Deixou-se cair de joelhos ao lado dele e, sem pensar, esticou os braços. E, com a mesma naturalidade, ele encostou-se a ela e soluçou enquanto se abraçavam. Ele não disse nada durante longos minutos, e então, finalmente, limpou os olhos e afastou-se lentamente.

- Obrigado. Desculpa

- Nós compreendemos.

Walmar foi até a comprida mesa antiga onde um enorme salva de prata albergava várias garrafas de conhaque e o resto das suas reservas de uísque escocês. Sem perguntar a Max as suas preferências, deitou conhaque num copo e estendeu-lhe silenciosamente o copo. Max pegou-lhe, bebendo lentamente e limpando um vez mais as lágrimas que ainda corriam.

- É a Sarah? - Ariana teve de perguntar. Teria tido notícias dela? há muito tempo que procurava obter informações junto dos nazis. os olhos dele procuraram os dela em resposta, e a dor do que ficara a saber naquele dia estava ali estampada, gravada em todo o seu horror, os seus piores receios tendo-se confirmado.

- Eles estão todos... - Não conseguia dizer a palavra.... mortos. - Inspirou profundamente, destroçado, e pousou o copo de conhaque. - Os quatro Sarah a e os rapazes....

- Meu Deus. - Ariana olhava-o, angustiada, e quis perguntar-lhe Porquê. Porque

eram judeus a judeu a judeus. Tens certeza?

Max fez um gesto afirmativo com a cabeça.

- Disseram-me que eu devia estar agradecido, que agora posso começar do princípio com um mulher da minha raça. Oh, meu Deus a oh, meu Deus os meus meninos... Ariana - Estendeu novamente os braços para ela, sem pensar, e um vez mais ela apertou-o entre os seus braços, desta vez com lágrimas a correrem-lhe pelo rosto.

Walmar sabia que tinha de convencer Max a ir-se embora imediatamente. não podia ficar em Berlim durante muito mais tempo.

Max, ouve. Tens de pensar agora. O que é que vais fazer?

- Que queres dizer com isso?

- Consegues ficar aqui? Agora? Agora que já sabes?

- Não sei... não sei..... Quis ir-me embora há anos. Em trinta e oito, disse Sarah a mas ela não quis a As irmãs, a mãe a - Era um refrão conhecido de ambos. - Depois disso fiquei porque tinha de a encontrar. Pensei que, se soubesse onde ela estava, podia negociar com eles, podia a Oh, meu Deus, eu deveria ter sabido.....

- Isso não teria mudado nada, pois não? - Walmar olhou para o amigo, partilhando a sua dor. - Mas agora já sabes a verdade. E, se ficares, atormentar-te-ão. vigiarão todos os teus passos. Foste suspeito durante anos, por causa da Sarah, e agora tens mesmo de te ir embora. Max Thomas abanou a cabeça. Walmar sabia muito bem O que estava a dizer. Os escritórios de advocacia de Thomas tinham sido destruídos duas vezes, e em todas as peças de mobiliário e nas paredes tinham deixado um inscrição: Amante de judia. Mas ele ficara. Tinha de encontrar a sua mulher.

- Ainda não consigo entender que tudo acabou, que a que ela a que já não há ninguém para procurar. - Recostou-se para trás com um terrível olhar de concordância. Mas para onde é que iria?

- Para qualquer lado. Para a Suíça, se conseguires lá chegar. Depois, talvez para os Estados Unidos. Mas sai da Alemanha, Max, eles destruir-te-ão se c ficares - A da mesma forma que destruíram Cassandra a e, antes dela, Dolff..

. A lembrança estava de novo fresca na memória quando olhou para o rosto do jovem.

Max abanou a cabeça.

- Não posso ir.

- Porque não? - Walmar ficou subitamente irado. Porque és muito patriótico?

Porque amas o país que tem sido tão simpático para contigo? Meu Deus, por que esperas, homem? Sai daqui, com os diabos!

Ariana olhava-os, assustada; nunca vira o pai assim.

- Max a talvez o papai tenha razão. Talvez possas regressar mais tarde.

Walmar continuava de pé com ar ameaçador.

- Se és um homem inteligente e não queres fazer isso, então começa um nova

vida noutra sítio. Num sítio qualquer, Max, Num sítio qualquer, mas sai daqui antes que fiques enterrado até a as orelhas.

Max Thomas olhou para Walmar com ar sombrio.

- Já estou.

Walmar suspirou profundamente e sentou-se de novo, sem tirar os olhos do amigo.

- Sim, eu sei, compreendo. Mas, Max, ainda tens a tua vida. já perdeste a Sarah e os miúdos. - A voz era meiga, no entanto, Max derramou mais algumas lágrimas. - Isto a deve-lo a eles, a tua sobrevivência só depende de ti.

Para que mais um tragédia, mais um perda? - Se pudesse ter dito isso a Cassandra! Se ela pudesse ter compreendido isso!

- Como é que iria? - Max olhou-o, fixamente, pensando, ainda não compreendendo bem o que significava deixar a sua casa, o seu património, o país onde outrora haviam crescido os seus filhos e os seus sonhos.

Não sei. Podíamos pensar nisso. Acho que, com todo o caos que existe nos tempos que correm, podias simplesmente desaparecer. De facto - Walmar parecia estar a pensar -, se o fizesses agora, imediatamente, eles poderiam pensar que endoideceste por causa da notícia, Que talvez tivesses fugido, que te tivesses suicidado, um coisa qualquer. Agora não levantaria quaisquer suspeitas. Mais tarde, talvez.

- E o que é que isso significa? Que saio de tua casa esta noite e me encaminho para a fronteira? Com que? A pasta, o sobretudo e o relógio de ouro do meu avô? - O relógio de que falava repousava, como sempre, no bolso do colete. Walmar, no entanto, estava ainda a pensar. Abanou ligeiramente a cabeça.

- Talvez.

- Estás a falar a sério?

Ariana observava-os, chocada com tudo o que ouvia. Era isso então o que estava a acontecer? Andavam a matar mulheres e crianças, deixando que outras pessoas fugissem a pé a meio da noite, até a fronteira? Isso deixava-a com um tipo de terror que ainda não conheceria, e o pequenino rosto de marfim parecia mais pálido que nunca.

Walmar olhou então para Max. Tinha um plano.

- Sim, estou a falar muito a sério. Acho que devias ir agora.

- Esta noite?

- Talvez não seja preciso ires esta noite, mas logo que Possível, logo que tenhas os papéis prontos. Embora ache que devesse desaparecer esta noite.

- E depois de novo gole de conhaque: - Que achas?

Max estivera a ouvir atentamente as palavras de Walmar e sabia que o que o homem mais velho estava a dizer fazia muito sentido. Que razão é que ele tinha para se apegar a um país que já tinha destruído tudo aquilo que possuía? Sem proferir qualquer palavra fez um gesto de aprovação Com a cabeça. E, de seguida, após outra

pausa:

- Tens razão. Eu vou. não sei para onde nem como.

Não desviou os olhos dos de Walmar, mas agora o homem, mais velho olhava para a filha. Isto foi um momento crítico nas três vidas.

- Ariana, não te importas de sair?

Por instantes, nenhum dos três se mexeu, e então ela olhou para o pai com ar inquiridor.

- Quer mesmo que me retire, papai? - Mas ela não queria. Queria ficar ali com ele e Max.

- Podes ficar se quiseres. Se compreenderes a importância de manter tudo isto em segredo. não podes falar disto a ninguém. Ninguém. Nem ao Gerhard, nem aos criados. A ninguém. Nem mesmo comigo. O que acontecer, acontecer em silêncio. E, quando acabar, nunca aconteceu. Percebido? - Ela fez que sim com a cabeça e, por momentos, ele interrogou-se acerca da loucura de envolver a filha, mas estavam todos envolvidos. Em breve podia-lhes acontecer a eles. Era altura de ela saber. Pensara nisso durante algum tempo. Ela tinha de compreender o desespero da situação. - Compreendes-me, Ariana?

- Perfeitamente, Papai.

- Muito bem.

Walmar fechou os olhos por instantes, depois virou-se para Max.

- Vais sair daqui esta noite, pela porta principal, com um ar mais preocupado do que quando chegaste, e ir só, muito simplesmente, desaparecer. Caminha em direção ao lago. Depois, mais tarde, voltar só. Eu mesmo te abrirei a porta, depois de a casa ficar a as escuras. Ficarás aqui durante um dia ou dois. Depois, partes. Calmamente. Até a fronteira. Até a Suíça. e então, meu amigo, desapareces para sempre. Para uma nova vida.

- E como é que financio tudo isto? Podes levantar o meu dinheiro do banco? - Max estava com um ar preocupado, e Walmar abanou a cabeça.

- Não se desgaste com isso. A única coisa com que tens de te preocupar é em voltar aqui esta noite. E, depois, em chegar a fronteira. Eu tracto do dinheiro e dos papéis.

Max estava impressionado, se não mesmo surpreendido, com o seu respeitável velho amigo.

- Conheces alguém que faça esse tipo de coisas?

- Conheço. Indaguei há cerca de seis meses, para o caso de a necessitar. - Ariana ficou atônita, mas manteve-se em silêncio. não fazia idéia de que o pai tivesse algum vez considerado tal coisa. - Estamos entendidos? - Max fez um gesto afirmativo com a cabeça. - Queres c jantar? É mais natural que saias depois disso.

- Está bem. Mas onde é que vais esconder-me?

Walmar ficou em silêncio por momentos, estivera a pensar na mesma coisa.

Desta vez foi Ariana que teve a resposta.

- Nos aposentos da Mãe. - Walmar olhou-a com algum desconforto, e Max observou a silenciosa troca de olhares entre pai e filha. - Papai, é o único sítio de que ninguém se aproxima. - A exceção de ela e Frau Klemner terem lá estado naquele dia. Foi isso que lhe trouxe Tão rapidamente a lembrança os aposentos em questão. habitualmente, a família e a governanta agiam como se os aposentos de Cassandra já não fizessem parte da casa dos Von.

Gotthard. - Papai, é verdade. Ele estaria lá em segurança. E eu podia fazer a limpeza depois de ele se ir embora. Ninguém saberia.

Walmar fez um pausa que mais parecia um eternidade. A última vez que estivera naqueles aposentos fora quando a sua mulher aparecera morta na banheira, cheia de sangue. Nunca mais lá tinha entrado. não conseguia suportar a dor daquelas últimas recordações, aquele rosto contundido e aqueles olhos desesperados, os seios com as marcas da fivela do cinto do nazi que quase a violara.

- Julgo que não há escolha possível. - Walmar disse isso com um agonia tal que só Max entendia. Ambos sabiam do que é que os nazis eram capazes,- Desculpa arranjar-te este problema, Walmar.

- Não sejas ridículo. Nós queremos ajudar-te. - E Então, com um pequeno sorriso glacial: - Talvez um dia tenhas de nos ajudar.

Instalou-se um longo silêncio na sala. Por fim, Max falou:

Walmar, Estás mesmo a pensar em sair daqui?

O homem mais velho ficou pensativo.

- Não estou certo que consiga. Estou mais exposto do que tu.. Eles vigiam-me. Conhecem-me. Precisam mais de mim que de ti. Sou um fonte de fundos para eles. O Banco Tilden é importante para o Reich. É o albatroz que me ronda o pescoço, mas é também a minha salvação. Um dia talvez venha a ser um arma apontada a cabeça. Mas, se tiver de dar o salto, farei o mesmo que estás a fazer.

Ariana ficou chocada ao ouvi-lo dizer aquilo. Nunca suspeitara que o pai pensasse fugir um dia. E então, como se de um pré-acordo se tratasse, Berthold bateu a porta e anunciou o jantar, e os três deixaram a sala em silêncio.

Capítulo 9

Walmar von Gotthard atravessou em bicos de pés, silenciosamente, na sua própria casa e ficou a espera no vestíbulo principal. Aconselhara Max Thomas para que atravessasse o jardim descalço. Faria menos barulho do que caminhar na gravilha de sapatos calçados. E dera-lhe a sua própria chave para o portão principal. Max deixara-os por volta das onze e agora faltavam poucos minutos para as três. havia lua cheia e era fácil vê-lo a correr pelo relvado. Os dois homens não trocaram quaisquer apertos de mão, apenas uns secos cumprimentos com a cabeça enquanto Max Thomas limpava os pés com as meias. A terra dos canteiros teria deixado pegadas no chão de mármore branco. Walmar estava satisfeito com a lucidez de Max. Ele era agora um homem diferente daquele que se sentara a soluçar, destroçado, no seu escritório, dez horas antes. Agora que Max Thomas ia fugir, a sua própria sobrevivência dependeria da sua perspicácia e cabeça fria.

Os dois homens subiram rapidamente a escadaria principal e num pique chegaram a porta ao fundo do longo corredor. Walmar fez um curta pausa, ficando a espera, como se não soubesse se ele deveria entrar. Porem, Ariana estivera a espera deles e agora, sentindo a sua presença, abriu um pouco a porta e espreitou pela fresta. Ao ver o rosto decidido de Max na soleira da porta, abriu mais a porta para os deixar entrar, mas Walmar só abanava a cabeça, como se ainda se sentisse constrangido ao entrar. Max entrou rapidamente. Talvez estivesse na altura de Walmar abrir as portas de novo; talvez estivesse na altura de fazer o mesmo que Max.

Fechou a porta atrás de si sem qualquer ruído e seguiu atrás de Max, enquanto Ariana lhes fazia sinal para entrarem na pequena sala que fora o escritório da mãe, que era agora de um cor-de-rosa ainda mais pálido. A espreguiçadeira ainda. a estava no canto, e Ariana pusera cobertores quentes em cima dela para que Max pudesse lá dormir.

Pôs um dedo nos lábios e murmurou baixinho:

- Penso que ficarás mais seguro se dormires ai. Caso alguém espreite c para dentro, não te verão. - O pai fez um, gesto de concordância com a cabeça e Max olhou para ele, grato, mas ainda havia rugas de cansaço a volta dos olhos.

Walmar olhou para ele um última vez, abanou a cabeça e abandonou a sala, seguido de imediato por Ariana. Walmar prometera que arranjaría os papéis o mais rapidamente possível. Esperava tê-los, para bem de Max, na noite seguinte.

Ariana e o pai separaram-se no corredor, sem palavras, ficando entregues aos seus pensamentos. Ela voltou para o seu quarto, pensando em Max e na viagem

solitária que ele estava prestes a levar a cabo. Ainda se lembrava de Sarah, um mulher de pequena estatura e de olhos escuros e risonhos. Tinha sempre montes de histórias engraçadas para contar, e era simpática para Ariana sempre que se encontravam. Tudo lhe parecia agora tão distante. Ariana pensara muitas vezes nela nos últimos três anos, interrogando-se sobre onde estaria e o que é que lhe teriam feito a ela e aos rapazes a Agora eles sabiam. Max estava absorto nos mesmos pensamentos, deitado em silêncio sobre a espreguiçadeira de cetim cor-de-rosa, no quarto da mulher que vira apenas um vez quando conhecera Walmar. Ela fora um mulher deslumbrante, de cabelos dourados, quase acobreados. Achara-a a visão mais admirável da sua vida. E, pouco tempo depois soube que tinha morrido. De gripe, segundo lhe disseram. Mas sentia que devia ter havido outra razão para a morte. Walmar fazia transparecer um sentimento estranho, como se soubesse, como se também tivesse sofrido a as mãos dos nazis. não parecia possível, mas nunca se sabia.

No seu próprio quarto, Walmar olhava o lago ao luar, mas não era o lago que ele ali via, mas a sua mulher. A bela Cassandra, de cabelos dourados, brilhantes a mulher que amara tão desesperadamente há tanto tempo a os sonhos que haviam partilhado naquele quarto. E agora estava vazio, solene, de cortinas corridas, esquecido. Ficara de coração destrozado quando atravessou aquela porta com o homem que estavam a esconder, e Ariana com aqueles mesmos olhos impenetráveis, cor de alfazema. Virou-se, desviando o olhar do luar, angustiado, despiu-se e meteu-se na cama

- perguntou-lhe? - Inquiriu Frau Klermmer, depois do pequeno almoço, quando se encontraram no corredor.

- Acerca de que? - Ariana tinha outras coisas na cabeça.

- Do quarto. Os aposentos da sua mãe. - Que moça estranha, tão distante, tão reservada por vezes. já se esquecera? Frau Klermmer interrogava-se muitas vezes sobre que mistérios se escondiam por detrás daqueles olhos de um azul carregado.

- Ah, isso a sim a Quero dizer, não, Ele disse que não.

- Estava zangado?

- Não. Foi peremptório. Acho que vou ficar onde estou.

- Porque é que não aperta com ele um pouquinho? Talvez pense nisso um pouco mais e autorize.

Mas Ariana abanou a cabeça com determinação.

- Ele já tem muito em que pensar.

A governanta encolheu os ombros e foi-se embora. Por vezes, era difícil compreender a moça, mas também a mãe era um pessoa estranha.

Quando Ariana saiu para a escola naquela manhã, Walmar já partira de casa no seu Rolls. Ela quisera passar o dia em casa, por causa de Max, mas o pai insistira para continuar a fazer a vida normal, como sempre; para se assegurar da proteção de Max, Walmar voltara a fechar a chave a porta dos aposentos de Cassandra.

As horas pareceram-lhe um eternidade a passar. Finalmente chegou a altura de regressar a casa. Estivera na escola todo o dia, distraída, a pensar em Max e curiosa por saber como é que ele estava. Pobre homem, que estranho deveria ser para ele estar cativo na casa de outra pessoa. Com passo calmo, Ariana atravessou o vestíbulo principal cumprimentou Berthold e encaminhou-se para o piso de cima. Declinou um oferta de chá que Anna lhe fizera e entrou na casa de banho para pentear os cabelos. Passou-se um quarto de hora antes que se atrevesse a descer as escadas. Fez um curta Pausa a porta do quarto do pai e depois avançou com a chave que Frau Klermmer lhe emprestara dois dias antes.

Logo que deu a volta a chave e rodou a maçaneta, a porta abriu-se vagarosamente, e Ariana precipitou-se silenciosamente para dentro e desapareceu. Atravessou o quarto em, bicos de pés, silenciosa, arquejante, e depois parou na soleira da porta, um visão risonha em frente de Max, cansado e de barba por fazer.

- Olá. - Um murmúrio que mal se ouviu.

Ele sorriu e convidou-a a sentar-se.

- Já comeste? - Ele abanou a cabeça. - Foi o que supus. Toma. - Trouxera-lhe um sanduíche escondida no bolso fundo da saia. - Logo, trago-te leite. - Naquela manhã, deixara-lhe um jarro de água. Disseram-lhe para não abrir as torneiras. Os canos deveriam estar cheios de ferrugem depois de tantos anos e podiam fazer algum chiadeira, alertando os criados para a presença de alguém nesses aposentos. - Como te sentes?

- Bem. - Devorou rapidamente a sanduíche. - Não tinhas nada de fazer isto. - E depois, com um sorriso largo: Mas ainda bem que o fizeste. - Estava, de certa forma, com um aspecto mais jovem, como se lhe tivessem tirado anos de preocupações do rosto. Aparentava um ar gasto e diferente, agora que estava com a barba por fazer, mas, no entanto, não tinha o ar desolado e angustiado que tinha no dia anterior. - Como estava a escola hoje?

- Horrível. Estava preocupada contigo.

- Não deverias ter estado. Estou bem aqui. - Era esquisito: só estava escondido ali há poucas horas, mas já se sentia isolado do mundo. Sentia saudades dos autocarros, do barulho, do escritório, do telefone, até mesmo do barulho das botas a marchar em passo de ganso pela rua abaixo. Tudo lhe parecia longínquo. Como se tivesse entrado noutro mundo. Um mundo esquecido, entristecido, de cetim cor-de-rosa, no boudoir de um mulher há muito desaparecida. Percorreram com o olhar o pequeno escritório, e os olhos encontraram-se ao mesmo tempo. - Como era a tua mãe?

Ariana olhou a sua volta com ar estranho.

- Não tenho a certeza. Nunca a conheci de facto. Morreu quando eu tinha nove anos. - Recordou-se, por instantes, de Gerhard no cemitério, a chuva, ao lado do pai, agarrando a mão dele com firmeza. - Era muito bonita. Duvido que saiba muito mais

do que isso.

- Vi-a um vez. Era incrível. Achei que era a mulher mais deslumbrante que algum vez vira.

Ariana fez um gesto de concordância com a cabeça.

- Costumava ir ver-nos lá acima, de vestido de noite e a cheirar a perfume. Os vestidos faziam sons maravilhosos quando ela atravessava o quarto, o ruído da seda, do tafetá e do cetim. Ela sempre me pareceu terrivelmente misteriosa. E acho que sempre o ser. - Ariana olhava-o com os seus enormes

olhos tristes. - Já pensaste para onde é que vais? - Falando com ele no murmúrio que tinham de usar para conversar, ela parecia uma criança a pedir para ele lhe revelar um segredo, e ele sorriu.

- Mais ou menos. Acho que o teu pai tem razão. A Suíça, primeiro. Depois, talvez quando a guerra acabar, verei se posso ir para os Estados Unidos. O meu pai tinha um primo. Nem sequer sei se ele ainda é vivo. Mas é um começo.

- Nunca mais voltar s c? - Pareceu chocada por instantes quando ele abanou a cabeça. - Nunca, Max?

- Nunca. - E então murmurou baixinho: - Nunca mais quero ver este país. - Parecia estranho para Ariana que ele cortasse para sempre com aquilo que fora a sua vida inteira.

Mas talvez ele tivesse razão em fechar a porta com tanta firmeza. Interrogava-se se não seria a mesma coisa que o seu pai fizera, só voltando a entrar no quarto da mãe na noite anterior. havia lugares onde simplesmente nunca mais se voltava. não se conseguia agüentar a dor. Quando levantou novamente o olhar para ele, ele tinha um sorriso meigo nos lábios. - vocês vão ver-me a América depois da guerra?

Ariana riu-se baixinho. É muito longe. Espero bem que não. E então, sem pensar, esticou o braço e pegou-lhe na mão. Segurou-a durante um longo instante, ela dobrou-se lentamente para ele e beijou-o ternamente no alto da cabeça. não eram necessárias mais palavras entre eles; ele abraçava-a, e ,la acariciava-lhe os cabelos. Pouco depois, fê-la ir embora, dizendo-lhe que era perigoso que ela estivesse ali. Mas a verdade é que ele pensava o impensável enquanto se escondia na casa do seu velho amigo.

Mais tarde naquela noite, Walmar veio vê-lo, e estava com um ar muito mais cansado e desanimado que Max. já tinha os papéis para a viagem e um passaporte alemão no nome de Ernst Joseffrei. Aproveitaram a fotografia do passaporte de Max, e o selo branco parecia verdadeiro.

- Belo trabalho, não achas? - Max olhava para ele, fascinado, e depois olhou de soslaio para Walmar, constrangedoramente sentado numa cadeira cor-de-rosa.

- E agora?

- Um mapa, algum dinheiro. Também te arranjei uma autorização de viagem.

Podes fazer a viagem de comboio até perto da fronteira. Depois, meu amigo,

Estás entregue a ti mesmo. Mas deves conseguir a - Fez um curta pausa. Com isto. - Entregou-lhe um envelope cheio de dinheiro, o suficiente para o manter desafogado durante várias semanas. - Não me atrevi a dar-te mais que isto para não levantar suspeitas.

- há alguma coisa em que não tenhas pensado, Walmar? - Max olhou-o com admiração. Que velhote extraordinário a o Von Gotthard!

- Espero que não. Acho que ainda sou um pouco verde nisto. Mas penso que talvez seja um bom treino.

- Estás mesmo a pensar em partir? - Walmar estava com um ar pensativo. - Porquê tu?

- Por um série de razões. Sabe-se lá o que acontecer, quando é que eles perderão o controlo. E também tenho o Gerhard para me preocupar agora. No Outono ter dezasseis anos. Se a guerra não acabar em breve, podem mobilizá-lo. Nessa altura, partimos.

Max fez um silencioso sinal de concordância com a cabeça. Compreendia. Se ainda tivesse um filho para proteger dos nazis, faria a mesma coisa.

Porem, não era só Gerhard que preocupava Walmar, Ariana também era um preocupação. A enxurrada de uniformes na cidade preocupava-o quase todo o tempo. Ela era de uma beleza tão delicada, tão atraente no seu modo de ser calado e distante. E se eles lhe quisessem fazer mal, agarrá-la, ou pior, se um oficial de alta patente quisesse divertir-se com a sua única filha? O seu medo crescia gradualmente a medida que ela ia ficando mais velha, e daí a poucos meses já não estaria no liceu. Saber que ela estava a fazer trabalho voluntário no Hospital Martin Luther aterrorizava-o ainda mais. Estava sentado, a pensar, enquanto Max olhava para o seu novo passaporte.

- Walmar, que posso fazer para te agradecer?

- Ficares a salvo. Começares uma nova vida. É agradecimento suficiente.

- Isso não é nada. Posso dizer-te onde estou?

- Discretamente. Apenas o endereço. Sem nome. Saberei do que se trata.

Max fez um gesto afirmativo com a cabeça.

- O comboio parte da estação a meia-noite. - Walmar rebuscou no bolso e entregou-lhe as chaves de um carro. Na garagem, atrás da casa, encontrar-se-ia um Ford coupê, azul, já antigo. Era de Cassandra. Mas de manhã já verifiquei como é que ele está. Miraculosamente, ainda trabalha. Acho que os criados ainda dão umas voltas com ele para carregar a bateria. Leva-o até à estação e deixa-o aí. Faço a comunicação do roubo de manhã. Já estás longe. Hoje vamos cedo para a cama, para que não haja qualquer problema. Espero que na altura em que saíres, às onze e meia, esteja toda a gente a dormir. E, meu amigo, ainda falta uma coisa.

Max não conseguia imaginar mais nada. Mas Walmar pensara em mais uma coisa. Entrou silenciosamente no quarto de Cassandra e tirou dois quadros da parede. Com o

canivete, soltou-os das molduras que lhe serviam de suporte, depois descolou-os cuidadosamente dos esticadores de madeira que os haviam mantido esticados durante vinte anos. Um era um pequeno Renoir que fora de sua mãe, o outro, um Corot que a sua mulher comprara em Paris, na lua-de-mel, vinte anos antes. Sem dizer nada ao homem que o observava, enrolou com firmeza as duas telas e depois entregou-as ao amigo.

- Leva-os. Faz o que quiseres com eles. Vende-os, come-os, troca-os. Valem bom dinheiro. O suficiente para começares uma nova vida.

- Walmar, não! Mesmo o que deixo aqui no banco nunca chegaria para os cobrir. - Gastara grande parte do dinheiro tentando descobrir Sarah e os rapazes.

- Tens de os levar. Eles não servem de nada a ninguém aqui pendurados.

Precisas deles a eu não suportaria olhar novamente para eles a nem depois de saírem daqui. Agora são teus, Max. Leva-os. Dê a um amigo. Só então é que Ariana entrou silenciosamente no quarto. Ficou confusa quando viu lágrimas nos olhos de Max e depois, quando reparou nas molduras vazias ao lado da cabeceira da cama da mãe, compreendeu imediatamente.

- Vais agora, Max? - Os olhos dela arregalaram-se.

- Dentro de algumas horas. O teu pai acabou de a não sei o que dizer, Walmar.

- Auf Wiedersehen, Maximilian. Boa sorte. - Deram um firme aperto de mãos, enquanto Max reprimia as lágrimas. Pouco depois, Walmar deixou-os, e Ariana ficou apenas durante alguns minutos. Mas, antes de o deixar para ir jantar, Max estendeu os braços e beijaram-se. O jantar decorreu com o máximo de etiqueta, exceto no tocante a Gerhard, que atirou pequenas bolas de pão a Berthold quando este se retirou.

Repreendido pelo pai soltou um sorriso largo e lançou, pouco depois, outra bola a as costas da irmã.

- Vamos ter de pedir novamente a Fraulein. Hedwig que te dê de jantar se continuas a fazer isso.

- Desculpe, papai. - Apesar da sua tagarelice foi incapaz de despertar quer o pai quer a irmã para uma grande conversa, e acabou, também ele, por ficar silencioso enquanto comia.

Depois do jantar, Walmar retirou-se para o seu escritório, Ariana para o seu quarto, e Gerhard para as suas travessuras. Ela desejava ir ter um vez mais com Maximilian, mas tinha medo. O pai insistira para que não corressem mais riscos de chamarem a atenção dos criados. A fuga de Max dependia do facto de ninguém saber onde ele estava, e a segurança deles do facto de ninguém saber onde é que ele tinha estado. Assim ficou sentada no seu quarto durante horas e, obedientemente, a as dez e meia, conforme as ordens do pai, apagou as luzes. No entanto ficou a espera, em silêncio, a pensar, a rezar, até que, não agüentando mais, a as onze e vinte, desceu as escadas em bicos de pés e encaminhou-se para a porta do quarto da mãe.

Entrou sem fazer qualquer ruído e encontrou-o a espera, como se soubesse que ela viria. Beijou-a longa e ardorosamente desta vez, segurando-a firmemente nos braços, com tal força que ela mal conseguia respirar.

Beijaram-se durante um último e longo instante e, depois, abotoando o casaco, afastou-se.

- Tenho de ir agora, Ariana. - Sorriu ternamente. Toma muito cuidado, querida. Até nos encontrarmos de novo.

- Amo-te. - Era o mais simples dos murmúrios, expresso tanto no olhar como nas palavras. - Que Deus te acompanhe!

Ele fez um aceno com a cabeça, a pasta com os quadros sem preço dissimulados entre jornais no fundo, segura na mão direita.

- Encontrar-nos-emos logo que tudo isto acabe. - Ele sorriu como se estivesse a ir para o escritório. - Talvez em Nova Iorque. Ela soltou um risadinha.

- Estás louco.

- Talvez. - Os olhos tomaram então um ar sério. Mas eu também te amo. - E era verdade. Ela tocara-o, viera ter com ele num momento em que precisava de um amigo dócil.

E então, sem dizer mais nada, passou silenciosamente por ela, em bicos de pés, em direção a porta. Ela deixara-a aberta, fechou-a a chave e acenou-lhe com a mão um última vez, enquanto ele descia as escadas, em bicos de pés. Refugiou-se rapidamente no seu quarto e, então, finalmente, ouviu o barulho do carro da mãe a sair velozmente pelo portão.. - Auf Wiedersehen, querido. - Ariana ficou a olhar da janela, e ali permaneceu durante quase meia hora, a pensar no Primeiro homem que beijara e a interrogar-se sobre se encontrariam-se de novo.

Capítulo 10

Não havia nada evidente no comportamento do pai, na manhã seguinte, que levasse alguém a suspeitar que se passava alguma coisa fora do normal, nem no de Ariana quando tomaram o pequeno almoço. E, naquela tarde, quando o motorista comunicou solenemente que o velho Ford coupê, de Frau von Gotthard fora roubado, Walmar chamou imediatamente a Polícia. O carro foi encontrado, naquela tarde, abandonado perto da estação de caminho-de-ferro e intacto. Alvitrava-se, em tom de mofa, que fora Gerhard o culpado, que tinha ido dar um vultinho. A Polícia tentava dissimular seu divertimento, e Gerhard sentiu-se ultrajado quando chamaram. Porém, o assunto ficou para ser resolvido em família, agradeceu-se a Polícia, e o carro voltou para a garagem.

- Mas eu não o levei, papai ! - Estava extremamente corado diante de Walmar.

- Não? Bom, nesse caso, acho que está tudo bem.

- Mas o papai acha que fui eu!

- Não tem importância. O carro está novamente na garagem. Todavia toma providências para que nem tu nem os teus amigos voltem a tentar a pedir emprestado a o carro da tua mãe. - Era um atitude que detestava tomar, mas

Não havia alternativa. Ariana compreendeu perfeitamente, e tentou consolar Gerhard enquanto o conduzia para fora da sala. - Mas é extremamente injusto! não fui eu! - Olhou-a então fixamente. - Foste tu?

- Com certeza que não. não sejas tonto. não sei conduzir.

- Aposto que sabes!

- Gerhard, não sejas tonto! - Subitamente desataram a rir e foram, de braço dado, pelas escadas acima, até aos seus quartos. Gerhard convencido de que fora ela.

Porém, apesar do comportamento jovial de Ariana para com o irmão, Walmar notava nela algo de muito estranho.

Andava mais calada que de costume de manhã e, quando voltava do liceu ou do trabalho voluntário a noite, escapulia-se imediatamente para o quarto. Era difícil puxar conversa com ela; finalmente, um semana depois de Max os ter deixado, procurou o pai no escritório, os olhos marejados de lágrimas.

- Já sabe alguma coisa, papai? - Ele compreendeu instantaneamente. Era o que receara.

- Não, nada. Mas saberemos. É capaz de levar algum tempo a arranjar um sítio para ficar e só depois é que nos diz.

- Não se sabe. - Deixou-se afundar na poltrona, junto a lareira. - Pode estar morto.

- Talvez. - A voz era triste e meiga enquanto a olhava. - E talvez não. Mas ele agora partiu, Ariana. Deixou-nos. Partiu para a sua própria vida, para onde quer que ela o leve. não podes ficar apegada a ele. Nós somos apenas um parte da antiga vida que ele deixou. - Assustava-o vê-la assim, e as palavras seguintes escaparam-se-lhe antes de as poder deter: - Estás apaixonada por ele?

Ariana virou-se, chocada com a pergunta. Nunca o pai lhe perguntara um coisa daquelas.

- Não sei. eu.... - Cerrou os olhos. Só que estou preocupada. Ele podia ter.... - Corou levemente e fixou o olhar no lume, relutante em contar-lhe a verdade.

- Compreendo. Espero que não estejas. É difícil pedir estas coisas, mas... - Como é o que é que lhe poderia dizer? - Em alturas como estas, o melhor é guardar o nosso amor para dias melhores. Em tempo de guerra, em circunstâncias difíceis, existe um sensação de romance que é muitas vezes irreal e pode ser fugaz. Podes voltar a vê-lo anos mais tarde e achá-lo muito diferente. Diferente do homem da semana passada de que te lembras.

- Compreendo. - Era por isso que ela tinha o cuidado de evitar qualquer envolvimento com os feridos do hospital onde trabalhava. - Sei disso, papai.- Ainda bem. - Suspirou profundamente enquanto a observava. Era outro momento crítico para ele. Outra bifurcação na estrada cada vez mais traiçoeira que eles percorriam. - Também podia ser perigoso amar um homem na posição de Max. Agora que fugiu, os nazis podem por-se em sua perseguição muito em breve. E, se te apegares a ele, também podes ser perseguida. Mesmo que nenhum mal te chegue, a dor disso pode destruir-te, como, de certa forma, a perda de Sarah quase o destruiu.

- Como podem eles punir alguém por causa de quem ama? - Estava com um ar irado. - Como podemos saber de antemão qual é o lado certo e qual o errado?

A pergunta infantil, tão ingênua, Porem tão certa, trouxe-lhe a memória a recordação de Cassandra a Ele avisara-a a ela sabia.....

- Papai? - Ariana viu-o ficar absorto em pensamentos. Parecia estar a milhares de quilômetros de distância.

- Tens de o esquecer. Pode ser perigoso para ti. Olhou-a com ar severo e os olhos dela nunca se desviaram dos dele.

- Foi perigoso para si ajudá-lo, papai.

- Isso é diferente. Muito embora tenhas um certa razão. Mas não estou ligado a ele pelo laço do amor.

Olhou-a então mais de perto. - E espero que também não estejas.

Ariana não respondeu, e ele encaminhou-se, finalmente, até a janela e olhou para o lago. Quase que se avistava o cemitério de Grunewald das suas janelas. No entanto conseguia ver o rosto dela na sua imaginação. O ar que apresentava quando a advertira. O mesmo ar da noite antes do suicídio.- Ariana, vou dizer-te um coisa que

nunca quis dizer-te. Acerca do preço do amor. Acerca dos nazis e acerca da tua mãe. - A voz era um murmúrio suave e distante. Ariana aguardava, perplexa, de olhos fixos nas costas do pai. Não se trata de qualquer juízo que eu faço dela, ou de um crítica. Não estou zangado. Não vou contar-te nada disto para te sentires envergonhada. Amo-os profundamente. Mas casamo-nos quando ela ainda era muito jovem. Amava-a, mas nem sempre a compreendi. Ela era, de certa forma, fogosidade no seu espírito. - Virou-se então para a encarar. - Sabes que quando nasceste quis ser ela própria a tomar conta de ti e não um ama? Era uma coisa sem precedentes. Achei que era um patetice. Por isso contratei Fraulein. Hedwig, e penso que alguma coisa se passou com ela. Depois disso ela parecia sempre um pouco perdida. - Virou-se novamente, fez uma curta pausa e depois prosseguiu: - Ao fim de dez anos de casados, ela conheceu alguém, um homem mais novo que eu. Era um escritor famoso, bem-parecido e inteligente, e apaixonou-se. Eu soube de tudo quase desde o início. Talvez até antes do início. As pessoas diziam-me que os tinham visto. E via algo de diferente nos olhos dela. Estavam outra vez algo agitados, felizes e vivos, uma coisa maravilhosa. - A voz transformou-se num sussurro. - E penso que, de certa forma, isso me fez amá-la mais.

A tragédia de Cassandra não foi a de estar apaixonada por outro homem que não o marido, mas a de o seu pai ter caído nas mãos dos nazis, e o homem que ela amava tão desesperadamente ser judeu. Adverti-a, para bem dela e dele, mas ela não o deixaria. Aliás, não deixaria nenhum dos dois. ·sua maneira era fiel aos dois. Não posso dizer que algum vez sofri efetivamente por causa da sua ligação a este homem. Continuava tão extremosa como antes para comigo, talvez mais ainda. Mas também era igualmente extremosa para com ele. Mesmo quando deixaram de publicar os trabalhos dele, mesmo quando se esquivavam dele, e finalmente a - A voz embargou-se e foi a custo que prosseguiu. Mesmo quando o mataram.

Ela estava com ele no dia em que o levaram. Levaram um mulher diferente das do seu tempo. havia uma certa noção de restos, bateram-lhe e, quando descobriram a tua mãe, eles a bateram-lhe e podiam até tê-la morto, só que ela pensou contar-lhes quem era, e deixaram-na sozinha. Veio para casa. E, quando aqui chegou, a única coisa que ela dizia era que me tinha humilhado e que tinha medo que nos fizessem mal. Sentia que tinha de oferecer a sua vida para proteger a nossa e que não conseguiria viver com aquilo que eles tinham feito a ela. Ausentei-me durante duas horas para ir a uma reunião e, quando cheguei a casa, estava morta. Na casa de banho dos aposentos dela, ao fundo do corredor.

Fez um gesto com a mão na direção dos aposentos que Max ocupara na semana anterior.

- Isto, Ariana, é a história da tua mãe, que amou um homem que os nazis queriam ver morto. Ela não suportaria a dura realidade que eles lhe tinham apresentado e não conseguiria viver com a infâmia, a brutalidade e o terror. Por isso a

- Virou-se para encarar a filha. - De certa forma, eles mataram-na. Da mesma maneira que se poderão atrever a matar-te, se optares por correr o risco de amar Max. não o faças a Oh, meu Deus, por favor, Ariana... não.... - Deixou cair o rosto entre as mãos e, pela primeira vez na vida, Ariana ouviu o pai chorar. Aproximou-se dele, tremula e silenciosa, e enlaçou-o firmemente entre os seus braços, as lágrimas dela a caírem em cima do casaco, enquanto as dele se misturavam com o ouro em pó dos cabelos dela.

- Desculpe a Oh, papai, desculpe. - Repetiu isto um serie de vezes, horrorizada com o que o pai lhe contara. Pela primeira vez na sua vida, a mãe tornara-se real. - Papai, não a por favor a desculpe a não sei o que aconteceu a estou confusa. Era um sensação tão estranha tê-lo aqui naquele quarto a na nossa casa, escondido, assustado. Queria ajudá-lo. Tive tanta pena dele.

- Também eu. - O pai levantou finalmente a cabeça. Mas tens de o esquecer. Um dia ter s um homem. Um homem bom, e espero que o homem certo. Ariana fez um ligeiro aceno com a cabeça, em silêncio, enquanto limpava a última torrente de lágrimas.

- Acha que o voltaremos a ver?

- Talvez um dia. - Os braços enlearam-se a volta da filha. - Tenho esperança que sim. - Ela acenou com a cabeça, e ali ficaram, o homem que perdera Kassandra e a moça que ela lhe deixara. - Por favor, minha querida, tem cuidado agora, enquanto estamos em guerra.

- Terei. Prometo. - Os olhos levantaram-se na direção dos dele, enquanto deixavam escapar um tênue sorriso.

Além disso, nunca o vou deixar.

Ao ouvir isto, Walmar riu-se baixinho. - E isso, minha querida, também mudar.

Duas semanas mais tarde, Walmar recebeu um carta no escritório. não tinha remetente e continha um simples folha de papel com um endereço rabiscado a pressa. Max estava em Lucerna. Foi a última vez que ouviu falar dele.

Capítulo 11

O verão passou tranqüilamente. Walmar andava atarefado no banco, e Ariana andava ocupada no hospital três vezes por semana. Com o liceu a não representar já um obstáculo, tinha mais tempo para o trabalho voluntário e para tratar da casa. Ela, Gerhard e o pai foram passar um semana de férias nas montanhas e, quando regressaram, Gerhard fez dezasseis anos. O pai anunciou, com um certo gozo, na manhã do dia do aniversário, que agora o seu filho já era um homem. Foi, aparentemente, também a opinião do exercito de Hitler, porque para a desesperada e última ofensiva do Outono de 1944 estavam a recrutar todos os homens e rapazes na idade da razão. Gerhard recebeu o aviso de que ia ser recrutado quatro dias depois do dia de aniversário que ele, o pai e a irmã haviam celebrado com tanta alegria. Tinha três dias para se apresentar.

- não acredito. - Olhou para o aviso por cima do pequeno almoço. já estava atrasado para o liceu. - Mas eles não podem fazer isso a pois não, papai? - O pai olhou-o com ar sombrio.

- Não estou certo. Veremos.

Mais tarde, naquela noite, Walmar visitou um velho amigo seu, um coronel, e ficou a saber que não se podia fazer nada.

- Precisamos dele, Walmar. Precisamos deles todos.

- As coisas estão assim tão Mas?

- Pior que isso.

- Compreendo.

Tinham falado sobre a guerra, a mulher do coronel e o banco de Walmar durante alguns instantes; Walmar voltara então resolutamente ao escritório, Quando se sentou no banco traseiro do Rolls Royce, conduzido pelo motorista, matutou no que tinha de fazer. não perderia o filho. já perdera o suficiente.

Quanto chegou ao escritório fez dois telefonemas. Regressou a casa a hora do almoço, tirou alguns papéis do cofre de parede no seu gabinete e regressou ao trabalho. Só chegou a casa depois das seis horas e encontrou os seus filhos no segundo piso, no quarto de Gerhard. Ariana estivera a chorar e o rosto de Gerhard estava coberto de terror e desespero.

- Não o podem levar, pois não, papai? - Ariana acreditava que o pai conseguia mover montanhas. Mas o seu olhar aparentava pouca esperança. O mesmo acontecia com o de Walmar quando respondeu baixinho.

- Sim, podem.

Gerhard não disse nada; manteve-se sentado, atônito com o que lhe acontecera. O aviso continuava aberto em cima da secretaria. Lera-o centenas de vezes desde aquela manhã. Dois outros rapazes da sua turma tinham também recebido avisos. Mas ele não falara nada do seu. O pai dissera-lhe para se manter calado, podia haver algum coisa que ele pudesse fazer.

- Então quer dizer que tenho de ir. - A voz era triste e sumida, e a irmã deixou escapar nova torrente de lágrimas.

- Sim, é isso que quer dizer, Gerhard. - Apesar do tom severo, olhou ternamente para os filhos. - Orgulha-te de servir o teu pais.

- Está louco? - Ele e Ariana olharam o pai com escandalizado horror.

- Tem calma. - Com estas últimas palavras fechou a porta do quarto de Gerhard. Pôs um dedo nos lábios, disse-lhes para se aproximarem e depois sussurrou baixinho: não tens de ir.

- Não? - Gerhard soltou um suspiro de júbilo. - Consegui dar um jeito nisto?

- Não. - Walmar abanou a cabeça com ar sério. - Não consegui. Vamos embora daqui...- O que? - Gerhard pareceu chocado um vez mais, mas o pai e a irmã trocaram olhares entendidos. Era como a fuga de Max há poucos meses atrás.

- Como é que iremos?

- Levo-te para a Suíça amanhã. Podemos dizer que estás farto de estar em casa. Só tens de te apresentar na quinta-feira, ainda faltam três dias.

Passamos a fronteira e deixo-te com amigos meus em Lausana, ou em Zurique, se tiver de ser. Depois venho buscar a tua irmã. - Olhou ternamente para a filha e tocou-lhe na mão. Talvez ela voltasse a ver Max.

- Por que razão é que ela não vem conosco? - Gerhard parecia perplexo, mas o pai abanou a cabeça.

- Não consigo tratar de tudo com muita rapidez e, se ela c ficar, não suspeitarão que estamos a sair daqui para sempre. De qualquer forma voltarei c dentro de um dia, e depois parto com ela para sempre. Mas vocês vão ter de ficar absolutamente calados acerca disto. As nossas vidas dependem disso. Compreendem? - Fizeram que sim com a cabeça. - Gerhard, pedi para me arranjam outro passaporte para ti. Podemos usá-lo na fronteira se tiveres de o fazer. Mas faça o que fizeres entretanto, quero que encares a ida para a tropa com resignação. Quero até que te mostres satisfeito. Isso também se aplica c em casa.

- Não confia nos criados? - Com os seus dezasseis de anos, Gerhard ainda era ingênuo. não via a preocupação de Berthold com o Partido, e a fé cega de Fraulein Hedwig em Adolf Hitler.

- Com as vossas vidas em jogo, não.

Gerhard encolheu os ombros.

- Está bem.

- Não façam nenhuma mala. Compraremos tudo o que precisarmos .

- Levamos dinheiro?

- Já tenho dinheiro. - Walmar preparara-se durante anos. - Só lamento termos esperado todo este tempo. Nunca devíamos ter regressado de férias. - Suspirou profundamente, mas Ariana tentou consolá-lo.

- Não podia saber, papai. Quando é que voltar da Suíça?

- Hoje é segunda-feira. Partimos de manhã e na quarta-feira a noite. E tu e eu partiremos na Quinta-feira a noite depois de ir ao banco. Podemos dizer que vamos jantar fora, e depois nunca mais voltaremos. Teremos de fazer uma pequena manobra de diversão que leve os criados a pensar que o Gerhard foi mobilizado para o exército sem se despedir. Contanto que a Anna e a Hedwig não entrem nos aposentos do Gerhard amanhã e quarta-feira, podemos dizer que ele saiu muito cedo na Quinta-feira de manhã para se despedir de alguém. Se tu e eu estivermos aqui, ninguém suspeitar de nada. Vou tentar estar a hora do jantar.

- Que lhes disse no banco?

- Nada. não terei de explicar a minha ausência. há suficientes reuniões secretas nos dias que correm que facilmente me podem servir de cobertura.

Tudo bem com vocês? está tudo claro?

A guerra está quase a acabar, meus filhos e, quando acabar, os nazis arrasarão tudo a passagem. não quero nenhum de vocês aqui para assistir a isso. É a altura de irmos. Levamos o resto das coisas mais tarde. Gerhard, encontramos-nos no café, ao virar da esquina do meu escritório, a as onze da manhã. Iremos daí até a estação de caminho-de-ferro. Percebido?

- Percebido. - O rapaz ficou subitamente com um ar grave.

- Ariana? Ficas aqui em cima amanhã e cuidas do Gerhard, está bem?

- Com certeza, papai. Mas como é que ele deixar a casa de manhã sem ser visto?

- Sair a as cinco, antes que alguém se levante. Certo, Gerhard?

- Certo, papai.

- Veste roupa quente para a viagem. Temos de fazer a última parte do percurso a pé.

- O papai também? - Ariana estava preocupada quando procurou os olhos do pai.

- Eu também. Sinto-me capaz de o fazer, obrigado. Provavelmente sentindo menos dificuldades que este rapaz. Pôs-se então de pé desgrenhou os cabelos do filho e preparou-se para sair do quarto. Sorriu-lhes, mas não houve quaisquer sorrisos de resposta da parte dos filhos. - Não se preocupem. Tudo decorrer em segurança. E um dia voltaremos - Mas quando ele fechou a porta atrás de si, Ariana perguntou a si própria se voltariam algum dia.

Capítulo 12

- Frau Gebzen. - Walmar von Gotthard olhou com um ar imperial para a sua secretaria, o chapéu de feltro na mão. Estarei em reuniões o resto do dia.

Sabe a onde vou.

- Com certeza, Herr von Gotthard.

- Muito bem. - Saiu rapidamente da sala. Ela não sabia onde é que ele ia. Mas achava que sabia. Ao Reichstag, com certeza, para se reunir novamente com o ministro das Finanças. E, se não aparecesse no dia seguinte, ela deduziria que as reuniões tinham prosseguido. Ela entendia essas coisas.

Walmar sabia que escolhera a altura ideal para a saída. O ministro das Finanças encontrava-se em França, a discutir a situação das finanças do Reich em Paris e a fazer o inventário do enorme número de quadros que iam enviar para Berlim. Um dádiva caída do céu para o Reich.

Dissera ao seu motorista para não esperar por ele naquela manhã, dobrou rapidamente a esquina e encaminhou-se para o café, dos trabalhadores.

Gerhard saíra de casa, como combinado, a as cinco da manhã, com um beijo da irmã e um olhadela por sobre o ombro para a casa onde crescera, antes de percorrer os cerca de dezanove quilômetros até ao centro de Berlim.

Quando Walmar entrou no café, viu o filho aí mas não deu qualquer sinal de reconhecimento. Limitou-se a caminhar em direção a casa de banho dos homens, o rosto escondido pelo chapéu de feltro, a pasta na mão. Um vez por detrás da porta trancada da casa de banho desenvencilhou-se rapidamente do facto e vestiu um velho par de calças de trabalho que tirara da garagem. Pôs um camisola por cima da camisa, um gorro vulgar na cabeça e um casaco quente, c meteu o facto na pasta. Empurrou, com algum brutalidade, o chapéu de feltro para baixo do lixo. Pouco depois juntou-se a Gerhard e, com um leve aceno de cabeça e um cumprimento grosseiro, fez-lhe sinal para ir.

Apanharam um táxi até a estação de caminho-de-ferro e ficaram rapidamente perdidos no meio da compacta multidão. Vinte minutos mais tarde, estavam no comboio com destino a fronteira, a papelada para a viagem em ordem, as identidades fora de quaisquer suspeitas, os rostos dissimulados. Walmar sentia-se cada vez mais orgulhoso de Gerhard, que desempenhara o seu papel na perfeição. Foi fugitivo durante a noite, mas aprendeu depressa a desenvencilhar-se.

- Fraulein Ariana? a Fraulein Ariana? - Batiam bruscamente a porta. Era Fraulein Hedwig, que lançou um olhar perscrutador ao rosto de Ariana quando esta abriu

cuidadosamente a porta. Mas Ariana pôs de pronto um dedo nos lábios para que Hedwig se calasse, e juntou-se rapidamente a ela no corredor.

- O que se passa?

- Chiu vais acordá-lo. O Gerhard não está a sentir-se bem.

- Tem febre?

- Acho que não. Penso que é mais um forte constipação.

- Deixe-me vê-lo.

- Não posso fazer isso. Prometi-lhe que o deixaríamos dormir o dia todo. está com medo de ficar muito doente e não poder ir para a tropa na Quinta-feira. Ele só a quer curar a dormir.

- Com certeza. Compreendo. não acha que devíamos chamar o médico?

Ariana abanou a cabeça.

- Não, a não ser que piore.

Fraulein Hedwig fez um ligeiro aceno com a cabeça, satisfeita por o seu jovem protegido estar tão ansioso por servir o seu país.

- É um excelente rapaz.

Ariana soltou um sorriso benevolente como resposta e beijou a velha senhora na face.

- Graças a ti.

Hedwig corou com o cumprimento de Ariana.

- Acha que lhe traga chá?

- Não, está tudo bem. Eu logo faço. Agora está a dormir.

- Bem, diga-me se ele precisar de mim.

- Eu digo, prometo.

- Por favor. - E, de imediato, Fraulein Hedwig continuou o seu caminho.

Duas vezes naquela tarde e um durante a noite, ela ofereceu os seus serviços a Ariana, mas, de cada um das vezes, Ariana insistira em dizer que o irmão acordara, comera algum coisa e voltara a adormecer. A noite de terça-feira já ia avançada, e ela só tinha de fazer o seu papel até ao regresso do pai, na quarta-feira a noite. Depois disso, teriam o caminho livre. O pai poderia dizer que levava Gerhard para a tropa, ao raiar do dia. A única coisa que tinham de fazer era não levantar suspeitas na quarta-feira. Era apenas um questão de vinte e quatro horas. Ela conseguia fazê-lo. E, na quinta-feira a noite, ela e o pai também partiriam. Sentia o corpo cansado e dorido quando desceu as escadas, ao fim da noite de terça-feira. Fora arrasante ouvir durante todo o dia Hedwig ou Anna a inventar todo o tipo de estratégias, sem arredarem pé de junto do quarto de Gerhard. Precisava de escapar do segundo andar, quanto mais não fosse por alguns minutos. Assim, escapuliu-se para dentro do escritório do pai e sentou-se a olhar para as cinzas na lareira. Ele estivera ali de manhã? Fora ali que ele fizera a sua fugaz despedida? A sala parecia diferente sem ele: os papéis cuidadosamente

arrumados em cima da secretaria, os livros alinhados, por ordem, na estante. Pôs-se de pé e olhou para o lago, recordando-se das palavras dele quando se despedira:

- Não te preocupes. Voltarei depois de amanhã. E o Gerhard ficar bem.

- Não é o Gerhard que me preocupa. O pai é que me preocupa.

Não sejas tonta. não confias no teu velho pai? Mais que ninguém.

Ótimo; porque é precisamente essa a confiança que tenho em ti. E é por isso, minha querida Ariana, que vou mostrar-te agora algumas coisas que um dia te podem ser muito úteis. são coisas que precisas de saber. - Mostrara-lhe o cofre secreto no quarto dele, outro na biblioteca principal, e o último no quarto da mãe, onde ele ainda guardava todas as jóias dela. - Um dia, elas serão suas.

- Porquê agora? - As lágrimas afloraram-lhe aos olhos. não queria que ele lhe mostrasse tudo aquilo naquele momento. não no dia em que ia fazer desaparecer Gerhard.

- Porque te amo, e quero que saibas como tomar conta de ti própria se houver necessidade disso. Se acontecer algum coisa, tens de lhes dizer que não sabias de nada. Diz-lhes que pensavas que o Gerhard estava doente lá em cima e que não fazias idéia de que tinha fugido. Diz-lhes o que tiveres de dizer. Mente. Mas protege-te, com a tua perspicácia e com isto. - Mostrou-lhe um pequena pistola e um dúzia de maços de notas novinhas. - Se a Alemanha perder a guerra, não valerão nada, mas as jóias da tua mãe poderão sempre fazer face a as tuas necessidades. - Mostrou-lhe então o falso volume de Shakespeare, dentro do qual estavam o anel de esmeralda, que fora o anel de noivado dela, e o anel de diamantes com sinete, que ela usava na mão direita.

Quando Ariana o viu, estendeu irrefletidamente a mão para lhe tocar. O brilho era-lhe familiar. Lembrava-se de o ver na mão da mãe muitos anos antes. - Ela andava sempre com ele. - havia algo de sonhador na voz do pai quando ambos olhavam para o anel de diamantes com sinete.

- Ainda me lembro.

- A sério? - Pareceu surpreendido. - Lembra-te que ele fica aqui, se precisares. Use-o bem, minha querida, e prestar s um bom serviço a memória dela.

Enquanto recordava aquilo que se passara de manhã, percebeu que o facto de estar no escritório do pai não o traria de volta mais depressa do que se fosse para a cama, lá em cima. E tinha de se levantar cedo para retomar a vigília, com receio de que o excesso de zelo de Fraulein, Hedwig a levasse a ver Gerhard com os seus próprios olhos.

Sem fazer qualquer ruído, apagou as luzes do escritório, fechou a porta e voltou para cima.

Na estação de Mellheim deu um pequeno toque com o Cotovelo em Gerhard, que dormia calmamente no assento. Tinham estado no comboio durante quase doze horas, e o rapaz estivera a dormir durante quatro. Estava com um ar tão jovem e inocente, a

cabeça tombada, enfiada no canto da janela. Os soldados tinham vindo a bordo em várias estações, e os seus documentos tinham sido verificados duas vezes. Walmar referira-se a Gerhard como seu jovem amigo; os documentos estavam em ordem, e quando falara com, os militares, o tom de voz fora atencioso e o sotaque vulgar. Gerhard pouco dissera, arregalando os olhos com receio dos soldados, e um deles despenteara-o e prometera-lhe, em tom de mofa, um comissão de serviço para breve. Gerhard soltara um sorriso cativante e os dois homens uniformizados continuaram o seu caminho.

Em Mellheim não entrou ninguém e a paragem foi breve, mas Walmar queria-o acordado antes de chegarem a Lorrach, a sua última paragem. Ele acordaria rapidamente, em qualquer caso, com o ar frio da noite. Tinham então um caminhada de cinco quilômetros e meio, e depois o grande desafio: atravessar a fronteira e chegar a Basiléia o mais cedo possível. De lá apanhariam um comboio até Zurique. Walmar decidira deixá-lo lá, estaria a salvo na Suíça. Voltaria dois dias depois com Ariana, e então poderiam ir todos até Lausana. Estava ansioso por voltar para junto de Ariana logo que pudesse. Ela não conseguiria manter a invenção eternamente, e o mais importante era chegar com Gerhard são e salvo a Zurique. Mas, primeiro Lorrach e a longa caminhada. Eram cerca de onze quilômetros de Mellheim a Lorrach, e, meia hora depois de Gerhard se remexer, ensonado, no assento e de olhar distraidamente a sua volta, o comboio parou. Era o fim da linha para eles. Um e meia da madrugada, com um punhado de outros, desceram do comboio e, por instantes, Walmar sentiu as pernas a tremer com a sensação pouco familiar de terra firme. Mas não disse nada a Gerhard, limitou-se a puxar o gorro para baixo, a gola para cima, fez um gesto na direção da estação, e puseram-se em marcha. Um homem idoso e um rapaz a caminho de casa.

Com as roupas grosseiras, não pareciam estranhos em Lorrach, só as mãos cuidadosamente tratadas e os cabelos bem aparados de Walmar os teriam denunciado, mas ele usara o gorro durante toda a viagem e tratara de sujar as mãos na estação empoeirada antes de deixarem Berlim.

- Estás com fome? - Olhou de soslaio para Gerhard, que bocejou e encolheu os ombros.

- Estou bem. E o papai?

- O pai sorriu.

- Toma. - Tirou do bolso um maça, que guardara do almoço que comprara no comboio, e deu-lha. Gerhard mastigou-a ruidosamente enquanto caminhavam ao longo da estrada. não havia ninguém a vista.

Levaram cerca de cinco horas para cobrir os cerca de cinco quilômetros e meio. Gerhard teria coberto a distância mais depressa, mas Walmar não conseguia andar com a mesma rapidez da sua juventude. No entanto, para um homem de quase setenta

anos, desenvencilhara-se bastante bem.

Aperceberam-se então de que tinham chegado a fronteira. Quilômetros de vedação e arame farpado. Ao longe ouvia-se o ruído surdo e prolongado de patrulhas. Tinham saído da estrada duas horas antes. Mas no escuro, antes da primeira luz da alvorada, pareciam dois camponeses madrugadores. Sem sacos de viagem que atraíssem as suspeitas, só a pasta de Walmar, que ele teria de atirar para o meio dos arbustos se ouvissem alguém a aproximar-se. Tirou rapidamente um alicate de cortar arame do bolso perante o olhar vigilante de Gerhard e, enquanto cortava, o rapaz segurava os arames. Ao fim de poucos minutos já havia um buraco suficientemente grande para eles conseguirem passar de rastos.

Walmar sentiu o Coração a bater mais depressa a Se fossem apanhados, seriam abatidos a não estava preocupado consigo agora, mas com o rapaz a Atravessaram a toda pressa a barreira de arame farpado, e ele ouviu o casaco a rasgar-se, mas pouco depois estavam ambos na Suíça, junto a um maciço de árvores num terreno. Walmar fez um sinal com a mão, e começaram ambos a correr, precipitando-se por entre as árvores, durante aquilo que pareceriam horas, até se deterem finalmente. Mas ninguém os ouvira. Walmar sabia que teria sido muito mais difícil atravessar a fronteira um ou dois anos antes, mas nos últimos meses o exercito estivera Tão desesperadamente necessitado de soldados que havia cada vez menos patrulhas na fronteira Suíça.

Caminharam durante mais meia hora, chegando a Basileia ao raiar do dia. Vislumbrava-se um espetacular nascer do Sol nas montanhas e, por instantes pararam a apreciar as várias tonalidades de malva e rosa que raiavam o céu. Pensou, naquele momento que nunca se sentira Tão livre. Passariam ali um vida ótima até a guerra acabar, e talvez até durante mais tempo.

Com os pés doridos, chegaram a estação de caminho-de-ferro, ainda a tempo de apanhar o primeiro comboio. Walmar comprou dois bilhetes para Zurique e recostou-se no assento para descansar. Fechou os olhos e sentiu o sono a tomar conta de si. Pareceu-lhe só se terem passado alguns minutos quando Gerhard lhe deu um puxão no braço. Durante a viagem de quatro horas e meia, admirando a deslumbrante paisagem do vale Frick, Gerhard não quisera acordá-lo.

- Papai a acho que chegamos.

Walmar olhou a sua volta, ensonado, vendo a familiar Balinhof Platz e a catedral de Grossmenster ao longe; em fundo vislumbravam-se as montanhas de Uetliberg. Naquele momento sentiu-se como em casa.

- Chegamos. - Quando desceram, são e salvos, do comboio em Zurique, apesar das costas cansadas e das pernas doridas, Walmar apeteceu-lhe pegar no braço do filho e dançar. Em vez disso, um sorriso iluminou-lhe o rosto e pôs um braço por sobre os ombros do filho. Conseguiram. Estavam livres. A vida de Gerhard estava agora assegurada. Nunca serviria no exercito de Hitler. Nunca matariam o seu filho.

Caminharam rapidamente até um pequena pensão de que Walmar se lembrava vagamente. Almoçara lá um vez enquanto esperava por um comboio. E ainda estava no mesmo sítio: pequena, discreta, pacata, simpática. Era um lugar onde podia deixar Gerhard a vontade enquanto voltava para as suas derradeiras horas em Berlim.

Tomaram um pequeno almoço gigantesco e depois Walmar levou-o até ao quarto. Olhou em volta, satisfeito, e depois virou-se para o rapaz que ficara adulto em tão poucos dias. Foi um momento precioso entre pai e filho. Foi Gerhard que falou primeiro, olhando com os olhos úmidos de admiração para o pai que o pusera a salvo, cortara arame farpado, atravessara a fronteira e o trouxera até ali.

- Obrigado, papai a obrigado. - Enlaçou os braços a volta do pescoço do pai. Era este o pai que os seus amigos chamavam, em tom de mofa, velho. Mas não era um velho que abraçava, era um homem que teria calcorreado nontanhas, descalço e a sangrar, para salvar o filho. Durante um longo instante, Walmar abraçou-o e depois afastou-o lentamente.

- Está tudo bem. Agora estás em segurança. Ficarás bem aqui. - Encaminhou-se prontamente até a secretaria modesta, puxou de um bocado de papel e da caneta de ouro cuidadosamente escondida. - Vou dar-te o endereço e o número de Herr Meller para o caso de eu e a Ariana nos demorarmos. - O rosto do rapaz turvou-se, mas Walmar ignorou os receios dele. - É apenas um medida de precaução. - Nunca pensou dar-lhe o número de Max. Era muito perigoso. O outro homem era um banqueiro que Walmar conhecia bem. - E vou deixar-te a minha pasta. Tem documentos e algum dinheiro. Penso que não vais precisar de muito dinheiro para os próximos dois dias. - A única coisa que ia levar consigo era um pequena carteira cheia de notas; não podia levar nada que o pudesse identificar, caso o mandassem parar na estrada. Desta vez seria mais difícil. Seria a luz do dia, mas não queria arriscar em adiar o regresso para junto de Ariana. Queria estar junto dela nessa noite. Voltou-se então para Gerhard e viu que o rapaz estava a chorar. Abraçaram-se de novo e despediram-se. - Não fiques preocupado. Vai dormir um soneca. Quando acordares, janta bem e vai dar um volta. Este é um país livre, Gerhard, não há nazis nem braçadeiras. Diverte-te. Eu e a Ariana devemos c chegar amanhã a noite.

- Acha que a Ariana consegue fazer aquela caminhada desde Lorrach? - Até para eles fora dura.

- Ela vai conseguir. Vou dizer-lhe para não trazer aqueles sapatos extravagantes de salto alto. Gerhard sorriu então por entre as lágrimas e deu um apertado abraço ao pai pela última vez.

- Posso acompanhá-lo até a estação?

- Não, homenzinho, o que podes fazer agora é ir para a cama.

- E o papai? - Estava com um ar exausto, mas Walmar só abanou a cabeça.

- Durmo na viagem de regresso até Basileia, e provavelmente durante toda a

viagem até Berlim.

Trocaram então um longo e severo olhar. não havia mais nada a dizer.

- Auf Wiedersehen, papai - disse Gerhard em voz baixa, enquanto o pai lhe acenava com a mão e descia apressadamente as escadas que davam para o vestíbulo principal da pensão. Tinha dez minutos para apanhar o comboio para Basileia. Correu até a estação, a tempo de comprar o bilhete e embarcar. Na pensão, Gerhard estava estendido em cima da cama, quase a dormir.

Capítulo 13

- Como é que ele está? - Fraulein Hedwig lançou um olhar preocupado a Ariana quando esta veio buscar os tabuleiros do pequeno almoço ao corredor.

Com um ar tranquilizador estampado no rosto, Ariana sorriu para a sua velha ama.

- Ele está muito melhor, mas ainda tem um pouco de tosse. Acho que com mais um dia de cama fica bom.

- Com isso e com um visita do médico, Fraulein Ariana. não queremos que ele vá apresentar-se com pneumonia. Seria um excelente ajuda que daríamos ao Reich.

- É pouco provável que seja pneumonia, Fraulein Hedwig, - Ariana olhou-a com ar simpático mas com altivez. E, se o mau humor dele é sinal de que está a melhorar, então deve estar em boa forma para o Reich. - Fez menção de reentrar nos seus aposentos com o tabuleiro do irmão. Viria, daí a pouco, buscar o seu, mas Fraulein Hedwig já o tinha na mão. - Deixe, Fraulein, já o venho buscar.

- Não seja tão independente, Ariana. Se tem estado a tomar conta dele desde ontem, acredite, precisa de ajuda. Fraulein Hedwig resmungou algo por entredentes, e pousou o tabuleiro de Ariana na pequena sala de estar.

- Obrigada, Fraulein. - Ficou expectante, aguardando que a velha ama saísse.

- Por favor. - Ela estendeu os braços para o tabuleiro que Ariana ainda segurava. - Eu levo o dele.

- Ele não vai gostar disso. Verdade, é melhor não. A forma como agarrava no tabuleiro era firme. - Sabe como ele detesta ser tratado como um bebe.- Não como um bebê, Fraulein. Ariana, como um soldado. É o mínimo que posso fazer. - Com ar severo ia pegar no tabuleiro.

. - Não, obrigada, Fraulein Hedwig. Tenho ordens para Isso. Ele fez-me prometer que eu não deixaria entrar outra pessoa qualquer.

- Eu não sou um outra pessoa qualquer, Fraulein.

A ama empertigou-se. Em qualquer outra ocasião, Ariana teria ficado intimidada. Neste caso não estava disposta a que a velha ama levasse a sua avante.

- Com certeza que não é um pessoa qualquer, mas sabe como ele,- Dá a sensação de que está ainda mais difícil do que habitualmente. Acho que a tropa lhe fará bem.

- Hei de dizer-lhe que disse isso dele. - Ela sorriu de modo jovial. Levou rapidamente o tabuleiro para o quarto de Gerhard e fechou a porta. Pousou instantaneamente o tabuleiro, encostando todo o seu peso contra a porta com receio de que Fraulein Hedwig persistisse, mas, pouco depois, Ariana ouviu a porta que dava

para a sala de estar a fechar-se e deixou escapar um longo suspiro de alívio. Esperava que o pai chegasse a hora prevista. Seria impossível manter Hedwig a distância durante muito mais tempo.

Naquela manhã sentou-se, com ar nervoso, na sala de estar. Finalmente pôs ambos os tabuleiros no corredor, na soleira da porta, com sinais evidentes de terem sido remexidos. Agradeceu a Anna um pilha de toalhas lavadas, e agradeceu a Deus por Hedwig só ter aparecido ao fim da tarde.

- Como é que ele está?

- Muito melhor. Penso que estar apto para a tropa amanhã. E talvez rebente com o quarto antes de ir. Estava a falar em ir buscar o equipamento de química para uma última experiência.

- É só o que nos faltava. - Lançou um olhar de desaprovação a Ariana. Não gostava do modo despótico como a moça se estava a comportar. Aos dezanove anos podia ser já uma mulher adulta, mas não o era para Fraulein Hedwig. Diga-lhe que ele lhe deve uma explicação por se esconder desta maneira no quarto, como um menino de escola mimado.

- Eu digo-lhe, Fraulein Hedwig.

- Veja lá se lhe diz. - Saiu de novo, com ar altivo, desta vez subindo para o seu quarto no terceiro piso. Vinte minutos mais tarde, Ariana ouviu outra pancada determinada na porta da sala de estar. Esperando ver Hedwig abriu a porta com um sorriso nervoso. Mas desta vez era Berthold, ainda a arquejar da longa subida de dois lances de escadas.

- É uma chamada telefónica do escritório do seu pai. Parece ser urgente.

Desce? - Por instantes, Ariana hesitou: deveria abandonar o seu posto de guarda? Mas, afinal de contas, Hedwig já fora afugentada. O quarto ficaria em segurança durante alguns minutos. Precipitou-se atrás de Berthold e atendeu a chamada no recanto da parede, no vestíbulo principal.

- Sim?

- Fraulein von Gotthard? - Era Frau Gebzen, a secretária do pai no banco.

Sim, há algum problema? - Talvez tivesse notícias do pai. Teria havido alguma mudança de planos?

- Não sei, desculpe mas não quero preocupá-la, mas o seu pai a supus a ele referiu algo quando saiu ontem de manhã. Eu pensei que ele estivesse com o ministro das Finanças, mas sei agora que não esteve.

- Tem a certeza? Talvez uma outra reunião. Isso tem alguma importância?

- Não sei. Tivemos uma chamada urgente de Munique, e tive de contactá-lo, mas ele não se encontrava em casa. O ministro está em Paris e tem lá estado toda a semana.

- Então talvez a senhora não o tenha compreendido bem. Onde é que ele está agora? - O coração batia com mais força.

- Foi por isso que telefonei. não veio esta manhã e, se não esteve com o ministro das Finanças, onde é que está? Sabe?

- Com certeza que não. está provavelmente num outra reunião. Estou certa de que lhe telefonar mais tarde.

- Mas ele não telefonou durante todo o dia, Fraulein. Ela parecia vagamente embaraçada; afinal de contas, Ariana ainda era um jovem. - O Berthold disse que ele não veio para casa a noite passada.

- Frau Gebzen, queria tomar a liberdade de lhe lembrar que o paradeiro noturno do meu pai não é da sua conta, nem da do Berthold, nem da minha. - A voz abalada por um adequado tom de revolta, pelo menos assim parecia; o que era facto é que se tratava de medo puro.

- Naturalmente, Fraulein. Peço imensa desculpa, mas a chamada de Munique a e eu estava preocupada, pensei que talvez tivesse tido um acidente. não é costume o seu pai não telefonar.

- A não ser que esteja num reunião secreta, Frau Gebzen. O ministro das finanças pode não ser o único homem importante com quem o meu pai desaparece. Realmente não compreendo por que razão é que isso é tão importante. Diga aos de Munique apenas que ele não se encontra contactável momentaneamente e, logo que chegue a casa, digo-lhe para ligar a senhora.

Estou certa de que não demora.

- Espero que tenha razão.

- Tenho absoluta certeza disso.

- Muito bem, então peça-lhe para telefonar, por favor.

- Certamente.

Ariana desligou cuidadosamente o telefone, esperando que não se vislumbrasse qualquer sinal de terror enquanto subia as escadas. Fez um pausa no primeiro patamar para controlar a respiração antes de prosseguir. E, quando chegou ao segundo patamar, viu a porta que dava para a sala de estar entreaberta. Abriu-a apressadamente, encontrando Berthold e Hedwig em conferência, de semblantes carregados, em frente da porta aberta do quarto do irmão.

- O que é que estão aqui a fazer? - perguntou quase a gritar.

- Onde é que ele está? - A voz de Hedwig era urna acusação, os olhos frios como gelo.

- Como é que sei? está provavelmente escondido lá em baixo. Mas lembro-me de lhe ter pedido claramente.

- E onde está o seu pai? - Agora era a vez de Berthold.

- Desculpem-me, mas o paradeiro do meu pai não é da minha conta, nem da sua, Berthold. - Mas, ao encará-los, o rosto ficou pálido de morte. Rezou para que a voz não tremesse e a denunciasses a Hedwig, que a conhecia bastante bem. - E quanto ao

Gerhard, provavelmente foi a algum lado. Estava aqui da última vez que o vi.

E quando foi isso? - Os olhos de Hedwig encheram-se de desconfiança. - Aquele menino nunca fez a cama na vida.

- Fi-la eu. E agora, se me desculpam, gostaria de dormir um pouco

- Certamente, Fraulein. - Berthold fez um vência e fez sinal a Hedwig para o seguir. Quando saíram, Ariana sentou-se, pálida e a tremer, na poltrona favorita de Gerhard. Oh, meu Deus, que aconteceria agora? Com as mãos pressionadas contra a boca e os olhos fechados, um profusão de imagens aterradoras passaram-lhe atabalhoadamente pela cabeça. Mas nenhum delas era tão aterradora como aquilo que aconteceu meia hora depois, quando se ouviu um pancada firme na porta.

- Agora não, estou a descansar.

- Está mesmo, Fraulein? Então tem de desculpar esta minha intrusão nos seus aposentos. - O homem que falou com ela não era nenhum criado, mas um tenente do Reich.

- Como disse? - Pôs-se de pé atônita, ao mesmo tempo que ele entrava. Ser que vinham buscar Gerhard? Que estava ele ali a fazer? E não era só o tenente. Reparou, enquanto ele entrava com ar determinado no quarto, que havia mais soldados a andar de um lado para o outro no corredor do segundo piso.

- Tenho de lhe apresentar as minhas desculpas, Fraulein.

- De modo nenhum, tenente. - Ariana estava de pé com um ar decidido, a fazer um carrapito com os finos cabelos louros. Pôs um camisola de caxemira a em volta dos ombros e tentou andar, sem pressas, em direção da porta.

Importa-se se falarmos lá em baixo?

- Com certeza que não. - Fez um ligeiro gesto de aquiescência com a cabeça. - De caminho, traga o seu casaco.

- O meu casaco? - O coração batia aceleradamente.

- Sim. O capitão acha que, se a menina for ter com ele ao seu gabinete, as coisas talvez se resolvam mais depressa do que se ele viesse c tomar chá. - Os olhos brilhavam, antipáticos, e ela sentiu um súbito ódio daqueles olhos frios Aquele homem era um nazi dos quatro costados, desde as lapelas do uniforme até a as profundezas da alma.

- Passa-se algum coisa, tenente?

- Talvez. Deixaremos que a menina nos elucide. - Teriam apanhado Gerhard e o pai? Não, não podia ser. não queria acreditar nisso enquanto o seguia, com aparente calma, até ao primeiro piso. E compreendeu então: eles tinham vindo interrogá-la, mas não sabiam nada. Ainda não. E ela não tinha nada que lhes dizer. Fosse o que fosse.

Capítulo 14

- E pensava que o seu pai estava numa reunião secreta, Fraulein von Gotthard? A sério? Que interessante. Com quem? - O capitão Dietrich von Rheinhardt examinou-a com interesse. Era uma moça muito bonita.

Hildebrand dissera-lho ainda antes de entrar com ela no gabinete. E fria, para uma moça tão jovem. Aparentava um ar absolutamente sereno, uma senhora desde o alto dos reluzentes cabelos louros até à ponta dos sapatos de pele de crocodilo. Com quem é que pensava que o seu pai estava reunido? Isto durava há quase duas horas, desde que a haviam metido no enorme Mercedes preto e conduzido até à Känigplatz, onde se erguia, com todo o seu sinistro esplendor, o Reichstag com as suas seis colunas, e onde entraram com ela à toda a pressa, conduzindo-a até àquele impressionante gabinete. Era o gabinete do oficial de comando, e gelara muita gente antes dela até aos ossos.

No entanto, Ariana não mostrou quaisquer sinais de terror, de raiva, de exasperação. Limitou-se a responder às perguntas deles, delicada e calmamente, com aquele ar imperturbável e refinado, um sem número de vezes.

- Não faço a mínima ideia com quem é que o meu pai esteve reunido, capitão. Ele não partilha os seus segredos profissionais comigo.

- E acha que ele tem segredos?

- Só em termos do trabalho que ele faz para o Reich.

- Que encantadora resposta. - E, depois, enquanto se recostava para trás e acendia um cigarro: - Toma um chá? Por instantes, apeteceu-lhe responder que lhe tinham dito que não queriam tomar chá, e que foi por isso que a tinham trazido até aqui, mas limitou-se a abanar a cabeça delicadamente.

- Não, obrigada, capitão.

- Talvez um xerez?

As amabilidades para com Ariana eram uma perda de tempo. Ela não conseguia estar à vontade ali, com um gigantesco retrato de Hitler a olhá-la fixamente.

- Não, obrigada, capitão.

- E estas reuniões secretas do seu pai? a Fale-me delas.

- Não disse que ele tinha reuniões secretas. Só sei que chega tardíssimo à casa algumas noites. - Estava a ficar cansada e, apesar dos seus esforços, começavam a surgir sinais de tensão.

- Talvez uma senhora, Fraulein?

- Desculpe, capitão. não sei.

- Certamente que não. Que insolência a minha sugerir isso. - Vislumbrava-se algo

horrível, tempestuoso e cruel a faiscar-lhe no olhar. - E o seu irmão, Fraulein? Ele também vai a as reuniões secretas?

- Com certeza que não, só tem dezasseis anos.

- Mas ele também não participa em reuniões de juventude, pois não? Pois não, Fraulein? É possível, então, que a sua família não nutra assim tanta simpatia para com o Reich como nós pensávamos?

- Não é verdade, capitão. O meu irmão teve montes de problemas com os estudos, assim como com a asma, e naturalmente a desde a morte da minha mãe a - Diminuiu a intensidade da voz, esperando assim desencorajar mais perguntas, mas isso não passou de esperança.

- E quando é que a sua mãe morreu?

- há dez anos, capitão. - Graças a pessoas como o senhor.

- Compreendo. Que comovedor é o rapaz ainda se lembrar da mãe. Deve ser um jovem muito sensível.

Ariana fez que sim com a cabeça, sem saber o que responder, e desviou o olhar.

- Demasiado sensível para o exercito, não acha, Fraulein? Pode ser que ele e o pai tenham desertado da pátria nesta hora final de necessidade?

- Pouco provável. Se tivessem feito isso, por que razão é que me deixariam aqui?

- Diga-me, Fraulein. E, enquanto pensa nisso, talvez possa dizer-me qualquer coisa acerca de um amigo chamado Max. Maximilian Thomas. Um homem novo que costumava visitar o seu pai de vez em quando, ou ser que era a menina que ele visitava?

- Ele era um velho amigo do meu pai.

- Que há apenas cinco meses fugiu de Berlim. É interessante que desapareceu precisamente na mesma noite em que um dos carros do seu pai foi roubado, e depois encontrado de novo, naturalmente, são e salvo, junto a estação de caminho-de-ferro, em Berlim. Um feliz coincidência, certamente. - Oh, meu Deus, ser que eles sabiam o que se passara com Max? Ser que, afinal de contas, tinham associado o pai a quilo?

- Penso que o carro roubado não teve nada a ver com o Max.

Deu um prolongada puxada no cigarro.

- Agora vamos falar mais um pouco acerca do seu irmão, Fraulein. Onde é que supõe que ele possa estar? - Falava com a voz cadenciada de alguém a falar para atrasados mentais ou para um criança. - Compreendo que tenha estado a ajudá-lo a debelar um forte constipação nos últimos dois dias.

Ariana abanou ligeiramente a cabeça.

- E então, miraculosamente, quando a menina desceu para atender o telefone no piso de baixo, o rapaz desapareceu. Muito aborrecido, claro. O que pergunto a mim próprio é se ele não desapareceu há mais dias. Talvez ontem de manhã, por volta da hora em que o seu pai foi visto pela última vez no escritório? Que espécie de

coincidência é que supõe que possa haver? - Eu diria que isso é muito pouco provável. Esteve em casa todo o dia de ontem, a noite passada e esta manhã, no quarto dele.

- E que sorte a dele ter um irmã devotada como a menina julgo que o guardou com o zelo que um jovem leoa guarda as suas crias. - Quando ele disse isso,

um arrepio de frio percorreu-lhe a espinha. Só havia um maneira de ele ter podido saber isso. Através de Hedwig ou de Berthold. Sentiu urna onda de nojo apoderar-se dela quando percebeu a realidade. Pela primeira vez, Ariana sentiu toda a força dos factos. Subitamente começou a ficar enfurecida por a terem traído. Mas não podia dar a entender. Tinha de entrar no jogo, a qualquer preço.

O capitão continuou a pressioná-la implacavelmente. - Sabe, Fraulein, o que acho intrigante é o seu pai e o seu irmão terem fugido e terem-na deixado aqui, talvez para livrar o rapaz da tropa, ou talvez por outras razões ainda mais maliciosas. Mas seja qual for a razão, parece que a abandonaram aqui, minha querida. E no entanto, ainda os protege. Ser por saber que o seu pai ainda volta? Presumo que é o que deve ser. Caso contrário não compreendo a sua relutância em falar.

Pela primeira vez falou para ele num tom irritado; a tensão do interrogatório estava finalmente a esfrangalhar-lhe os nervos.

- Estamos aqui a falar um com o outro há quase duas horas, mas simplesmente não tenho as respostas para as perguntas que me fez. As suas acusações são infundadas, e a presunção de que o meu irmão e o meu pai fugiram e me deixaram é ridícula. Por que razão é que eles fariam isso?

- Na verdade, minha querida senhora, não acho que o fizessem. E é precisamente por essa razão que vamos esperar para ver. E, quando o seu pai voltar, trataremos do negócio.

- Que tipo de negócio? - Ariana olhou para Von Rheinhardt com um ar de suspeito.

- Um pequena transação, digamos. A sua encantadora filha por a bem, não discutamos os pormenores. Terei imenso prazer de discutir isso com o seu pai quando ele voltar. E agora, Fraulein, vai-me desculpar, vou mandar o tenente Hildebrand acompanhá-la até ao seu quarto.

- O meu quarto? não vou para casa então? - Teve de se esforçar para evitar que as lágrimas lhe saltassem dos olhos. O capitão abanava a cabeça vigorosamente, o falso e insuportável sorriso ainda a bailar-lhe nos lábios.

- Não, Fraulein, preferimos mostrar-lhe a nossa hospitalidade aqui, pelo menos até o seu pai voltar. Vamos proporcionar-lhe todo o conforto no seu a quarto aqui conosco.

- Compreendo.

- Sim. - Olhou-a com um ar sombrio durante alguns instantes. - Acho que por agora chega. Tenho de dar os meus cumprimentos ao seu pai quando o vir, isto é, se o

vir.

Ele tem um filha impressionante, encantadora, inteligente e extraordinariamente bem-educada. não chorou, não implorou e não confessou.

De facto, adorei a nossa tardinha. A tardinha dele tinha consistido em horas de interrogatório esgotante, e apeteceu-lhe esbofeteá-lo quando ouviu as palavras.

Tocou então um campainha ao lado da secretaria e esperou que o tenente Hildebrand aparecesse. Esperaram um longo instante e o capitão tocou de novo.

- O bom do tenente parece estar ocupado. Acho que tenho de arranjar outra pessoa que a acompanhe ao seu quarto.

Falou do quarto como se de um suite no Danieli em Veneza se tratasse, mas Ariana sabia bastante bem que o que a aguardava não era um quarto de hotel, mas um cela. Com as botas a brilhar a luz do candeeiro, o capitão, obviamente irritado, encaminhou-se para a porta. Rodou a enorme maçaneta de bronze e abriu a porta, olhando para o exterior com ar zangado. Eram quase sete da noite e o tenente Hildebrand fora, ao que tudo indicava, a procura do jantar. O único oficial que se vislumbrou ali era um homem alto, de semblante

carregado e um enorme cicatriz que se estendia pela face.

- Von Tripp, onde é que raio está o resto do pessoal?

- Acho que foram todos comer. É que a - Olhou para o relógio e depois para o capitão. - Estava a ficar tarde.

- Porcos. A única coisa em que pensam é em encher o bandulho. Tudo bem, deixa. Tu também serves. E, a propósito, por que razão é que não foste com eles? - Olhou, aborrecido, para o tenente, que retribuiu o ar de aborrecimento do superior com um pequeno sorriso glacial.

- Estou de serviço esta noite, meu capitão.

O capitão fez um gesto em direção do seu gabinete, para a mulher que estava parcialmente encoberta pela porta.

- Leva-a para baixo. já não preciso dela.

- Sim, meu capitão. - Pôs-se em sentido, fez a saudação, bateu os calcanhares e entrou rapidamente no gabinete.

- De pé! - Ordenou bruscamente, e Ariana deu um pulo na cadeira.

- Como disse?

Os olhos do capitão Von Rheinhardt cintilavam com ar malévolo quando entrou novamente no gabinete.

- O tenente ordenou-lhe que se pusesse de pé Fraulein. Tenha a bondade de fazer aquilo que ele diz. Caso contrário, receio a bem, a menina sabe, seria embaraçoso a - Tocou-lhe com o pingalim na cintura.

Ariana pôs-se imediatamente de pé tentando reprimir os pensamentos que lhe iam pela cabeça. Que iriam fazer-lhe? O oficial alto e louro que lhe ordenara bruscamente

para se por de pé estava com um ar aterrorizador, e a repugnante cicatriz que ele ostentava na face não prenunciava nada de animador. Tinha um ar frio e mecânico; postou-se ao lado dela, como um autômato, quando ela saiu do gabinete.

- Tenha um boa noite, Fraulein - disse Rheinhardt, atrás dela, com um sorriso malicioso nos lábios.

Ariana não respondeu ao capitão, e no gabinete exterior o tenente agarrou-a firmemente pelo braço.

- Acompanhe-me e faça exatamente aquilo que eu lhe disser. não gosto de discussões com prisioneiros, e muito menos com mulheres. Porte-se bem para facilitar as coisas a si e a mim. - Era um aviso severo, e, apesar das longas passadas dele, ela acompanhava-o em passo rápido. Ele fizera-se entender.

Ela agora era um prisioneira. Nada mais que isso. E duvidava que o pai a conseguisse tirar dali.

O tenente alto e louro conduziu-a através de dois corredores compridos e depois por um enorme lanço de escadas até a as entranhas do edifício, onde encontraram um atmosfera fria e úmida. Esperaram que um pesada porta de ferro se abrisse, depois de um guarda ter espreitado por um postigo e ter feito um gesto afirmativo com a cabeça para o homem que estava ao lado dela.

A porta fechou-se atrás deles com um barulho horroroso, foi aferrolhada com chave, e ela viu-se a descer outro lanço de escadas. Era como se estivessem a conduzi-la a um calabouço, e, quando viu a cela onde a viagem acabava, percebeu que era mesmo disso que se tratava.

O tenente não disse absolutamente nada quando chamaram um vigilante e revistaram Ariana. Meteram-na num cela e o tenente manteve-se ao lado da mulher enquanto ela trancava a porta. Nas celas a volta havia mulheres a gritar e a chorar, e Ariana teve mesmo a impressão de ouvir o choro de um criança. Mas não conseguia ver quaisquer rostos, as portas eram de sólidas chapas de metal com barras nos postigos, e a cela tinha apenas alguns centímetros quadrados de superfície. Era o lugar mais aterrorizador que Ariana conseguia imaginar e, um vez dentro da cela escura teve de se controlar para não chorar e perder totalmente o controlo a . tênue luz que entrava pelo pequeno postigo conseguiu ver o que parecia ser um sanitária, mas descobriu, pouco depois, que se tratava apenas de um enorme tigela branca de metal. Estava de facto prisioneira, era mais que evidente.

No meio do fedor da cela começou a chorar baixinho, até que caiu finalmente num canto, tombou a cabeça sobre os braços e deixou-se vencer pelos soluços.

Capítulo 15

Quando naquela manhã Walmar von Gotthard saiu da estação em Basiléia, olhou cuidadosamente a sua volta antes de iniciar a sua longa caminhada até Lorrach, para apanhar o comboio para Berlim. Todos os músculos do corpo lhe doíam, e estava finalmente com o mesmo ar sujo e esfarrapado que aparentara na manhã anterior. Assemelhava-se muito pouco ao banqueiro que dirigia o Tilden, que se reunia com o ministro das Finanças, e que era efetivamente o banqueiro mais eminente em Berlim. Tinha o aspecto de um velhote cansado que fizera um longa viagem, e ninguém suspeitaria que ele transportava secretamente um avultada soma em dinheiro.

Chegou a fronteira por volta do meio-dia sem qualquer problema, e agora o longo e penoso trajeto estava prestes a iniciar-se: a caminhada de cerca de cinco quilômetros e meio até Lorrach, que ele concluía com êxito na fronteira Suíça apenas seis horas antes. A parte mais difícil da jornada estava para vir: a viagem até Berlim. E depois tinha de passar um vez mais pelos mesmos receios com Ariana. E, logo que ambos os filhos estivessem a salvo na parte Suíça da fronteira, não se importava de morrer. Enquanto atravessava o buraco que tinha feito de manhã na barreira de arame farpado, pensou que teria muita sorte se não morresse muito antes disso. Para um homem da sua idade fora um grande aventura, mas, desde que conseguisse salvar Ariana e Gerhard, nada mais importava. Teria feito o possível e o impossível por eles.

Parou um vez mais, olhou em redor e pôs-se a escuta. Correu novamente em direção do maciço de árvores. Mas desta vez não teve tanta sorte como tivera naquela manhã, e ouviu passos no matagal, a poucos metros de distância. Tentou correr por entre os arbustos, mas dois soldados foram imediatamente no seu encalço.

- Então, avozinho, onde é que vai? Alistar-se no exercito em Berlim?

Tentou esboçar um sorriso estúpido, mas um dos dois homens engatilhou a arma e apontou-lha ao coração.

- Onde é que vai?

Decidiu dizer-lhes, com o sotaque carregado do campo.

- A Lorrach.

- Fazer o que?

- A minha irmã vive l. - Sentiu o coração a dançar no peito.

- Ai, sim? Que interessante. - Apontou novamente a arma em direção do esterno de Walmar e fez sinal ao outro para começarem a revista. Abriram violentamente o casaco, rebuscavam os bolsos e depois apalparam a camisa.

- Tenho os documentos em ordem.

- Ah, sim? Vejamos.

Walmart fez menção de os tirar; Porém, antes que os seus dedos lá chegassem, o soldado que estava a fazer a revista sentiu algo comprido e macio dissimulado por baixo do braço direito.

- O que é isto, avozinho? A esconder-nos coisas? - Fez um riso de escárnio e piscou o olho ao amigo. Os velhos eram engraçados. Todos achavam que eram muito inteligentes. Os soldados abriram com um rasgão a camisa, que agora estava engelhada e suja, sem repararem no tecido fino que haviam rasgado. não tinham qualquer razão para suspeitar dele. Era apenas um velho camponês. Mas o que encontraram na carteira impressionou-os, pois havia uma fortuna em notas grandes e pequenas, e os olhos abriram-se-lhes de espanto quando contaram o que tinham encontrado. - Ias levar isto ao Führer?

- Riram-se da própria piada e sorriram ironicamente para o velho.

Walmart continuava de olhos baixos para que eles não vissem a raiva que lhe ia no olhar e esperava que se contentassem apenas em tirar-lhe o dinheiro. Mas os dois soldados já eram versados nos métodos da guerra. Com um breve troca de olhares fizeram então o que tinha de ser feito. O Primeiro homem recuou enquanto o segundo disparou. Walmart von Gotthard tombou morto no meio do mato alto.

Arrastaram-no pelos calcanhares para o meio dos arbustos, despojaram-no dos documentos, meteram o dinheiro no bolso e voltaram para o seu posto, onde se sentaram a contar o dinheiro com determinação e atiraram para a fogueira os documentos do velhote. não se preocuparam em lê-los. não interessava quem é que ele fora. Mas interessava a Gerhard, a espera num quarto de hotel em Zurique. E interessava a Ariana, aterrorizada na sua cela em Berlim.

Capítulo 16

O tenente Von Tripp fez um sinal com a mão para o soldado que tinha a argola das chaves para abrir a cela de Ariana. A porta abriu-se lentamente com um rangido, e os dois homens tentaram não reagir ao fedor que emanava do interior. Todas as celas estavam naquele estado por causa da umidade, e certamente por nunca serem limpas.

Livre da escuridão, Ariana ficou imediatamente cega, incapaz de encarar a claridade. Não sabia quanto tempo é que lá estivera. Só sabia que estivera a chorar durante quase todo o tempo. Mas, quando os ouviu, secou rapidamente os olhos e tentou limpar o rímel que escorrera pelo rosto com um ponta da combinação de renda. Deu apressadamente um alisadela aos cabelos e ficou a .. espera, enquanto os ouvia a abrir a porta. Talvez houvesse novidades do pai e de Gerhard. Ficou expectante e rezou, ansiando ouvir vozes familiares, mas ouviu apenas o som metálico das chaves. Finalmente começou a recuperar a visão e viu os contornos do tenente alto e louro que a conduzira até ali no dia anterior.

- Saia da cela, por favor, e acompanhe-me. - Pôs-se de pé trêmula, tentando acalmar-se de encontro a parede e ele teve vontade de lhe estender a mão e ajudá-la quando ela cambaleou. Estava com um ar incrivelmente pequeno e extremamente frágil. Mas os olhos que olhavam para os dele, instantes depois, não eram os de uma beleza frágil a pedir ajuda; eram os de um jovem desesperada a lutar pela sobrevivência, tentando manter um ar de dignidade perante a sua situação de desvantagem. Os cabelos estavam soltos, sem o brilhante penteado que usava na noite anterior. Caiam-lhe pelas costas, como um molho de trigo desenfeixado. A saia cara estava amarrotada e, apesar do horrível fedor que Ariana suportava há quase vinte e quatro horas, os cabelos ainda exalavam um leve perfume.

- Por aqui, por favor, Fraulein. - Desviou-se ligeiramente para o lado e seguiu atrás dela, para ter a certeza de que ela não fugia e, enquanto a observava, sentiu ainda mais pena que antes. Ariana caminhava com os estreitos ombros direitos e a cabeça bem levantada, o ruído seco e firme dos saltos a ecoar pelos corredores e depois nas escadas quando as subiram. Só vacilou um vez, por breves momentos, inclinando a cabeça como se estivesse demasiado tonta para continuar. Ele não disse nada enquanto esperava e, pouco depois, Ariana continuou a subir as escadas, grata por ele não a ter empurrado ou lhe ter gritado para continuar.

Contudo, Manfred von Tripp não era como os outros. Só que Ariana não sabia isso. Era um cavalheiro, da mesma forma que ela era uma dama, e nem por um instante a teria empurrado, gritado, acotovelado ou batido com o pingalim.

E havia aqueles que não gostavam dele por isso. O próprio Von Rheinhardt não gostava particularmente de Von Tripp. Mas isso não importava porque Von Rheinhardt era o capitão e podia por Von Tripp a fazer aquilo que muito bem entendesse.

Quando atingiram o último lanço de escadas, o tenente Von Tripp agarrou-a firmemente pelo braço e conduziu-a pelo corredor já seu conhecido, onde o capitão estava um vez mais a espera, com um sorriso irônico nos lábios e a fumar calmamente um cigarro, tal como no dia anterior. O tenente fez um rápida saudação, bateu os calcanhares e desapareceu.

- Boa tarde, Fraulein. Passou um noite agradável? Espero que não se tenha sentido muito a desconfortável no seu quarto. - Ariana não respondeu. - Sente-se. Sente-se. Por favor. - Ariana sentou-se sem proferir palavra e ficou de olhos fixos nele. - Lamento informá-la que ainda não temos notícias do seu pai. E receio que algumas das minhas conjecturas possam ser verdadeiras. O seu irmão também ainda não apareceu, o que faz dele, a partir de hoje, um desertor. O que quer dizer, minha querida Fraulein, que ao abandonaram de momento. E um pouco a sua mercê, posso acrescentar.

Talvez hoje tenha o prazer de partilhar conosco um pouco mais do que sabe.

- Não sei nada mais do que aquilo que lhe contei ontem, capitão.

- Que infelicidade a sua. Nesse caso, Fraulein, não vou desperdiçar mais do seu tempo ou do meu a interrogá-la. Vou deixá-la fazer o que quiser, sentada na sua cela, enquanto esperamos novidades. - Oh, meu Deus, durante mais quanto tempo? é apeteceu-lhe chorar quando ele disse aquilo, mas nada transpareceu no rosto.

Ele levantou-se e tocou a campainha e, Von Tripp apareceu novamente pouco depois.

- Onde diabo está o Hildebrand? Sempre que o chamo nunca está.

- Lamento, meu capitão. Creio que foi almoçar. - De facto, Manfred não fazia absolutamente nenhuma idéia do sitio onde ele estava, nem estava interessado em saber. Hildebrand andava sempre a deambular de um lado para o outro, empurrando para os outros as malditas funções de ordenança.

- Escolta a prisioneira até a cela. E diz ao Hildebrand que o quero ver quando voltar.

- Muito bem, meu capitão. - O tenente conduziu Ariana para fora do gabinete.

Ela já estava familiarizada com a rotina, os longos corredores, a infundável caminhada. Pelo Menos não se encontrava encarcerada na cela e nestas ocasiões podia respirar, mexer-se, tocar e ver. não se teria importado se eles andassem com ela por aqueles corredores durante horas. Tudo menos os horrores da cela, minúscula e suja foi na segunda escadaria que encontraram Hildebrand, com um sorriso de satisfação nos lábios e a cantarolar um melodia. Olhou para Von Tripp, perplexo, e depois perscrutou Ariana com o olhar, como tinham feito na manhã do dia anterior quando entraram no

seu quarto na casa do pai.

Boa tarde, Fraulein. está a gostar da estada? - Ariana não respondeu, mas o olhar que lhe lançou era fulminante. Olhou-a de relance, irritado, e depois sorriu para Manfred. - Vais levá-la para a cela?

Manfred fez um gesto afirmativo com a cabeça, com um ar desinteressado. Tinha mais que fazer do que falar com Hildebrand. não suportava o oficial, nem a maioria dos oficiais com que trabalhava, mas, desde que fora ferido na frente de batalha, tivera de desempenhar funções deste tipo.

- O capitão quer falar contigo. Disse-lhe que estavas a almoçar.

- E estava, meu caro Manfred. De facto, estava. - Fez um sorriso irônico, um fugaz saudação, e continuou a subir as escadas, enquanto eles a desciam.

Lançou um último olhar por sobre o ombro a Ariana, enquanto Manfred a fazia atravessar a última porta e a conduzia de novo pelos corredores, até a as entranhas do edifício, chegando finalmente a porta da cela. Algures, perto deles, havia um mulher a gritar. Ariana pôs as mãos nos ouvidos e ficou aliviada quando finalmente caiu no chão da cela.

Ao fim de três dias, percorreu outra vez o corredor para ver o capitão; ele disse-lhe de novo que o pai e o irmão ainda não tinham regressado. Mas agora ela não entendia: ou eles estavam a mentir sobre terem encontrado o pai e Gerhard ou alguma coisa correria mal. Se eles estavam efetivamente a contar-lhe a verdade, então parecia não haver quaisquer novidades acerca do pai ou do irmão; depois de alguns breves momentos no seu gabinete, Von Rheinhardt mandou-a embora.

Desta vez foi Hildebrand que a conduziu pelos corredores, os dedos a espetarem-se na carne até ao osso, ao mesmo tempo que a mão era colocada a altura suficiente para que com as costas da mesma conseguisse sentir os seios. Dirigia-se-lhe utilizando um miscelânea de expressões estranhas, como se ela fosse um animal que tivesse de ser espicaçado para andar, com pontapés e empurrões se necessário a e, como ele nunca se esquecia de frisar, havia sempre o pingalim.

Desta vez, quando chegaram a porta da cela, Hildebrand não esperou que a mulher conduzisse a revista. Passou lentamente as mãos pelo corpo de Ariana, por baixo do estômago, pelas nádegas e pelos seios. Ariana encolheu-se toda, lançando-lhe um olhar carregado de ódio, quando a mulher fechava firmemente a porta entre eles.

- Boa noite, Fraulein. - E com aquilo Ariana ouviu-o então afastar-se, mas os passos pararam poucos metros mais adiante. Ouviu-o berrar bruscamente para a vigilante.

- Esta. Ainda não experimentei esta. - De ouvido a escuta, os olhos fechados, Ariana ouviu as chaves a baterem umas nas outras, a porta a abrir-se, e depois os passos dele deixaram de se ouvir. Instantes depois ouviu alguém a chorar, a suplicar, o som do pingalim a cortar o ar e a embater na carne, e depois o silêncio, não mais

choros, só um longa série de horríveis grunhidos. Deixou de ouvir a mulher, e, nas suas piores fantasias, ela não conseguia imaginar o que é que ele fizera. Ser que batera na mulher até ela cair inconsciente? Ser que o fizera com o pingalim até a morte? Finalmente, ouviu um leve soluçar e percebeu que a mulher estava viva.

Encostada a parede da minúscula cela, ficou expectante a ouvir os passos, com receio de que eles se aproximassem novamente da sua porta, mas em vez disso abalaram pelo corredor fora e desapareceram em passo cadenciado.

Com um suspiro de alívio, recostou-se no chão.

Isto continuou ao longo de dias e semanas, com visitas regulares ao capitão, que a informava de que não tivera novidades do pai e que ele não voltara. Ao fim da terceira semana, estava exausta, imunda, esfomeada, e não conseguia perceber o que acontecera, por que razão é que eles não tinham voltado. Ou estaria Von Rheinhardt a mentir? Talvez Gerhard e o pai tivessem sido capturados e estivessem também prisioneiros. A única resposta que não podia aceitar era a pior: tinham sido mortos.

Foi depois da sua última visita ao capitão, depois de três semanas daquelas visitas, que Hildebrand a escoltou de novo até a cela. Até então fora muitas vezes o outro tenente, e de vez em quando era outro militar.

Nesse dia, Porem, foi ele que lhe segurou no braço quando se encaminharam até a as profundezas da prisão. Estava exausta e vacilou por três ou quatro vezes. Os cabelos caíam-lhe num massa emaranhada pelas costas e pelo rosto. Penteava-os freqüentemente para trás com os dedos compridos e delicados, mas as unhas estavam agora partidas, e os cabelos já não exalavam qualquer perfume. A camisola de caxemira, que usara ao princípio com tanta elegância pelos ombros, os braços colados ao corpo para se aquecer, a saia e a blusa rasgadas e sujas a As meias deitara-as fora ao fim dos primeiros dias. Ele observava-a minuciosamente com um olhar interessado, como um negociante a comprar um manada de gado ou um rebanho de ovelhas, e na última escadaria da prisão encontraram o tenente Manfred von Tripp. Este fez um breve cumprimento a Hildebrand, evitando o olhar de Ariana. Olhava-a sempre por cima da cabeça, como se não tivesse qualquer interesse no seu rosto.

- Boa tarde, Manfred. - Hildebrand foi estranhamente breve quando se cruzaram, mas Von Tripp fez a saudação e murmurou apenas:

- Boa tarde. - E depois, como que para os observar, virou-se ligeiramente e fitou-os. Ariana estava demasiado cansada para reparar nisso, mas Hildebrand lançou-lhe um olhar cúmplice e um sorriso irônico. Von Tripp virou a cabeça e subiu as escadas, de volta a sua secretaria. Mas, enquanto estava sentado, começou a arder de cólera. Hildebrand estava a demorar demasiado tempo a voltar. Levava-a há quase vinte minutos; não havia qualquer motivo para demorar tanto tempo. A não ser que a Começou a pouco e pouco a compreender o que se teria passado. O estúpido. Andaria a exhibir-se com ela.

Ser que ele fazia algum idéia de quem era o pai da moça, ou de que mundo é que ela vinha? Ele não via que era um alemã, um moça de classe e de educação esmerada, independentemente do sitio onde o pai estava ou o que ele fizera? Talvez pudesse ficar impune com o seu horrível comportamento para com alguns dos prisioneiros, mas certamente que não com um moça como aquela. E, quem quer que fossem as vitimas, as excentricidades revoltantes de Hildebrand punham Manfred enojado. Sem pensar mais, precipitou-se a toda a pressa pelos corredores e depois pelas escadas abaixo. No fundo, pouco lhe importava quem era o pai dela, o mesmo acontecia a eles. Para eles, ela era apenas um moça. E deu consigo a rezar para não chegar demasiado tarde.

Arrancou a argola das chaves das mãos da vigilante, fez-lhe um sinal para se manter sentada e berrou: - Não te preocupes. Fica aí. - E depois, com um rápido olhar por cima do ombro, perguntou: - O Hildebrand está lá em baixo? - A mulher de uniforme acenou afirmativamente com a cabeça, e Manfred precipitou-se, com as chaves na mão, pelo último lanço de escadas, os saltos das botas a fazerem-se ouvir num ritmo frenético.

Os sons no interior da cela indicavam-lhe que Hildebrand estava lá dentro. Sem proferir um simples sílaba, Manfred rodou a chave e abriu a porta com um empurrão, e o que viu foi Ariana quase nua, as roupas em farrapos a sua volta, e um fio de sangue que lhe saía de um corte na face. Hildebrand também lá estava, o rosto reluzente, os olhos selvagens a arder de desejo, o pingalim num mão, a outra a puxar violentamente os cabelos emaranhados de Ariana.

Mas, a ver pela saia que ainda lhe caía da cintura e pela luta que ainda se vislumbrava nos seus olhos, ele sabia que o pior ainda não tinha acontecido.

Estava satisfeito por não ter chegado demasiado tarde.

- Sai!

- Que diabo tens tu a ver com isto? Ela é nossa.

- Ela não é nossa, ela pertence ao Reich, tal como tu, tal como eu, tal como toda a gente.

- Ela pertence mas é ao inferno. Tu e eu não estamos presos.

- Com que então queres violá-la, não é? - Os dois homens trocaram olhares furiosos, e Ariana, a arquejar e sem fôlego, no canto, da cela, interrogou-se se o seu agressor também bateria com o pingalim ao tenente que lhe era superior hierarquicamente. Mas ele não era assim tão louco. Von Tripp falou primeiro e desviou-se ligeiramente da porta.

Disse-te para saíres. Encontramo-nos lá em cima. Hildebrand rosnou qualquer coisa ao passar por ele e, durante algum tempo na cela, nem Manfred nem Ariana falaram. Então, limpando corajosamente as lágrimas das faces e afastando os cabelos dos olhos, Ariana tentou cobrir-se decentemente, enquanto Manfred olhava, em silêncio, para o chão. Quando ele sentiu que ela estava mais calma, levantou

novamente os olhos para ela e desta vez não evitou o rosto, nem os angustiados olhos azuis. - Fraulein von Gotthard lá, então o sucedido eu devia ter estado ao corrente da situação tomarei providências para que isto não volte a acontecer não deve acontecer. - E acrescentou: - Não somos todos assim. não imagina o quanto lamento. - E lamentava mesmo. Tivera um irmã mais nova que tinha quase a idade de Ariana, embora ele próprio tivesse trinta e oito anos. Sente-se bem? - E ali ficaram a conversar na escuridão, com um pequena nesga de luz que passava pela porta.

Com os cabelos louros desgrelhados, fez um gesto afirmativo com a cabeça, e Manfred passou-lhe o seu lenço para estancar o sangue que ainda lhe corria pela face.

- Acho que estou bem. Obrigada. - Estava-lhe muito mais grata do que aquilo que ele pensava. Pensara que Hildebrand ia matar e, quando percebera que ele a ia violar, tivera a esperança de que ele a matasse primeiro.

Manfred olhou-a novamente durante um longo momento e depois suspirou profundamente. Da mesma forma que outrora acreditara na guerra, da mesma forma a detestava agora. Ela transformara-se na corrupção de tudo aquilo em que ele acreditara e defendera. Era como ver um mulher que outrora se respeitava tornar-se um prostituta.

- há algum coisa que eu possa fazer?

Ela sorriu-lhe então, segurando a camisola enrolada a volta do tronco, com aqueles enormes olhos tristes e abandonados.

- Já fez tudo o que pode. A única coisa que pode fazer por mim é descobrir o meu pai. - E então, subitamente, atrevendo-se a perguntar-lhe a verdade, os olhos encontraram os dele. - Ele está aqui, no Reichstag?

Manfred abanou lentamente a cabeça.

- Não temos nenhuma noticia dele. - E de seguida: Talvez ainda venha.

Nunca desista da esperança, Fraulein. Nunca faça isso.

- Não desistirei. Depois do que aconteceu hoje. - Sorriu-lhe novamente, e ele abanou ligeiramente a cabeça, olhando-a com ar grave, saiu e fechou de novo a porta. Ariana deixou-se cair lentamente no chão, pensando naquilo que acontecera e no oficial que chegara providencialmente em cima da hora. Enquanto estava sentada na escuridão da cela, o ódio por Hildebrand atenuou-se com a gratidão por aquilo que Von Tripp fizera. Eles eram pessoas estranhas, todos eles. Nunca compreenderia aquele gênero de pessoas não voltou a ver qualquer um dos homens até ao fim da semana seguinte. Nessa altura fazia exatamente um mês que estava fechada na cela dos calabouços. E o que ela mais receava era que o pai e Gerhard tivessem sido mortos. Contudo, não aceitava a idéia. Só se permitia pensar no momento presente. No inimigo. E em voltar para eles.

Um oficial que ela nunca vira antes veio buscá-la e arrastou-a bruscamente da cela. Empurrou-a pelas escadas acima quando ela vacilou, e barafustou quando ela

tropeçou e caiu. Ariana mal conseguia andar, por causa da fadiga, da fome e da falta de exercício que lhe deixavam as pernas hirtas e entorpecidas. Quando chegou ao gabinete de Dietrich von Rheinhardt era um jovem diferente daquela que se sentara ali tão senhora de si e tão serena há apenas um mês atrás. Von Rheinhardt fitava-a com um olhar que denotava algo parecido a repugnância, mas ele sabia muito bem o que estava por baixo daquela sujidade e daquele emaranhado de cabelos. Era um jovem bonita, bem-educada, inteligente, e teria sido um presente encantador para oferecer a um homem qualquer do Reich. não para ele, que tinha outros prazeres, outras necessidades. Mas ela seria um bom presente para alguém. não tinha ainda a certeza de para quem.

Ele já não perdia tempo com as Fraulein ou com as suposições. Ela já não lhes era útil.

- Receio que já não nos possa ser útil. Um prisioneira conservada como refém quando não há ninguém para pagar o resgate não tem qualquer valor, é um fardo. não há razão para a alimentarmos e a alojarmos por mais tempo. A nossa hospitalidade, de facto, está a terminar.

Então iam matá-la. Era isso, concluiu. Mas já não se ralava. Era um destino melhor que as outras possibilidades. não queria tornar-se um prostituta para os oficiais e já não tinha forças suficientes para esfregar o chão. Perdera a família, a sua razão de viver. Se a matassem, acabar-se-ia tudo para sempre.

Enquanto o escutava, sentia-se mais aliviada.

Von Rheinhardt, Porem, tinha mais a dizer.

- Vão levá-la a casa durante um hora. Pode ir buscar os seus pertences e depois pode-se vir embora. não pode tirar, nada de grande valor da casa, nem dinheiro, nem jóias, apenas coisas pessoais que possa precisar no futuro imediato. Depois pode tratar de si.

Então não a iam matar? Mas porque não? Olhou-o incrédula.

- Viver no aquartelamento das mulheres e trabalhar como toda a gente. Vou mandar alguém conduzi-la a Grunewald dentro de um hora. Entretanto pode esperar no corredor. - Como podia ela esperar lá fora, a vista de toda a gente, na sua vergonhosa condição? Meio nua, vestida com as roupas que Hildebrand rasgara na semana anterior. Eram verdadeiros animais.

- Que acontecer a casa do meu pai agora? - A voz era um ligeiro crocito na sua garganta, tão raras foram as vezes que falara no último mês.

Von Rheinhardt estava atarefado com os papéis em cima da secretaria; finalmente levantou o olhar.

- Estar ocupada pelo general Hitler e o seu pessoal. O pessoal consistia em quatro mulheres voluntárias que ele recrutara meticulosamente nos últimos cinco anos.

Estou certo de que ele ser muito feliz .

- Estou certa disso. - Também eles tinham sido. O pai e o irmão, e outrora a mãe, e ela própria. Todos tinham sido felizes. Antes daqueles patifes terem chegado para lhes destruir a vida e agora estavam-lhes a roubar a casa em Grunewald. Os olhos ficaram marejados de lágrimas. Talvez nos ataques aéreos a que já estava tão habituada deitassem bombas suficientes para os matar a todos, pensou, esperançosa.

- É tudo, Fraulein. Apresente-se na sua caserna antes das cinco da tarde. E posso acrescentar que a sua ida para a caserna é opcional. É livre de escolher outros tipos de alojamento dentro dos confins do exercito a naturalmente.

Ariana sabia o que aquilo significava. Podia oferecer-se para amante do general e ele deixava-a ficar na sua própria casa. Sentiu um ponta de indignação quando se sentou como que paralisada num comprido banco de madeira no corredor. A sua única consolação era que quando voltasse a Grunewald, com as roupas em farrapos, o rosto arranhado e contundido, suja, esfomeada e abatida, Hedwig e Berthold poderiam então ver o que tinham feito. Era este o precioso partido que todos os loucos adoravam. Foi a isso que chegara com o Heil Hitler. Ariana estava absorta nos seus pensamentos e na sua fúria, e não viu Von Tripp aproximar-se.

- Fraulein von Gotthard?

Ariana levantou os olhos, surpreendida de o ver. não se tinham encontrado desde o dia em que ele a salvara de Hildebrand e do seu pingalim.

- Disseram-me para a levar a casa. - Ele não lhe sorriu, mas já não desviava os olhos dos dela.

- Quer dizer que vai levar-me a minha caserna? - Lançou-lhe um olhar glido. E depois, arrependendo-se da sua fúria, suspirou. A culpa não era dele. - Desculpe.

Ele fez um ligeiro gesto afirmativo com a cabeça.

- O capitão disse-me para a levar a Grunewald para buscar as suas coisas. - Ela aquiesceu com a cabeça, os olhos enormes no rosto esfomeado. E então, como se não conseguisse evitar, pareceu ficar um pouco mais descontraído, e a voz era simpática. - Já almoçou? - Almoço? Ela Nem sequer tinha tomado o pequeno almoço ou o jantar na noite anterior. As refeições no calabouço fedorento chegavam um vez por dia e nunca eram dignas dos nomes de pequeno almoço, almoço ou jantar. Era comida para porcos e não importava a que horas é que era servida. Só a perspectiva de morrer a fome é que a forçara a comer finalmente. não lhe respondeu, mas ele sabia o que ela estava a pensar. Compreendo. - E fez-lhe então sinal para se levantar do banco. - Temos de ir agora. - havia algo de severo no tom de voz, e Ariana seguiu-o lentamente no corredor resplandecente de luz. Os joelhos fraquejaram por instantes, e a luz do sol cegou-a por momentos, mas manteve-se firme, respirando profundamente; quando entrou no carro e se sentou ao lado dele, virou a cabeça, como que para ver as fiadas de casas que estavam a ser usadas como casernas, para que ele não a visse chorar.

Prosseguiram durante alguns minutos, e então ele parou o carro e fixou os olhos

na nuca dela. Ariana continuava a olhar para o lado, completamente alheia do homem alto e louro, de olhos gentis e de aristocrática cicatriz ganha em combate.

- Não me demoro, Fraulein.

Ariana não respondeu, limitou-se a encostar a cabeça para trás no assento e puxou o cobertor que ele lhe dera mais para cima. Estava de novo a pensar no pai e em Gerhard, curiosa por saber onde é que eles estariam. já não conhecia um conforto como aquele há mais de um mês, e não estava preocupada com o que pudesse acontecer agora, estava finalmente fora daquela cela fedorenta.

Von Tripp voltou para o carro, pouco depois, com um pequeno embrulho fumegante que lhe ofereceu sem dizer palavra. Duas gordas salsichas embrulhadas em papel, com mostarda, e um enorme naco de pão. Ariana olhou para aquilo que ele lhe oferecia e depois para ele. Que homem estranho.

Tal como ela, era parco de palavras, mas perspicaz; e, igualmente a semelhança dela, também se vislumbrava um espécie de mágoa no olhar, como se sentisse a dor do mundo na própria carne, e agora também a dor dela.

- Pensei que estivesse com fome.

Ariana teve vontade de lhe dizer que era simpático da parte dele. Em vez disso, abanou ligeiramente a cabeça e pegou no naco de pão. não importava o que ele fazia, não se podia esquecer de quem ele era nem do que estava a fazer. Era um oficial nazi, e estava a levá-la a casa para ir buscar as suas coisas a as suas coisas a Que coisas? Que coisas é que ia levar consigo agora? E, depois da guerra, o que aconteceria? Receberia a casa de volta? não que isso ainda tivesse algum importância. Com o pai e Gerhard desaparecidos, não queria saber disso. Os pensamentos e as questões corriam a um ritmo louco pela sua cabeça enquanto prosseguiram a viagem, e deu um s pequenas dentadas nas salsichas que Von Tripp lhe comprara. Apetecia-lhe devorá-las mas não se atreveu. Depois de viver tanto tempo a base de pão e restos de carne, receava ficar mais disposta se comesse a salsicha picante com demasiada rapidez.

- Fica perto do lago de Grunewald?

Ariana fez um gesto afirmativo com a cabeça. Na verdade estava surpreendida por a deixarem vir a casa buscar coisas. Era estranho como deixara subitamente de ser prisioneira.

E era horroroso imaginar que a casa era agora deles. As obras de arte, as pratas, quaisquer jóias que encontrassem, mesmo as peles, seriam oferecidas a as amantes do general, e ainda havia todos os carros do seu pai. O dinheiro e os investimentos tinham sido expropriados semanas antes. Portanto, no conjunto, não ficaram a perder com o negócio. E Ariana a Ela era simplesmente um extra, um par de mãos para desempenhar qualquer trabalho que pudesse, a menos que atraísse a atenção de alguém. Ariana já pensara bastante nisso.

Mas preferia morrer a tornar-se amante de um nazi. Antes passar o resto da vida

nas casernas fedorentas deles.

- É ali, um pouco mais a frente, a esquerda.

os olhos de Ariana arregalaram-se e um vez mais virou a cara para esconder as lágrimas. Estava quase em casa a casa com que sonhara desesperadamente naquelas horas sombrias, deitada na cela escura, a casa onde rira e brincara com Gerhard e esperara pelo regresso do pai a noite, onde se sentara a ouvir histórias durante horas, enquanto Fraulein Hedwig lhas lia junto a lareira, e onde assistira a as aparições fugazes da mãe há muito tempo atrás a casa que agora perdera. Para eles. Os nazis. A fervilhar de ódio olhou de soslaio para o homem fardado a seu lado. Para ela, ele fazia parte daquilo que eles representavam. Terror, ruína, destruição, violação. não importava que ele lhe tivesse comprado a comida e a tivesse salvo das mãos de Hildebrand.

Na verdade, ele era simplesmente um peça de um todo aterrorizador. E, surgida a oportunidade, far-lhe-ia as mesmas coisas que os outros.

- É ali. - Ariana apontou subitamente quando fizeram a última curva, e Von Tripp abrandou quando viram a casa. Ela olhou-a fixamente com tristeza e desgosto, e ele com respeito e admiração. Manfred sentiu vontade de lhe dizer

que a casa era deslumbrante, e que ele também vivera outrora num casa assim. Que a sua mulher e filhos tinham morrido em casa, perto de Dresden, durante os bombardeamentos, e que ele agora também não tinha sitio nenhum para onde ir. O palacete que pertencera aos pais fora emprestado a um general no principio da guerra, deixando os seus pais virtualmente sem casa até se juntarem a sua mulher e filhos na casa de Dresden. E todos eles estavam agora mortos. Mortos debaixo das bombas dos aliados. Enquanto o general continuava a viver no palacete deles, em segurança, como teriam estado os filhos de Manfred, tivessem os seus pais sido autorizados a ficar.

Manfred conduzia o Mercedes que fazia ranger a gravilha a sua passagem, fazendo o barulho que Ariana ouvira um sem número de vezes. Se fechasse os olhos, seria domingo e ela, Gerhard e o pai estariam de regresso do passeio a volta do lago depois da missa. não estaria sentada ali com aquele estranho, vestida com os farrapos do que fora outrora o seu vestido. Berthold estaria a postos. E, um vez lá dentro, ela serviria o chá.

Nunca mais a - disse as duas palavras baixinho para si própria, pousando os pés na gravilha, com os olhos fixos na sua amada casa.

- Tem meia hora. - Ele detestava, mas tinham de voltar. Eram as ordens de Rheinhardt. já tinham perdido tempo suficiente com a moça. Von Rheinhardt dissera expressamente a Manfred para gastar o menos tempo possível na missão e voltar rapidamente. Vigia-a!, dissera-lhe, para ela não dar sumiço a nada de valor lá de casa. Além disso, era possível que houvesse cofres e painéis secretos, qualquer coisa que Manfred conseguisse descobrir daria algum ajuda. Eles já tinham mandado equipas

especializadas neste tipo de busca passar a casa a pente fino, mas apesar disso era possível que Ariana os conduzisse a algo mais do que aquilo que eles já tinham descoberto.

Indecisa, Ariana tocou a campainha, interrogando-se se veria o rosto familiar de Berthold, mas em vez disso viu o ajudante do general. Era muito parecido com o homem que estava postado atrás de si, mas tinha um ar um pouco mais severo do que ele quando olhou, espantado, para a moça de roupas esfarrapadas. Desviou o olhar para Manfred, fizeram a saudação, e o tenente Von Tripp explicou.

- É Fraulein von Gotthard. Vem buscar algum roupa.

Houve um breve troca de palavras entre os dois homens.

- Não resta muita coisa, sabe. - Ele disse isto a Manfred, não a Ariana, que olhava para ele, chocada. não resta muita coisa? De quatro armários cheios de roupa, não resta muita coisa? Que impressionantes gananciosos eles tinham sido, e com que rapidez!

- Acho que não vou precisar de muita coisa. - Os olhos faiscavam de raiva quando entrou na porta principal. Parecia estar tudo na mesma, se bem que diferente. Os móveis estavam no mesmo lugar, Porém, algum qualidade da casa mudara. não havia rostos familiares, nem nenhum dos sons das pessoas que ela e a casa sempre haviam conhecido. o arrastar de pés de Berthold, o crescente coxear de Anna, o bater de portas e as corridas de Gerhard a todo o momento, o porte respeitável do pai quando atravessava o comprido vestíbulo de mármore. Esperava ver Hedwig, afinal de contas a sua devoção ao Partido tê-la-ia certamente mantido no lugar, mas mesmo o rosto familiar de Hedwig não se encontrava entre aqueles que fitavam Ariana quando subiu as escadas. Praticamente só se viam militares a entrar e a sair do escritório principal, e muitos mais aguardavam no salão principal; havia ordenanças a transportar tabuleiros com aguardente e café,, e vários criados desconhecidos. Era como voltar noutra encarnação, depois de toda a gente que conhecia ter morrido há muito e outra geração ter repovoado todos os lugares que outrora amara. A mão tocou no corrimão familiar, ao mesmo tempo que acelerava o passo e corria até ao piso de cima com a sua eterna sombra ainda atrás dela; o tenente Von Tripp mantinha um distância discreta, mas estava sempre presente.

Parou, por instantes, no primeiro patamar, fixando o olhar na porta do quarto do pai. Oh, meu Deus, o que é que lhes poderia ter acontecido?

- É aí, Fraulein? - A voz de Von Tripp ouviu-se baixinho atrás dela.

- Desculpe? - Ariana virou-se para ele, como se tivesse acabado de descobrir um intruso em sua casa.

É esse o quarto onde vai buscar as suas coisas?

Eu a ele a o meu quarto é no piso de cima. Mas terei de voltar aqui depois. - Lembrara-se. Mas talvez fosse demasiado tarde. O livro talvez já tivesse desaparecido. Ou talvez não. Mas agora já não queria saber disso. Com as perdas de Gerhard e do

pai, e depois da casa, já estava tudo perdido. Muito bem. não temos muito tempo, Fraulein Ariana fez um ligeiro gesto com a cabeça e subiu a correr o último lance de escadas a caminho do quarto onde Hedwig a traía, a porta através da qual o oficial entrara. Hildebrand, com o seu modo arrogante de andar, a entrar na sala de estar enquanto ela rezava pelo regresso do pai.

Abriu a primeira porta com um empurrão, e depois a porta que dava para o seu próprio quarto, mantendo os olhos desviados da porta do quarto de Gerhard, do outro lado do corredor. não tinha tempo para nostalgias, e teria sido um grande dor. Pouco tempo depois saiu apressadamente do quarto para ir buscar um mala de viagem a arrecadação no segundo piso, onde eram os quartos dos criados, e foi aí que a encontrou, a traidora, encaminhando-se apressadamente, de cabeça baixa, para o seu quarto. Como um dardo lançado a retirada da mulher, Ariana disparou a palavra:

- Hedwig! - A velha senhora parou e depois apressou o passo, sem encarar a moça de que cuidara desde o nascimento. Mas Ariana não a largaria agora.

Ela nunca mais a largaria. - Não consegues encarar-me? Estás assim com tanto medo? - As palavras eram um carícia venenosa, um convite para beber veneno, uma faca-de-mato dissimulada num casaco de peles. A mulher parou e voltou-se.

- Sim, Fraulein Ariana? - Calmamente, tentou encarar a moça, mas os seus olhos eram receosos, e as mãos tremiam no monte de roupa branca que levava para o quarto para remendar.

- A coser para eles, não é? Devem-te estar muito gratos. Tal como nós. Diz-me Hedwig. - Não mais Fraulein, não mais respeito, só ódio agora; Ariana estava com as mãos cerradas, os dedos tensos como garras. - Diz-me, depois de lhes coseres a roupa, depois de tratares dos filhos deles, se tiverem alguns, também os traíres?

- Não a traí, Fraulein von Gotthard.

- Oh, meu Deus, que formal! Então foi o Berthold que chamou a Polícia?

- Foi o seu pai que a traiu, Fraulein. Nunca devia ter fugido da forma que o fez. O Gerhard devia ter sido autorizado a servir o seu país. Foi um erro ter fugido.

- Quem és tu para julgar isso?

- Sou alemã. Temos de nos julgar uns aos outros. Então foi a isso a que se chegou. Irmão contra irmão. É nosso dever, e nosso privilégio, vigiarmos-nos uns aos outros para que a Alemanha não seja destruída.

Ariana ripostou de imediato.

- A Alemanha já está morta, graças a pessoas como tu. As pessoas como tu destruíram o meu pai, o meu irmão e o meu país. - Ficou no mesmo sitio com as lágrimas a correrem-lhe pelo rosto, e depois, incapaz de prosseguir, a voz transformada num sussurro: - Odeio-vos a todos. Voltou a cara a velha ama, tomou de assalto a arrecadação e pegou numa mala de viagem na qual emalaria os seus restantes pertences. Von Tripp seguiu-a, em silêncio, de novo até ao quarto dela, e acendeu um

cigarro, enquanto a observava a por num monte saias, blusas, roupa interior e vestidos de noite, juntamente com vários pares de sapatos. não havia lugar para restos agora. Nunca houvera restos na vida de Ariana von Gotthard.

Porem, mesmo o que estava a meter na mala era de um elegância e qualidade que não se adequavam muito a um vida num aquartelamento militar: as saias que usara para ir para o liceu, os sapatos que calçava quando ia ver Gerhard jogar pólo ou quando ia passear com o pai no lago. Olhou por cima do ombro quando atirou um escova de prata e marfim para dentro da mala.

- Acha que eles se importarão se eu a levar? É a única escova de cabelo que tenho.

Manfred pareceu momentaneamente embaraçado e encolheu os ombros. Para ele era um sensação estranha vê-la fazer a mala. Era evidente, mal ela entrara no corredor principal, que era ali que ela pertencia. Movia-se com um confiança, um autoridade, que um pessoa tinha vontade de fazer um vênia e retirar-se. Mas com ele acontecera a mesma coisa em Dresden. A casa era ligeiramente mais pequena, e mesmo assim com um número ainda mais impressionante de criados. A casa fora do sogro e, quando falecera, dois anos depois de se casarem, ficara para eles. Um acréscimo considerável ao palacete que ia herdar quando os seus pais morressem. Por isso, o estilo de vida de Ariana não lhe era desconhecido, nem a dor que ela sentia quando abandonou a casa. Ele ainda conseguia ouvir a mãe a chorar, quando chegou a notícia de que teria de abdicar do palacete enquanto a guerra durasse. E como sabemos que voltaremos? Voltaremos, Ilse, não sejas tonta.

Agora, Porem, estavam todos mortos. E o palacete pertenceria a Manfred, quando os nazis o abandonassem depois da guerra. Fosse quando fosse. E agora isso pouco lhe importava. não havia ninguém que o acompanhasse até casa. Nem nenhum casa em que tivesse interesse em estar. Sem eles a sua mulher, Mariana, e os filhos a não suportava pensar nisso enquanto estava ali, a ver Ariana a por outro par de sapatos na mala.

- Está a pensar em ir passear, Fraulein von Gotthard? Esboçou um sorriso para afastar a dor do seu espirito. Ela tinha certamente emalado um boa provisão de material resistente.

- Como disse? estão a espera que eu lave as casas de banho de vestido de baile? É isso que fazem as mulheres nazis? - Os olhos arregalaram-se, sarcásticos, quando atirou outra camisola de caxemira para cima da pilha. - Não fazia idéia de que fossem tão formais.

- Talvez não sejam, mas duvido muito seriamente que o capitão tencione Mandá-la esfregar o chão até ao fim da guerra. O seu pai tinha amigos, eles convidá-la-ão. Outros oficiais - Ariana interrompeu-o brutalmente com um olhar frio.- Como o tenente Hildebrand? - Instalou-se um longo silêncio entre eles e depois ela virou a cara. - Desculpe.

- Compreendo. Só pensei a - Ela era tão jovem, tão bonita, e teria muitas oportunidades de fazer mais do que esfregar o chão. Mas ela tinha razão e ele sabia bem disso. Fazia melhor em se esconder na caserna. haveria outros como Hildebrand. Ainda para mais agora que estava livre. vê-la-iam a polir maçanetas de portas, a varrer folhas, a esfregar casas de banho e veriam os enormes olhos azuis, o rosto esculpido, as mãos graciosas. E desejá-la-iam. Estaria acessível a todos eles. não havia nada que os fizesse deter. Estava indefesa, não tanto como quando estava na cela, mas quase. Pertencia ao Terceiro Reich, era uma possessão, um objeto, como um cama ou um cadeira, e podia ser usada por conseguinte, se alguém decidisse fazê-lo. E Manfred sabia que alguém o faria. Só de pensar nisso, Manfred von Tripp ficou enjoado. - Talvez tenha razão. - Não disse mais nada; ela acabou de fazer a mala e depois pousou-a no chão. Deixara em cima da cama um camisola de lã grossa castanha, um camisola de caxemira castanho-escura, e um casaco castanho quente, além de roupa interior apropriada e um par de sapatos de camurça castanhos.

- Tenho tempo de mudar de roupa?

Manfred fez um silencioso gesto afirmativo com a cabeça e ela desapareceu. Oficialmente era suposto ele vigiá-la, mas não a iria fazer passar por aquela experiência penosa. não era um prisioneira ao ponto de ter de ser vigiada a cada instante. Esse tipo de patetice era o que Hildebrand teria feito, forçando-a a despir-se em frente dele enquanto ele se babava e estendia o braço para a puxar para si. Manfred von Tripp não entrava nesse tipo de jogos. Ariana voltou da casa de banho pouco depois, um retrato solene a castanho, com apenas os cabelos dourado-claros a darem algum luz a cena sombria.

Vestiu o casaco por cima da camisola e Manfred teve de combater o desejo de a ajudar. Era doloroso e espinhoso estar ali ao lado dela. Também teve de a deixar transportar a mala. Aquilo ia contra tudo o que lhe haviam ensinado, contra tudo o que sentia Por aquela pequenina e frágil estranha que estava a abandonar a sua casa pela última vez. Mas já lhe comprara almoço e a salvara da violação. não podia fazer muito mais, agora não.

Ariana fez um pausa no cimo do último lanço de escadas, olhando de relance novamente para a porta do quarto do pai, e depois para Von Tripp, postado a seu lado.

- Gostaria de....

- Que sala é essa? - Franziu as sobrancelhas, inquieto. - É o escritório do meu pai.

- Oh, Cristo, do que é que ela anda a procura? De algum dinheiro escondido algures? Algum tesouro? Um pistola pequena que pudesse apontar a cabeça de um atacante, ou mesmo a sua própria quando voltasse para o coração de Berlim?

- É puramente sentimental? Fraulein, agora é o gabinete do general eu deveria ..

- Por favor. - Ela mostrava um ar tão desolado e tão desamparado que ele não poderia recusar. Em vez de fazer um ligeiro gesto afirmativo com a cabeça, suspirou e

abriu cautelosamente a porta. Um ordenança encontrava-se no interior aprontando um uniforme a rigor para o general, e Manfred olhou-o com ar inquisidor.

- Está alguém aqui?

- Não, meu tenente.

- Obrigado, não nos demoraremos.

Ariana encaminhou-se rapidamente até a secretaria, mas não tocou em nada; depois foi lentamente até a janela e olhou para o lago. Lembrou-se de quando o pai estivera ali a falar acerca de Max Thomas, e depois de lhe contar a verdade acerca da mãe, e de quando estiveram ali na noite antes de partir com Gerhard. Se ao menos ela tivesse sabido que seria a sua última despedida.

- Fraulein

Ela fingiu não ouvi-lo, os olhos mergulhados nas águas tranqüilas do lago de Grunewald.

- Temos de ir. E então, quando fez um gesto afirmativo com a cabeça, ela lembrou-se um vez mais da razão por que quisera vir ao escritório: o livro.

Olhou por acaso para a estante, sabendo muito antes de chegar ao livro onde é que ele estava, e o tenente observava-a, esperando que não fizesse nada desesperado que o obrigasse a fazer queixa dela ou a recambiá-la para a cela.

Mas ela estava apenas a tocar num ou dois velhos livros de encadernação em couro que abundavam nas estantes do escritório do pai.

- Posso pegar num?

- Acho que sim. - Era um coisa inofensiva, afinal de contas, e ele tinha de voltar para o seu gabinete em Berlim.

Mas despache-se. já estamos aqui há quase um hora.

- Sim, desculpe a Vou levar este. - Depois de olhar para três ou quatro, fixou-se num, um volume de Shakespeare, traduzido para alemão, de encadernação em couro e já muito. gasto. Manfred deu um olhadela para o titulo, fez um sinal de aprovação com a cabeça e abriu a porta do carro.

- Fraulein.

- Obrigada, tenente. - Ariana entrou no carro, a cabeça levantada, rezando para que o seu ar de vitória não a denunciase. No livro que tirara da biblioteca do pai repousava o único tesouro que ainda tinha. O anel com sinete incrustado de diamantes estava ali dissimulado por Shakespeare, juntamente com o anel de noivado de esmeraldas. Meteu o livro rapidamente no bolso fundo do casaco de tweed castanho, onde ninguém o pudesse ver. não poderia perder a última coisa que tinha. Os anéis da mãe. Isso e o livro do pai era tudo o que lhe restava da sua vida perdida. A cabeça de Ariana estava cheia de recordações enquanto percorria o longo corredor.

Ao caminhar, a mala batia-lhe pesadamente nas pernas, fazendo dela um refugiada onde fora outrora anfitriã. De repente abriu-se um porta a sua direita e um

uniforme a abarrotar de medalhas surgiu de imediato.

- Fraulein von Gotthard, que prazer em vê-la!

Ela olhou-o, atônita, demasiado perplexa para se sentir repugnada. Era o velho general Hitler, que era agora o dono da casa do pai. Mas ele estendeu-lhe a mão, como se a tivesse encontrado a caminho do chá.

- Como está o senhor? - Ariana respondeu por reflexo e ele pegou-lhe rapidamente na mão, perscrutando os olhos de um azul carregado e depois sorrindo como se tivesse encontrado algo que o tivesse deixado muito satisfeito.

- Estou muito feliz por a ver. - Ela não via nenhum razão para ele não estar. Ele já era o orgulhoso possuidor da sua casa. - Já não nos víamos há muito tempo.

- A sério? - Não conseguia lembrar-se de o encontrar antes.

Oh - Sim, creio que a última vez que nos encontramos foi... você tinha os seus dezasseis anos a num baile no Teatro da ópera. - Os olhos dele brilharam. - Estava encantadora. - Por momentos, ela ficou com um olhar ausente. Fora o seu primeiro baile. E conhecera aquele oficial de que tanto gostara e que o papai não aprovara a Qual era o nome dele? - Não se deve lembrar. Foi há três anos. - Ela só estava a espera que ele lhe desse um beliscão na bochecha. Ariana sentiu-se maldisposta. Mas graças a educação que recebera conseguia suportar o sofrimento assim como dissimulá-lo. Era, no fim de contas, um dívida que tinha para com Hedwig.

- Sim, lembro-me. - O tom de voz foi firme sem ser indelicado.

Ah, sim? - Pareceu imensamente satisfeito. - Bem, ter de voltar um dia.

Talvez para um pequena festa. Enrolava as palavras na língua de um maneira repugnante e, por momentos, Ariana pensou que ia vomitar. Morreria primeiro. De facto, a perspectiva da morte estava a tornar-se rapidamente mais sedutora a medida que começava a compreender qual seria realmente o seu destino. Ela não lhe respondeu. Mas os olhos azuis desviaram-se dele quando ele lhe estendeu a mão e lhe tocou no braço. - Sim, sim, espero voltar a vê-la aqui. Iremos realizar pequenas festas, Fraulein. Tem de nos dar o prazer da sua presença. Afinal, esta era a sua casa. - Era, não, é! Canalha!

Apeteceu-lhe gritar essas palavras, mas apenas baixou delicadamente os olhos; de modo a que ele não visse a raiva que fervilhava dentro de si.

- Obrigada.

Os olhos do general enviaram um mensagem cifrada a Von Tripp, e depois fez um gesto vago ao ajudante que estava atrás de si.

- Lembra-te de telefonar a Von Rheinhardt e diz-lhe a dê-lhe um a convite para Fraulein von Gotthard. Isto se já não houver outros convites para ela. - Estava a ser cuidadoso desta vez. A última concubina que havia juntado ao seu harém fora um mulher que ele roubara nas barbas de um outro general.

Causara-lhe mais trabalho do que aquilo que a mulher valia. E, embora esta fosse

bonita, já tinha dores de cabeça suficientes. Dois dos comboios carregados de quadros vindos de Paris de que estivera a espera tinham sido bombardeados.

Por isso, aquela bela virgenzinha não era o assunto mais premente. Porém, gostaria de a juntar a as suas outras moças. Sorriu a Ariana um última vez, fez a saudação e desapareceu.

A mala estava no banco traseiro, a cabeça bem levantada e as lágrimas a rolarem-lhe pelo rosto. não se preocupou a dissimulá-las do tenente. Que visse. Que todos vissem como é que ela se sentia com aquilo que eles tinham feito. Mas o que Ariana não viu enquanto olhava para a casa a desaparecer atrás deles foi que também havia lágrimas nos olhos de Manfred von Tripp. Ele compreendera bastante bem a mensagem cifrada do general. Ariana von Gotthard estava prestes a juntar-se ao lascivo harém do velho canalha. A menos que alguém intercedesse por ela.

Capítulo 17

- Está tudo acabado com a moça? - O capitão Von Rheinhardt olhou para Manfred com um ar irritado quando ele passou pela sua secretaria, naquela tarde.

- Sim, meu capitão.

- Levaste-a a Grunewald a buscar as suas coisas?

- Sim, meu capitão.

- É um bela casa, não é? Um sortudo, o general. não me importava de ter um casa como aquela. - Mas também não tinha sido um mau negócio para ele.

Um família cuja casa tinha um vista do lago e do palácio de Charlottenburg tinha tido bastante sorte de ter renunciado a casa a favor dele. O capitão continuou a falar com Manfred de outros assuntos. Hildebrand continuava atarefado a atender os telefonemas. De cada um das vezes, Manfred dava consigo a interrogar-se se algum das chamadas era do ajudante do general Hitler a perguntar pela moça. Depois parava com esses pensamentos. Que diferença é que lhe fazia? Ela não lhe era nada, era apenas um jovem que atravessava um período difícil, perdera a família e a casa. E dai? Milhares de outras estavam no mesmo barco. E se era suficientemente atraente para chamar a atenção de um general, então teria de aprender a

cuidar de si sozinha. Um coisa fora protegê-la da depravação de um oficial subalterno que tentara violá-la na cela, outra muito diferente era roubá-la a um oficial. Isso significaria problemas para si.

Manfred von Tripp tivera o cuidado de evitar problemas com os seus superiores e os outros oficiais ao longo da guerra. não era um guerra que ele aprovasse, mas este era o pais que servia. Era alemão, antes de mais nada, e mais que muitos outros pagara caro pela devoção pelo Reich. Mas mesmo assim não barafustava, mantinha-se calado, sofrendo em silêncio. E um dia tudo acabaria, voltaria para a terra dos seus pais, e o palacete seria seu. Queria restaurar o palacete para o seu esplendor medieval, arrendar as Quintas e dar nova vida aos terrenos circundantes. E ai recordar-se-ia de Mariana, dos filhos e dos pais. Só queria sobreviver a guerra para isso.. não queria nada mais que isso, nada dos nazis, não queria quadros roubados de valor incalculável, nem jóias ou carros ilegítimos, nem pilhagens, nem recompensas, nem ouro, nem dinheiro. O que ele queria e amava já desaparecera.

No entanto, o que preocupava Manfred quando se sentou a secretaria era o facto de Ariana ser tão inocente e tão Jovem. De certa forma, as suas vidas eram muito parecidas, mas Manfred tinha trinta e nove anos e ela dezanove. Ele Perdera tudo mas não estivera tão indefeso como ela estava agora. Sentira-se torturado, destruído,

angustiado, mas não assustado e sozinho a

Manfred ouvira as histórias. Sabia do tipo de jogos que o velho jogava, as moças todas juntas, ele e as moças, um pequena perversão, um pequena brutalidade, um pouco de sado-masiquismo, um pouco de pingalim, um pouco de a Só de pensar nisso ficava enjoado. Que havia de errado com todos eles? Que acontecera aos homens que foram a guerra? Meu Deus, estava farto. Estava farto de tudo.

Atirou com a caneta para cima da secretaria depois de o capitão Von Rheinhardt sair do gabinete e recostou-se na cadeira com um suspiro. Foi então que chegou a chamada do general, ou melhor, do ajudante, que falou com Hildebrand, que apenas sorria ironicamente. Pousou o auscultador no descanso depois de anotar a mensagem de que o capitão deveria telefonar-lhe da parte da manhã.

- É algo que tem a ver com um mulher. Cristo, aquele Peido velho vai acabar a guerra com o seu próprio exercito, Um exercito de mulheres.

- O ajudante disse quem era?

Hildebrand abanou a cabeça.

- Um pequeno assunto que ele gostaria de tratar com o capitão. A não ser que, como o ajudante disse, seja já demasiado tarde. o ajudante disse que se trata de um bolinho que O general calcula que estar fora das prateleiras da pastelaria muito em breve. Talvez já tenha desaparecido. Pelo que conheço do Hitler, ela tem muita sorte se o fez. Gostava de saber em quem é que ele tem o olho desta vez.

- Sabe-se. - Depois do telefonema, Manfred não parou um segundo quieto na cadeira. Hildebrand estava de folga, e Manfred deu consigo sentado ali, a secretaria, durante mais duas horas. não conseguia deixar de pensar nela e no que Hildebrand dissera. O general queria Ariana a não ser que o bolinho já tivesse saído da prateleira da pastelaria a Ficou ali durante um longo instante, como se estivesse enfeitiçado; depois, agarrando apressadamente no sobretudo, apagou as luzes do gabinete e desceu a correr as escadas, saiu do edifício e atravessou a rua.

Capítulo 18

O tenente Manfred von Tripp encontrou facilmente Ariana von Gotthard no quartel. Fizera menção de perguntar rias informações, mas não foi necessário. Ela estava no exterior a varrer folhas e a por grandes braçadas delas dentro de um barril para depois as queimar. Era fácil de ver que era a primeira vez na vida que fazia qualquer tipo de trabalho manual.

- Fraulein von Gotthard. - Estava com um ar oficial, os ombros direitos, a cabeça terrivelmente ereta, Como um homem prestes a fazer um declaração importante e, se Ariana o conhecesse melhor, também veria que nos olhos azul cinza havia medo. Mas ela não o conhecia assim tão bem. De facto, não conhecia Manfred von Tripp.

- Sim, tenente? - disse ela, exausta, afastando um comprida madeixa loura dos olhos. Usava delicadas luvas de camurça castanhas para trabalhar, as únicas que tinha. Imaginava que ele chegara para lhe dar ainda mais ordens.

Desde aquela tarde, esfregara duas casas de banho, limpava tabuleiros na messe, carregara caixas do último piso para a cave, e agora aquilo. não fora propriamente um tarde calma.

- Tenha a bondade de ir buscar a sua mala, por favor.

- A minha que? - Olhou para ele confusa.

- A sua mala.

- Não a posso ter aqui? - Ou será que alguém gostara do couro, e agora também lhe iam tirar a mala? Ainda trazia o pequeno livro de couro com o compartimento falso no casaco. E, quando teve de o deixar no quarto, escondeu-o dentro de um bola de roupa suja debaixo da cama. Fora o único sitio de que se lembrara com a pressa de ir trabalhar. A vigilante de serviço era um mulher de grande porte com um voz mais adequada para dar instrução militar do que Para um caserna de mulheres. Mantivera Ariana particularmente aterrorizada durante toda a tarde. Mas agora Ariana Olhava para Manfred, desgostosa.

- Então alguém quer a minha mala. Bem, dêem-lha. não vou a lado nenhum por uns tempos.

- Não entendeu bem. - A voz dele era gentil, a dela não. Tinha sempre de se lembrar que aquele era o homem que a salvara de Hildebrand naquela noite na cela. Caso contrário, era muito fácil pensar que era um homem como os outros. Porque, afinal de contas, era um deles. Estava enleado no emaranhado do pesadelo dela, e ela não conseguia destrinçar as necessidades dele das deles.

Já não acreditava em nada, em ninguém. Nem mesmo nesse oficial, alto e calmo,

que a olhava com ternura mas agora com firmeza. Fraulein von Gotthard está efetivamente enganada. Vai para outro lugar.

- Vou? - Olhou de imediato para ele com súbito horror. E agora? O que estavam a planear para ela agora? Algum terrível internamento num campo algures? Sentiu então um ponta de felicidade. Poderia ser? - Encontraram o meu pai?

O rápido olhar de consternação dele disse tudo o que ela precisava de saber.

- Lamento, Fraulein. - A voz era calma. Vira o terror no rosto dela. - Estar em segurança. - Durante algum tempo, pelo menos. E já era alguma coisa nos dias que corriam. Era melhor do que nada. E quem é que estava em segurança? No ano anterior, os ataques aéreos foram incessantes, as bombas nunca pararam de cair.

- Que quer dizer com estou em segurança? - Ariana olhou-o com receio e desconfiança, agarrada firmemente ao ancinho, mas ele limitou-se a abanar a cabeça e a falar em voz baixa.

- Confie em mim. - Com os olhos tentou confortá-la mas ela ainda estava desesperadamente receosa. - Agora tenha a bondade de fazer a mala. Espero por si no trio principal. - Olhou-o com desespero. Que importava agora?

- Que devo dizer a vigilante? Ainda não acabei isto aqui.

- Eu explicarei.

Ariana fez um ligeiro aceno com a cabeça e entrou no edifício, enquanto Manfred a observava em silêncio. Ele deu consigo a interrogar-se sobre que diabo é que estava a fazer

Estava tão louco como o general? Mas não era nada disso, disse para consigo.

Estava a fazer aquilo apenas para proteger a moça. Contudo, ela também mexera consigo. Ele não ignorava a beleza vagamente dissimulada pela roupa sombria e a angústia. não levaria muito tempo para o diamante readquirir o seu velho brilho, mas não era por isso que a ia levar para Wannsee nessa noite. Ia levá-la para lá para a salvar do general, para tirar o bolinho da prateleira. Ariana von Gotthard estaria em segurança em Wannsee, acontecesse o que acontecesse.

Manfred falou com brusquidão para a vigilante, explicando que a moça ia ser transferida. Conseguiu explicar com inferências e subterfúgios que era mais um questão do prazer de alguém do que qualquer decisão militar relativamente a moça. A vigilante compreendeu perfeitamente. A maioria das moças como Ariana passaria para as mãos de oficiais dentro de dias. Só as feias ficariam para a ajudar e, logo que vira Ariana imaginara que ela não ficaria ali durante muito tempo. Era melhor assim. A moça era muito pequena e delicada para trabalhar em demasia. A vigilante fez um vigorosa

saudação ao tenente e destacou outra moça para ir trabalhar com o ancinho.

Ariana chegou ao trio principal pouco menos de dez minutos depois, com a mala segura firmemente na mão. Manfred não disse nada, mas deu meia volta e saiu

rapidamente do edifício, esperando que Ariana o seguisse, o que ela fez.

Abriu a porta do Mercedes, pegou na mala dela, atirou-a para o banco traseiro, depois sentou-se ao volante e ligou o motor. Pela primeira vez há muito tempo, Manfred von Tripp estava com um ar satisfeito.

Ariana ainda não compreendia o que se estava a passar e observava com curiosidade a cidade a sua volta a medida que iam andando. Levou quase vinte minutos a aperceber-se de que iam na direção de Wannsee. Tinham quase chegado a casa de Manfred. Mas nessa altura já se apercebera do que estava a acontecer. Fora então para isso que ele a salvara naquela noite na cela.

Gostava de saber se ele também usava o Pingalim. Talvez tivesse sido assim que ficara com a fina cicatriz que se estendia por um curta extensão do maxilar. Pouco depois pararam junto a um pequena casa. Tinha um ar respeitável mas de modo nenhum suntuoso, e não se vislumbrava qualquer luz no seu interior. Manfred fez sinal a Ariana para sair do carro e tirou a mala do banco traseiro, enquanto ela se encaminhava para a porta Principal, toda empertigada, evitando os olhos dele. Ele planeava as coisas com um certo encanto. Aparentemente, ela era para ser dele. Para sempre, interrogou-se, ou apenas essa noite?

Sem mais cerimônias, Manfred abriu a porta principal, fez-lhe sinal para o interior da casa e entraram. Fechou a porta firmemente atrás deles, acendeu algumas luzes e deu um vista de olhos a sua volta. A empregada de limpeza estivera lá de manhã, e estava tudo com um ar arrumado e limpo. havia um sala de estar, simples mas simpática, com muitos livros e plantas, e um pilha de lenha cortada recentemente ao lado da lareira, onde ele acendia o lume todas as noites. Algumas fotografias, a maior parte dos filhos, e um revista fechada repousavam em cima da secretaria. Enormes janelas rurais abriam-se para um jardim cheio de flores, um vista partilhada pela cozinha, por um pequeno gabinete e por um sala de jantar muito pequena e acolhedora, divisórias essas que ocupavam o piso principal da casa. havia ainda um estreita escadaria de madeira, coberta com um tapete já muito usado mas outrora vistoso, e a única coisa que Ariana vislumbrava dali no piso de cima era um corredor de tecto baixo.

Como se esperasse que ela compreendesse as suas intenções Manfred passou silenciosamente de sala para sala, deixando as portas escancaradas, até se deter finalmente ao fundo das escadas. Olhou para Ariana, hesitante por instantes, perscrutando os enfurecidos olhos azul escuros. Ainda tinha o casaco vestido e as luvas que calçara para apanhar folhas no exterior da caserna; os cabelos caíam-lhe do firme carrapito dourado. A mala ficou atrás deles, esquecida perto da porta principal da casa.

- Eu mostro-lhe o piso de cima - disse ele em voz baixa, ao mesmo tempo que fazia sinal a Ariana para subir a frente dele. Ainda não confiava nela atrás dele.

Ela estava com muito medo e furiosa, e ele sabia bem como proteger-se, mesmo

de um criança como aquela.

Não havia muita coisa para lhe mostrar no piso de cima. um casa de banho e duas portas que a preocuparam. Ariana olhou para as portas, aterrorizada, os enormes olhos azuis a deambularem lentamente até a as mãos de Manfred e depois até ao rosto.

- Venha, eu vou mostrar-lhe. - As palavras foram gentis mas era inútil, ele via no rosto dela que estava tão assustada que mal o ouvia. Que poderia fazer para a tranquilizar? Como poderia explicar o que fizera? Mas sabia que com o tempo ela viria a compreender.

Manfred abriu subitamente a porta do seu quarto, um sala singela pintada em tons castanhos e azuis. Nada na casa era muito luxuoso, mas era tudo confortável e fora precisamente aquilo que ele queria quando decidira procurar o seu próprio alojamento em Berlim. Era um sítio onde ele podia fugir a tudo, onde podia sentar-se tranquilamente a noite, a olhar para a lareira, a fumar o cachimbo e a ler. O seu cachimbo favorito estava em cima de um mesa no quarto, ao lado da lareira onde ele se sentava num acolhedora poltrona já muito coçada. Mas em vez de olhar para a inofensiva paisagem circundante, Ariana manteve-se estática, os olhos arregalados, os braços caídos, os pés colados ao chão.

Este é o meu quarto.

Ariana olhou-o fixamente com incontrolável horror e fez um sinal afirmativo com a cabeça.

- Sim.

E depois, tocando-lhe suavemente no braço, passou por ela e abriu um porta que ela presumia ser um guarda-roupa. Mas ele entrou e desapareceu.

- Entre, por favor.

Cautelosamente e a tremer, Ariana seguiu-o apenas para descobrir que era outro quarto. havia um cama, um cadeira, um mesa, um secretaria tão pequena que mais parecia de criança, cortinas bonitas e um colcha coberta de rosas que condizia com o papel de parede do pequeno quarto. E quando Ariana entrou, Manfred disse num tom tranquilizador:

- E este é o seu quarto, Fraulein. - Ele olhou-a de modo caloroso, mas viu que ela ainda não estava a perceber.

Ariana olhou novamente para ele, com a mesma dor, a mesma angústia, e ele sorriu-lhe e deixou escapar um longo suspiro.

- Fraulein von Gotthard, porque não se senta? está com um ar cansado. -

Manfred fez-lhe um ligeiro sinal em direção da cama, para a qual ela ficou a olhar durante alguns instantes; por fim, com ar tenso, sentou-se. - Gostaria de lhe explicar um coisa. Acho que não vai compreender. Enquanto falava com Ariana, ficou subitamente com um ar muito diferente do daquele oficial austero que a conduzira por aqueles pérolas intermináveis corredores e escadarias; parecia mais o tipo de homem

que chega a casa a noite, janta, senta-se ao pé da lareira e adormece a ler o jornal por estar extremamente cansado. Parecia um pessoa verdadeira, mas Ariana ainda estava de pé atrás enquanto o observava da cama. Trouxe-a para aqui esta noite porque achei que estava em perigo. - Recostou-se lentamente na cadeira e rezou para que ela ficasse descontraída. Era impossível conversar com ela enquanto estivesse sentada daquela maneira sem tirar os olhos dele. - É um mulher muito bonita, Fraulein von Gotthard, ou devo dizer que é um moça muito bonita? Que idade tem?

Dezoito? Dezassete? Vinte?

- Dezanove. - Foi mais um suspiro do que um palavra.

- Não andei muito longe, então, mas há aqueles que não se importariam. - O rosto de Manfred tomou um ar sério. - Como o nosso amigo Hildebrand. Ele estar-se-ia nas tintas se tivesse doze anos. E há outros a - Se fosses um pouco mais velha, se tivesses andado pelo mundo um pouco antes desta desgraça toda cair sobre ti, saberias como tomar conta de ti, pensou ele.

Franziu o sobrolho e ela fixou o olhar nele. Manfred parecia mais o seu pai do que um homem que a ia levar para a cama e violar. Ele lembrou-se da imagem dela a apanhar as folhas secas no exterior da caserna; parecera-lhe ter a volta de catorze anos.

- Compreende, Fraulein?

- Não senhor. - Ariana estava infinitamente pálida e de olhos arregalados. A mulher jovem que tentara fazer frente a Von Rheinhardt: no início desaparecera. Esta não era um mulher, era um criança.

- Bem, chegou-me aos ouvidos esta noite que havia a possibilidade de ser exigida a sua presença a junto do general a - O terror invadiu-lhe de novo o olhar mas ele levantou um mão. - Senti apenas que isso seria um começo fortuito para a sua vida sozinha. Por isso, Fraulein - Olhou em redor do quarto que seria dela -, trouxe-a para aqui.

- Eles vão obrigar-me a ir ter com ele amanhã? - Ariana olhou-o fixamente num ânsia terrível, enquanto ele tentava desviar os olhos do ouro imaculado dos cabelos dela.

- Não, é muito pouco provável. O general nunca. se empenha em nada. Se ainda lá estivesse na caserna, ele tê-la-ia levado com ele para Grunewald mas, um vez que já lá não está, não tem nada a recear. - Pensou então em algo..

Ou teria sido melhor suportar o general para voltar para a sua própria casa?

Abanou a cabeça com um ar triste.

- Eu não suportaria ver a casa daquela maneira, cheia de estranhos, e... - As palavras saíram abafadas. - Teria preferido morrer a estar com ele.

Manfred fez um gesto de concordância com a cabeça e viu-a a olhá-lo com um ar avaliador, como se estivesse a ver o que ganhara em vez disso, e ele não conseguiu reprimir um gargalhada. Sabia exatamente por que razão é que ela estava a examiná-lo.

E, pelo menos, ela compreendera que ele não lhe ia arrancar a roupa no meio do quarto.

O acordo convém-lhe, Fraulein? - Manfred olhou-a e ela suspirou ligeiramente.

- Penso que sim. - O que é que ele esperava? Os agradecimentos por fazer dela sua amante em vez de amante do general?

- Desculpe estas coisas terem de acontecer. Tem sido um guerra horrível para todos nós. - havia um olhar distante e pensativo no rosto dele. - Venha. Eu mostro-lhe a cozinha.

Em resposta a pergunta dele acerca do modo como cozinhava, ela sorriu.

- Nunca cozinhei. não havia necessidade. - Houvera sempre criados para fazer a comida.

- Não faz mal. Eu ensino-lhe, não a obrigarei a varrer folhas ou a esfregar casas de banho, tenho mulher da limpeza que vem fazer isso tudo, mas seria certamente agradável se, como troca do nosso acordo, fizesse a comida. Acha que consegue? - Manfred estava com um ar muito sério e ela sentiu-se subitamente muito cansada. Ela era agora a sua concubina. Um escrava para todo o serviço.

Ariana suspirou e olhou para ele.

- Acho que sim. E a roupa suja?

- A única coisa com que tem de se preocupar é consigo mesma. E com a comida. - Era um pequeno preço a pagar pela sua segurança. A comida, e o facto de poder vir a ser sua amante. Isso ela compreendia. Ariana ficou em silêncio, enquanto ele a ensinava a fazer ovos, a cortar o pão em fatias e lhe mostrava como cozinhar cenouras e batatas; depois deixou-a a lavar a louça. Ouviu-o a por lenha na lareira e a acender o lume; depois viu-o a escrever tranqüilamente sentado a secretária. De vez em quando, olhava para as fotografias de um dos filhos, depois baixava de novo a cabeça e escrevia algo mais.

- O senhor quer chá? - Teve um sensação estranha, sentindo-se um das criadas da sua própria casa; mas lembrando-se de que habitara a horrenda cela no Reichstag até essa manhã ficou subitamente grata por estar na casa do tenente.

- O que, Ariana? - E corou ligeiramente. Era a primeira vez que a chamava pelo primeiro nome. Mas distraíra-se. Por instantes, ela ficara na dúvida se ele dissera Ariana ou Mariana. Era difícil dizer. - Desculpe. - Não faz mal. Perguntei. se queria chá.

- Obrigado. - Teria preferido café,, mas agora era quase impossível arranjar. - Não quer também? - Não se atrevera a trazer um xícara da preciosa substancia para si, mas perante o convite dele, correu até a cozinha a buscar um xícara e deitou um pouco de chá para si. Sentou-se a saborear a exótica fragrância. há um mês que sonhava com um dos luxos há muito esquecidos como o chá.

- Obrigada.

Durante um logo instante, ele pensou em como seria o riso dela. Ser que algum vez o ouviria? O deslumbrante sorriso já o vira duas vezes naquela noite. Sentiu o coração a palpitar enquanto a observava. Ariana estava com um ar desesperadamente sério, bastante infeliz, os olhos e o rosto marcados pelo trauma recente. Olhava em redor da sala, detendo-se nas fotografias dos filhos.

- São os seus filhos, tenente? - Olhou para ele, curiosa, mas ele não sorriu. Era um estranho chá que estavam a partilhar, os dois com as vidas destruídas. - Ele limitava-se a fazer sinais com a cabeça em resposta a as perguntas dela e sugeriu que ela tomasse outra xícara de chá, enquanto ele acendia outro cachimbo direção ao lume. e esticava as suas pernas compridas e Ficaram ali sentados até quase a as onze horas, sem dizer praticamente nada. Ariana acostumava-se lentamente a tudo aquilo que a rodeava, e o tenente a deleitar-se por ter outro ser hum no a viver e a respirar na sua casa. Os olhos dele, de vez em quando, perdiam-se na direção dela, e observava-a ali sentada, o olhar em devaneio fixo no lume, como se tivesse regressado a um mundo de outrora. s onze horas, Manfred levantou-se e olhou-a; começou então a apagar as luzes.

- Tenho de me levantar cedo amanhã de manhã.

Como se fosse um deixa, ela levantou-se também. Mas havia novo terror no seu olhar. Que aconteceria a seguir? Chegara o momento que ela temera toda a noite.

Manfred esperou que ela saísse calmamente da sala e depois seguiu-a. Chegaram primeiro a porta do quarto dele e detiveram-se aí. Ele hesitou durante um longo instante; depois, com um pequeno sorriso, estendeu-lhe um mão. Ela observou-o, perplexa, e teve de se lembrar de por a sua mão na dele.

Isto foi tão diferente daquilo que ela esperara que quase deixou cair o queixo quando ele lhe sacudiu a mão.

- Espero que um dia, Fraulein, possamos ser amigos. não é nenhum prisioneira aqui. Esta pareceu-me ser a decisão mais sensata a para seu bem.

Espero que compreenda. Os olhos de Ariana tomaram então um nova luz e ela sorriu-lhe.

- Quer dizer que.....

- Sim, quero dizer isso mesmo. - Os olhos de Manfred eram gentis e ela conseguia ver que ele era um homem simpático. -

- Pensava que eu iria substituir o general? não acha que teria sido um pouco injusto? Disse-lhe que não é a minha prisioneira. De facto - fez um vência e bateu os calcanhares um no outro -, devo considerá-la minha convidada. - Ariana, todavia, limitava-se a olhá-lo, aturdida. Boa noite, Fraulein. - A porta fechou-se lentamente atrás dele, e ela, completamente estupefacta, encaminhou-se silenciosamente para o quarto ao lado.

Capítulo 19

Bem, onde diabo está ela? - Von Rheinhardt olhou, irritado, para Hildebrand. - Von Tripp disse que ele a levou para lá ontem. Perguntaste a vigilante?

- Não, ela não estava na secretaria.

- Então, volta lá. Tenho mais com que me preocupar do que com este disparate, por amor de Deus.

Hildebrand foi ter de novo com a vigilante e apresentou-se ao capitão um hora mais tarde, enquanto Von Tripp continuava atarefado com um série de projetos que não acabara no dia anterior.

- O que é que ela disse? - O capitão olhou de modo ameaçador para Hildebrand. Estava tudo a correr-lhe mal naquele dia. E estava-se nas tintas para o general e a maldita Von Gotthard. Já tinha posto um ponto final nesse assunto, e o que acontecesse agora a moça não tinha qualquer interesse para ele. Se o general Hitler tinha um fraquinho por ela, o problema era dele.

Deveria ter mandado o seu próprio ordenança a procura dela.

- Ela foi-se embora.

- O que diabo queres dizer com Ela foi-se embora? E ficou subitamente com um ar furioso. - Fugiu?

- Não, nada disso, capitão. Alguém a levou. A vigilante disse que foi um oficial, mas não tinha a certeza de quem.

- Verificaste no livro de ocorrências? - Von Rheinhardt olhou-o fixamente.

- Não. Devo lá voltar?

- Deixa lá. Se ela se foi embora, foi-se embora. Ele encontrar meia dúzia delas se quiser na próxima semana. E essa voltinha com ela talvez não mereça o preço. Há sempre a hipótese, se bem que confessamente remota, de o pai aparecer um dia. E pagaríamos caro se o Hitler tivesse feito dela um das do seu harém. - Von Rheinhardt revirou os olhos e Hildebrand riu-se.

- Acha mesmo que o velhote ainda está vivo? - Olhou para o capitão com um ar interessado.

- Não, não acho. - O oficial superior encolheu os ombros e admoestou Hildebrand para voltar ao trabalho. E só ao fim da tarde é que o capitão passou pela caserna para ter uma pequena conversa com a vigilante. Pouco depois, ela mostrou-lhe o livro de registos, e Von Rheinhardt obteve a informação de que viera a procura. Leu com interesse o nome que estava no livro de ocorrências e removeu no assunto enquanto atravessava a rua no regresso.

Talvez Von Tripp estivesse a voltar a terra dos vivos. Sempre suspeitara que ele nunca recuperaria da perda da mulher e dos filhos, nem da ferida que sofrera no Natal anterior. Depois de ser ferido, Manfred parecera desistir da vida. Era como um homem num concha, sem nunca participar na cena social mais livre. Mas talvez agora a era interessante a Ele desconfiara disso mesmo, e foi por isso que atravessara a rua para verificar no livro de ocorrências. havia muito pouco que escapasse a atenção de Dietrich von Rheinhardt.

- Von Tripp?

- Sim, meu capitão? - Manfred levantou os olhos, surpreso. não vira o capitão entrar. Além de que não o vira sair meia hora atrás. Andava atarefado de um lado para o outro do corredor a procura de um s pastas de arquivo que alguém extraviara.

- Queria que fosses ao meu gabinete, por favor.

Manfred seguiu-o com um sensação de intranquilidade. O capitão não perdia tempo. - Manfred, dei um olhadela, por acaso, naquele livro de ocorrências da caserna aqui defronte. - Mas ambos sabiam que o capitão nunca fazia nada por acaso.

- Oh?

- Sim, oh. Tens a moça? - Era impossível ler-lhe o rosto, mas Manfred fez um lento gesto afirmativo com a cabeça.

- Tenho.

- Posso perguntar Porquê?

- Eu desejava-a, meu capitão. - Era o tipo de resposta franca que Von Rheinhardt entenderia facilmente.

- Compreendo isso perfeitamente, mas estavas consciente de que o general Hitler também a queria?

- Não, meu capitão - Manfred sentiu um formigueiro na pele -, não sabia.

Embora nos tivéssemos encontrado com ele no corredor da casa de Grunewald, ontem. Todavia, ele não deu qualquer indicação.

- Tudo bem, tudo bem, deixa lá. - Os dois homens entreolharam-se durante um longo instante. - Eu posso obrigar-te a desistir dela para o Hitler, como sabes.

- Espero que não o faça, meu capitão.- - Era a atenuação de um vida, e durante um longa pausa nenhum dos homens falou.

- Não o farei, Von Tripp. - E depois, após outra pausa: - É bom ver-te novamente vivo. - Solto um largo sorriso. - É bom ver-te preocupado com alguma coisa. há três anos que te digo que era disso que precisavas.

- Sim, meu capitão. - Manfred solto um sorriso convincente, ao mesmo tempo que lhe apetecia esbofetear o seu oficial de comando. - Obrigado, meu capitão.

- Não tens de que.... - E riu a socapa. - Serve bem o Hitler. Ele é o homem mais velho aqui e fica sempre com as moças mais novas. não te preocupes, tenho de arranjar

outra para lhe mandar. Deve mantê-lo feliz durante algumas semanas. - Riu-se de maneira espalhafatosa e acenou a Manfred para se retirar.

Assim a ele ganhara-a, e com a graça do capitão no final. Sentiu escapar um longo suspiro de alívio, olhou em redor e viu que eram horas de ir para casa.

- Tenente? - Ariana espreitou para o corredor, os bonitos cabelos dourados presos graciosamente no alto da cabeça e os enormes olhos azuis a dançar nervosamente de um lado para o outro para verem se era ele.

- Boa tarde, Ariana. - Manfred pareceu insuportavelmente formal quando olhou para os olhos azuis, enquanto ela ficou estática a sua frente com um ar ansioso estampado no rosto.

Ariana gaguejou algumas palavras com um ar aterrorizado, e Manfred compreendeu imediatamente.

- Está tudo bem. está tudo tratado.

- Eles ficaram muito zangados? - Os enormes olhos azuis pareceram maiores que nunca quando Manfred abanou

ligeiramente a cabeça. Todos os instantes de terror do mês anterior estavam gravados no olhar. tão corajosa que ela parecera tantas vezes, parecia agora um criança indefesa.

- Já lhe disse, está tudo bem. Aqui estar em segurança.

Ariana apeteceu-lhe perguntar durante quanto tempo, mas não se atreveu. Em vez disso, limitou-se a acenar com a cabeça.

- Obrigada. - E de seguida: - Quer um xícara de chá?

- Quero. - Manfred fez um ligeira pausa. - Se também tomar um . - Ela fez um gesto afirmativo com a cabeça silenciosamente e desapareceu na cozinha.

Voltou pouco depois com um tabuleiro e duas xícaras fumegantes da preciosa infusão. Para ela era um dos maiores luxos da casa dele, depois de um mês na cela. Podia novamente andar limpa e beber chá. Atrevera-se até a beber um xícara de chá sozinha nessa tarde, enquanto vagueava pela sala de estar, olhando de relance para os livros e pensando novamente no pai e em Gerhard. não conseguia deixar de pensar neles. E a dor da preocupação e da angústia ainda eram visíveis no olhar. Manfred olhou-a com ternura quando pousou a xícara. havia tão pouco a dizer. Sabia muito bem o que era carregar com o fardo da perda. Soltou um suspiro em silêncio e pegou num dos cachimbos quando se sentaram. O que fez hoje, Fraulein?

Ariana abanou ligeiramente a cabeça.

- Eu a nada a Eu a olhei para alguns dos seus livros. Lembrou-se da esplêndida biblioteca que vira na casa dela no dia anterior, e há muito tempo na sua própria casa. A lembrança disso fê-lo pegar o touro pelos cornos.

Procurou com o olhar os olhos dela quando acendeu o cachimbo.

- É um bela casa, Fraulein. - Ariana soube imediatamente a que casa é que ele se

referia.

- Obrigada.

- E um dia ser sua de novo. A guerra não pode continuar eternamente. - Pousou o cachimbo e olhou-a com um expressão de compaixão. - A casa dos meus pais também foi ocupada.

- Foi? - Um ar de interesse iluminou-lhe o rosto. Onde é a casa, tenente?

A tristeza voltou aos olhos de Manfred quando respondeu.

- Nos arredores de Dresden. - Leu instantaneamente a pergunta nos olhos de Ariana. - Não foi atingida pelos bombardeamentos. - O palacete não fora a mas tudo o resto tinha sido a toda a gente a os filhos, Theodor e Tatianna a Mariana, a esposa a , os pais, a irmã, todos eles a morreram. Tal como o pai e o irmão dela, Era o mais certo.

Para sempre.

- Que sorte a sua. - Manfred levantou os olhos, perplexo com as palavras dela, e lembrou-se então de terem estado a falar do palacete.

- Sim.

- E a sua família?

Manfred tomou fôlego.

- Não tiveram tanta sorte. - Ariana ficou a espera, o silêncio a tornar-se pesado entre eles. - Os meus filhos a minha a mulher a e os meus pais a estavam todos na cidade. - Levantou-se e caminhou até a lareira. A única coisa que ela lhe via agora eram as costas. - Foram todos mortos. A voz de Ariana era um dócil murmúrio.

- Lamento muito.

Manfred voltou-se então para a encarar de frente.

- Ninguém lamenta mais isso do que eu, Fraulein. Manteve-se naquela posição durante um longo instante, e os olhos dos dois encontraram-se e não se desviaram.

- H a - Ariana mal conseguira articular a pergunta, mas tinha de saber. - há novidades?

Manfred abanou a cabeça lentamente. Era altura de ela encarar a verdade. Ele sentira que algures no coração, no espírito de Ariana, havia algo que a fazia recusar-se a encará-la desde o principio.

- O seu pai, Fraulein, penso que não a abandonou a nem se esqueceu de si. Por aquilo que ouvi, ele não era esse tipo de homem. Ariana abanou a cabeça lentamente.

- Não, eu sei disso. Deve-lhes ter acontecido algum coisa. - E depois, levantou os olhos para ele em ar de desafio. - Encontrá-los-ei depois da guerra a depois da guerra.

Manfred olhou-a com ar pesaroso e os olhos umedeceram-se.

- Penso que não, Fraulein. Acho que devia compreender isso agora. A esperança, a falsa esperança, pode ser Um coisa muito cruel.

- Então ouviu algum coisa? - O coração de Ariana começou a bater mais depressa.

- Não ouvi nada. Mas a meu Deus, pense nisso. Ele foi-se embora para livrar o

rapaz da tropa, não foi? - Ela não disse nada. Talvez fosse apenas um truque cruel, para finalmente a obrigar a trair o pai. E ela não o faria. Nem sequer com aquele homem em quem ela quase confiara. está bem, não me diga. Mas é o que eu suponho. - E depois chocou-a. - É o que eu teria feito. O que qualquer homem são teria feito para salvar o filho. Mas ele deve ter planeado voltar para buscá-la, Ariana. Só a morte o poderia ter impedido. A dele e a do rapaz. É pouco provável que tenham conseguido entrar na Suíça e que ele tenha conseguido regressar. Seguramente que os guardas fronteiriços os apanharam. É o mais certo.

- Mas eu não teria sabido? - havia agora lágrimas a rolar lentamente pela face de Ariana em direção ao queixo, enquanto ouvia as palavras de Manfred, e a voz era um simples murmúrio quando falou.

- Não necessariamente. não são bem as mais refinadas tropas que temos na fronteira. Se os mataram, e é o mais certo, devem ter-se desfeito deles. Eu a - Manfred pareceu embaraçado por momentos. - Já tentei descobri-los. Mas ninguém me disse nada, Fraulein. Acho que tem de encarar o que aconteceu. Eles desapareceram. Devem estar mortos.

Ariana virou a cara para o lado, inclinou a cabeça, os ombros a tremer; em passo silencioso, Manfred saiu da sala. Pouco depois, ela ouviu a porta do quarto dele a fechar-se. E ali ficou, a soluçar baixinho, até que finalmente se deitou em cima do sofá e desatou a chorar. Era a primeira vez desde que todo o pesadelo começara que obedecia verdadeiramente aos seus impulsos. E, quando acabou, sentiu-se tolhida. Só voltou a ver Manfred na manhã seguinte e, quando isso aconteceu, evitou olhá-lo. não queria ver a piedade, a compaixão, a angústia que se vislumbrava no olhar: era a única coisa que ela conseguia

fazer para combater a sua própria angústia.

Nas semanas seguintes, Ariana via-o freqüentemente a olhar para as fotografias dos filhos, e ao vê-lo assim ficava com o coração dorido, pensando em Gerhard e no pai, sabendo que nunca mais os voltaria a ver: E agora, quando se sentava na sala de estar toda a tarde sozinha, os rostos risonhos dos filhos de Manfred perseguiam-na, como se a censurassem por estar ali com o pai, quando eles já não podiam estar com ele.

Algumas vezes ficava ofendida com eles por a olharem fixamente: a moça, de tranças e laços de cetim branco, o rapaz, de cabelo louro liso e enormes olhos azuis que a olhavam por cima de uns laivos de sardas a Theodor a Mas o que mais a ofendia era fazerem do tenente um ser hum no, era darem-lhe um ar mais autêntico. E ela não o queria encarar assim. não queria saber nada dele. Apesar do que dissera quando a trouxera para Wannsee, ele era de certo modo o seu carcereiro. não o queria ver de outro modo. não queria saber nada dos sonhos, das esperanças ou das angústias dele, nem queria contar-lhe

nada mais dela própria. Ele não tinha qualquer direito de saber a extensão da dor que ela sentia. Ele já vira demasiado da sua vida, da sua dor e da sua vulnerabilidade. Vira-a a mercê de Hildebrand. na cela do Reichstag e vira os últimos momentos angustiantes na sua própria casa. já vira demasiado e não tinha esse direito. Ninguém tinha. Ela nunca mais voltaria a partilhar algo seu com alguém. Manfred von Tripp sentia isso quando se sentava silenciosamente a olhar para o lume, noite após noite, a fumar cachimbo e a trocar algumas, poucas, palavras com Ariana, enquanto ela se sentava educadamente perto dele, perdida em pensamentos, atrás do muro da sua dor.

Estava em casa dele há três semanas, quando ele se virou para ela subitamente um noite e apanhou-a de surpresa, levantando-se e pousando o cachimbo.

Quer ir dar um passeio, Fraulein?

Agora? - Ficou perplexa e um pouco assustada. Seria um armadilha? Onde é que ele a levaria, e Porquê? O olhar dela desgostou-o, e Manfred compreendeu imediatamente que ainda era grande o receio e a desconfiança depois daqueles dias rotineiros. Levaria um vida inteira a apagar da memória aqueles dias nas entranhas do Reichstag. Assim como ele levaria

um vida inteira a esquecer o que vira quando regressara a Dresden para vasculhar as ruínas da sua casa a os brinquedos despedaçados debaixo de vigas e de bocados de gesso, os adornos de prata de que Mariana se orgulhava tanto a estavam agora derretidos e sem brilho a tal como as jóias a tal como os seus sonhos. Manfred forçou os seus pensamentos a voltarem ao presente quando olhou para os assustados olhos azuis.

- Não quer fazer um pouco de exercício? - Ele sabia que ela nunca se aventurara para lá do jardim. Ainda estava assustada.

- E se houver um ataque aéreo?

- Corremos para o abrigo mais próximo. não tem de se preocupar. Estar em segurança comigo.

Ariana sentiu que não era de bom tom contrariar aquela voz calma e profunda e aqueles olhos dóceis, e fez um ligeiro sinal de aquiescência com a cabeça.

Seria o seu primeiro passeio no mundo no espaço de dois meses. Passara um mês na prisão, e estava há quase tanto tempo em Wannsee, e demasiado assustada para se arriscar a dar mais que alguns passos fora de casa.

Sentia-se perseguida por todo o tipo de terrores, e essa noite, pela primeira vez, Manfred compreendeu a extensão do medo dela. Observou-a a vestir o casaco e fez um gesto silencioso com a cabeça. Ariana não sabia, mas era o olhar que ele costumava lançar a Tatianna, a filha, quando sabia que ela estava com medo.

- Está tudo bem. O ar nos fará bem. - Estivera toda a noite a combater os seus próprios pensamentos. E tinha-os cada vez com mais frequência. não eram apenas os pensamentos nos filhos, nos pais ou na mulher a mas havia agora outros pensamentos

a pensamentos centrados em Ariana, que haviam começado a atormentá-lo há já algumas semanas. - Pronta?

Ela fez um gesto afirmativo com a cabeça, os olhos arregalados; quando saíram para a noite fria, ele enfiou a pequena mão enluvada de Ariana debaixo do braço. Manfred fingiu não notar que ela, distraidamente, agarrava com força a manga dele enquanto caminhavam.

- Está um noite maravilhosa, não acha? - Ariana olhou para o céu e sorriu novamente. O sorriso dela era tão raro e tão bonito que o fez também sorrir.

- Está, sim, senhora. E como vê, não há nenhum ataque aéreo. - Mas meia hora depois, quando estavam de regresso a casa, as sirenes começaram a tocar e as pessoas começaram a sair a correr das casas em direção aos abrigos próximos. Ao primeiro som das sirenes, Manfred pôs-lhe um mão a volta dos ombros e correram em direção ao abrigo, juntamente com outras pessoas.

Ariana correu com ele, mas no seu íntimo não se importava se estava ou não em segurança. já não tinha nada por que merecesse viver.

No abrigo havia mulheres a gritar, bebês a chorar e crianças a brincar como era costume. Eram sempre os adultos que estavam assustados. As crianças haviam crescido com aquela guerra. Um delas bocejava e duas outras cantavam um canção absurda, enquanto a gritaria por cima deles continuava e se ouviam as bombas ao longe. Quando o bombardeamento acabou, Manfred olhou para o rosto sereno e os olhos tristes de Ariana e, sem pensar, esticou o braço e pegou-lhe na mão. Ela não disse nada, ficou no mesmo sitio, segurando a enorme mão macia na sua e observando aqueles que a rodeavam, interrogando-se acerca da razão de eles viverem e de continuarem a viver.

- Penso que agora é seguro, Fraulein. - Ainda a chamava assim a maior parte das vezes. Levantou-se e ela acompanhou-o, e caminharam rapidamente em direção a casa. Foi um tipo de passeio diferente daquele que tinham dado no principio da noite. Ele queria levá-la novamente para casa onde ela estaria em segurança. Quando entraram no vestíbulo principal ficaram em silêncio, de olhos fixos um no outro, algo novo e diferente nos olhos. Mas Manfred, limitou-se a fazer um pequena vênica com a cabeça, voltou-se e subiu as escadas.

Capítulo 20

Ariana estava de pé em cima de um cadeira na cozinha quando Manfred voltou para casa na noite seguinte, tentando desesperadamente chegar a um lata que fora arrumada num prateleira alta. E, quando ele passou no corredor e a viu, foi rapidamente para o lado dela, esticou o braço, pegou na lata e entregou-lha; depois, irrefletidamente, pôs-lhe as mãos a volta da cintura, ergueu-a da cadeira e pousou-a no chão. Ariana corou ligeiramente e agradeceu-lhe, indo depois fazer-lhe a habitual xícara de chá. Mas agora parecia sentir algo diferente. Um espécie de corrente elétrica, que não existia antes, ou que existia mas estava inativa, entre essas duas pessoas de espíritos perturbados. Desta vez, quando passou a xícara de chá a Manfred, esquecera-se do açúcar e corou novamente quando se afastou.

Estiveram ambos silenciosos durante o jantar; no final, Manfred sugeriu outro passeio. Desta vez tudo se passou calmamente, e só ao fim da noite é que houve ataques aéreos. Acordaram imediatamente, mas demasiado tarde para fugirem: tiveram de se refugiar na cave, com roupões de banho vestidos a pressa e sapatos pesados calçados. Manfred tinha um mala guardada na cave com um muda de roupa para o caso de ter de fugir a pressa, e lembrou-se, quando se sentou, de que nunca dissera a Ariana para trazer algumas coisas dela para baixo. Sugeriu-lhe então que as trouxesse, e ela encolheu delicadamente os ombros a luz do cachimbo. havia bocados de pano preto nas janelas, de modo a que ninguém pudesse ver o pequeno ponto de luz quando fumava. Manfred ficou desconcertado pelo gesto dela, e compreendeu então.

- Não se preocupa com a sua sobrevivência, Ariana?

Ariana abanou lentamente a cabeça.

- Por que razão é que me devia preocupar?

- Porque é ainda muito jovem. Ter de construir toda a sua vida. Quando a guerra acabar, ter tudo a sua frente Ariana parecia pouco convencida.

- Está assim tão preocupado? - Via o olhar com que Manfred olhava para as fotografias dos filhos e da mulher. A sua sobrevivência significa assim tanto para si?

- Significa mais agora do que nunca. - A voz de Manfred era estranhamente suave. - Com o tempo, também voltar a significar mais para si.

- Porquê? Que importa isso agora? Isto nunca terminar. - Ouviram as bombas ao longe. - Porem, não parecia amedrontada, estava apenas desesperadamente triste. Queria que as bombas matassem todos os nazis, e depois ficaria livre, ou morta.

- A guerra terminar um dia, Ariana. Garanto-lhe. A voz de Manfred, tal como

tinha sido na noite anterior, era extremamente meiga quando se sentaram na escuridão e ele procurou silenciosamente a mão dela. Mas, desta vez, quando lhe pegou na mão, Ariana sentiu um formigueiro pelo corpo todo. Manfred segurou-a durante bastante tempo e Ariana sentiu-o então a puxá-la para ele. Foi incapaz de resistir ao suave movimento e sentiu alguma relutância em afastá-lo. Como se fosse isso que sempre desejara, sentiu-se envolvida nos poderosos braços, e sentiu a boca dele a descer lentamente ao encontro da sua. O som das bombas ao longe desvaneceu-se, e a única coisa que conseguia ouvir era o pulsar do coração nos ouvidos quando ele a agarrou, beijou e acariciou; depois, sem fôlego, empurrou-o. Instalou-se um breve e incômodo silêncio, e Manfred murmurou então:

- Desculpe a desculpe, Ariana a Eu não devia a Mas desta vez foi Manfred que ficou atônito quando ela o silenciou com um beijo e depois saiu sem fazer qualquer ruído da cave e foi para o quarto. Na manhã seguinte, nenhum dos dois fez qualquer alusão ao que acontecera na noite anterior Mas, cada dia que passava, havia um relação mais íntima, um atração ainda maior, a que eles tinham cada vez mais dificuldade em resistir. Até que, finalmente, um manhã, ela acordou e encontrou-o, de pé no seu quarto.

- Manfred? - Ariana olhou para ele com ar ensonado, sem se aperceber que era a primeira vez que o tratava pelo primeiro nome. - Algum problema?

Manfred abanou lentamente a cabeça e encaminhou-se para a cama. Envergava um pijama de seda azul por baixo de um roupão de seda azul escuro. Durante um longo instante, Ariana ficou sem saber o que ele queria, mas foi-se apercebendo a pouco e pouco. não sabia o que lhe dizer, mas sabia, ao olhar para aquele homem, que o desejava desesperadamente.

Apaixonara-se pelo seu captor, o tenente Manfred von Tripp. Porém, ao olhá-la com ar vido e triste, Manfred percebeu que cometera um erro terrível e, antes que ela pudesse articular palavra, virou-se e precipitou-se para a porta.

- Manfred a o que está a fazer a onde é que vais, e Manfred olhou-a um vez mais.

- Desculpe a não devia ter a não sei o que a - Mas Ariana estendeu-lhe os braços. não os braços de um criança, mas os braços de um mulher. Manfred virou-se lentamente, olhando-a de frente, e caminhou na sua direção com um sorriso dócil nos lábios e a abanar a cabeça. - Não, Ariana a ainda é um criança. Eu a eu não sei o que aconteceu. há horas que estou na cama a pensar em si a e acho que, por instantes, perdi a cabeça. - Ariana saltou sorratamente da cama e ficou a espera que ele viesse ter com ela e que compreendesse. Manfred olhou-a com um ar de espanto, enquanto ela se mantinha de pé com um camisa de dormir de flanela branca e um pequeno sorriso nos lábios. Ariana? - Não acreditava no que os seus olhos viam. Querida? a - Foi o mais puro murmúrio que saiu dos seus lábios quando chegou junto de Ariana e a envolveu nos braços, e a boca dela encontrou a sua e ela aninhou-se entre os seus braços.

- Amo-te, Manfred. - Ela nunca reconhecera até então que o amava; Porém, quando ele a abraçou e sentiu o coração dele a bater freneticamente, compreendeu claramente que o amava de verdade. Instantes depois, deitaram-se e ele agarrou-a com a ternura de um homem apaixonado. E amou-a com perícia e carinho repetidas vezes.

Continuou assim até ao Natal, enquanto Manfred e Ariana viviam deleitados no seu mundo secreto. Manfred passeava todo o dia pela casa e no jardim, em arrumações e a ler, e a noite jantavam calmamente e depois estiravam-se junto a lareira, mas subiam para o quarto muito mais depressa agora que havia o fascínio das maravilhas que Manfred ensinava a Ariana na cama. Era um amor profundo e romântico que eles partilhavam e, apesar da perda do pai e de Gerhard, Ariana nunca fora tão feliz na vida. Quanto a Manfred, voltara para a terra dos vivos com entusiasmo, alegria e humor. Aqueles que o conheciam desde a morte dos filhos não acreditavam que fosse o mesmo homem. Durante os últimos dois meses, ele e Ariana tinham sido infinitamente felizes, e agora apenas a ameaça do Natal os preocupava um pouco, já sem os fantasmas das vidas passadas, dos anos passados, a andarem a sua volta a partilharem a nova alegria do jovem casal.

- Bom, o que é que vamos fazer no Natal? não quero que nenhum de nós fique para aqui sentado, deprimido, a pensar no que já não existe. - Manfred lançou-lhe um olhar circunspecto por sobre o chá da manhã, que agora partilhavam na cama. - Em vez disso quero celebrar o que temos este Natal, sem choros por aquilo que não temos. Por falar nisso, o que é que queres para o Natal? - Faltavam ainda duas semanas, e o tempo estivera seco e gelado na semana anterior.

Ariana sorriu-lhe das almofadas, um olhar carinhoso estampado no rosto.

- Sabes o que é que eu quero no Natal, Manfred?

- O que, minha querida? - Não conseguia manter as mãos afastadas dela quando ela o olhava daquela maneira, os cabelos dourados espalhados a sua volta como um lençol de fio de ouro, os delicados seios nus, o olhar acolhedor e terno.

- Quero um filho. Um filho teu. - Manfred ficou em silêncio. Era um coisa em que já pensara mais do que um vez.

- Estás a falar a sério, Ariana? - Mas ela era ainda tão jovem muita coisa podia mudar. E depois da guerra a não gostava de pensar nisso, mas talvez, quando ela já não tivesse de viver debaixo da sua proteção, aparecesse então alguém mais jovem e detestava pensar nisso.

Mas ela estava a olhar para ele com um ar sério. - Estou a falar a sério, meu querido. não desejo nada mais que um filho nosso.

Manfred abraçou-a durante um longo instante, incapaz de falar. Era o que ele queria um dia. Mas ainda não. não nesses dias horripilantes.

- Ariana, minha querida, prometo-te que - Inclinou a cabeça para trás para a olhar com ternura - quando a guerra acabar, teremos um filho. Ter s a dádiva de um

filho.

- Isso é uma promessa? - Ariana sorriu com ar prazenteiro.

- Uma promessa solene.

Ariana abraçou-o com mais força e soltou a gargalhada cristalina que ele adorava tanto.

- Então não quero mais nada para o Natal. É a única coisa que quero no mundo.

- Mas ainda não o podes ter. - A alegria dela era contagiante e ele também ria. -

Não há mais nada que gostasses?

- Não. a exceção de uma coisa. - O olhar de Ariana irradiava felicidade.

- O que?

Ariana ficou embaraçada com a pergunta, Falar acerca da hipótese de ter um filho era uma coisa, mas pedir a um homem para casar não se fazia. Assim, em vez de dizer, gaguejou, meteu-se com ele e não respondeu, e ele ameaçou arrancar-lhe o segredo nessa noite. Mas Manfred tinha as suas próprias idéias sobre o assunto. Desejava ardentemente casar com Ariana, mas queria esperar até que o pai estivesse um vez mais em paz. A guerra não duraria eternamente e teria um grande significado para si casar-se no palacete da família.

Manfred tivera outra idéia para o Natal e, quando a manhã do dia de Natal chegou, havia meia dúzia de caixas debaixo da árvore. Uma era um camisola que Ariana tricotara para Manfred, outra era um série de poemas que ela lhe escrevera em forma de pergaminho. E a terceira era um caixa das bolachas favoritas dele, que ela há vários dias tentava fazer da forma que ele mais gostava. Lebkuchen, para o Natal, de todas as maneiras tradicionais: umas cobertas de chocolate, outras polvilhadas com pequenas decorações de açúcar de cores vivas. Manfred ficou profundamente tocado quando viu o trabalho que ela tivera.

As prendas de Manfred para Ariana eram um pouco menos modestas, e ela sacudiu todas as caixas com entusiasmo e alegria.

- Qual devo abrir primeiro?

- A grande. - Com efeito, ele tinha duas outras caixas grandes escondidas no roupeiro ao fundo do corredor, mas não quisera sufocá-la com tudo ao mesmo tempo. O primeiro embrulho que ela abriu continha um bonito vestido azul brilhante, que lhe caía dos ombros e dançava suavemente sobre a pele nua. Era um vestido de frente única com um pequeno decote em V nas costas, e, depois de um Inverno de saias grosseiras, sapatos robustos e camisolas pesadas, Ariana rejubilou com o bonito vestido.

- Oh, Manfred, vou usá-lo esta noite ao jantar! - Mal ela sabia que era mais ou menos isso que ele tinha em mente. O segundo embrulho revelou um bonito colar de águas-marinhas para condizer com o vestido, e o terceiro um par de impecáveis sapatos de noite prateados. Coberta de todos os seus adereços, Ariana deitou-se ao

comprido na cama, bebendo o chá como se fosse champanhe e cantando num tom gutural. Manfred riu-se com ar prazenteiro quando foi buscar o resto das caixas, que revelaram um vestido branco de caxemira que estava a grande distância daquilo a que ela estava acostumada, e um camisola de lã preta lisa que era digna do guarda-roupa que tivera antes. Ele comprara-lhe um par de sapatilhas pretas, um mala preta de pele de crocodilo e um casaco de malha preta que ela vestiu com prazer, experimentando as peças de roupa um após outra. - Oh, vou ficar tão elegante, Manfred! - Abraçou-o fervorosamente e riram-se novamente.

- Tu já és elegante! - Ariana ostentava o colar de águas-marinhas, os sapatos prateados e o novo casaco preto sobre a roupa interior de renda branca. - Eu diria que Estás sensacional! Mas falta um coisa a - Manfred começou a vasculhar o bolso do roupão de banho a procura da sua última prenda, esta escondida num pequena caixa. Atirou-a para as mãos abertas dela e recostou-se na cabeceira da cama com um sorriso largo nos lábios.

- O que é?

- Abre e vê.

Ariana desembrulhou-a lenta e cuidadosamente; quando a caixa se abriu na sua mão, os olhos mostraram a felicidade de alguém que se sente amada. Era um maravilhoso anel de noivado da Louis Werner da Kurfürstendammi.

- Oh, Manfred, és louco!

- Sou? Seja como for, pensei que se eventualmente quisesses ter um filho, talvez fosse de bom tom ficarmos noivos.

- Oh, Manfred, é maravilhoso!

- Tu também és maravilhosa. - Manfred enfiou-lhe o anel de diamantes no dedo e ela ficou a olhar para ele comum largo sorriso, com o deslumbrante conjunto de saia e casaco que ela escolhera da montanha de prendas que ele lhe acabara de oferecer.

Ariana ficou apoiada no cotovelo quando se sentaram.

- Quem me dera podermos sair para mostrar todas as minhas coisas bonitas. - Mas as palavras saíram num tom melancólico, sem grande urgência. Durante os meses anteriores tiveram de se contentar em dar pequenos passeios, quer pelo Wannsee, quer por um dos outros pequenos lagos. De vez em quando iam almoçar a um restaurante, mas viviam efetivamente como eremitas, e sentiam-se mais felizes em casa um ao pé do outro. Mas ele comprara-lhe coisas tão bonitas para vestir que subitamente ficou tentada a entrar novamente no mundo.

Gostarias mesmo de sair? - Manfred parecia cauteloso.

Ariana fez que sim com a cabeça, entusiasmada.

- Adoraria.

- há um baile esta noite, sabes?

- Onde? - De facto, havia vários. Dietrich von Rheinhardt ia dar um festa, tal

como o general Hitler, na velha casa do pai dela; havia um no quartel-general, e havia outras duas estas enormes dadas pelas altas patentes militares. podiam ir a qualquer um das festas que quisessem. Só a festa de Hitler é que Manfred queria evitar. A exceção dessa, Manfred fez-lhe a relação das festas e escolheram três. Vou levar o vestido azul e o colar a e o anel de noivado. Ariana soltou um sorriso largo, extasiada, e então, subitamente, lembrou-se de algo que nunca lhe mostrara antes.

- Manfred? - Ariana olhou-o com ar hesitante.

- O que é, meu amor? - O rosto dela ficou sério com tal rapidez que ele não sabia o que pensar. - O que é que se passa?

- Ficarias zangado se eu te mostrasse um coisa? Manfred sorriu perante a pergunta.

- Só saberei quando me mostrares.

- E se ficares zangado?

Controlar-me-ei. - Ariana foi até ao seu velho quarto e voltou com o livro do pai.

- Vais ler Shakespeare agora? Na manhã do dia de Natal? - Manfred deixou-se cair na cama com um gemido.

- Não, não brinques, Manfred. Ouve-me a tenho um coisa para te mostrar. Lembras-te do dia em que me levaste a Grunewald e eu trouxe o livro do papai? Bom, na noite em que o meu pai se foi embora com o Gerhard e... - Por instantes, os olhos ficaram tristes e ela começou a recordar. há muito que ela lhe contara tudo o que se passara. Com o livro na mão, prosseguiu. - O meu pai deixou-me estas jóias, para o caso de precisar delas, se algum coisa corresse mal Eram da minha mãe. - Sem mais cerimônias abriu o compartimento secreto e revelou dois anéis, o anel de diamantes com sinete e o anel de esmeralda. não se atrevera a incluir a pequeníssima arma que o pai lhe dera. Quando tirou o livro empurrara silenciosamente a arma para o fundo da prateleira. Ser apanhada com um arma escondida teria significado morte imediata. Os anéis eram os seus tesouros, a única coisa que lhe restava. Sem esperar o que ela lhe ia mostrar, Manfred disse com voz entrecortada:

- Meu Deus, Ariana. - E depois: - Alguém sabe que tens? - Certamente que não. Ariana abanou a cabeça. Devem valer um fortuna.

- Não sei. O papai disse que elas poderiam ajudar se eu tivesse de as vender.

- Ariana, quero que escondas o livro de novo. Se algo correr mal, se a guerra acabar e nós não ganharmos, esses anéis podem comprar a tua vida, ou levar-te para um lugar onde possas ser livre.

- Falas de um maneira que parece que me vais deixar. Os olhos de Ariana estavam arregalados e tristes.

- Com certeza que não, mas pode acontecer qualquer coisa. Podemos ficar separados por uns tempos. - Ou podia ser morto, mas não queria recordar-lhe isso na manhã do dia de Natal. - Guarda-as. E um vez que é tão boa guardadora de segredos,

Fraulein von Gotthard a - Olhou-a com um ar reprovador. - Bom, acho que deve ficar a saber disto. - Sem mais explicações

abriu um gaveta e mostrou a Ariana que escondera dinheiro e um pequena pistola de aspecto eficiente.

Um das avenidas mais populares e concorridas de Berlim. (N. do T-)

- Se algum vez precisares disto, Ariana, já sabes onde est. Queres por os anéis aqui? - Ela fez que sim com a cabeça e guardaram os anéis da mãe; ela sentou-se novamente com um ar de felicidade estampado no rosto. A partir da manhã do dia de Natal de 1944, Ariana Alexandra von Gotthard ficara noiva do tenente Manfred Robert von Tripp.

Capítulo 21

A noite começou no Teatro da ópera, na larga avenida que Ariana tanto adorava., a Unter den Linden, as graciosas fiadas de arvores apenas interrompidas pela Porta de Brandenburgo, que ficava logo em frente.

Manfred observou-a, com ar prazenteiro, a sair do carro, o vestido azul claro a cair-lhe do corpo como um película de gelo, as águas-marinhas a dançarem-lhe no pescoço. Era a primeira vez desde há meses que Ariana usava roupas que tinham leves semelhanças com as antigas roupas, e por um noite era maravilhoso esquecer as tragédias do ano anterior.

Ariana agarrou-se com mais força a Manfred enquanto atravessavam um mar de uniformes, em direção aos de patente mais alta, aos quais Manfred tinha de prestar homenagem antes de se juntar aos outros e divertir-se no baile.

Manfred apresentou-a com ar grave a dois generais, vários capitães e um mão-cheia de coronéis que conhecia, fazendo de cada um das vezes um apresentação formal enquanto Ariana ficava imóvel, a cabeça erguida, a mão estendida. Ela teria honrado qualquer homem, e o coração de Manfred inchou de orgulho ao ver o ar sério que ela ostentava. Era a primeira vez que ela se submetia ao exame de metade dos oficiais superiores do Reich. Princesa cativa que era, ficaram todos um pouco intrigados, - E ela sabia isso. Manfred viu como ela estava assustada ao principio da noite, quando sentiu a não dela a tremer na sua ao conduzi-la até a pista de dança para dançar a valsa.

- Tudo bem, querida, comigo Estás em segurança. Manfred lançou-lhe um terno sorriso e Ariana levantou um Pouco mais o queixo.

- Tenho a sensação de que estão todos a olhar para mim.

- Apenas por estares tão bonita, Ariana.

Contudo, ela sabia, enquanto dançava, que nunca mais voltaria a sentir-se em segurança. Eles podiam fazer qualquer coisa, essa gentalha: roubar-lhe novamente a casa, matar Manfred, fechá-la num cela. Porém, era absurdo pensar dessa maneira, era Natal e ela e Manfred estavam a dançar. Então, subitamente, enquanto rodopiavam pela pista, ela lembrou-se e os olhos riram-se de novo quando se fixaram nos dele.

- Sabes que foi aqui que vim para o meu primeiro baile? Com o meu pai. - Os olhos cintilaram ao lembrar-se de quando chegara ali extremamente nervosa e cheia de medo.

- Devo ficar com ciúmes, Fraulein?

- Nem pouco mais ou menos. Só tinha dezasseis anos. Ariana olhou-o com um ar imperioso e ele riu-se.

- Com certeza, que estupidez a minha, Ariana. És muito mais velha agora. - E em muitos aspectos era. Estava muito mais adulta que a moça que há apenas três anos dançara nessa mesma sala de baile, de organdi branco com flores nos cabelos. Parecia que fora há um milhar de anos. E enquanto ela pensava nisso, com ar sonhador, tiraram-lhes um fotografia. Ela deu um salto de surpresa e perscrutou, com os olhos a piscar, o olhar de Manfred.

- O que foi isto?

- Tiraram-nos um fotografia, Ariana. Tudo bem? Era costume tirarem-se dúzias de fotografias dos oficiais e respectivas esposas, em todas as festas, em todos os bailes. Punham-nas nos jornais, nos clubes de oficiais e faziam cópias para os familiares. - Importas-te, Ariana? - Por momentos, o desapontamento encheu o olhar de Manfred. Seis meses antes teria ficado furioso se o fotografassem na companhia de qualquer mulher, mas agora queria um fotografia dos dois, como se o facto de ver os rostos deles no jornal tornasse as coisas mais verdadeiras. Ariana percebeu rapidamente o olhar dele e inclinou a cabeça com um pequeno sorriso.

- Com certeza que está tudo bem. Só fiquei surpreendida. Poderei ver as fotografias? - Manfred fez que sim com a cabeça e ela sorriu.

Ficaram no Teatro da ópera durante um hora; depois, de olhos postos no relógio, murmurou-lhe algo ao ouvido e ela foi buscar a capa. Esta fora apenas a primeira paragem da noite, e a paragem mais importante na agenda deles estava ainda para vir. Ele queria que ela se acostumasse ao mar de uniformes a volta dela, aos olhares curiosos, aos flashes que a faziam ver pequenos pontos negros a dançar nos olhos, porque na próxima paragem ela seria observada mais atentamente. Como sua noiva, ela passaria por um exame minucioso, e ele suspeitava que o Fuhrer também lá estaria.

Quando chegaram ao Palácio Real, Manfred vislumbrou imediatamente o Mercedes 500 K preto de Hitler. havia dezenas de guardas especiais a volta do palácio, e logo que entraram na velha e esplendorosa Sala do Trono, cheia de espelhos, dourados e embutidos, Manfred sentiu Ariana a agarrar-se com mais força ao seu braço. Deu ternamente algumas palmadinhas na pequena mão e lançou-lhe um sorriso apaixonado. Um a um, fez as necessárias apresentações vagueando lentamente através das filas de uniformes, apresentando-a aos generais e as respectivas esposas ou amantes. Sentiu-se orgulhoso ao vê-la inclinar levemente a cabeça e estender a graciosa mãozita. Até que finalmente chegaram a um rosto que era familiar, e o general Hitler pegou na delicada mão da jovem.

- Ah, Fraulein, von Gotthard a que agradável surpresa. O general lançou-lhe um olhar de regozijo, e depois um leve olhar de desaprovação a Manfred, ao lado dela. - Tenente. Manfred bateu os calcanhares e fez um vênio. - Quer-se juntar a nós mais logo, Fraulein? haver um pequena ceia em minha casa. Na sua casa.

Manfred viu os olhos dela a dançar de um lado para o outro com raiva, e apenas

lhe apertou a mão esquerda; depois enfiou-a suavemente no seu braço esquerdo, de modo a que o general pudesse ver facilmente o anel de diamantes.

- Lamento, general. - A voz de Manfred era toda adocicada. - Eu e a minha noiva temos um compromisso para esta noite, mas talvez a - Falava num tom reverente, com um sorriso esperançoso. - Talvez, noutra altura?

- Certamente, tenente. E a sua noiva, foi o que disse? - Os olhos nunca se desviaram de Ariana enquanto falava. Ela conseguia sentir os olhos do homem quase a despi-la, o que lhe causava uma sensação de formigueiro na pele, que fingia não notar.

Dessa vez, Ariana antecipou-se a Manfred, os olhos fixos nos do general, o tom delicado mas frio.

- Sim, agora estamos noivos, general.

- Que maravilha. - O general enrolou o lábio.

O seu pai ficaria muito contente. - Muito mais do que tê-lo na casa dele, querido general a canalha imundo a Apetecia bater-lhe, enquanto sorria para o rosto repugnante. Posso dar-lhe os meus parabéns? - Manfred fez nova vênica, e Ariana fez um ligeiro aceno com a cabeça, com ar grave, antes de se afastarem.

- Acho que nos saímos bastante bem. - Ariana olhou para Manfred com um pequeno sorriso.

- Saímos, não saímos? - Manfred estava divertido e, ao mesmo tempo, loucamente apaixonado por ela. Era maravilhoso sair com ela. - Estás a divertir-te, Ariana? Olhou para ela, preocupado, o orgulho de estar com ela visível no olhar.

Ariana ficou de novo com um ar de prazer e fez um gesto afirmativo com a cabeça.

- Estou.

- Ótimo. Então na segunda-feira vamos a as compras.

- Meu bom Deus, para que? Deste-me três vestidos e um casaco esta manhã a um colar a sapatos e um anel de noivado. - Enumerou pelos dedos todas as coisas, como um criança.

- Não importa, Fraulein. Penso que está na altura de começarmos a sair. - Mal ele tinha acabado de dizer isto, instalou-se um estranho silêncio na sala, e ao longe ouviram-se as bombas. Até na noite de natal a guerra estava com eles, e Manfred deu consigo a imaginar que belo monumento, que casa, que filhos tinham acabado de ser destruídos. Mas as bombas acabaram rapidamente, e ninguém teve de fugir para o abrigo na cave do edifício; a música continuou a tocar. E todos continuaram a fingir que era um noite de Natal como outra qualquer. Porém, o Grande Teatro fora destruído recentemente, e havia outros

edifícios e igrejas que desapareciam agora quase todos os dias. Desde há quase um ano que muitos berlinenses iam para a cama completamente vestidos, com malas ao lado da cama, prontos para uma viagem rápida até aos abrigos onde muitos deles

passavam quase todas as noites. Os aliados não iam afrouxar agora, e isso assustava Manfred terrivelmente. E se Berlim fosse outra Dresden? E se algo acontecesse a Ariana antes do fim da guerra? Mas Ariana sentiu imediatamente os sentimentos de Manfred e procurou rapidamente a sua mão, apertando-a firmemente na sua, os belos olhos azuis escuros a procura dos dele para o tranquilizar, a boca sensual e dócil. Baixando os olhos para ela, Manfred limitou-se a sorrir.

- Não te preocupes, Manfred. Vai correr tudo bem.

Manfred esboçou um sorriso, os olhos fixos nela.

- Na segunda-feira vamos a as compras.

- Está bem, se isso te fizer sentir melhor. - Ariana pôs-se então em bicos dos pés e segredou-lhe ao ouvido: Podemos ir para casa agora?

- Já? - A princípio, Manfred ficou espantado e depois sorriu ironicamente, murmurando para a sua princesinha: não tem vergonha, Fraulein?

- Nenhum. Prefiro muito mais estar em casa contigo do que ficar aqui a espera do Führer. - Manfred pôs um dedo nos lábios.

E acabaram por vê-lo. Um homem pequeno, de cabelos escuros e bigode, com um ar de poucos amigos, entrou de rompante na sala rodeado de capangas, pouco antes de saírem, e um descarga elétrica fez-se sentir por toda a sala.

Ariana conseguia sentir os corpos a comprimirem-se, as vozes a subirem de tom, e subitamente ouviu-se um frenético coro de Heil ao Führer, e ficou atônita, enquanto a multidão de homens uniformizados e mulheres em vestido de noite entrava em delírio. Ariana e Manfred ficaram até que o frenesi acabasse e as pessoas recomeçassem a festa. Então, lentamente, passaram por entre a multidão. Foi já perto da Porta que alguém tocou nela, um toque rápido no braço; e, quando ela se voltou, viu Manfred por-se subitamente em sentido, o braço direito esticado para cima. E viu então que fora Hitler que lhe tocara. Ele sorriu-lhe com ar afável e afastou-se, como se lhe tivesse dado a benção. De seguida, em passo apressado, ela e Manfred abandonaram a festa. Durante um longo instante ficaram sem dizer palavra, e então, já no carro, Ariana falou.

- Manfred, eles quase foram a loucura. Manfred fez um silencioso gesto de concordância com a cabeça.

- Eu sei. É o costume. - E depois virou-se para ela. Nunca o tinhas visto em pessoa?

Ariana abanou a cabeça.

- Não, o papai não queria que eu me envolvesse nessas coisas. - E depois arrependeu-se de ter dito isto, talvez Manfred entendesse as palavras como um censura a ele próprio. Mas ele concordou de pronto. Compreendia.

- Ele tinha razão. E o teu irmão?

- O papai fez o que pode para o por fora disto. Mas comigo os receios dele eram diferentes.

- E com muita razão. - Calou-se durante um minuto e depois voltou-se novamente para Ariana. - Sabes o que vão fazer na festa do general Hitler esta noite? vão ter coristas e travestis para divertir os convidados. O Hildebrand disse-me que é um das pancadas dele. - Um ar de repugnância atravessou-lhe o rosto.

- O que são coristas e travestis? - Ariana recostou-se no assento com os olhos arregalados e curiosos de criança, e Manfred soltou um largo sorriso.

- Oh, minha querida inocente, amo-te muito. - Em momentos como aquele, ele lembrava-se de que ela era apenas cinco anos mais velha do que o seu filho, se fosse vivo. Um corista é um mulher nua que dança de modo sugestivo em espetáculos, e um travesti é um homem mascarado de mulher, geralmente vestido com roupa de noite. Dançam e cantam, e também podem ser bastante sugestivos.

Ariana desatou a rir ao olhar para a cara dele.

- Eles não são extremamente engraçados?

Manfred encolheu os ombros.

- As vezes, mas geralmente não. O Hitler não tem artistas engraçados, ele tem os melhores. E quando acabarem as suas atuações, toda a gente.....

Lembrou-se de repente de que era com ela que estava a falar. - Não penses nisso, Ariana. É um espetáculo repugnante. não quero ver-te envolvida naquilo.

E cada vez havia mais espetáculos daqueles ultimamente. não apenas na casa de Hitler, em Grunewald; todos os outros entregavam-se aos mesmos caprichos. Como se em cada dia que passava, com a guerra a piorar, tivessem de satisfazer as suas fantasias mais chocantes, entrando por caminhos cada vez mais indecentes. não era isso que ele lhe queria mostrar agora. Ao levá-la a sair naquela noite, lembrara-se do prazer de sair com um mulher bonita pelo braço, de passear no meio de olhares de admiração, de vê-la brilhar de um maneira especial. Isso fazia a sua reclusão na casa de Wannsee ainda mais preciosa, apesar de subitamente também gostar da idéia de sair com ela.

- Não tens pena de perder as outras festas esta noite, Manfred? - Manfred abanou a cabeça com um ar feliz.

- havia um no Palácio de verão em Charlottenburg que talvez fosse engraçada. Mas eu sei de um festa muito mais engraçada em Waraisce. - Olhou-a com ternura e ambos sorriram.

Subiram as escadas em passo rápido e caíram, felizes, nos braços um do outro na enorme e confortável cama.

Na manhã seguinte, ao pequeno almoço, Ariana estava com um ar pensativo e Manfred olhava-a em silêncio. Era domingo e não tinha de ir trabalhar. Esse domingo era de Hildebrand.

Foram dar um longo passeio no Tiergarten. Manfred convenceu-a a andar de patins de gelo no Netier See, e juntos deslizaram pelo gelo, como crianças risonhas, por entre as mulheres e os homens uniformizados. Era difícil acreditar que ainda

estivessem em guerra.

Depois, Manfred levou-a a um café, na Kuifúrstendamm, que para Ariana era praticamente um r,plica dos Campos Elisios em Paris, onde ela fora antes da guerra com Gerhard e o pai num viagem breve. Na Kurirúrstendamm sentaram-se entre os poucos artistas e escritores que ainda estavam em Berlim. havia muitos homens de uniforme, mas a atmosfera era acolhedora e Ariana conteve um bocejo de prazer quando se sentaram no agradável café,.Parque no centro de Berlim, antiga reserva de caça dos reis prussianos.

- Cansada, querida? - Manfred sorriu-lhe, quando de repente, ao longe, ouviram o barulho das bombas. Saíram e voltaram rapidamente para o carro. Enquanto percorriam a Kurirúrstendamm no caminho de regresso a Wannsee, Ariana aproximou-se mais dele e enfiou-lhe a mão no braço.

- Vês aquela igreja, Manfred? - Ariana apontou e Manfred desviou os olhos da estrada. Era a familiar igreja do imperador Guilherme na Kurfúrstendamm.

- Vejo. Estás a sentir-te religiosa a esta hora da noite. Manfred estava a trocar dela e ambos sorriram.

- Só te queria dizer que é a igreja onde quero casar contigo um dia.

- Na igreja do imperador Guilherme?

- Sim. - Ariana olhou de novo para o bonito anel de diamantes. E Manfred pôs-lhe ternamente um braço a volta dos ombros.

- Não me esquecerei, querida. Contentes? - Manfred perscrutou a escuridão. As bombas tinham parado, pelo menos por agora.

- Nunca estive tão contente na minha vida.

E quando receberam as fotografias dos bailes da véspera de Natal, foi fácil ver que ela falava verdade quando dizia que era feliz. O rosto resplandecia diante da câmara, a cabeça bem levantada, os olhos a cintilar de amor, e logo atrás Manfred, de uniforme completo, olhava para a câmara com indisfarçável orgulho.

Capítulo 22

No fim da semana do Natal, perante a insistência de Manfred, foram fazer compras na Baixa de Berlim, no Grunfeld. Manfred tinha de lhe comprar mais roupa. O capitão von Rheinhardt andava a pressioná-lo para deixar de se esconder e para se juntar aos seus camaradas do Reich.

- Ele estava zangado, Manfred? - Ariana mostrava um ar preocupado enquanto se dirigiam para a Baixa, mas Manfred apenas lhe deu algumas palmadinhas na mão e sorriu.

- Não, mas suponho que não posso continuar eremita por mais tempo. não temos de sair todas as noites, mas devemos começar a aceitar alguns convites para jantar. Achas que agüentas?

- Certamente. Podemos ir ver os travestis do general Hitler? - Ariana estava com um ar tranqüilo mas e Manfred não conseguiu reprimir um gargalhada.

- Ariana, realmente!

Saíram aos ziguezagues da loja, três horas mais tarde, carregados com um tal monte de caixas que só a custo as meteram no carro. Um casaco comprido, um mais pequeno, meia dúzia de bonitos vestidos de lã, três vestidos de cocktail, um vestido de baile e um divino vestido de jantar que mais parecia um smoking de homem, só que em vez de calças tinha um saia comprida e estreita com um racha de um dos lados. E em honra da memória da mãe havia também um vestido comprido e justo de lamé dourado.

- Meu Deus, Manfred, onde é que vou usar isto tudo? Manfred estava a estragá-la com mimos. Ele sentia como se tivesse de novo mulher, um mulher para estragar com mimos, tratar com carinho, vestir, proteger e divertir. já não eram estranhos um para o outro, e ela estava mais a vontade com Manfred do que algum vez estivera com qualquer outra pessoa em toda a sua vida.

Ariana teve muitos sítios para usar as roupas. Foram a vários concertos no salão Filarmônico, a um recepção oficial no Reichstag ao parlamento e aos oficiais estacionados em Berlim; houve um festa no Palácio de Bellevue e vários pequenos jantares perto deles em Wannsee, onde outros oficiais tinham procurado alojamentos mais tranqüilos do que aqueles que teriam encontrado no coração da cidade. A pouco e pouco, Manfred e Ariana tornaram-se um casal aceite, e toda a gente sabia que eles casariam depois da guerra.

- Por amor de Deus, Porquê esperar, Manfred? Por que razão não nos casamos agora? - Um tenente, camarada de Manfred, chamou-o a parte um noite.

Manfred limitou-se a suspirar e a olhar para o anel de ouro com sinete que usava na mão esquerda.

- Porque ela é muito jovem, Johann. É ainda uma criança. - Suspirou de novo. - Estamos num período especial. Ela devia ter a oportunidade de tomar essa decisão num período normal. - E depois, abanando lentamente a cabeça: - Se voltarmos a ter um período normal.

- Tens razão, Manfred. Os tempos que correm não são bons. Por isso acho que farias bem em casar com a Ariana agora. - E num tom de conspiração: - Não conseguiremos resistir eternamente, Manfred.

- Os Americanos?

Johann abanou a cabeça.

- Estou muito mais preocupado com os Russos. Se eles chegarem aqui primeiro, matam-nos. Sabe lá Deus o que nos farão! E, se sobrevivermos, mandam-nos a todos para campos de concentração. Mas vocês têm um leve hipótese de ficarem juntos se estiverem casados. Além disso, os Americanos podem ser mais simpáticos com ela se for a esposa legítima de um oficial do exército alemão em vez de um concubina.

- Achas que as coisas estão assim tão perto do fim?

Instalou-se um breve silêncio enquanto Johann desviava os olhos.

- Acho que sim, Manfred. Penso que os mais próximos de Hitler também acham isso.

- Durante quanto mais tempo é que achas que vamos conseguir resistir?

O outro homem encolheu os ombros.

- Dois a três meses a se acontecer um milagre, talvez quatro. Mas está tudo praticamente acabado. A Alemanha nunca voltar a ser aquilo que tu e eu conhecemos. - Manfred fez um ligeiro gesto de concordância com a cabeça, aos seus olhos há muito tempo que já não era o país que outrora amara. Talvez agora, se os aliados não a destruíssem totalmente, tivesse oportunidade de renascer.

Nos dias seguintes, Manfred indagou discretamente. A informação de Johann foi corroborada por toda a gente de influência que Manfred conhecia. Já não era um questão de saber se Berlim cairia, mas quando Manfred concluiu que tinha de fazer planos, algumas perguntas nos ouvidos certos fizeram surgir o primeiro artigo da lista de compras de Manfred. Trouxe-o para casa, para Ariana, dois dias depois, e ela rejubilou.

- Manfred, adoro-o! Mas não vais ficar com o Mercedes? Era um feio Volkswagen cinzento, com três anos, mas quando fora construído, em 1942, fora um dos primeiros. O homem a quem ele o comprara insistiu que o carro era seguro e útil. Só que já não precisava dele pois partira as pernas num ataque aéreo no ano anterior. Manfred não disse a Ariana as razões por que o carro fora vendido. Limitou-se a fazer um silencioso gesto afirmativo com a cabeça e abriu-lhe a porta para ela entrar.

- Sim. Vou ficar com o Mercedes. - E depois, após um pausa: - Ariana, este é para ti.

Deram um volta ao quarteirão, e ele ficou satisfeito por ela se entender bastante bem com o carro. há um mês que ele andava a ensinar a conduzir o Mercedes, mas este era um carro bastante mais fácil de conduzir. Manfred estava com um ar sério quando pararam em frente da casa. Ariana apercebeu-se facilmente do seu estado de espírito. Tocou-lhe na mão em silêncio.

- Manfred, por que razão é que o compraste? - Ariana suspeitava da verdade, mas queria sabê-la da boca dele. Iam Partir? Iam fugir?

Manfred virou-se para ela lentamente com um expressão de dor e preocupação no olhar. Ariana, penso que a guerra vai acabar em breve, o que ser um alívio para todos nós. Antes de prosseguir, puxou-a para entre os seus braços e abraçou-a com força.

- Mas antes de acabar, minha querida, as coisas podem ficar muito feias para nós. Berlim pode ser tomada. O exercito de Hitler não vai capitular facilmente. não vai haver nova anexação, como quando tomamos a França. Os Alemães lutarão até a morte, e o mesmo farão os Americanos e os Russos a Este último bocadinho poder ser um das mais sangrentas batalhas da guerra.

- Mas estaremos aqui os dois a salvo, Manfred. - Ela não gostava de o ver com medo, e agora estava.

- Talvez sim, talvez não. Mas não quero arriscar. Se algum coisa acontecer, se a cidade cair e for ocupada, se algum coisa me acontecer, quero que pegues neste carro e te vá embora. Vai o mais depressa que puderes. - Manfred disse estas palavras com um determinação de ferro e havia terror nos olhos de Ariana. - E quando já não conseguires conduzir, deixa-o e continua a pé.

- E deixo-te? Estás louco? Para onde é que eu vá.....

- Para qualquer lugar. Para a fronteira mais próxima. Talvez a Alsacia, e daí, podes entrar em França. Podes dizer aos Americanos que é alsaciana, se te vires aflita. Eles não saberão a diferença.

- Os Americanos que vão para o inferno, Manfred. e tu?

- Irei procurar-te. Depois de resolver as coisas aqui. não posso fugir, Ariana.

Tenho um dever a cumprir. Seja como for, sou um oficial.

Ariana abanou a cabeça energicamente, depois estendeu os braços e abraçou-o, com mais força do que algum vez o fizera.

- Não vou deixar-te, Manfred. Nunca. não me importo se me matarem, não me importo se toda a Berlim cair por terra, nunca te deixarei. Ficarei contigo até ao fim, e eles podem levar-nos aos dois.

- Não seas tão dramática. - Manfred acariciou-a com ternura e abraçou-a com mais força. Sabia que o que estava a dizer a estava a assustar, mas aquilo tinha de ser

dito. Tinham passado três meses desde o Natal, e a situação piorara consideravelmente. Os Britânicos e os Canadianos tinham atingido o Reno e os Americanos estavam em Anbrucken. - Mas uma vez que Estás tão determinada a não me abandonar a Baixou os olhos para ela com um sorriso dócil. Decidira

seguir o conselho de Johann. Era possível que para a segurança dela pudesse fazer diferença, e por essa razão decidira não desperdiçar mais tempo. - Um vez que a sua teimosia não tem remédio, minha jovem senhora, e parece que estamos no mesmo barco e para sempre a - Olhou-a com um sorriso irônico - Acha que posso induzi-la a casar comigo?

- Agora? - Ariana olhou para ele com ar surpreso. Sabia que Manfred insistia em esperar, mas como fez um gesto afirmativo com a cabeça, ela também sorriu. não procurou nenhum motivo, apenas o olhou.

- Sim agora. Estou cansado de esperar para te fazer minha mulher.

- Hurra! - Ariana abraçou-o com força e deu-lhe algumas palmadas nas costas, depois afastou-se, a cabeça inclinada, os olhos cintilantes e acriançados, a boca num largo sorriso. - Podemos ter um filho já !

Desta vez, Manfred limitou-se a sorrir.

- Oh, Ariana, querida a Achas que eu conseguiria esperar alguns meses até depois da guerra? Ou achas que estarei demasiado velho para ser pai nessa altura? É por isso que Estás com tanta pressa, minha pequerrucha? - Olhou-a lentamente e ela retribuiu-lhe com um sorriso.

- Nunca estar s demasiado velho, Manfred. Nunca. F- Então, Puxando-o de novo com força para os seus braços, Ariana fechou os olhos. - Sempre te amarei, meu querido, para o resto da vida.

Eu também te amarei - disse ele, rezando para que sobrevivessem ao que estava para vir.

Capítulo 23

Dez dias depois, no primeiro sábado de Abril, Ariana caminhava lentamente pela nave lateral da pequena Igreja de Maria Regina, num rua transversal a Kurflirstendanim, pelo braço de Manfred Robert von Tripp. não houve ninguém para a conduzir ao altar; nem damas de honor, nem madrinha. Apenas Manfred, Ariana e Johann, que viera testemunhar o acontecimento, estiveram presentes.

Enquanto ela caminhava pela nave lateral da bonita igreja em direção do idoso padre que os aguardava no altar, Manfred conseguia sentir a leve pressão da mão dela no braço. Ela envergava um vestido branco simples com costas largas que fazia sobressair a sua pequena estrutura. Os cabelos dourados estavam apanhados num suave rolo que lhe emoldurava o rosto, e

prendera engenhosamente o v,u atrás do rolo. Estava mais bonita do que nunca. Conseguira miraculosamente encontrar um série de gardênias brancas; usava duas na lapela e um nos cabelos. Além disso, no seu dia mais especial usava o complexo anel de diamantes com sinete de sua mãe na mão direita, assim como o anel de noivado que ele lhe oferecera na mão esquerda.

O anel de casamento, que Manfred lhe comprara na Louis Werner, era um fina aliança em ouro. No final da cerimônia, Manfred enfiou-o no dedo dela e beijou-a com um enorme Sensação de alívio. A cerimônia acabara, tinham conseguido. Ariana era agora Frau Manfred Robert von Tripp e, acontecesse o que acontecesse em Berlim, isso oferecia-lhe um certa Proteção. Só agora, que a cerimônia acabara, é que Manfred pensou na sua primeira mulher, Mariana, que lhe parecia muito mais velha e forte do que esta moça delicada. Era como se isso fizesse parte da outra vida. Sentia-se ligado a Ariana como nunca estivera a outra mulher e, ao perscrutar os olhos de Ariana, viu que ela sentia o mesmo.

- Amo-te, querida - disse Manfred baixinho, quando voltavam para o carro.

Ariana voltou-se para ele com um sorriso que lhe iluminou o rosto, e ela sentiu um imensa felicidade quando disseram adeus a Johann e partiram em direção da Kurflirstendanim e do restaurante onde Manfred prometera levá-la a passar a lua-de-mel antes de irem para casa. Ariana olhou por sobre o ombro para a igreja, quando atingiram a Kurflirstendanim e viraram. Ouviu-se um enorme explosão, e Ariana agarrou-se, desesperada e cheia de * terror, ao braço de Manfred. Voltou-se ainda a tempo de ver a igreja explodir num milhão de bocadinhos atrás deles, e Manfred acelerou a fundo, dizendo a Ariana para se agachar no Chão com medo de que os escombros dos outros edifícios estilhaçassem o pára-brisas e ela se cortasse no rosto.

- Baixa-te, Ariana! - Manfred conduzia aos solavancos para evitar os peões e os carros dos bombeiros que passavam a toda a velocidade por eles. A princípio, Ariana ficou demasiado atônita para reagir, mas depois, quando percebeu que tinham escapado a morte por pouco, começou a chorar baixinho.

Estavam quase em Charlottenburg quando Manfred encostou a berma da estrada. E, ao fazê-lo, aproximou-se dela com ternura e puxou-a para os seus braços. - Oh, querida, lamento muito a - Manfred a podíamos ter a igreja a - soluçou Ariana, histérica.

- Está tudo bem, minha querida, já acabou a já acabou a Ariana

- E o Johann? Achas?

- Estou certo de que na altura ele já estava tão longe da igreja como nós. - Mas, no fundo, Manfred não estava tão seguro disso como a fazia acreditar. E, quando pouco depois se Puseram de novo em marcha, ele sentiu-se invadir por um onda de cansaço. Estava desesperadamente cansado da guerra.

Todas as pessoas de quem se gostara, todos os lugares que se apreciara, todos os lares, todos os monumentos, todas as cidades, estava tudo devastado.

Prosseguiram até casa em silêncio, Ariana, calada e a tremer, ao lado dele, com o v,u e o bonito vestido branco, as gardênia a exalar a sua exótica fragrância na direção de Manfred. Ele sentiu então que o perfume das gardênia lhe recordaria sempre aquela noite, a noite do casamento, e da sua fuga a morte.

Subitamente, apeteceu-lhe chorar, de alívio, de cansaço, de terror, de preocupação por aquela pequena mulher que acabara de desposar. Em vez disso, apenas a abraçou com força, pegou-lhe ao colo e levou-a para dentro de casa, subiu as escadas até ao quarto, onde desta vez, pensando apenas um no outro, abandonaram todas as preocupações, todos os pensamentos, todas as reservas, e tornaram-se num só pessoa.

Capítulo 24

- Encontraste o Johann? - Ariana olhou para Manfred com um expressão de preocupação quando ele chegou a casa no dia seguinte.

- Encontrei, está ótimo. - Manfred proferiu as palavras de forma seca, com receio de que ela descobrisse que estava a mentir. Na verdade, Johann morrera no exterior da igreja na noite anterior. Manfred estivera, num estado de grande agitação, no seu escritório, durante um hora, incapaz de aceitar que outra pessoa de que gostava morrera. Com um suspiro, sentou-se pesadamente na sua poltrona favorita.

- Ariana, quero falar contigo acerca de algo muito sério. - Ariana tinha vontade de brincar ,)m ele, para lhe tirar aquele ar sério do rosto, mas, ao olhar para ele, viu que não havia razão para o fazer. A vida em Berlim era muito s,ria nos dias que corriam.

Ariana sentou-se em silêncio e olhou-o nos olhos.

- O que é que se passa, Manfred?

- Quero elaborar um plano para ti, para que saibas o que fazer se algo correr mal. Quero que estejas sempre preparada. Ariana a estou a falar muito a sério a tens de ouvir.

Ariana fez um silencioso gesto afirmativo com a cabeça.

- Está bem, eu ouço.

- Sabes onde guardo o dinheiro e a pistola no quarto. Se algo terrível acontecer, quero que pegues nisso e nos anéis da tua mãe e que te vá s embora.

- Que vá para onde? - Ariana pareceu momentaneamente confusa.

- Em direção a fronteira. há um mapa no teu Volkswagen. E quero que tenhas sempre o depósito cheio de gasolina, Tenho um lata vazia na garagem. Enche o depósito antes de ires. - Ariana fez um sinal de concordância com a cabeça, sem gostar das instruções e das explicações de Manfred Nunca iria para lado nenhum. Nunca o deixaria.

- Mas como é que achas que tudo isto aconteceria? Eu partiria de carro e deixar-te-ia aqui, Manfred? - Era um sugestão ridícula e ela nunca o faria.

- Ariana, podes ter de o fazer. Se a tua vida estiver em perigo, quero que vá s. não fazes nenhum idéia de como ser a cidade invadida por tropas aliadas. haver pilhagens, roubos, assassinos, violações.

- Parece que estás a falar da Idade Média.

- Ariana, ser o momento mais negro que este país algum vez conheceu, e ficarás totalmente indefesa aqui se, por algum razão, eu não conseguir estar ao pé de ti. Posso ser preso no Reichstag, por exemplo, durante semanas, ou dias, no mínimo.

- E tu achas que eles vão deixar-me sair daqui, naquele carrinho ridículo, com os anéis da minha mãe e a tua pistola? Manfred, não sejas doido!

- Não sejas doida tu, caramba! Escuta o que te digo! Quero que vá s com o carro até onde conseguires e depois te desfaças dele. Corre, anda, rasteja, rouba um bicicleta, esconde-te entre os arbustos, mas sai da Alemanha. Os aliados já estão a oeste daqui, a caminho da fronteira francesa, e eu acho que ficarias mais a salvo em França. Podes atravessar as linhas aliadas. Acho que j não conseguir s entrar na Suíça, Ariana. Quero que tentes chegar a Paris.

- Paris? - Pareceu atônita. - são cerca de novecentos e sessenta quilômetros daqui, Manfred.

- Eu sei. E não importa quanto tempo é que levas a fazer o trajeto, tens de o fazer. Tenho um amigo em Paris que andou comigo na escola. - Manfred puxou de um pequeno bloco de notas e escreveu cuidadosamente um nome.

- O que é que te leva a pensar que ele ainda lá está?

- Por aquilo que ouvi nos últimos seis anos, posso dizer que ele lá está. Teve poliomielite quando era criança, por isso ficou livre do nosso exercito e do dele.

Ele é não é adjunto da Cultura em Paris, e levou os nossos oficiais a loucura.

- Achas que ele está com a resistência? - Ariana ficou intrigada.

- Conhecendo o Jean-Pierre como conheço, diria que há essa hipótese. Mas se estiver, é suficientemente esperto para ser discreto. Ariana, se há alguém que te pode ajudar, ele é um dessas pessoas. E sei que te manter em segurança até eu poder voltar para junto de ti. Fica em Paris, se ele te disser para o fazeres, vai para onde ele achar melhor. Tenho toda a confiança nele. - Olhou-a com ar sério. - O que quer dizer que conto com ele para tomar conta de ti. Manfred escreveu o nome e deu-lho. Jean-Pierre de Saint Narne.

- E depois? - Ariana estava com um ar triste quando pegou no papel, mas estava a começar lentamente a acreditar que Manfred talvez tivesse razão.

- Ficas a espera. não ser por muito tempo. - Manfred sorriu ternamente. - Prometo. - E o rosto endureceu de novo. - Mas a partir de agora quero-te sempre pronta. A pistola, os anéis, o dinheiro, a morada de Saint Narne, algum roupa quente, comida suficiente para lebares contigo e o depósito cheio de gasolina.

- Sim, meu tenente. - Ariana esboçou um leve sorriso e fez a saudação, mas ele não sorriu.

- Espero que nunca precisemos disso, Ariana.

Ela concordou com a cabeça, o sorriso a desvanecer-se, os olhos imóveis.

- Eu também. - E depois, após um pausa: - Quero descobrir o meu irmão depois da guerra. - Ainda acreditava que Gerhard se pusera a salvo. O tempo e a distância fizeram-na perceber que fora demasiado arriscado para Walmar, mas havia um hipótese de Gerhard ter escapado.

Manfred fez um gesto com a cabeça em sinal de compreensão.

- Faremos o nosso melhor.

Passaram o resto da noite em silêncio, e no dia seguinte foram dar um longo passeio na praia deserta, a pouca distância dali. No verão, a praia de strandbad no Grosser Wannsee era um das praias mais populares perto de Berlim. Mas agora estava com um aspecto solitário e vazio, enquanto Manfred e Ariana caminhavam pela areia.

- Talvez no próximo verão tudo isto tenha acabado e Possamos vir para aqui descontrair. - Ariana sorriu, esperançosa, e Manfred baixou-se para apanhar um concha.

Deu-lha pouco depois e ela passou lentamente os dedos por ela. Era macia, bonita e exatamente do mesmo cinzento azulado dos olhos dele.- Espero que seja exatamente isso que faremos, Ariana. Manfred sorriu enquanto olhava para a água.

Podemos ir para o teu palacete?

Manfred parecia divertido com a expressão prosaica no olhar dela.

- Se o tiver de volta nessa altura. Gostavas de lá ir?

Ariana fez que sim com a cabeça.

- Muito.

- Ótimo. Então também iremos. - Isto estava a tornar-se um espécie de jogo, como se pudessem acelerar o fim da guerra e o início da sua própria vida apenas desejando que o pesadelo acabasse e falando do que fariam depois.

Porem, na manhã seguinte, como ela prometera antes de ele ir para o serviço, reuniu as coisas que ele queria em ordem - A pistola, os anéis da mãe escondidos no seu esconderijo, comida, dinheiro, a morada do amigo francês de Manfred - E foi verificar se o Volkswagen tinha o depósito cheio. Quando saiu, ao longe, mas não muito distante, conseguiu ouvir o troar das armas. Naquela tarde, as bombas caíram bem dentro da cidade. Manfred chegou cedo a casa. Como de costume, durante os ataques aéreos, ela ficava a espera na cave com um rádio e um livro.

- O que é que aconteceu? Disseram na rádio.....

- Não ligue para o que disseram na rádio. Está pronta, Ariana?

Ela acenou afirmativamente com a cabeça, aterrorizada.

- Estou.

- Tenho de ir ao Reichstag esta noite. Querem todos os homens disponíveis para defender o edifício. não sei quando voltarei. Tens de ser forte agora. Fica aqui a espera, mas, se eles tomarem a cidade, lembra-te de tudo o que te disse.

- Como é que saio se eles tomarem a cidade?

- Vais sair. Eles deixarão sair os refugiados, especialmente as mulheres e as crianças. Fazem sempre isso.

- E tu?

Vou descobrir-te quando a guerra acabar. - Mas então, olhando para o relógio, foi

ao piso de cima procurar algumas das suas coisas e depois desceu lentamente. - Tenho de me ir embora. - Abraçaram-se em silêncio durante um interminável instante, e Ariana teve vontade de lhe pedir para não se ir embora. Que Hitler, o exercito e o Reichstag fossem todos para o diabo! Só o queria ali com ela, onde ficariam ambos em segurança.

- Manfred a - Pelo pânico na voz dela, Manfred sabia o que viria a seguir. E silenciou-a com um longo e terno beijo.

- Não digas nada, minha querida. Tenho de ir agora, mas voltarei muito em breve.

Havia lágrimas a brotar dos olhos de Ariana quando saiu com ele e se postou ao lado do Mercedes. Manfred virou-se e limpou-lhe ternamente as faces com um mão.

- Não chores, minha querida, ficarei bem. Prometo.

Ela pôs-lhe então os braços a volta do pescoço.

- Se algum coisa te acontecesse, morreria.

- Não vai acontecer nada, prometo. - E depois, esboçando um sorriso por entre a sua própria dor, Manfred tirou do dedo o anel com sinete, colocou-o na palma da mão de Ariana e fechou-lhe a mão. - Toma conta disto até eu voltar.

Ela sorriu-lhe com ternura, e beijaram-se prolongadamente antes de ele se afastar, dizer adeus e voltar para o Reichstag em Berlim.

Dia após dia, ela ouvia as notícias na rádio, de todas as batalhas que estavam a ter lugar em todos os cantos de Berlim. Na noite de vinte e seis de Abril, soube que todos os setores tinham sido afetados, tanto Grunewald como Wannsee. não saíra da cave durante dias. Ouvira os tiros e as explosões a

volta dela e não se atrevera a sair para o piso principal. Sabia que os Russos estavam a avançar pelo Schonhouserallee até a Stargarderstrasse, mas o que ela não sabia é que Por toda a cidade de Berlim havia pessoas como ela trancadas nas caves a maioria delas sem comida, água ou ar. não havia quaisquer planos de evacuação. Mesmo as crianças estavam condenadas ao mesmo destino dos pais, presos como ratazanas, a espera que tudo acabasse.

E o que nenhum deles sabia era que o Alto Comando já fugira de Berlim.

Na noite de um de Maio, a morte de Hitler foi anunciada na rádio, que a população ouvia em profunda consternação, enquanto esperavam nos seus buracos escuros, nas caves, encurralados debaixo dos edifícios, e a batalha alastrava violentamente e a cidade ardia. Os aliados aumentaram o seu poder de fogo para um nível aterrador. Depois do anúncio da morte de Hitler, o som de Wagner e da ótima sinfonia de Bruckner fez-se ouvir na rádio, entrando suavemente na cave onde Ariana se escondia. Era um sensação esquisita ouvir o tiroteio e as explosões ao longe e lembrar-se da última vez que ouvira aquela sinfonia, com Gerhard e o pai, no Teatro da ópera, anos antes. E agora estava sentada, a espera que tudo acabasse, a interrogar-

se onde é que Manfred estaria no holocausto que era Berlim. Mais tarde naquela noite soube que o casal Goebbels se suicidara e envenenara os seis filhos.

No dia dois de Maio ouviu a notícia do cessar-fogo transmitida em três línguas na rádio. não a compreendeu em russo, e parecia-lhe irreal em alemão, mas quando surgiu um voz americana na rádio a dizer num alemão hesitante que tudo acabara, compreendeu finalmente. Mas ainda não lhe fazia qualquer sentido a ainda ouvia explosões ao longe e, a sua volta, no Wannsee, a batalha prosseguia furiosamente. Os céus estavam calmos agora; a batalha era feita a pé enquanto as casas a volta dela eram saqueadas, embora no coração da cidade, os habitantes tivessem abandonado as suas casas. Esta situação

manteve-se no Wannsee durante mais três dias, e então instalou-se um estranho silêncio quando tudo pareceu parar. Pela primeira vez em semanas, não se ouviu qualquer som, exceto um grito esporádico, e depois de novo o silêncio. Ariana estava sentada, a espera, a escuta, sozinha na casa, enquanto o Sol despontava na estranha quietude do dia cinco de Maio.

Logo que surgiu a luz do dia, Ariana decidiu procurar Manfred. Se os aliados tinham tomado a cidade, ela tinha de saber onde é que ele estava. Ele já não tinha de defender o Reichstag a já não havia um Reich para defender.

Pela primeira vez desde há dias subiu as escadas até ao quarto e vestiu um das horrorosas saias quentes, calçou um s meias de lã e os seus velhos e pesados sapatos. Vestiu um camisola e um casaco, enfiou a pistola de Manfred no bolso e dissimulou-a com um luva. não levaria mais nenhum apresto. Só ia descobrir Manfred e, se não o conseguisse encontrar, voltaria para casa e ficaria a espera. Pouco depois, já no exterior, pela primeira vez naquilo que pareceram anos, inspirou profundamente e sentiu imediatamente o cheiro acre do fumo.

Meteu-se no pequeno Volkswagen que se encontrava escondido, rodou a chave da ignição e acelerou. Levou apenas vinte minutos para chegar ao coração da cidade e, quando chegou, ficou pasmada com aquilo que viu. As ruas estavam cheias de escombros, não se conseguia passar. A primeira vista, parecia que não ficara pedra sobre pedra. Um inspeção mais minuciosa mostrava que havia alguns edifícios de pé mas não havia nenhum sem marcas da batalha que se arrastara durante dias. Ariana sentou-se, a olhar, incrédula, para o que jazia a sua volta, e finalmente concluiu que seria inútil tentar atravessar todo aquele caos. Fez marcha a trás, meteu o carro num ruela e dissimulou-o o melhor que pode. Pôs as chaves no bolso, tocou na pistola ainda no seu esconderijo, apertou um pouco mais o cachecol e saiu do carro. A única coisa que sabia é que tinha de descobrir Manfred.

Porem a única coisa que viu enquanto vagueava na direção do Reichstag foi grupos de soldados britânicos e americanos a passarem por ela a toda a pressa, e aqui e ali um ilha de curiosos berlinenses, a olhá-los das portas ou a abandonarem

apressadamente a cidade, enquanto se interrogavam acerca do que viria a seguir. E só muito mais tarde, quando chegou perto de Reichstag, é que viu homens com uniformes alemães, encostados uns aos outros, sujos, cansados, a espera de autocarros para os levar, enquanto os americanos os guardavam com as metralhadoras apontadas, mas com um aspecto igualmente sujo e cansado. Enquanto os observava e caminhava aos tropeções pelos passeios esburacados, teve a profunda noção da violência da luta. Então fora isto que acontecera ao seu país, fora a isso que os nazis acabaram por lhes trazer.

Mais de cinco mil soldados tinham tentado defendê-lo. Reichstag e metade deles morreria. Quando parou, sem saber onde voltar, passou por ela um segundo grupo de homens com uniformes alemães. Ariana ficou boquiaberta quando reconheceu Hildebrand, um olho ferido e inchado, a cabeça a sangrar através de um ligadura, o uniforme rasgado e um expressão ausente no olhar. Ela acenou-lhe freneticamente com as mãos para lhe chamar a atenção e correu na direção dele. De certeza que sabia onde é que Manfred estava. Foi imediatamente impedida de continuar por dois americanos com as armas cruzadas. Suplicou-lhes em alemão. Mas era óbvio que eles não se afastariam.

Gritou para Hildebrand, chamando insistentemente pelo seu nome até que ele se voltou.

- Onde está o Manfred? a Hildebrand! a Hildebrand! a Hildebrand! a Onde é que a - Os olhos dele precipitaram-se para a esquerda e, quando ela seguiu o olhar, sucumbiu a visão. Um monte de corpos dilacerados a espera de caminhões para os levar. Os uniformes estavam irreconhecíveis, os rostos contraíam-se no ricto da morte. Ariana encaminhou-se lentamente para eles e então, como se fosse suposto encontrá-lo, viu quase de imediato o rosto familiar.

O coração soube antes do que a cabeça, e Ariana ficou então pregada ao solo, incrédula, de boca aberta, prestes a soltar um grito, que não viria a sair. Nem mesmo o soldado americano conseguiu afastá-la. Ajoelhou-se ao lado dele e limpou-lhe a poeira do rosto.

E ali ficou junto dele durante quase um hora, até que subitamente, aterrorizada, compreendeu o que acontecera e, com um último beijo nos olhos adormecidos, tocou-lhe no rosto e afastou-se a correr. Correu o mais depressa que pode em direção da ruela onde deixara o pequeno carro. Quando chegou junto dele encontrou dois homens a examiná-lo minuciosamente e a tentar pô-lo a trabalhar sem chave. Com os olhos semicerrados e a voz trêmula, puxou da pequena pistola e apontou-a aos seus conterrâneos berlineses até eles recuarem com as mãos no ar. Sem dizer palavra meteu-se no carro, fechou as portas, sempre com a arma num mão apontada para eles, e com a outra mão pôs o carro a trabalhar. Depois, acelerando a fundo, saiu de marcha atrás a toda a velocidade da ruela e arrancou.

Não tinha nada a perder agora a nada por que viver. E enquanto prosseguia a sua marcha, via os saqueadores, outros alemães, alguns soldados a alguns deles até eram russos. A sua cidade estava prestes a ser novamente chamada a razão. E se eles a matassem, que assim fosse, já pouco lhe importava. Estava-se nas tintas se a matavam ou não. Mas prometera a Manfred que tentaria por-se a salvo. Como tal, tentaria sair.

Regressou a Wannsee o mais depressa que pode e pôs as poucas coisas que tinha prontas no carro. Batatas cozidas, pão e um bocado de carne guisada. Depois, levou o embrulho com o dinheiro, a morada do francês e o livro que escondia os dois anéis. O anel de noivado de Manfred deixou-o no dedo - Não tentasse alguém roubar-lho - juntamente com a aliança de ouro e o anel com sinete. Matá-los-ia antes de lhe roubarem os anéis. O olhar severo, os dentes cerrados, pôs a arma no colo e ligou de novo o carro; e então, pela última vez, olhou por sobre o ombro para a sua casa para onde Manfred a trouxera primeiro, e sentiu o coração dilacerado por violentos e angustiados soluços. Ele partira, o homem que a salvara a partira para sempre. Perante essa verificação, Ariana pensou que morreria. Guardara entre os seus papéis a única carta que ele lhe escrevera, um carta de amor cheia de ternura e esperança que ele escrevera depois da primeira vez de terem feito amor. E também trouxera algumas fotografias: deles na sua primeira festa juntos no Teatro da ópera, algumas do baile no Palácio Real, outras do Tiergarten, e até aquelas dos filhos e da falecida esposa. Ariana não deixaria aquelas fotografias para os olhos dos outros. Elas eram dela, como seriam de Manfred, para o resto da vida.

Capítulo 25

Juntamente com milhares de outras pessoas em fuga - A pé de bicicleta e, de quando em quando, nos seus carros , Ariana abandonou a cidade e dirigiu-se para oeste. Os aliados não tentavam deter as mulheres, as crianças e os idosos que abandonavam a cidade como ratazanas assustadas. Ariana não conseguia suportar a agonia do que estava vendo, e parou repetidas vezes para dar um mão a alguém, até que viu que não podia parar mais. De cada vez que o fazia, tentavam roubar-lhe o carro, e só ao fim de muito tempo é que concordou em dar boleia a duas velhotas. Ficaram em silêncio e agradecidas. Viviam em Dalilem, e a única coisa que queriam era sair da cidade. A sua loja na Kurirúrstendamm fora destruída ao princípio da manhã, os maridos estavam mortos, e agora receavam pelas suas vidas.

- Os Americanos vão matar a todos, Fraulein disse a mais velha das duas, a chorar. Ariana não concordava, mas estava demasiado cansada para discutir isso com elas. Estava demasiado angustiada até para falar. Mas sabia que se os Americanos quisessem realmente matá-los, tinham muitas oportunidades, pois as estradas estavam apinhadas de refugiados. Acompanhá-los no carro era um velocidade lenta para Ariana, mas finalmente conseguiu atingir um s estradas secundárias que lhe eram familiares. E, por fim, conseguiu chegar a Kassel, a cerca de trezentos e vinte quilômetros de Berlim, onde finalmente ficou sem gasolina.

Há muito que deixara as suas passageiras em Kalbe, onde tinham primos e foram recebidas de braços abertos e com lágrimas. Enquanto as observava, Ariana sentiu inveja. Ao contrário destas velhotas, não tinha ninguém. Depois de as ter deixado, prosseguira negligentemente até o carro parar lentamente com um rangido. A lata de gasolina no banco traseiro estava vazia. Ficara a meio caminho entre Berlim c Saarbrecken, a cidade a norte de Estrasburgo onde Manfred queria que ela tentasse atravessar para França. Mas ainda tinha mais cerca de trezentos e vinte quilômetros até lá chegar. Sentou-se a pensar no mar de refugiados que saía de Berlim. Ela era agora apenas outro rosto entre eles, a arrastar-se em direção a lugar nenhum, sem amigos e sem quaisquer pertences a e sem destino. Reprimindo as lágrimas ao olhar por sobre o ombro para a segurança perdida do pequeno carro cinzento, pegou nas suas coisas e iniciou a longa caminhada em direção a França.

Levou dois dias a cobrir os cerca de. sessenta e quatro quilômetros até Marburg, e daí apanhou boleia de um velho médico de aldeia até Mainz. Pouco falaram durante as três horas de viagem. Fizeram os cerca de cento e vinte e oito quilômetros, e quando chegaram a Mainz, o médico olhou para ela com um ar simpático e ofereceu-se para a

levar até Neunkirchen - Afinal de contas, ficava-lhe em caminho. Grata, aceitou, ainda com o espírito em turbilhão da noite anterior.

Em Neunkirchen Ariana agradeceu-lhe, olhando com ar ausente e querendo dizer algo mais, mas nas pérolas intermináveis horas em que conduzira, em que andara a pé e em que finalmente andara a boleia dele, algo profundo dentro dela a tolhia, um sentimento de perda, de esperança destroçada, de profundo desespero. Já nem sequer estava certa da razão por que estava a fugir, a não ser pelo facto de Manfred lhe ter dito para o fazer e de ser sua mulher. Ele dissera-lhe para ir para Paris, e era isso que faria. Talvez o amigo em Paris tivesse as respostas; talvez ele lhe dissesse que o que ela vira na madrugada

de há três dias fora uma mentira. Talvez Manfred estivesse em Paris, a espera que ela chegasse.

- Fraulein?

O velhote vira o anel mas achava difícil acreditar que ela fosse realmente casada. Tinha um ar tão jovem. Talvez ela o usasse como proteção. Não que isso a protegesse dos soldados, ou que ela precisasse desse tipo de proteção dele. Sorriu-lhe amavelmente quando ela tirou o pequeno embrulho do assento.

- Obrigada.

Ariana olhou-o durante um longo e vazio instante.

- Está tudo bem consigo?

Ariana acenou afirmativamente com a cabeça em sinal de resposta.

- Quer nova boleia a partir de Neunkirchen dentro de alguns dias? Vou voltar a Marburg. - Mas ela não voltaria de novo para trás. Para ela, era estritamente uma viagem só de ida e os olhos estavam cheios da tragédia dos últimos adeuses.

Ariana abanou a cabeça em silêncio.

- Vou ficar com a minha mãe. Obrigada. - Não queria dizer-lhe que ia tentar fugir do país. Não confiava em ninguém agora. Nem mesmo neste velhote. -

Bitte! - Ariana abanou a cabeça delicadamente, afastou-se e ele partiu. Agora a única coisa que tinha a fazer era percorrer os cerca de trinta e dois quilómetros até Saarlouis, depois outros dezasseis quilómetros até a fronteira francesa, e ficaria a salvo. Mas desta vez não havia nenhum velhote para lhe dar boleia, e levou três longos dias para fazer o trajeto. As pernas doíam, estava cansada, com frio e esfomeada. Ficara sem comida no primeiro dia. Por duas vezes vira agricultores assustados; um dera-lhe duas maçãs, o outro apenas abanara a cabeça. Mas finalmente chegou a fronteira, seis dias depois de a viagem ter começado. Conseguira a consequência. Só tinha de rastejar por baixo do arame farpado para entrar em França. Fê-lo lentamente, com o coração a bater freneticamente, com receio de que alguém a visse e a matasse ali mesmo. Porém, parecia que a guerra tinha realmente acabado, ninguém se importava se um jovem sujo e exausto, com a saia e a camisola rasgadas, atravessava a rastejar o

arame farpado, arranhando o rosto, os braços e o corpo. Ariana olhou em volta, exausta, e murmurou Bem-Vinda a França!, antes de se deitar a descansar.

Acordou seis horas depois, ao som de sinos a rebate, o corpo dorido e as articulações rígidas. Para a moça que vivera debaixo da afável asa do pai em Grunewald e depois sob a proteção de Manfred durante os últimos oito meses, isto não era aquilo para que fora preparada. Começou a andar de novo e duas horas depois desmaiou na estrada. Um velhota encontrou-a duas horas mais tarde e pensou que estava morta. Só um leve pulsar debaixo da camisola, quando o coração bateu quase imperceptivelmente, levou a velhota a sentir algum curiosidade, e foi apressadamente até casa buscar a sua nora, e as duas arrastaram Ariana até dentro de casa. Deram-lhe pequenas palmadinhas e picadelas enquanto a amparavam nos braços e, quando finalmente acordou, vomitou abundantemente e ficou com febre durante os dois dias seguintes. As vezes pensavam que ela morreria ali com elas. A única coisa que a velhota sabia da moça era que era alemã, pois tinham descoberto a arma alemã e os marcos do Reich entre o dinheiro que ela trazia. Mas a velhota não empunhou a arma contra ela; o filho fora trabalhar para os nazis em Vichy quatro anos antes. Fazia-se o que se tinha de fazer em tempo de guerra e, se esta moça estava a fugir agora, a velhota queria ajudá-la. Afinal de contas, a guerra acabara. Trataram-na durante mais dois

dias, enquanto ela continuava deitada e vomitava; finalmente Ariana insistiu que já estava boa. Falou-lhes na língua delas, e com o seu sotaque refinado e o conhecimento fluente do francês, ela tanto podia ser de Estrasburgo como de Berlim.

A velhota olhou para ela com ar circunspecto.

Tem de continuar?

Até Paris.

são mais de trezentos e vinte quilômetros. Sabe que não pode fazer o caminho todo a pé. não no estado em que está. - Evidenciando sinais de desnutrição, Ariana calculou que devia ter sofrido um concussão quando caiu, caso contrário não teria vomitado com tanta violência, nem teria tantas dores nos olhos. E estava com um aspecto dez anos mais velho do que tinha quando a viagem começou.

- Posso tentar. Talvez alguém me dê um boleia.

- De que? Os Alemães levaram todos os nossos carros e caminhões, e aquilo que não levaram, os Americanos levaram. estão todos estacionados em Nancy, e já c vieram buscar mais carros. - A nora lembrou-se de que o velho padre ia para Metz ao cair da noite. Ele tinha um cavalo que utilizava para as suas viagens. E, se Ariana tivesse sorte, dar-lhe-ia um boleia. Como era de esperar, Ariana teve sorte e o padre levou-a consigo.

Chegaram a Metz de manhã e, depois das longas horas aos solavancos pelo campo, Ariana ficou novamente desesperadamente mal disposta. Demasiado mal disposta para comer e para se mover, mas tinha de o fazer. Tinha ainda de fazer mais cerca de sessenta e quatro quilômetros de Metz até Bar-le-Duc. Pôs-se mais um vez ao

caminho, a pé desta vez a rezar para que aparecesse alguém num caminhão e, após os primeiros seis quilômetros, as suas preces foram atendidas:

apareceu um homem num carroça. não era nem velho nem novo. Nem hostil nem simpático. Ariana fez-lhe sinal para parar, ofereceu-lhe algum dinheiro francês e subiu para a carroça. Ficou sentada ao lado dele durante horas, com o sol da Primavera a bater-lhe na cabeça, enquanto o homem a seu lado se mantinha em silêncio e o cavalo prosseguia a custo a sua marcha. O Sol estava a por-se quando o homem parou finalmente.

- Estamos em Bar-le-Duc? - Ariana olhou-o, surpreendida, mas ele abanou a cabeça firmemente.

- Não, mas Estou cansado. E o meu cavalo também. Ela também estava exausta, mas ansiosa por continuar. Vou parar um pouco para descansar e depois continuamos. Tudo bem consigo? - Ela não tinha muito por onde escolher. Ele já tinha estendido o casaco no chão e preparava-se para devorar um pouco de pão e queijo. Comeu sofregamente, não oferecendo nada a Ariana, que se sentia demasiado cansada e maldisposta para comer, ficando sozinha a vê-lo comer. Deitou-se silenciosamente na erva, a algum distância dele, a cabeça em cima do precioso embrulho, e fechou os olhos. A erva estava macia e quente do sol de Maio, que brilhara sobre ela durante todo o dia, e sentiu-se adormecer, exausta. Foi então que sentiu o homem a por a mão pela saia acima. Agarrou-a bruscamente, saltou para cima dela, ao mesmo tempo que lhe levantava a saia e puxava as cuecas para baixo, enquanto ela, atônita, o empurrava, debatendo-se furiosamente e socando-o na cara com ambas as mãos. Mas ele estava indiferente a falta de interesse da parte dela na sua sedução. Tentou afastá-lo de cima de si com as mãos e o corpo, e então sentiu algo rijo e quente pulsar entre as suas pernas e, antes que ele a conseguisse penetrar, ouviu-se um grande rebuliço, um grito, e um tiro ecoou no ar. O homem deu um salto para trás perplexo e, para seu grande desagrado, completamente exposto. Ariana pôs-se em pé num instante, cambaleou subitamente como se tivesse um tontura e quase caiu.

Duas mãos fortes seguraram-na pelos ombros e sentaram-na cuidadosamente no chão.

- Sente-se bem?

Ariana deixou pender a cabeça e fez um sinal afirmativo com a cabeça, não querendo ver o rosto dele nem que ele visse o seu. A voz que a salvara falou-lhe em inglês, e apercebeu-se então que chegara a as mãos de americanos. Pensando que ela não o percebera, ele falou então em francês macarrônico. Ariana fez um esforço para não lhe sorrir quando finalmente levantou os olhos. Pareceu-lhe engraçado que ele acreditasse facilmente no seu francês.

- Obrigada. - Ele tinha um rosto simpático e um farta cabeleira castanha, enrolada por baixo de um capacete e, ao longe, ela conseguia ver mais três homens e um jipe.

Ele magoou-a? - Inquiriu ele firmemente, e ela abanou a cabeça. Sem mais discussões, o jovem americano de capacete puxou o braço atrás e desferiu um soco em cheio no rosto do francês. - Isto deve acalmá-lo. - O que o lixava era que eles é que eram sempre acusados de violar as mulheres locais, quando na realidade os filhos-da-puta é que violavam as mulheres deles. Baixou então de novo os olhos para a pequena moça loura, enquanto ela se levantava e sacudia a erva e a poeira dos seus finos cabelos louros. Quer boleia para algum lado?

- Quero. - Ariana esboçou um tênue sorriso. - Até Paris. - Era um loucura estar ali a falar com ele.

Aceita até Chalons-sur-Marne? Fica a cerca de cento e sessenta quilômetros de Paris, e daí posso arranjar alguém que a leve o resto do caminho.

Seria Possível que ele a ajudasse a ir até Paris? Ariana Olhou-o fixamente, enquanto as lágrimas rolavam pelas faces.

- Está bem? Isso ajudaria? - Os olhos dele eram dóceis e o sorriso alargou-se quando ela acenou afirmativamente Com a cabeça. Vamos, é aqui.

O francês ainda estava a sacudir a poeira quando Ariana seguiu os americanos até ao jipe. Os quatro homens eram Jovens e estavam roucos e contentes, e durante a viagem olhavam com ar curioso para a silenciosa Ariana, apertada no meio deles; os olhos deles tocavam-lhe nos cabelos dourados, no rosto delicado, nos olhos tristes, e depois encolhiam os ombros e continuavam a conversar, ou de vez em quando irrompiam num canção apimentada. O jovem que a salvara do francês tinha o nome Henderson no bolso do uniforme, e foi ele que tractou de arranjar dois outros soldados para a levarem a Paris, um hora depois de chegarem a Chalons.

- Ficar em segurança com eles, mis - tranqüilizou-a no seu francês macarrônico e estendeu-lhe a mão.

- Obrigada.

- Não tem de que.

Ariana voltou-se para seguir os dois soldados, que iam até Paris num missão que envolvia dois coronéis que, segundo parecia, trocavam mensagens entre si, pelo menos três vezes por dia. Mas não era nos coronéis que Henderson estava a pensar. Estava a pensar no olhar de desespero que vira naquele pequenino rosto pálido. já vira aquele olhar durante a guerra. E notou algo mais ao olhar para aquele rosto de olhos azuis e fundos, a pele esticada, as olheiras. A moça estava extremamente doente.

Capítulo 26

Os dois jovens soldados americanos explicaram a Ariana que iam a um sítio na Rue de la Pompe. Ela sabia para onde ia? Tirou o papel que Manfred lhe dera. O endereço era na Rue de Varerme. Julgo que é na margem esquerda, mas não tenho a certeza. - Dito e feito. Paris também mostrava sinais da guerra, mas não tinha de modo nenhum um aspecto tão chocante como Berlim. Mais do que os estragos causados pelas bombas, Paris sofrera a as mãos dos Alemães, que tentaram apanhar todas as coisas de valor e mandá-las para a pinacoteca em Berlim.

Um velhote de bicicleta explicou aos dois jovens soldados onde é que Ariana queria ir e prontificou-se corajosamente a ir a frente. Foi então que Ariana viu Paris pela primeira vez desde que lá estivera enquanto criança com o pai e o irmão. Mas estava demasiado cansada para apreciar as vistas, ou mesmo a beleza da cidade. O Arco do Triunfo, a Praça da Concórdia, a Ponte Alexandre III passaram a toda a velocidade por ela. Fechou simplesmente os olhos e continuou aos solavancos no jipe, a ouvir o velhote a dar instruções de vez em quando e o jovem americano ao volante a agradecer aos berros. Finalmente, chegaram ao endereço e Ariana abriu os olhos. não tinha outra hipótese que não descer, embora tivesse preferido dormir infinitamente na parte de trás do jipe. A sua fuga de Berlim levava-lhe nove dias completos, e agora ali estava em Paris, sem fazer idéia Porque viera ou de como seria o homem que procurava. Talvez até já estivesse morto. Tinha a sensação de que toda a gente estava. E enquanto esperava na enorme entrada ornamentada, sentiu saudades da pequenita e acolhedora casa no Waraisee que partilhara com Manfred. Mas já l não havia nada, teve de se lembrar. Absolutamente nada. Manfred morrera.

- Oui, Mademoiselle? - Um velhota gorda, de cabelos brancos, abriu a porta principal, revelando um simpático pátio.

Em frente havia um bonito Hotel particulier do século XVIIU e um pequeno lanço de escadas de mármore. - Vous d'sirez? - As luzes da casa brilhavam convidativamente no escuro.

- Monsieur Jean-Pierre de Saint Marne. - Ariana respondeu-lhe em francês, e durante um longo instante a velhota baixou os olhos, como se não quisesse compreender. Mas Ariana insistiu: - Ele não está?

- Não. - A mulher abanou a cabeça lentamente.

Mas a guerra acabou, Mademoiselle. já não há motivo para Monsieur de Saint Marne ser incomodado. - Estava farta das pessoas que vinham ali com pedidos e súplicas desde há muito. Que fossem ter com os americanos. Matariam monsieur com

as suas histórias cansativas, os seus terrores, as suas emoções. Durante mais quanto tempo é que continuaria este abuso? Caíam sobre o pobre homem como aves de rapina. Ao olhar para o rosto dela, Ariana não percebeu.

- Eu a eu lamento a o meu marido e Monsieur de Saint Marne eram velhos amigos. Ele sugeriu-me que procurasse Monsieur de Saint Marne quando chegasse aqui a gaguejou Ariana e a velhota abanou a cabeça.

- É o que todos dizem. - E esta não tinha um aspecto melhor que as outras. Adoentada, escanzelada, pálida como um cadáver, com roupas rasgadas e sapatos gastos, com apenas aquele pequeno embrulho nas mãos. Senhor, ela parecia que já não se lavava há pelo menos um semana. E só porque monsieur tinha dinheiro não havia razão para toda esta gentilha dos refugiados andar atrás dele como aves de rapina. - Vou ver se monsieur está em casa. - Mas o Rolls no pátio sugeria que o patrão estava de facto em casa. - Espere aqui. - Ariana deixou-se cair, grata, num banco estreito no pátio, a tremer ligeiramente ao ar fresco da noite. Mas já estava habituada a estar com frio, cansada e com fome. há quanto tempo não conhecia ela outra coisa. Era difícil recordar-se da última vez que fechara os olhos. Deu a impressão de terem passado várias horas quando alguém a abanou. Levantou então os olhos para ver a velhota, os lábios franzidos em sinal de desaprovação, mas a fazer um sinal afirmativo com a cabeça. - Ele vai vê-la agora. - Ariana sentiu-se invadir

por um onda de alívio, não tanto pela perspectiva de o ver, mas apenas porque não teria de andar mais naquela noite. Pelo menos, esperava que não. Não se importava se ele a pusesse a dormir no sótão, não se sentia com forças para dar um passo que fosse antes da manhã. Esperava desesperadamente que ele a deixasse ficar.

Seguindo a velhota, Ariana subiu o pequeno lanço de escadas de mármore que dava para a entrada principal, e um mordomo de ar sóbrio abriu a porta e desviou-se para o lado. Por instantes, lembrou-se de Berthold, mas este homem tinha um olhar mais simpático. Ele baixou os olhos para ela durante um breve momento e então, sem dizer um simples palavra, deu meia volta e desapareceu. A velhota abanou novamente a cabeça em evidente sinal de desaprovação e murmurou para Ariana no vestíbulo principal:

- Ele foi chamar o senhor. já a mandam chamar. Vou-me embora agora.

- Obrigada. - Mas a velhota estava-se nas tintas para os agradecimentos de Ariana.

O mordomo voltou. Ariana foi conduzida por um corredor elegantemente mobilado, coberto de veludos e com os quadros dos antepassados de Saint Marne dispostos em intervalos regulares. Ariana olhou-os com indiferença quando passou por eles, até que finalmente chegaram a um enorme porta espelhada que o mordomo escancarou. O que viu no interior da sala fazia-lhe lembrar o Palácio Real de Berlim, com querubins e painéis dourados, incrustações e embutidos e um sem número de

espelhos sobre a cornija da lareira; no meio de todo o esplendor estava um homem de ar sério, da idade de Manfred mas um pouco mais bem constituído. Estava a observá-la, sentado num cadeira de rodas no meio da sala. - Monsieur de Saint Marne? - Ariana sentia-se demasiado cansada para a etiqueta que parecia ser exigida pelas circunstancias e a sala.

- Sim - Não fez nenhum movimento na cadeira de rodas, mas fez sinal com a cabeça para ela se aproximar. Virou-se para ela com um expressão acolhedora, os olhos ainda sérios, se bem que algo afáveis. - Sou eu. Agora, quem é a senhora?

- Ariana a - Hesitou por momentos. - Senhora Manfred von Tripp. - Ariana pronunciou as palavras calmamente, olhando para os olhos dóceis que a observavam. Manfred disse-me que se Berlim caísse, para vir aqui. Desculpe, espero que a - As rodas aproximaram-se dela rapidamente enquanto ela avançava a custo. Ele parou muito perto dela e pegou-lhe num mão.

- Bem-vinda, Ariana. Sente-se, por favor. - O rosto ainda não tomara o ar de um caloroso acolhimento. Ele tinha a certeza de que esta moça tinha mais para lhe dizer, e não estava certo de que seriam boas noticias.

Ariana sentou-se em silêncio, olhando para o rosto do francês. De um forma estranha, ele era bem-parecido, mas tão diferente de Manfred que era difícil imaginar que tivessem sido amigos. Enquanto olhava para o colega de escola do marido, Ariana sentiu-se mais sozinha que nunca, pois jamais voltaria a ver o marido.

- Quanto tempo levou a chegar aqui? - Os olhos dele procuraram os dela quando a inquiriu. já vira tantas como ela. Doentes, cansadas, destroçadas, aterrorizadas.

- Nove dias - murmurou ela.

- Como é que veio?

- De carro, a cavalo, a pé, de jipe a - Pelo arame farpado, pela oração, por quase ser violada por um sabujo a Os olhos de Ariana olhavam com ar vazio para Saint Mame. E então ele perguntou-lhe aquilo que lhe quisera perguntar desde o principio.

- E o Manfred? - Indagou ele baixinho, e ela baixou os olhos.

A voz de Ariana não era mais do que um sussurro na imponente sala.- Está morto. Morreu a na a queda de Berlim.

Ariana levantou então os olhos para ele, decidida. - Mas disse-me para vir ter com o senhor aqui. não sei por que razão é que deixei a Alemanha, exceto que agora não tenho lá nada. Tinha de fugir.

- A sua família? - Os olhos dele pareciam habituados a m noticia que acabara de ter acerca do amigo.

Em resposta a pergunta, Ariana murmurou com voz cansada na sala em silêncio:

- Creio que o meu pai morreu. A minha mãe morreu antes da guerra. Mas o meu irmão a talvez ainda esteja vivo. Na Suíça. O meu pai levou-o para lá em Agosto para fugir a tropa. O meu pai nunca regressou da Suíça, e nunca mais tive noticias do

Gerhard. não sei se ainda está vivo ou não.

- O Gerhard ia para ficar?

Ariana acenou que sim com a cabeça..

- E o seu pai tinha intenções de voltar?

Sim, para me buscar. Mas a nossa ama, isto é, eles chamaram os nazis.

Levaram-me e mantiveram-me como refém. Eles também pensavam que o meu pai voltaria. Ariana levantou os olhos para ele em silêncio. - Um mês depois libertaram-me. O Manfred e eu a - Parou antes de as lágrimas surgirem.

Jean-Pierre suspirou e puxou um pedaço de papel que estava em cima da secretaria.

- Suponho que é por isso que o Manfred a mandou ter comigo.

Ariana pareceu então confusa.

- Penso que o Manfred só me mandou ter com o senhor porque eram amigos e ele achava que eu ficaria aqui em segurança.

Jean-Pierre de Saint Marne sorriu com ar cansado.

- O Manfred era de facto um grande amigo. Mas também um homem inteligente. Ele sabia o que eu fazia durante a guerra. Sempre nos mantivemos em contacto. Discretamente, como é natural. Fez um ligeiro gesto para a cadeira de rodas. - Como pode ver, Estou algo a tolhido de movimentos a mas tenho-me saído bastante bem, apesar disso. tornei-me um espécie de

filantropo, por assim dizer, voltando a reunir várias famílias, algumas vezes noutros países, e arranjando férias em climas mais quentes. Ariana acenou com a cabeça perante os eufemismos.

- Por outras palavras, o senhor tem ajudado refugiados a fugir.

- Em grande parte. E agora vou passar os próximos anos a reunir as famílias. Isso deve-me manter ocupado por uns tempos.

Então pode ajudar-me a encontrar o meu irmão?

Tentarei. Dê-me todas as informações que tiver, e verei o que posso descobrir.

Mas acho que tem de pensar em algo mais do que isso, Ariana. E você? Para onde ir agora? Para a Alemanha?

Ariana abanou a cabeça lentamente e depois levantou os olhos para ele, inexpressivos.

- Não tenho lá ninguém.

- Pode ficar aqui durante algum tempo. - Mas ela também sabia que não seria um coisa permanente, e depois para onde é que iria? Ainda não tinha pensado nisso, não tinha pensado em nada.

Saint Marne meneou silenciosamente a cabeça com um ar compreensivo e fez várias anotações.

- Está bem, de manhã verei o que posso fazer por si. Tem de me dizer tudo o que

sabe para me ajudar a encontrar o Gerhard. Se é isso que quer que eu faça. - Ariana fez um ligeiro gesto de concordância com a cabeça, praticamente incapaz de assimilar tudo. A presença dele, a sala, a oferta para ajudar a encontrar Gerhard. - E entretanto - sorriu afavelmente - tem de fazer qualquer coisa.

- O que? - Ariana tentou retribuir o sorriso mas era um esforço enorme olhá-lo nos olhos e não adormecer na poltrona insuportavelmente confortável.- O que tem a fazer, querida Ariana, é descansar. está com um ar muito, muito cansado.

- Pois estou.

Todos tinham aquele aspecto quando vinham ter com ele: exaustos, feridos, assustados. Ela ficaria com melhor aspecto dentro de um ou dois dias, pensou. Que jovem bonita ela era, e quem a não ser Manfred para casar com um pessoa tão frágil, tão etérea, tão jovem. Mariana era muito mais robusta.

A principio, Jean-Pierre ficou chocado ao saber que Ariana era a nova mulher de Manfred. De qualquer forma, ele não esperava que Manfred. se casasse.

Ficara tão desesperado quando a mulher e os filhos morreram. Mas aqui estava esta moça. Compreendia facilmente a paixão de Manfred. Ela era tão pequenina, tão bonita, mesmo com a roupa rasgada e suja. Jean-Pierre teria gostado de vê-la com Manfred num melhor altura. E logo que ficou novamente sozinho na sala de visitas, devaneou sobre o seu velho amigo. Por que razão é que ele a mandara vir ter com ele? Esperar por ele como ela lhe dissera, se ele tivesse conseguido sobreviver aos combates em Berlim? Ou ser que ele queria algo mais? Algum proteção para ela? Ajuda na busca do irmão? O que? De qualquer forma, sentia que ele ao Mandá-la vir ter consigo estava a enviar-lhe uma espécie de mensagem, e ele queria desesperadamente decifrar o que era. Talvez, pensou para consigo ao olhar pela janela, com o tempo as coisas ficassem mais claras. E no seu quarto, com vista para o bonito pátio empedrado, Ariana estava já a dormir profundamente. Fora um simpática mulher, de meia idade, de saia e avental, que a pusera na cama, que puxara a colcha para trás, deixando a mostra cobertores grossos, um manta de lã e lençóis lavados. Ariana teve a sensação de ter visto algo tão bonito há séculos e, sem pensar mais em Jean-Pierre, no irmão ou mesmo em Manfred, enfiou-se na cama e adormeceu profundamente.

Um das avenidas mais populares e concorridas de Berlim. (N. do T-)

Capítulo 27

Na manhã seguinte, Ariana juntou-se a Jean-Pierre depois do pequeno almoço. Era evidente, a luz do dia, que estava doente. Sentou-se no escritório dele, o rosto de um verde doentio.

- Já estava doente antes de sair de Berlim?

- Não, não estava.

- Talvez esteja exausta da viagem e da perda que sofreu. - Ele vira a reação a dor muitas vezes anteriormente. Suores, vômitos, tonturas. Vira homens adultos a desmaiar do puro alívio de alcançarem finalmente a segurança da casa. Mas neste momento ele estava mais preocupado com o estado emocional dela do que com o estado físico. - Mais tarde chamarei um médico para a ver. Mas, primeiro, quero saber tudo acerca do seu irmão. A descrição, a altura, o tamanho, o peso. Depois, para onde é que ele ia, o que vestia e quais os planos exactos. Quem é que ele conhecia? - Jean-Pierre olhou-a de frente e ela respondeu a todas as perguntas um por um, explicando em pormenor o plano que o pai tencionava seguir, indo a pé desde a estação de caminho-de-ferro de Lorrach através da fronteira Suíça até Basileia, onde apanharia outro comboio até Zurique, e depois o pai voltaria a buscá-la. - E em Zurique, o que é que ele tinha de fazer?

- Nada. Só tinha de esperar.

- E depois o que é que vocês os três iam fazer?

- Continuar até Lausana, ter com uns amigos do meu pai.

- Os amigos sabiam que vocês iam?

- Não tenho a certeza. O papai talvez não tenha querido telefonar-lhes de casa ou do escritório. Talvez tenha planeado telefonar-lhes quando chegasse a Zurique.

- Ele teria deixado o número deles ao seu irmão?

- Não tenho a certeza.

- E nunca teve notícias de qualquer um deles, não dos amigos, mas do seu irmão e do seu pai?

Ariana abanou lentamente a cabeça.

- De ninguém. E depois o Manfred disse que estava seguro de que o meu pai estava morto.

Jean Pierre percebeu na voz de Ariana que ela já estava conformada com isso. Agora era a perda de Manfred que ela não conseguia suportar.

- Mas o meu irmão... - Ariana levantou o olhar, suplicante, e ele abanou a cabeça.

- Veremos. Vou fazer alguns telefonemas. Porque não volta para a cama?

Informo-a logo que saiba alguma coisa.

Vai acordar-me?

É uma promessa. - Mas acabou por não se aborrecer. Descobriu tudo o que havia para saber no espaço de um hora, e isso não foi suficiente para se aborrecer e acordar Ariana. Ela dormiu até ao cair da noite e, quando Lisette lhe disse que ela estava finalmente sentada na cama e com melhor aspecto, ele foi de cadeira de rodas até o quarto dela. - Oi, Ariana, como se sente?

- Melhor. - Mas não parecia. Estava com pior aspecto. Mais pálida, esverdeada, e era óbvio que tinha de se esforçar para não adoecer. - Nenhuma novidade?

Jean-Pierre fez uma pausa por instantes, mas ela apercebeu-se de imediato.

Ariana olhou-o com um ar mais atento e ele segurou-lhe um mão.

- Ariana, não há realmente quaisquer novidades. Vou-lhe contar o que descobri, mas é menos que nada. O rapaz desapareceu.

- Morto? - A voz de Ariana estremeceu. Sempre esperara que ele ainda estivesse vivo. Apesar do que Manfred pensava.

- Talvez, não sei. Isto é o que soube. Telefonei para o número do homem que me deu. Ele e a mulher foram mortos num acidente de viação exatamente dois dias antes de o seu pai e o rapaz saírem de Berlim. O casal não tinha filhos, a casa foi vendida, e nem os novos donos da casa nem os sócios do homem no banco ouviram algum vez falar no seu irmão. Falei com um funcionário do banco que conhecia naturalmente o seu pai, mas nunca ouviu falar dele. É possível que ele deixasse o rapaz e viesse buscá-la a si, e que o seu pai fosse morto algures no caminho de regresso. Em qualquer caso, o rapaz teria acabado por telefonar para o nome que o seu pai lhe deu e teria descoberto que eles estavam ambos mortos, marido e mulher. Depois, presumo que ou teria contactado para o banco onde o homem trabalhava ou teria calculado que estava sozinho e arregaçou as mangas e foi trabalhar para um lugar qualquer, simplesmente para sobreviver. Mas não existe qualquer pista dele, Ariana, nem em Zurique, nem na polícia central, nem nos banqueiros em Lausana. Nem sequer existe qualquer pista de Max Thomas. - Ariana também lhe dera aquele nome. Ele olhou-a com ar infeliz. Tentara desesperadamente durante todo o dia. Mas não descobrira nada. Nenhum pista. Tentei todas as vias habituais assim como os meus melhores contactos. Ninguém encontrou o rapaz. Tanto pode ser um bom sinal como um sinal muito mau.

- O que acha, Jean-Pierre?

- Que ele e o seu pai morreram, entre Lorrach e Basiléia. - Ele sabia pelo silêncio dela que estava paralisada pela dor. Continuou a falar com ela para lhe recobrar o animo. Ariana, temos de continuar.

- Mas para onde? a Para que? a E Porquê? - Ariana soluçou de raiva. - Não quero continuar. Agora não. não resta ninguém. Só eu. É suficiente. É tudo o que tenho agora.

Você, também? - Ariana olhou-o fixamente e assoou-se enquanto ele fez um

ligeiro gesto afirmativo com a cabeça.

- A minha mulher era judia. Quando os Alemães ocuparam Paris, levaram-na. - A voz embargou-se e afastou-se de Ariana na cadeira de rodas. - Mais a nossa pequenita. - Ariana fechou os olhos. Sentiu-se desesperadamente doente. não conseguia agüentar mais. As infindáveis perdas, a incomensurável dor. Este homem, Manfred, Max e ela própria, todos eles haviam perdido pessoas que amavam: os filhos, as mulheres, os irmãos e os pais. Sentiu a sala andar a roda e ela própria a rodopiar; deitou-se no chão num tentativa febril de se amparar. Ele aproximou-se, em silêncio, e afagou-lhe suavemente os cabelos. - Eu sei, ma petit, eu sei. - Nem sequer lhe falou de um noticia que recebera. Só teria feito com que a verdade amarga fosse mais difícil de suportar. havia um empregado num hotel em Zurique que se lembrava de um rapaz parecido com o rapaz que Jean-Pierre descrevera. Entabulara conversa com o rapaz e lembrou-se de que ele lhe dissera que estava a espera dos seus familiares. Estivera sozinho no hotel durante duas semanas, a espera. Mas o empregado lembrou-se então que ele se encontrara com os familiares e se fora embora. Não poderia ter sido o Gerhard. Ele não tinha mais familiares. O pai teria dito a Ariana se isso fizesse parte do plano. Era evidente que ele era um homem muito minucioso. O empregado lembrava-se de o rapaz sair com um casal e a filha deste. Por isso não era Gerhard. E fora tudo. não havia novidades nem outros sinais de esperança. O rapaz desaparecera, e como milhares de outras moças na Europa, Ariana ficara sem ninguém.

Após um longa pausa, Jean-Pierre falou novamente com ela.

- Tenho um idéia para si. Se tiver coragem suficiente. É consigo. Mas, se eu ainda fosse jovem, era o que faria. Para escapar a todos estes países que ficaram destruídos, arrumados, bombardeados, eu ir-me-ia embora para outro lado e iniciaria nova vida, e é isso que penso que você deveria fazer. Ariana levantou a cabeça e limpou os olhos.

- Mas para onde? - O tom era de terror. não queria ir para lado nenhum. Queria ficar presa a as suas raízes, escondendo-se do passado para sempre.

- Para os Estados Unidos - disse Jean-Pierre calmamente. - há um barco de refugiados que parte amanhã. Foi fretado por um organização de Nova Iorque. As pessoas estarão lá quando o navio atracar e ajudá-la-ão a realojar-se.

- E a casa do meu pai em Grunewald? Acha que a posso recuperar?

- É isso que quer? Conseguia lá viver? Se a conseguisse recuperar, o que duvido. - A verdade das palavras dele tocaram-na fortemente. E então, subitamente, enquanto falava com ela, ele compreendeu qual era a mensagem de Manfred. Foi por isso que Ariana fora mandada ter com um amigo de infância do marido. Manfred sabia que ele encontraria um solução. E agora ele sabia que esta era a correta.

A única dúvida que ele tinha era se ela estaria em condições de viajar. Mas sabia da sua longa experiência com as pessoas que ajudara nos últimos seis anos, passar-se-iam meses até ela voltar a ser novamente a mesma pessoa.

Sofrera demasiadas perdas, e os nove dias de louca correria pela Alemanha, depois do choque de ver o marido morto, tinha sido a gota de água. Fora realmente tudo isso que a deitara abaixo: o cansaço, a fome, as longas caminhadas a pé a dor angustiante, as demasiadas perdas. havia também o problema de só haver outro barco muito tempo depois.

- Vai fazer isso? - Os olhos de Jean-Pierre nunca deixaram os dela. - Poderia ser um vida totalmente nova.

E o Gerhard? não acha que ele poder ter ido para Lausana? Ou que tenha ficado algures em Zurique, e que se eu lá fosse talvez o encontrasse? - Mas a esperança também tinha desaparecido dos olhos dela.

- Tenho praticamente a certeza, Ariana. não há absolutamente nenhum rasto dele e, se ele estivesse vivo, haveria. Penso que aconteceu aquilo que lhe disse. Ele e o seu pai devem ter sido mortos. - Ariana abanou a cabeça lentamente, deixando-a tombar para a frente. Perdera-os a todos. Também podia baixar os braços e deixar-se morrer, ou continuar.

Tentando controlar as tonturas e as náuseas, Ariana olhou para Jean-Pierre, sentado na cadeira de rodas, junto a sua cama, e acenou afirmativamente com a cabeça. Um qualquer profundo instinto fê-la dizer as palavras, mas para os seus ouvidos a voz não parecia a sua:

- Está bem. Eu vou.

Capítulo 28

O enorme Rolls preto de Jean-Pierre entrou calmamente no porto de Le Havre. Ariana, com um ar pálido, estava sentada no banco traseiro do carro. Mal falou durante toda a viagem desde Paris. As estradas estavam a abarrotar de caminhões, jipes e pequenos comboios de veículos de transporte de material entre Paris e o porto. Mas a situação em redor de Paris estava muito melhor, e a parte a cor sombria dos veículos do exercito, as estradas estavam com um aspecto praticamente normal.

Jean-Pierre observara Ariana em silêncio durante a maior parte da viagem, e pela primeira vez nos seus anos de ajuda aos refugiados sem abrigo, destroçados e assustados, não conseguiu encontrar palavras que a confortassem. Era evidente na expressão do olhar dela que não havia nada que lhe pudesse aliviar o terrível fardo.

A medida que avançavam, Ariana ia sentindo cada vez mais a realidade da situação. não havia ninguém no mundo que ela tratasse com carinho, ninguém para quem se voltar; ninguém que partilhasse um recordação do que fora o seu passado, ninguém compreenderia, sem tradução, as lembranças do irmão, do pai, da casa de Grunewald a mãe a Fraulein Hedwig a os Verões no lago a ou o riso nas costas do Berthold a mesa a Ninguém que tivesse sentido o cheiro do estojo de química de Gerhard quando se incendiava. Nem haveria ninguém que tivesse conhecido Manfred a não neste novo mundo para onde

ela ia. não haveria ninguém que compreendesse o que fora estar encarcerada naquela casa. Ser atacada por Hildebrand a e depois salva por Manfred e levada furtivamente para Wannsee. Com quem poderia partilhar a lembrança do guisado que fizera de salsicha de fígado, a cor da colcha da cama naquele primeiro quarto ou da expressão do olhar de Manfred a primeira vez que fez amor com ela - Ou o toque do rosto dele quando ela o encontrara finalmente junto ao Reichstag, em Berlim. Nunca Ninguém saberia nada do último ano da sua vida, ou dos últimos vinte anos, e enquanto se dirigia, ao lado de Saint Mame, em direção ao navio que a levaria para sempre, Ariana não acreditava que viesse a partilhar de novo a sua vida com outra pessoa.

- Ariana? - Jean-Pierre chamou-a com a sua voz profunda e o sotaque francês. Mal se atrevera a falar-lhe naquela manhã até partirem para Le Havre. Ela estava demasiado doente para se levantar. No dia anterior desmaiara duas vezes. Jean-Pierre notou que agora ela parecia estar com um pouco mais de forças e rezou em silêncio para que ela melhorasse e sobrevivesse a viagem até Nova Iorque. Desde que ela conseguisse, eles deixá-la-iam entrar nos Estados Unidos. Os Estados Unidos haviam

aberto os braços aos refugiados de guerra. - Ariana? - Jean-Pierre falou-lhe num tom dócil, e ela regressou lentamente dos seus pensamentos distantes.

- Sim?

- Você e o Manfred estiveram juntos durante muito tempo?

- Quase um ano.

Jean-Pierre meneou lentamente a cabeça.

- Suponho que um ano para si possa parecer um eternidade. Mas - Um pequeno sorriso tentou dar-lhe esperança. - Aos vinte anos, um ano parece enorme. Daqui a vinte anos, não parecer tanto tempo.

A voz de Ariana tinha um tom frio quando respondeu.

- Está a sugerir que o esqueça? - Sentia-se ultrajada por Saint Mame dizer aquilo, mas ele abanou a cabeça com um ar triste.

- Não, minha querida, não vai esquecê-lo. - Por instantes pensou na mulher e na filha, perdidas apenas três anos antes, e essa dor destroçava-lhe o coração.

- Não, não esquecer. Mas penso que a dor aliviar com o tempo. não ser tão insuportável como é agora. - Pôs-lhe um braço a volta dos ombros. - Esteja agradecida, Ariana, por ser ainda jovem. Para si, nada acabou. - Tentou confortá-la, mas não lhe vislumbrava nada de esperançoso nos enormes olhos azuis.

Quando finalmente chegaram a Le Havre, Jean-Pierre não saiu do carro para acompanhar Ariana até ao barco. Era muito complicado tirar a cadeira de rodas do porta-bagagens e sentar-se nela com a ajuda do motorista. Tinha arranjado a passagem para Nova Iorque, onde ele sabia que a Wornen's Relief Organization de Nova Iorque cuidaria dela.

Jean-Pierre deitou a mão de fora da janela do carro, enquanto ela ficou especada, com a pequena mala de cartão que a governanta lhe trouxera da cave e enchera com alguns dos vestidos da mulher dele - provavelmente nenhum lhe servia. Ela tinha um aspecto tão pequeno e tão acriançado, os olhos enormes no rosto de traços incrivelmente finos, que subitamente ele se interrogou se fizera bem em arranjar-lhe a passagem. Talvez ela estivesse realmente fraca para fazer a viagem. Porem,

consequira ultrapassar os novecentos e sessenta quilômetros desde Berlim, a pé de carro, a cavalo, de carroça e de jipe, durante nove dias traiçoeiros. Certamente que conseguiria agüentar outra semana a atravessar o oceano.

Valeria a pena percorrer aquela distância para se afastar do pesadelo e encontrar um nova vida num terra nova.

- Depois mande-me noticias, está bem? - Jean-Pierre sentia-se como um pai a mandar um filha amada para um país estrangeiro.

Um sorriso glacial surgiu lentamente nos lábios de Ariana e alastrou depois aos olhos azuis. - Está bem, eu mando. E, Jean-Pierre a obrigada a por tudo o que fez.

Jean-Pierre fez um aceno com a cabeça. - Eu só desejava a que as coisas pudessem

ter sido diferentes. - Ele desejava que Manfred estivesse ali ao lado da sua esposa.

Porem, ela compreendera o que ele queria dizer e fez um sinal afirmativo com a cabeça.

- Também eu.

E então, num voz dócil, ele murmurou:

- Au revoir, Ariana. Boa viagem.

Os olhos de Ariana agradeceram-lhe um última vez, e voltou-se para a prancha de embarque do navio. Virou-se Para trás um última vez, acenou solenemente com a mão, e murmurou:

- Adieu ! - As lágrimas a correrem-lhe pelo rosto.

LIVRO TRÊS - ARIANA EM NOVA IORQUE

Capítulo 29

O Sr Pilgrim's Pride fazia jus ao nome. Parecia estar a ser utilizado pelos mesmos que há muito tinham navegado no My flower. Era pequeno, estreito, escuro e cheirava a mofo. Mas estava em boas condições de navegar.- E estava a abarrotar. O Pilgrims Pride foi comprado conjuntamente por várias organizações de auxílio americanas e era dirigido fundamentalmente pela Wornen's Relief Organization de Nova Iorque, e fizera quatro viagens desta natureza, trazendo mais de um milhar de refugiados da Europa, destroçados pela guerra, até Nova Iorque. A organização arranjava patronos através de variadas organizações irmãs nos Estados Unidos, e contratara um razoável tripulação para fazer a viagem, trazendo homens, mulheres, crianças e idosos da devastada Europa para um vida nova nos Estados Unidos.

As pessoas que viajavam no navio estavam todas bastante debilitadas e haviam chegado a Paris vindas de outros países assim como de outras regiões da própria França. Algumas tinham viajado a pé durante semanas e meses; outras, como algumas das crianças, vaguearam, sem casa, durante anos.

Nenhum delas se lembrava da última vez que vira comida a sério, e muitas delas nunca tinham visto o mar, quanto mais viajarem num navio.

A Relief Organization não conseguira contratar um médico para acompanhar o navio nestas travessias, mas conseguira contratar um jovem enfermeira de inegável competência. Até agora, em todas as travessias, os seus serviços tinham sido vitais. já assistira a nove nascimentos, a vários abortos, a quatro ataques de coração e a seis mortes. Assim, Nancy Townsend, enquanto enfermeira do navio, teve de enfrentar as saudades de casa, a fadiga, a fome, a privação e as desesperadas necessidades das pessoas que tinham sofrido o preço da guerra durante um eternidade de tempo.

Na última viagem havia quatro mulheres que tinham estado presas nos arredores de Paris durante quase dois anos, antes de os Americanos chegarem e as libertarem. Mas apenas duas das mulheres resistiram a viagem até Nova Iorque. De todas as vezes, ao ver os passageiros a embarcar, Nancy Townsend sabia que nem todos chegariam a Nova Iorque. Muitas vezes era

fácil ver quais eram os mais fortes e quais aqueles que nunca deveriam ter empreendido a viagem. Mas muitas vezes também havia aqueles que pareciam robustos e depois, subitamente, cediam nessa última etapa da sua fuga. Tudo indicava

que a pequenina mulher loura no convés inferior, num camarote com outras nove mulheres, era um desses casos.

Um mocinha dos Pireneus veio ao encontro de Nancy, a gritar que havia um moça a morrer no beliche por baixo dela. Quando Nancy viu a moça, verificou que ela estava a morrer de enjôo, fome, desidratação, dor, delírio era impossível dizer o que a levava a esse ponto, mas os olhos estavam revirados; e quando Townsend a tocou, a testa estava quente e ressequida da febre alta.

Ao tomar-lhe o pulso, a enfermeira ajoelhou-se silenciosamente ao lado dela e fez sinal a as outras pessoas para se afastarem. Olhavam para Ariana, inquietas, interrogando-se se ela ia morrer no camarote nessa noite. já lhes acontecera algo idêntico dois dias antes, no quarto dia de viagem. Uma mocinha judia que viajara de Bergen Belsen até Paris não sobrevivera a última etapa da viagem.

Vinte minutos depois de a ter observado pela primeira vez no superlotado camarote, a enfermeira Townsend mandou Ariana para um dos dois camarotes de isolamento. Foi aí que a febre subiu furiosamente e que ela sentiu violentas câibras nos braços e nas pernas. Nancy pensou que ela pudesse entrar em convulsões, mas isso nunca aconteceu e, no último dia de viagem, a febre finalmente baixou. Ariana vomitava constantemente e, de cada vez que tentava sentar-se na cama, a tensão arterial era tão baixa que desmaiava. não se lembrava quase nada do seu inglês, e falava com a enfermeira constantemente

num alemão assustado e desesperado, de que Nancy não percebia nada a não ser os nomes que ela repetia freqüentemente: Manfred a Papai a Gerhard a Hedwig a e berrava muitas vezes: Neitt Hedwig! quando olhava, absorta, para os olhos da

enfermeira americana. E, quando soluçava a altas horas da noite, era impossível consolá-la. As vezes, Nancy Townsend interrogava-se se aquela moça estava assim tão doente por não querer viver. não teria sido a primeira.

Ariana olhou-a com ar ausente na manhã do último dia; os olhos estavam menos febris mas estavam carregados de dor.

- Espero que esteja a sentir-se melhor. - Nancy Townsend sorriu afavelmente.

Ariana fez um vago aceno com a cabeça e adormeceu novamente. Nem sequer viu o navio a entrar no porto de Nova Iorque ou a está tua da Liberdade com o Sol a brilhar como ouro sobre o braço que ergue a tocha. Aqueles que estavam nos conveses acenavam freneticamente, as lágrimas rolavam pelos rostos, abraçados uns aos outros: tinham conseguido finalmente! Mas de tudo isto Ariana não sabia nada. não sabia nada até o funcionário da imigração descer ao convés inferior quando atracaram. Este cumprimentou a enfermeira silenciosamente e leu os relatórios. Geralmente mandavam a maioria dos passageiros para os seus patronos, mas esta era uma daquelas passageiras que teria de esperar. Devido ao delírio e a

No último navio em que os Puritanos ingleses viajaram para a América do Norte em 1620. (N. do T.)

febre, eles queriam ter a certeza de que ela não era portadora de nenhuma doença. O funcionário da imigração elogiou a enfermeira por ter mantido a moça em isolamento e então, baixando os olhos para a moça adormecida e depois para a mulher de uniforme, franziu o sobrolho e fez uma pergunta direta:

- O que é que acha que ela tem?

A enfermeira fez um gesto silencioso em direção do corredor e deixaram Ariana a dormir.

- Não lhe posso dizer com segurança, mas talvez tenha sido torturada, ou talvez estivesse num dos campos. Não sei. terão de a observar.

O funcionário fez um gesto de concordância com a cabeça como resposta, olhando com ar afável pela porta aberta.

- Não há feridas abertas, infeções ou lesões evidentes?

- Pelo que vejo, nada. Mas vomitou durante toda a travessia do Atlântico.

Penso que vocês devem dar atenção a isso. Talvez haja algum ferimento interno. Lamento - Olhou-o com um ar apologático - mas não sei ao certo o que ela tem.

- Não se preocupe, Miss Townsend. É por isso que está a entregá-la a nós. Ela deve-lhe ter dado bastante trabalho. Deu nova vista de olhos aos gráficos.

A enfermeira sorriu para o porto.

- Sim, mas conseguiu. - Os olhos dela foram lentamente ao encontro dos dele.

- Penso que ela agora viver. Mas durante uns tempos....- Imagino. - O funcionário acendeu um cigarro, olhou para baixo e observou os outros passageiros a desembarcar. Esperou que dois ajudantes de enfermagem chegassem e pusessem cuidadosamente a moça numa maca.

Ariana tremia ligeiramente e então, com um último olhar para a enfermeira que a mantivera viva, Ariana abandonou o navio. não fazia nenhuma ideia de para onde a levavam, e isso também pouco lhe interessava.

Capítulo 30

- Ariana? Ariana Ariana - A voz parecia chamá-la de muito longe e, enquanto ouvia, ela não tinha a certeza se era a mãe ou Fraulein Hedwig, mas fosse quem fosse, não conseguia responder-lhe. Sentia-se terrivelmente cansada e pesada, estava num longa viagem e ainda muitos problemas estavam para vir.

- Ariana - A voz chamava-a insistentemente. Franzindo ligeiramente as sobrancelhas enquanto dormia, Ariana teve a sensação de voltar de um lugar distante. Acabaria por ter de lhes responder a mas não lhe apetecia a O que é que eles queriam?
- Ariana a voz continuava a chamar e, depois do que pareceu um eternidade, Ariana abriu os olhos.

Havia um mulher alta, de cabelos grisalhos, vestida de preto. Trazia um saia preta e um camisola também preta, e os cabelos estavam apanhados num enorme carrapito. E alisava os cabelos de Ariana com mãos fortes e frias.

Quando finalmente tirou a mão de debaixo dos lençóis, Ariana viu o enorme anel de diamantes na mão esquerda.

- Ariana?

Ariana tinha a sensação de que tinha ficado sem voz e só conseguiu acenar com a cabeça como resposta. Mas não conseguiu lembrar-se do que acontecera. Onde é que estava? Onde estivera ultimamente? Quem era aquela mulher? Tudo no seu espirito estava desordenado e fora de contexto. Estava num navio? Estava em Paris? a Berlim?

- Sabe onde está? - O sorriso era tão gentil como as mãos tinham sido nos cabelos emaranhados de Ariana, e falava inglês. Ariana lembrou-se então, ou pelo menos pensava que se lembrava, quando olhou com um ar interrogador para a mulher. - Está em Nova Iorque. Num hospital. Trouxemo-la para aqui para termos a certeza de que ficaria boa. - E, por estranho que parecesse, estava.

Ruth Liebruan, sabia bastante bem que havia muita coisa nestas pessoas que nunca se sabia e nunca se saberia, muita coisa que não se tinha o direito de perguntar.

- Está a sentir-se melhor? - O médico dissera a Ruth que não conseguia ver razão para o cansaço, o sono profundo, a fraqueza, a exceção, naturalmente, do facto de vomitar e da febre quando estava no navio. Mas agora eles sentiam que era urgente que alguém fizesse o esforço de puxar aquela moça da beira do abismo onde ainda se encontrava. A opinião oficial era a de que a moça estava muito simplesmente a desistir de lutar pela vida, e era crucial agora que alguém a puxasse para trás antes que fosse tarde.

Como dirigente máxima dos voluntários da Women's Relief Organization de

Nova Iorque, Ruth Liebman. viera ver a moça pessoalmente. Era a segunda vez que a viera visitar. A primeira vez, apesar de lhe afagar os cabelos e de a chamar persistentemente, Ariana não se mexera. Ruth observara-a em silêncio e procurara subrepticiamente os números tatuados no braço direito da moça.

Mas não encontrara nada. Ela afinal tivera sorte a se escapar a esse destino. Talvez algum família a tivesse escondido, ou talvez tivesse sido um das vitimas especiais deles, aquelas que eles não marcavam com números mas eram usadas com outros fins. O tranqüilo rosto adormecido da pequenina beleza loura não lhe dizia nada, e a única coisa que sabiam dela era o nome e que o patrono fora arranjado através da organização de refugiados de Saint Marne em França. Ruth conhecia o homem superficialmente, um deficiente que perdera a mulher e a filha na guerra.

Ruth suportava as suas tragédias desde que Pearl Harbor arrastara a América para a guerra. Quando a guerra rebentara tinha quatro crianças alegres e saudáveis; agora tinha duas filhas e só um filho. Simon fora abatido sobre Okinawa, e quase tinham perdido Paul em Guam. Quando o telegrama chegou, Ruth quase desmaiara. Consternada e com as mãos a tremer, fechou-se no gabinete de trabalho do marido. Sam estava no escritório. As filhas estavam algures no piso de cima, e nas mãos ela segurava o papel que era muito parecido com o primeiro a o primeiro que lhe revelaria o destino final do filho a

Ruth decidira encarar as noticias sozinha. Mas, quando leu o telegrama, o choque foi de alívio. Paul só fora ferido e voltaria para os Estados Unidos nas semanas seguintes. Quando telefonou a Sam, ficara histérica de regozijo. já não tinha de manter a sua calma de ferro. Para eles, a guerra acabara. A sua alegria dera um novo vigor a todos os seus movimentos, a todos os seus pensamentos.

Ficara desesperada com os relatos dos horrores alemães e tomada por um espécie de sentimento de culpa, que advinha do facto de não ter sofrido como os judeus na Europa tinham sofrido. E começou a dedicar-se ao trabalho voluntário. Via estas pessoas agora ainda com maior amor e compaixão, e a gratidão que sentia pela sobrevivência de Paul transbordava nas horas passadas com elas: a ajudá-las a localizarem os seus patronos desconhecidos, a pô-las em comboios para as distantes cidades do Sul e do Midwest, e agora, a visitar esta moça assustada. Ariana olhou-a, absorta, e fechou os olhos.

- Porque Estou aqui?

- Porque estava muito doente no navio, Ariana. Quisemos ter a certeza de que não havia nada de mal.

- Mas ao ouvir isto, Ariana soltou um sorriso irónico e cansado. Como podiam eles ter a certeza disso? Estava tudo mal.

Com a ajuda da mulher mais velha, Ariana sentou-se lentamente e sorveu um pouco do caldo quente que a enfermeira lhe deixara; depois deixou-se cair para trás,

exausta. Mesmo aquele pequeno esforço fora demasiado. Ruth Liebman ajeitou suavemente as almofadas da moça e perscrutou os perturbados olhos azuis. E compreendeu então o que os médicos tinham dito. havia algo aterrador naqueles olhos que dizia que a moça que estava ali deitada já desistira da esperança.

- É alemã, Ariana?

- Ariana acenou afirmativamente em sinal de resposta e fechou os olhos. O que significava agora ser-se alemão? Ela era apenas um refugiada como as outras, que fugira de Berlim há três semanas. Ruth viu a moça a pestanejar quando se lembrou, e tocou-lhe levemente na mão quando Ariana abriu os olhos um vez mais. Talvez precisasse de desabafar com alguém, para que Os fantasmas deixassem de a atormentar. - Saiu sozinha da Alemanha, Ariana? - Mais um vez Ariana limitou-se a acenar afirmativamente com a cabeça. - Foi muito corajosa. - As palavras eram cuidadosas e precisas. A enfermeira dissera-lhe que Ariana falava inglês, mas ainda não sabia com que proficiência.

- Quantos quilômetros é que percorreu?

Ariana perscrutou o simpático rosto com desconfiança e então decidiu responder. Se esta mulher era do Exército, da Polícia ou da imigração, também j não importava. Por instantes lembrou-se do interrogatório infundável a as mãos do capitão Von Rheinhardt, mas isso só a fez recordar-se um vez mais de Manfred. Fechou os olhos com força, depois abriu-os de novo, enquanto duas lágrimas enormes rolavam lentamente pelas faces.

- Cerca de novecentos e sessenta quilômetros a até França. - Cerca de novecentos e sessenta quilômetros? a E desde onde? Ruth não se atreveu a perguntar-lhe. Era óbvio que não queria forçá-la a lembrar-se das coisas, a moça ainda estava sob o efeito de um sofrimento recente.

Ruth Liebman era um mulher que nunca desistia da esperança. Era um atitude que transmitia aos outros, e era por isso que ela era extraordinária neste gênero de trabalho. Sempre quisera ser assistente social quando era mais nova, mas, como mulher de Samuel Liebman, tinha o trabalho talhado a sua medida.

Estava agora muito quieta a observar Ariana, tentando compreender a dor da jovem e saber como poder ajudar.

- A sua família, Ariana? - As palavras foram pronunciadas num tom afável; Porem, era óbvio que para Ariana eram palavras que ela ainda não estava preparada para ouvir. Desatou a chorar, sentou-se na cama e abanou a cabeça.

- Morreram todos o meu pai o meu irmão o meu - Ia dizer marido mas não conseguiu prosseguir e, sem pensar em mais nada, Ruth tomou Ariana nos seus braços. - Todos todos. não tenho ninguém, nenhum sítio, nada - E viu-se tomada de novo pela dor e o terror. Sentia-se atormentada por tudo isso e rezava para que a sua vida acabasse.

- Não pode olhar para trás, Ariana. - Ruth Liebman falava num tom meigo enquanto a abraçava. Ariana sentiu como se tivesse encontrado um mãe, enquanto estava entre os braços da mulher e soluçava. - Tem de olhar para a frente. Esta é uma nova vida para si, um novo país e as pessoas que amava na sua outra vida nunca a irão abandonar. estão aqui consigo. Em espírito, Ariana, e sempre a acompanharão. - Tal como acontecia com Simon era como se nunca tivesse perdido o seu primeiro filho. Acreditava nisso, e Ariana sentiu uns laivos de esperança quando se agarrou a mulher alta e magra, cujos optimismo e força pareciam quase tangíveis quando os seus olhos se encontraram e deteram.

- Mas o que é que irei fazer?

- O que é que fazia antes? - Ruth compreendeu imediatamente que era uma pergunta estúpida. Apesar do ar envelhecido e do cansaço que se vislumbrava a roda dos olhos, era óbvio que a moça provavelmente não tinha mais do que dezoito anos. - Trabalhava?

Ariana abanou lentamente a cabeça.

- O meu pai era banqueiro. - E depois suspirou. Tudo isso não passava de conversa fiada. Todos aqueles sonhos triviais destruídos. - Eu estava para entrar na universidade depois da guerra. Mas sabia que nunca tiraria proveito do curso. Teria casado, tido filhos, dado lanches e jogado a as cartas, como as outras mulheres. Mesmo com Manfred, não teria muito mais, exceto viajar entre a casa de cidade e o palacete aos fins-de-semana e nas férias, onde teria de ver se estava tudo em ordem e depois, teria havido filhos a Ariana teve de fechar com força os olhos novamente. - Mas tudo isso foi há tanto tempo. já não interessa. - Já nada interessava. E isso era evidente.

- Quantos anos tem, Ariana?

Vinte. - Paul era apenas dois anos mais velho e Simon teria agora vinte e quatro. Seria possível que ela com vinte anos tivesse vindo até tão longe? E como é que se separara da família? Mas enquanto Ruth a observava, compreendeu a resposta, e sentiu um novo aperto no coração pela moça. Ariana era de uma beleza perturbante, mesmo na sua condição atual, com aqueles enormes olhos azuis e tristes. Ruth sentiu subitamente que os nazis se tinham aproveitado dela. Era evidente o que acontecera a Ariana durante a guerra. E foi por isso que não a mataram, que não lhe marcaram o corpo, que não lhe tatuaram os braços. Ao pensar nisso, Ruth comoveu-se e teve de reprimir as lágrimas que lhe assomavam aos olhos. Era como se eles lhe tivessem tirado uma das suas amadas filhas e se tivessem aproveitado dela como fizeram com Ariana; só o facto de pensar nisso quase punha Ruth Liebman, doente.

Durante um longo instante instalou-se o silêncio entre as duas mulheres, e Ruth pegou então na mão de Ariana.

- Tem de esquecer tudo o que ficou para trás. Tudo. Tem de ter uma vida nova.

- Caso contrário, ficaria marcada para sempre. Era uma moça de boa educação;

Porem, se permitisse, o seu pesadelo com os nazis destruir-lhe-ia a vida. Podia dar em bêbeda, em prostituta, ficar com problemas mentais, num qualquer instituição, ou podia ficar num cama do Hospital Beth David e preferir morrer. Enquanto segurava a mão de Ariana, Ruth fez um promessa em silêncio: dar um nova oportunidade na vida a aquela criança destroçada. - A partir de hoje, Ariana, tudo ser novo. Um nova casa, um novo pais, novos amigos, um novo mundo.

- E os meus patronos? - Ariana olhou com ar desanimado para Ruth, cuja resposta foi vaga.

- Ainda temos de lhes telefonar. Primeiro, queríamos ter a certeza de que ficava boa. não os queríamos assustar antes de sabermos. - Mas a verdade é que já lhes tinham telefonado, um família judia de Nova Jérsei que tinha feito aquilo que considerava ser o seu dever, mas não ficaram muito entusiasmados.

Um moça jovem ia ser um problema; tinham um negócio e ela pouco poderia ajudar; além disso, detestavam alemães. Tinha dito a Women's Relief Organization que queriam alguém de nacionalidade francesa. E que raio é que eles iriam fazer se ela estava retida num cama de hospital em Nova Iorque?

Apenas como medida de precaução, Ruth tranqüilizara-os, dizendo-lhes que não era nada de grande importância. Mas as pessoas foram secas e antipáticas. E Ruth não sabia se eles iam ficar com ela. A não ser que a Um idéia aflorou-lhe subitamente a cabeça enquanto ali estava sentada: a não ser que conseguisse convencer Sam. a consentir que Ariana ficasse com eles. - De facto - Ruth Liebman. olhava com ar pensativo para Ariana e pôs-se de pé fazendo sobressair a sua alta estatura. Esboçou lentamente um sorriso no simpático rosto e deu novamente um palmadinha na mão de Ariana. - De facto, tenho de me encontrar com eles esta manhã. Estou certa de que tudo ir acabar em bem.

- Quanto tempo tenho de ficar aqui? - Ariana olhou em volta do pequeno quarto triste. Continuavam a mantê-la em isolamento, sobretudo por causa dos gritos estridentes que soltava durante os pérolas intermináveis pesadelos, mas não a manteriam ai durante muito mais tempo. Ruth ouvira naquela manhã que a iam por na enfermaria.

- Provavelmente, só ir ficar no hospital mais uns dias. Até verificarmos que está mais forte. - Ruth sorriu afavelmente para Ariana. - não queira sair muito depressa, Ariana, pioraria num instante. Passe o resto da convalescença aqui.

- Mas quando se preparava para sair, Ruth viu nova onda de pânico tomar conta de Ariana, que olhava com um ar aterrorizado a volta do quarto vazio.- Meu Deus, as minhas coisas a onde é que elas estão? Os olhos voaram ao encontro dos de Ruth Liebman, que a tranqüilizou imediatamente com um temo sorriso.

- Estão em segurança, Ariana. A enfermeira do navio deu a sua mala ao motorista da ambulância, e eu deduzo que a tenham guardada aqui em cima. Estou certa de que

encontrar tudo o que lá tinha, Ariana. não há motivo para se preocupar. - Mas Ariana estava preocupada a Os anéis da mãe! E, ao pensar nisso, olhou para as mãos. A aliança de casamento e o anel de noivado de Manfred tinham ambos desaparecido, assim como o anel com sinete. Olhou, furiosa, para a mulher mais velha, que percebeu imediatamente.

- A enfermeira pôs todos os seus valores no cofre, Ariana.

Tenha um pouco de confiança em nós. - E depois, com um voz mais meiga:

- A guerra acabou, minha filha. Agora já está em segurança.

Estaria mesmo? é perguntou Ariana a si mesma. Estava em segurança a e que importância é que isso tinha?

Poucos minutos mais tarde, Ariana tocou a campainha para a enfermeira, que veio a correr. Esta estava curiosa por ver a moça de que tinham estado a falar. A que escapara aos campos de concentração da Alemanha e que dormira durante quatro dias seguidos.

Ariana aguardou, nervosa, até a mulher lhe trazer a mala.

- Onde estão os meus anéis? Os que tinha nas mãos. O seu inglês estava um pouco enferrujado. não tinha lições com o seu tutor de inglês desde antes da guerra. - Desculpe a eu usava anéis.

- Usava? - A enfermeira pareceu confusa e foi apressadamente verificar. Voltou pouco depois com um pequeno envelope, que Ariana recebeu e segurou firmemente na mão. Abriu-o então lentamente, depois de a enfermeira ter abandonado o quarto. Estavam todos ali: a pequena aliança de ouro que a ligara a Manfred, o anel de noivado que ele lhe oferecera no Natal e o anel com sinete que usava atrás dos outros para que não caísse. Os olhos encheram-se novamente de lágrimas quando os colocou nas mãos. E, ao fazer isso, percebeu que estivera mais doente do que realmente algum vez estivera durante os vinte e dois dias desde que deixara Berlim. Quando apontou os dedos para baixo, os anéis caíram lentamente no colo. Nove dias para chegar a Paris, dois dias ai exausta, angustiada e horrorizada, sete dias desesperadamente doente no oceano, e agora quatro dias naquele hospital a vinte e dois dias a que pareciam mais vinte e dois anos a Quatro semanas antes estivera nos braços do marido, e agora nunca mais o veria. Apertou os anéis na palma da mão esquerda e, determinada, por entre soluços, recompôs-se. Abriu a mala.

A roupa que a governanta de Jean-Pierre de Saint Marne lhe fornecera ainda estava cuidadosamente dobrada. Depois dos primeiros dois dias no navio, ficara demasiado doente para se mexer ou para mudar de roupa. Debaixo da roupa estava um par suplementar de sapatos e, por baixo dos sapatos, o embrulho que ela procurava desesperadamente, o envelope com as fotografias e o pequeno livro com capa de couro com o compartimento secreto no qual ainda jaziam as jóias da mãe. Lentamente, tirou o enorme e bonito anel de esmeralda e o anel de diamantes com sinete que o pai lhe dera

na noite antes de partir. Mas não pôs nenhum dos anéis, limitou-se a olhar para eles nas palmas das mãos. Eram os seus únicos pertences, a sua única segurança, as únicas recordações tangíveis do passado. Eram agora tudo o que tinha daquele mundo perdido. Os dois anéis da mãe, os anéis de Manfred, o anel de ouro com sinete e um maço de fotografias que mostravam um homem de uniforme completo e um jovem de dezanove anos feliz e sorridente.

Capítulo 31

A secretaria na antecâmara do gabinete particular de Sani Liebman na Wall Street zelava por ele como um anjo-da-guarda com um espada. Ninguém, nem mesmo a mulher ou os filhos, tinha autorização para entrar, a não ser que ele desse ordens nesse sentido. Quando estava em casa, ele era todo deles, mas quando estava no trabalho, considerava-o um mundo sagrado. Todos na família sabiam isso, especialmente Ruth, que raramente vinha ao escritório, exceto em questões da máxima importância, e era por isso que estava agora ali sentada.

- Ele é capaz de estar ocupado durante mais algumas horas. - Rebecca Greenspan olhou, ligeiramente exasperada, para a esposa do patrão. Ruth Liebman já estava ali sentada há quase duas horas. E Mr. Liebman deixara ordens rigorosas para não ser incomodado.

- Se ele ainda não foi almoçar, Rebecca, ele tem de sair mais cedo ou mais tarde para comer. E, enquanto ele estiver a comer, posso trocar um palavrinha com ele.

- Isso não pode esperar até a noite?

- Se pudesse, não estaria aqui, não acha? - Ruth sorriu com ar prazenteiro mas firme para a moça, que tinha quase metade da sua idade, e também quase metade do seu peso. Ruth Liebman era um mulher de aspecto imponente, alta, de ombros largos, mas sem qualquer traço masculino. Tinha um sorriso dócil e olhos simpáticos. Ela própria era ultrapassada pela impressionante altura do marido. Samuel Julius Liebman. media um metro e noventa e cinco sem sapatos; tinha ombros largos, sobranceiras espessas e um juba de Leão que era motivo de chacota dos filhos: os cabelos eram quase da cor do fogo.

Tinham menos brilho agora que ele estava mais velho e haviam ficado com um tom acobreado, que ia esmorecendo ainda mais com o aumento de cabelos grisalhos. Tal como ele, o filho mais velho, Simon, tinha cabelos ruivos, mas o resto dos filhos tinham cabelos escuros como a mãe.

Era um homem de grande sensatez, caridade e simpatia, e no mundo das finanças era um homem de grande importância. A casa de Langendorf & Liebman. tinha resistido a crise de 29 e, ao longo dos vinte anos em que se encontrava a frente dela, tornara-a um casa de investimentos respeitada por toda a gente. E um dia Paul substituiria o pai. Era o sonho de Sam ele sempre pensara que seriam Simon e Paul..

Agora todo o fardo caíria sobre os ombros do filho mais novo logo que voltasse a andar pelo seu próprio pé.

Finalmente, a as três horas, a porta do gabinete abriu-se e o gigante com a sua

juba de Leão saiu, de facto escuro a as riscas e chapéu de feltro, de sobranceiras carregadas e a pasta na mão.

- Rebecca, vou para um reunião. - E depois, atônito, viu Ruth a esperar pacientemente numa cadeira ao fundo da sala. Por instantes, o terror tomou conta de si.

Que se passaria?

Ruth sorriu com ar traquina para o marido e a preocupação deste desvaneceu-se. Ele recuperou o sorriso e beijou-a ternamente quando chegou junto dela na antecâmara, e a secretaria desapareceu discretamente.

- Não é esta a forma respeitável como os velhotes devem comportar-se Ruth. e muito menos a as três da tarde.

Ruth beijou-o com ternura e enleou os braços a volta do pescoço de Sam.

- E se fingirmos que é mais tarde?

- Então falta a reunião para a qual Estou já atrasado. E riu baixinho. - Muito bem, Mistress Liebman, o que é que tem em mente? - Sentou-se e acendeu um charuto com ar expectante. - Dou-te exatamente dez minutos, por isso vamos tentar resolver o que há a resolver rapidamente. Achas que conseguimos? - Os olhos dançavam por cima do charuto e ela sorriu. Eram conhecidos pelas suas longas disputas de Opinião. Ela tinha as suas próprias idéias acerca de alguns assuntos, e Sam tinha as suas; quando os dois não chegavam a acordo, as disputas podiam prolongar-se durante semanas. - E que tal se esta discussão fosse rápida? A boca abriu-se-lhe num largo sorriso irónico. Durante os vinte e nove anos em que estavam casados, tinham aprendido que acabavam sempre por chegar a um compromisso.

Eu gostaria. É contigo, Sam.

Oh, meu Deus, Ruth a outra dessas, não. Da última vez que me disseste que era comigo, quase deste comigo em doido com aquela coisa do carro para o Paul, antes de ele ir para a tropa. É comigo, um oval já lho tinhas prometido antes de me perguntares a mim. É comigo, - E riu-se. - vá, o que é?

O rosto de Ruth ficou mais sério e decidiu ir direta ao assunto.

- Quero acolher um moço que trouxemos para cá há alguns dias, Sam. A Wornen's Relief trouxe-a de barco. Esteve no Beth David desde que chegou, e a família sua patrona não a quer. - Os olhos crispavam de amargor e raiva. - Queriam alguém de nacionalidade francesa. Se calhar queriam um criada francesa de um filme de Hollywood, ou então um puta francesa.

- Ruth! - Sam olhou-a com ar de desaprovação. não era costume ela falar com tanta rispidez.

- De que nacionalidade é ela então?

- Alemã. - Ruth falou num tom calmo e Sam acenou com a cabeça em silêncio.

- Por que razão é que está no hospital? está muito doente?

- Não propriamente. - Ruth suspirou e caminhou lentamente a volta da sala. -

Não sei, Sam, acho que está destrozada. Os médicos não lhe encontram vestígios de uma doença específica, não é certamente nada contagioso. Ruth hesitou durante um longo instante. - Oh, Sam, ela está tão a tão desesperada.

Tem vinte anos e perdeu toda a família. É de cortar o coração. - E olhou-a com ar suplicante.

- Mas todas elas estão na mesma situação, Ruth murmurou Sam. há um mês que estavam a tomar conhecimento dos horrores dos campos de concentração.

- Não as podemos trazer todas para casa. - A verdade era que desde que trabalhava para a Women's Relief Organization nunca quisera trazer nenhum delas para casa.

- Sam, por favor..

- E a juba e a Debbie?

- E elas?

- Como é que se sentirão com uma estranha lá em casa?

- Como é que se sentiriam se perdessem toda a família, Sam? Se não conseguem sentir os problemas das outras pessoas, então penso que falhamos como pais. Houve uma guerra, Sam. Têm de compreender isso.

Todos nós devemos partilhar as consequências.

- Elas já sofreram as consequências.

Os pensamentos de Sam Liebman viraram-se instantaneamente para o filho mais velho.

- Todos nós sofremos. Estás a pedir muito a família, Ruth. E o Paul, quando voltar para casa? Pode ser duro para ele ter de enfrentar todo o tipo de problemas com a perna com uma estranha por perto, e a - Sam fez uma pausa, incapaz de continuar, mas Ruth percebeu imediatamente. Ele vai ter uma série de choques quando chegar a casa, Ruth, sabes bem. não ser fácil para ele ter uma moça estranha em casa.

A mulher alta, de cabelos escuros, sorriu para o marido.

- Talvez tenha precisamente o efeito contrário. De facto, acho que lhe vai fazer muito bem. - Ambos sabiam muito bem o que Paul tinha de encarar quando chegasse a casa. - Mas não é essa a questão. A questão é esta moça.

Temos quarto para ela. O que eu quero ouvir da tua boca é se me deixas trazer para casa para viver conosco durante uns tempos.

- Durante quanto tempo?

- Não sei, Sam. Realisticamente, seis meses, um ano. não tem família, não tem bens, nada, mas parece ser culta, fala inglês bastante bem. Com o tempo, quando recuperar do choque de tudo o que lhe aconteceu, julgo que ser capaz de arranjar um emprego e de tomar conta de si.

- E se não conseguir, o que fazemos com ela? Ficamos com ela eternamente?

- Com certeza que não. Talvez pudsésemos discutir isso com ela. Podíamos

oferecermo-nos para ficar com ela durante seis meses, e talvez prolongar o tempo de permanência Para outros seis meses depois disso. Mas podemos dizer-lhe logo que ao fim de um ano ela teria de se desvincular sozinha.

Sam sabia que ela ganhara. A sua maneira, ela ganhava sempre. Mesmo quando ele achava que ganhara, ela levava sempre a sua avante.

- Mistress Liebman, acho-a perturbadoramente persuasiva. Ainda bem que não trabalha para nenhuma empresa rival.

- Isso significa sim?

- Significa que vou pensar. - E depois, após uma pausa: - Onde está ela?

- No Hospital Beth David. Quando é que a vais ver Ruth Liebman. sorriu ironicamente, o marido soltou um suspiro e pousou o charuto.

- Tentarei vê-la esta noite de caminho para casa. Ela reconhecer o nome se lhe disser quem sou?

- Deve reconhecer. Estive com ela toda a manhã. Diz-lhe apenas que és o marido da voluntária chamada Ruth. Ela viu então que algo o estava a preocupar. - O que é que se passa?

- Ela está desfigurada?

Ruth aproximou-se dele e fez-lhe uma festa na face.

- Com certeza que não. - Adorava a fraqueza e os receios que algumas vezes via nele; isso fazia com que percebesse ainda melhor as forças que havia nele e o reduzisse a uma escala mais humana. Quando lhe via esses lampejos sentia um amor ainda maior por ele. Olhava-o com um pequeno sorriso e um piscar de olhos. - Ela é efetivamente muito bonita. Mas está tão a tão desesperadamente só, agora a Compreender quando a vires. É como se tivesse perdido toda a esperança.

- Provavelmente perdeu, depois de tudo aquilo por que passou. Por que razão, que haveria de confiar em alguém agora? Depois do que fizeram a essas pessoas a - Os olhos de Sam Liebman ficaram novamente crispados. Ficava louco só de pensar no que aqueles filhos-da-puta tinham feito. Quando leu as primeiras reportagens de Auschwitz sentou-se sozinho no escritório, a ler, a pensar e a rezar, e finalmente chorou toda a noite. Olhou novamente para Ruth quando pegou no chapéu de feltro. - Ela confia em ti?

Ruth fez uma pausa para pensar.

- Penso que sim. Tanto como em qualquer outra pessoa.

- Tudo bem. - Pegou na pasta. - Vou ter com ela.

Sam olhou para Ruth durante um longo instante, depois encaminhou-se para o elevador.

- Amo-te, Ruth Liebman. És uma mulher maravilhosa, e amo-te.

Ruth beijou-o ternamente como resposta; depois, ainda antes de as portas do elevador se abrirem:

- Também te amo, Sam. Então, quando é que me dizes?

Sam revirou os olhos quando as portas se abriram e entrou no elevador.

- Digo-te logo a noite quando chegar a casa. Pode ser? Mas ele estava-se a rir, e Ruth acenou alegremente com a cabeça, beijou-o prontamente na face quando ele se foi embora para a reunião, entrou no seu novo Chevrolet e foi para casa.

Capítulo 32

No seu quarto de hospital, Ariana esteve sentada na cama toda a manhã em silêncio, a olhar pela janela para a radiosa luz do Sol e, quando isso se tornou cansativo, fixou o olhar no chão do quarto. Pouco depois chegou um enfermeira que a incentivou a andar pelo seu próprio pé e após caminhar penosamente pelo corredor, amparada aos parapeitos e a as portas, voltou finalmente para a cama. Mas depois de almoço disseram-lhe que ia ser mudada, e a hora do jantar deu consigo num cama de um movimentada enfermaria. A enfermeira dissera-lhe que lhe faria bem ver outras pessoas, mas Ariana disse logo para porem um biombo a volta da cama; e ao ouvir as gargalhadas e o barulho, e ao sentir o cheiro dos tabuleiros do jantar a volta dela, Ariana ficou maldisposta, com vontade de vomitar. Ainda segurava a toalha na boca, os olhos a lacrimejar de um forma que metia dó, depois de novo ataque de vômitos secos, quando se ouviu bater no biombo que a protegia dos outros e, com um ar de pânico, pousou a toalha e levantou os olhos.

- Quem é? - Não que isso importasse, não conhecia ninguém ali. As palavras saíram num murmúrio e os olhos arregalaram-se quando um homem enorme, vindo de detrás do biombo, se aproximou dela. Nunca se sentira tão pequena ou tão assustada como naquele momento e, quando Samuel Liebman baixou os olhos para ela, Ariana começou a tremer visivelmente e teve de se esforçar para não chorar. Quem seria? Que queria dela? De chapéu de feltro na cabeça e facto escuro, ele tinha um ar tão formal que ela ficou convencida de que ele era da Policia ou da imigração. Ser que a iam mandar de volta para França?

Porem, o homem olhava-a com um ar dócil, os olhos meigos e ternos, apesar da sua envergadura.

- Miss Tripp? a - Era o nome que ela tinha nos documentos. Saint Mame achara por bem tirar-lhe o Von.

- Sim? - Pouco mais era do que um murmúrio.

- Como está?

Ariana não se atreveu a responder. Tremia de tal modo que Sam ficou sem saber se deveria ficar. Ela estava doente, assustada e só, e ele compreendia por que razão é que o coração de Ruth pendia para essa moça. Era um moça encantadora. E, pelo que via, pouco mais era do que um criança.- Miss Tripp, sou marido da Ruth Liebman. - Apeteceu-lhe estender um mão a Ariana, mas teve medo de que, se aproximasse- se dela, ela pulasse para fora da cama, tal o ar de insegurança que patenteava, aterrorizada e pronta a fugir.

Ruth Liebman, a senhora que esteve aqui esta manhã. Voluntária. - Sam esforçava-se por lhe avivar a memória.

pouco e pouco, os olhos de Ariana foram retomando algum brilho. Mesmo no estado de pânico total, o nome Ruth soava como um campainha.

- Sim a sim a eu sei a ela esteve aqui a hoje. - O inglês de Ariana parecia perfeito, mesmo requintado, mas ela falava tão baixinho que Sam mal conseguia ouvir.

- Ela pediu-me para a vir ver. Por isso pensei fazer um desvio no caminho para casa.

Ela pediu? Porquê? Como visita social? As pessoas ainda fazem coisas destas? Ariana olhava-o, espantada, com ar ausente; então, lembrando-se das regras de boa educação, fez um ligeiro aceno com a cabeça.

- Obrigada. - E depois, com aparente esforço, estendeu um pequena mão de aspecto fantasmagórico.

- É um prazer - tranqüilizou Sam, embora ambos soubessem que não era essa a palavra. A enfermaria estava um autêntico pavor e, enquanto tentavam falar, os guinchos e os gritos pareciam aumentar. Ela fizera-lhe sinal para um assento ao fundo da cama, e agora ele estava aí sentado, com um ar pouco a vontade e tentando não olhar para ela. - há algum coisa que possa fazer por si? Precisa de algum coisa?

Os enormes olhos de Ariana fixaram-se nos dele mas a única coisa que ela fez foi abanar a cabeça, enquanto ele se repreendia pela pergunta estúpida, as necessidades dela não Poderiam ser satisfeitas facilmente.

- A minha mulher e eu queremos que saiba que gostaríamos de ajudá-la de todas as formas ao nosso alcance murmurou Sam

bruscamente. E prosseguiu: - É difícil para as pessoas deste país compreenderem realmente o que lá aconteceu a mas nós preocupamo-nos profundamente e o facto de ter sobrevivido é um milagre com que nos devemos regozijar. A menina e os outros sobreviventes ficarão como um monumento a estes tempos, e aos outros, e tem de viver bem agora, por si e por eles. Levantou-se e encaminhou-se para ela.

Era um discurso difícil para ele, e Ariana observava-o de olhos arregalados. No que é que ele estava realmente a pensar? Ser que sabia que ela escapara de Berlim? Em que outros estava ele a falar? O que pensaria dos alemães que haviam sobrevivido? Mas fosse o que quer que fosse que ele pensasse, e a quem quer que se referisse, era evidente que era um homem preocupado. Com a sua grande envergadura e os cabelos desgrenhados, tinha um aspecto muito diferente do do pai, embora sentisse por ele algo parecido ao que se sente por um velho amigo. Era um homem de dignidade e compaixão, um homem que ela respeitava e que o pai também teria honra em conhecer. Ariana inclinou-se então para a frente e pôs os braços ternamente nos ombros largos de Sam e beijou-o com meiguice na face.

- Obrigada, Mister Liebman. O senhor faz com que eu me sinta grata por aqui

estar.

- E devia estar. - Sam sorriu-lhe carinhosamente, emocionado pelo beijo. - Este , um grande pai, Ariana. Era a primeira vez que a tratava assim, mas agora sentia que o poderia fazer. - Vai ver como é que as coisas funcionam aqui. É um mundo novo, um vida nova para si, conhecer novas pessoas, novos amigos. - Mas os olhos dela estavam cada vez mais tristes. Ela não queria pessoas novas, queria as velhas, e essas tinham partido para sempre. Ao ver a dor que voltara aos olhos dela, Sam tocou-lhe na mão. - A Ruth e eu somos agora os seus amigos, Ariana. Foi por isso que vim aqui vê-la. - E depois, quando compreendeu o que ele estava a dizer, que viera vê-la, ali no hospital, naquela enfermaria horrível, que viera ali porque estava preocupado com ela, os olhos de Ariana ficaram lentamente marejados de lágrimas. Mas por detrás das lágrimas havia um sorriso.

- Obrigada, Mister Liebman.

Enquanto olhava para ela, Sam também teve de reprimir as lágrimas. Pôs-se lentamente de pé ainda segurando a pequena mão, e depois apertou-a.- Tenho de me ir embora agora, Ariana. Mas a Ruth vir c vê-la amanhã. Eu também voltarei muito em breve. - Como um criança a ser abandonada, acenou ligeiramente com a cabeça, tentando sorrir e contendo desesperadamente as lágrimas que ameaçavam ficar descontroladas. E então, incapaz de se controlar por mais tempo, Samuel Liebman tomou-a entre os seus braços. Ficou assim abraçado a ela durante quase meia hora, enquanto Ariana rebentou em incontroláveis soluços. Finalmente, quando parou, Sam ofereceu-lhe o seu lenço e ela deu um longa e forte assoada.

- Desculpe a eu não queria a Só que.....

- Pare com isso a - E afagou-lhe a cabeça. - Não precisa de explicar, Ariana, compreendo. - Quando baixou os olhos para a pequenita de cabelos dourados e a viu inclinar a cabeça para o lenço, em cima da enorme cama, interrogou-se sobre como é que ela sobrevivera. Tinha um aspecto demasiado frágil para ter escapado sequer a um momento difícil, embora ele também sentisse que para l das delicadas feições, da magra estrutura, da pequena e graciosa figura, havia um mulher que conseguira sobreviver a quase tudo, e que ainda continuava a resistir. havia algo nela de tenaz e invencível que lhe permitira sobreviver ao holocausto e, ao olhar para a moça que se tornara a sua terceira filha, Sam Liebman. deu graças a Deus por ela ter conseguido.

Capítulo 33

Os preparativos para a chegada de Ariana foram tratados com um misto de regozijo e de grande respeito. Sam voltara para casa depois de se ter encontrado com ela e só faltou pedir a Ruth para tirar a moça da enfermaria no dia seguinte. Logo que os médicos vissem que a doença de Ariana não poria em perigo as suas filhas, queria que a trouxessem para a casa da Quinta Avenida, o mais rapidamente possível. As moças foram chamadas ao seu escritório depois do jantar e foi-lhes explicado que Ariana ia juntar-se a eles, que era alemã, que perdera toda a família, e que tinham de ser gentis com ela durante uns tempos.

Tal como os pais, Júlia e Debbie eram pessoas sensíveis. Também elas estavam chocadas com as notícias que chegavam diariamente sobre a Alemanha. Também queriam dar o seu apoio. Na manhã seguinte, suplicaram a Ruth para que as deixasse ir visitar Ariana ao hospital. Mas nesta questão, os Liebman mais velhos mantiveram-se intransigentes. Elas teriam tempo suficiente para a conhecer em casa. e, exausta como Ariana estava desde a desastrosa viagem de barco, Ruth receava que a visita delas fosse demasiado.

De facto, por sugestão do médico, ela tencionava manter Ariana na cama durante a primeira semana. Depois, se Ariana se sentisse com mais forças, podiam ir almoçar ou jantar com ela, ou ir até ao cinema. Mas primeiro, era evidente que ela tinha de se recompor. Ruth apareceu no hospital e anunciou a Ariana que ela e o marido queriam que ela se mudasse lá para casa, não pelo período de seis meses como ao principio dissera a Sam, mas durante o tempo em que ela precisasse de um família. Ariana olhava-a com ar de espanto, convencida de que perdera momentaneamente o conhecimento do inglês e não percebera bem.

- Desculpe? - Ariana olhara para Ruth com ar inquiridor. Era impossível que tivesse ouvido o que pensara ter ouvido. Mas Ruth envolvera as pequenitas mãos de Ariana nas suas e sentara-se na cama com um sorriso.

- Mister Liebman e eu gostaríamos que viesse viver conosco, Ariana. Durante o tempo que quiser. - Depois de a ter visto, foi Sam que passara a estipulação de seis meses para um ano.

- Em sua casa? - Mas por que razão é que aquela mulher faria isso? Ariana já tinha um patrono, e aquela mulher já passara tanto tempo com ela. Olhava a sua benfeitora com um ar de grande admiração.

Sim, em nossa casa, com as nossas filhas, Deborah e Júlia, e dentro de algumas semanas o nosso filho também vem para casa. O Paul tem estado no Pacífico, mas

recentemente foi atingido com estilhaços na rótula, e estar em condições de viajar muito em breve. - Não lhe falara de Simon. não havia necessidade. Tinha de dar tempo a moça para arrumar as idéias.

- Mistress Liebman - Ariana olhou-a fixamente. não sei que dizer. - Por instantes, passou para alemão, mas os conhecimentos de ídiche de Ruth Liebman ajudaram-na de algum forma.

- Não tem de dizer nada, Ariana. - E então, subitamente, a mulher mais velha sorriu. - Mas se quiser dizer algo, deve dizê-lo em inglês, caso contrário, as moças não entenderão.

- Falei outra vez em alemão? Desculpe. - Ariana corou e, pela primeira vez em semanas, olhou para Ruth Liebman e riu-se. - Vai mesmo levar-me para casa consigo? Olhou para a sua amiga, espantada, e as duas mulheres trocaram um longo sorriso, e Ruth fez um ligeiro aceno afirmativo com a cabeça e apertou as mãos da jovem com mais força. - Mas porque vai fazer isso? Por que razão?

Tanto trabalho para si e para o seu marido. - E então, de súbito, lembrou-se de Max Thomas durante os dois dias em que ficara em sua casa. Ele sentiu aquilo que ela estava a sentir agora a mas fora um coisa diferente. Max era um velho amigo. E o seu pai não lhe oferecera alojamento para sempre. Mas, ao pensar nisso, ela sabia que o pai teria feito isso. Talvez isto fosse o mesmo gênero de coisa.

Ruth olhava-a agora com um ar sério.

- Ariana, nós fazemos questão. Porque lamentamos tudo o que aconteceu. Ariana olhou-a com um ar triste.

- Mas a culpa não é sua, Mistress Liebman. Só que a guerra - Ariana pareceu tão indefesa, e Ruth Liebman pôs-lhe um braço a volta dos ombros, passando um mão pelos finos cabelos dourados que caíam pelas costas.

- Nós, até mesmo aqui, sentimos a guerra na pele, a intransigência, o horror, a angústia. - Ao dizer isto, Ruth pensou em Simon, que morrera pelo seu pais, mas para que? Nunca soubemos o que vocês passaram na Europa. Talvez consigamos, de algum forma, ajudá-la a esquecer um pouquinho daquilo que lhe aconteceu e a recomeçar um vida nova. - E depois olhou para a moça com olhar dócil. Ariana, você ainda é muito jovem. Ariana abanou a cabeça lentamente em sinal de resposta.

- Já não.

Várias horas mais tarde, o Daimler de Sam Liebman, conduzido por motorista, transportou tranqüilamente Ariana até a casa da Quinta Avenida. Do outro lado da rua, o Central Parque sobressaía com as suas arvores luxuriantes e as suas flores de cores vivas e, andando vagarosamente pelas ruelas do parque, Ariana pode ver cabriolés e casais de jovens abraçados. Estava um bonita manhã de Primavera de finais de maio. E foi esta a primeira imagem que Ariana teve de Nova Iorque. Parecia um criança ali sentada, enfiada entre Samuel e Ruth.

Língua falada pelos judeus alemães, com muitas palavras do alto alemão de muitas línguas modernas. (N. do T.)

Sam saíra do escritório para ir ao hospital, e ele próprio carregara um modesta e pequena mala de cartão de Ariana até ao carro. Nela, Ariana guardara um vez mais os seus poucos tesouros e estava a pensar tirar qualquer coisa para vestir quando os Liebman. chegaram para a vir buscar. Mas Ruth fizera um breve paragem no Best & Co. nessa manhã, e a caixa que ofereceu orgulhosamente a Ariana continha um bonito vestido de verão azul pálido, quase da cor dos olhos de Ariana, com uma cintura estreita pregueada e um enorme saia que lhe caia graciosamente. Vestida assim, Ariana mais parecia um princesa dos contos de fadas, e Ruth recostou-se para a olhar com um terno sorriso. Também lhe trouxera luvas

brancas, um camisola e um pequeno e bonito chapéu de palha natural que estava inclinado para o lado e deixava ver o rosto de Ariana. E, miraculosamente, as sapatilhas que comprara serviam nos pequenos pés de Ariana. Quando saíram do hospital parecia um moça diferente e, sentada no bonito carro castanho avermelhado, a dar a primeira olhadela a cidade, mais parecia um turista do que um refugiada.

Por instantes, Ariana deu consigo a interrogar-se se não estaria a brincar ao faz-de-conta a Se fechasse os olhos durante um minuto, teria a sensação de voltar a Berlim, a caminho da casa de Grunewald a mas tocar num ferida demasiado recente ainda lhe causava um dor indesejável. Era mais fácil manter os olhos abertos, olhar a sua volta e deleitar-se com tudo. De vez em quando, Sam e Ruth sorriam um para o outro por cima da cabeça dela. Estavam felizes com a decisão que tinham tomado. Quinze minutos depois de terem deixado o hospital, o Daimler parou e o motorista saiu e segurou a porta.

Era um negro de aspecto, distinto, cheio de cuidados, de farda preta, chapéu preto, camisa branca e laço.

O motorista levou a mão ao chapéu quando desceu e depois ofereceu o braço a Ruth. Ela declinou a oferta com um olhar terno, olhando para trás por sobre o ombro para Ariana, e depois ajudou-a cuidadosamente a sair. Ariana ainda não

recuperara todas as suas forças e, apesar da beleza do chapéu e do vestido, ainda estava com um ar muito pálido.

- Sente-se bem, Ariana?

- Sim, obrigada, Estou ótima. - Mas Ruth e Sam observavam-na com ar circunspecto. Enquanto estivera a vestir, Ariana sentira-se tão tonta que tivera de se sentar, e foi um sorte Ruth lá estar para ajudar. Mas era outra coisa que Sam observava nela: a delicadeza, o porte, a calma com que entrara no carro. Era como se ela tivesse entrado finalmente num mundo no qual estava inteiramente em casa, e Sam deu

consigo a querer fazer-lhe perguntas.

Era não só um moço de boa educação, mas também da mais alta estirpe, um diamante de primeira água, o que tornava a tragédia ainda maior, agora que, não possuía nada. Mas agora tinha-os a eles, pensou Sam com consolo, enquanto Ariana, de pé ao lado de Ruth, olhava para o parque, maravilhada, com um prolongado sorriso. Estivera a pensar no lago de Grunewald, nas árvores e nos barcos. Mas parecia ter estado noutro planeta, sentindo-se a milhas de casa.

- Pronta para entrarmos? - Ariana fez um sinal afirmativo com a cabeça, e Ruth conduziu-a lentamente para dentro de casa, para o vestíbulo principal, que levava a dois pisos acima deles, cobertos de ricos veludos cor de gema e cheios de móveis antigos que eles tinham adquirido nas viagens a Europa antes da guerra. havia pinturas medievais, está tuas de cavalos, compridos tapetes persas, um pequena fonte de mármore e um piano grande visível ao fundo do vestíbulo. E no centro da entrada, um escadaria que subia em espiral, no cimo da qual se encontravam duas moças, de olhos arregalados, esguias, de cabelos escuros. Olhavam em silêncio para Ariana, depois para a mãe, depois de novo para Ariana, a espera de um mudo sinal; depois, subitamente, não parecendo importar-se com o que estavam a espera, precipitaram-se pelas escadas abaixo e enlearam Ariana num abraço, aos gritos, a as risadas, aos saltos, e dançar de alegria.

- Bem-vinda Ariana! Bem-vinda a casa! - Foi uma harmonia de gritos que fizeram com que os olhos de Ruth Liebman ficassem marejados de lágrimas. Depois do momento solene entre os mais velhos, as moças tinham ofuscado o momento agridoce e transformaram-no em festa. Tinham um bolo a espera, balões e serpentinas, e Debbie fizera um enorme ramo de rosas que cortara nas roseiras do jardim. Júlia fizera o bolo, e nessa manhã tinham ido as duas comprar a Ariana todas as coisas que achavam que um jovem da idade dela poderia precisar: três batons rosa escuros, vários pós, duas enormes borlas, um boião de rouge, vários ornamentos para o cabelo e ganchos de tartaruga, e até um engraçada rede de cabelo azul que Debbie insistia que ia estar na moda no Outono. Tinham todos os artigos para oferecer embrulhados e empilhados em cima da cómoda do quarto das visitas que Ruth reservara para Ariana na noite anterior.

Quando viu o quarto, Ariana ficou comovida. Ele fazia-lhe lembrar, de algum forma, os aposentos de sua mãe em Grunewald. Este também era um paraíso de sedas e cetins, de um rosa berrante, mas era mais bonito, a cama maior, e tudo tinha um ar novo, impecável e alegre, simplesmente aquilo que seria de esperar de um quarto na América. A cama estava coberta por um enorme dossel de organdi branco, a colcha de um rosa encantador e um acolchoado de cetim branco. havia um secretaria coberta por um complexidade de desenhos e flores, um enorme armário antigo para a roupa dela, um lareira de mármore branco encimada por um bonito espelho dourado, e um série

de pequenas cadeiras elegantemente estofadas de cetim branco, onde as moças podiam vir sentar-se com Ariana, a tagarelar até a as tantas. A seguir ao quarto de dormir havia um quarto de vestir, e a seguir a este um casa de banho de mármore cor-de-rosa. E para todo o lado para onde Ariana olhava, havia rosas, e em cima de um mesa posta para cinco estava o bolo de Júlia.

Incapaz de encontrar as palavras para lhes agradecer, Ariana limitou-se a encolher os ombros e continuou alternadamente a rir e a chorar. Depois, encolheu novamente os ombros para Sam e Ruth. Que milagre era esse a que agora assistia naquele lar? Era como se tivesse viajado em circulo, desde a casa em Grunewald, passando pela pequeníssima cela onde Von Reinhardt a deixara, pela caserna, pela segurança da casa de Manfred, pelo abandono no mundo, e tivesse voltado para o conforto luxuoso de um mundo que ela conhecia, um mundo em que crescera, um mundo de criados e enormes carros

e casas de banho cor-de-rosa, como aquele para que olhava agora, incrédula.

Mas o rosto que via no espelho não era mais o daquela jovem que conhecera. Era antes o de um estranha desolada e cansada, alguém que não pertencia realmente a aquela casa. Agora ela não pertencia a sitio nenhum, a ninguém, e se eles queriam ser gentis com ela Por uns tempos, não se oporia e ficaria grata, mas nunca mais voltaria a contar com um mundo de casas de banho cor-de-rosa, em celebração solene, sentaram-se a comer o bolo elaboradamente decorado de Júlia. Ela escrevera Ariana com pétalas de rosa na cobertura, e Ariana sorriu, ao mesmo tempo que tentava conter a desesperada vontade de vomitar a que agora parecia não conseguir escapar, quando cortou a sua fatia de bolo. Achava que só a muito custo a conseguiria comer e, embora as moças fossem maravilhosas, ficou agradecida quando finalmente Ruth as enxotou para fora do quarto. Sam teve de voltar para o escritório, as moças tinham de ir almoçar com a avó, e Ruth queria que Ariana se deitasse. Estava na hora de a deixarem sozinha a descansar. Ruth mostrou-lhe o roupão e um dos quatro vestidos de noite que lhe comprara naquela manhã no Best & Co., e um vez mais Ariana olhou para as prendas com ar atônito.

Rendas brancas e cetim a rendas cor-de-rosa a cetim azul a Era-lhe tudo maravilhosamente tão familiar, e contudo tudo lhe parecia tão invulgar e novo.

- Está tudo bem, Ariana? - Ruth atirou-lhe um olhar perscrutador enquanto Ariana se deixava cair em cima da cama.

- Estou bem, Mistress Liebman a Tem sido todos tão bons para mim a ainda não sei que dizer.

- Não diga nada. Goze o prazer. - E então, depois de um pensativo silêncio, olhou para Ariana. - De algum forma, esta é a nossa maneira de viver com a culpa.

Que culpa? - Ariana olhou para ela, confusa.

A culpa de estarmos todos em segurança aqui enquanto todos vocês na Europa a

- Fez um pausa por instantes. vocês não eram diferentes de nós, contudo todos pagaram o preço de serem judeus.

Num momento de aturdido silêncio, Ariana percebeu. Eles pensavam que ela era judia. Era então por isso que a recebiam como um dos seus próprios filhos a Era essa a razão por que eram tão bons para ela: pensavam que era judia. Despojada e angustiada, olhou para Ruth Liebman. Tinha de lhe dizer.

Não podia deixá-la pensar que a mas que poderia dizer-lhe? Que era alemã a genuína a que era um das que pertenciam a raça que matara judeus? Que pensariam então? Que era nazi? Mas não era. Nem o seu pai fora a nem Gerhard. Os seus olhos encheram-se-lhe de lá grimas quando pensou nisso a Nunca entenderiam a nunca a expulsá-la-iam do seu seio a pô-la-iam novamente no barco. Deixou escapar um soluço e Ruth Liebman correu para ela e abraçou-a com força, ao mesmo tempo que se sentava ao lado dela em cima da cama.

- Oh, meu Deus a desculpe Ariana a desculpe. não há necessidade de estarmos a falar disso agora.

Todavia, Ariana tinha de lhe dizer a tinha de lhe dizer a mas um voz dentro de si silenciou-a. Ainda não. Quando te conhecerem melhor, então talvez compreendam. E estava demasiado exausta para discutir com a voz. Deixou que Ruth Liebman lhe aconchegasse a colcha na cama de dossel cor-de-rosa e, com um longo suspiro, depois de alguns instantes, Ariana adormeceu. Ao acordar pôs-se de novo a pensar no problema. Devia dizer-lhes ou esperar?

Mas, naquele momento, já Debbie lhe escrevera um poema, e Júlia lhe batera de mansinho na porta para lhe trazer uma xícara de chá e outra fatia de bolo. Era impossível dizer-lhes. já estava inserida no meio deles. já era demasiado tarde.

Capítulo 34

- O que é que vocês as três estão tramando? - Ruth olhou para as três moças a as risadinhas em cima da cama de Ariana. Ariana estivera a mostrar-lhes como se punha o rouge. - Ah! Mulheres pintadas! - Ruth olhou para os três rostos e deixou escapar um sorriso irônico. Ariana estava com um ar ainda mais tonto do que o das outras duas, com a sua beleza e os seus longos cabelos dourados a caírem-lhe pelos ombros de forma acriançada; estava ridícula com o rouge mal espalhado nas faces.

- Não podemos levar a Ariana a passear amanhã? - Júlia olhou para a mãe com ar suplicante. Era um jovem sensual, de pernas compridas, com enormes sobranceiras castanhas que a faziam aparentar mais de dezasseis anos. Era quase tão alta como mãe, mas havia algo mais delicado na expressão do rosto.

Ariana achava-a muito bonita, com qualquer coisa de exótico. Era maravilhosamente honesta e aberta, muito inteligente e extremamente perspicaz.

Debbie, por outro lado, era mais dócil, mais calada, mas também muito bonita. Era ainda um pouco sonhadora e, ao contrário de Júlia, não estava nada interessada em rapazes. Só estava interessada no seu amado irmão, que dentro de um semana era esperado em casa. Ruth prometera que nessa altura Ariana poderia sair com as moças, todos os dias se quisesse. Mas entretanto ainda queria que ela ficasse sossegada, e também via, apesar dos protestos, que Ariana ficava muitas vezes grata por a deixarem sozinha.

- Ariana, ainda se sente doente, querida, ou apenas muito cansada? - Isso ainda preocupava bastante Ruth e estava cada vez com mais medo que Ariana ficasse de algum forma marcada para toda a vida. Por vezes ficava muito animada e tomava parte nas brincadeiras da família aos fins-de-semana e depois das refeições, mas Ruth via que a moça ainda não recuperara totalmente do seu suplicio. Fizera com que Ariana promettesse voltar ao médico se não sentisse grandes melhoras na semana seguinte.

Prometo, não é nada, só estou cansada a penso que... mas Ruth sabia muito foi por ter enjoado tanto no barco, bem que não era da travessia do oceano. Era mal de coração. Mas Ariana nunca vacilava, nunca se queixava. Ajudava as moças nos cursos de verão, limpava o quarto, costurava para Ruth, e já por duas vezes Ruth a encontrava no piso de baixo a ajudar a governanta a arrumar os armários da roupa branca, a esquadrinhar as montanhas de lençóis, toalhas de mesa e guardanapos, num esforço para por ordem em áreas onde Ruth raramente tinha tempo ou interesse em interferir. A última vez que a apanhara, Ruth mandara-a imediatamente para o quarto, com

ordens para descansar.

Mas, em vez disso, foi dar com ela no quarto de Paul a coser os cortinados novos que Ruth começara mas nunca tivera tempo de acabar. Era evidente que Ariana queria participar neste regresso a casa. Todos os outros na casa participavam e ela também queria participar. E enquanto estava sentada em silêncio no quarto de Paul, a coser, Ariana gostava de saber que tipo de homem é que ele era. Sabia que era infinitamente amigo dos pais, mas não sabia muito mais que isso, exceto que tinha quase a sua idade e que as fotografias do liceu alinhadas no quarto mostravam um rapaz alto, de aspecto atlético, sorridente, de ombros largos e um brilho traquinas no olhar. Gostava do aspecto dele, ainda antes de se conhecerem, e já não faltava muito para isso acontecer. Chegava a casa no sábado e Ariana sabia agora como desejavam ardentemente o seu regresso, particularmente depois da morte do filho mais velho. Ruth falara-lhe de Simon com ternura, e Ariana estava ciente de que a perda de Simon fora um choque violento, o que fazia com que agora Paul tivesse mais valor para eles. Mas Ariana também sabia que o regresso a casa de Paul não ia ser fácil por outra razão. Ruth contara-lhe que, quando partira há dois anos, Paul queria ser como o irmão mais velho. Tudo o que fazia tinha de ser a cópia daquilo que o irmão mais velho fazia. Quando partiu, Simon ficou noivo. Como tal, antes de embarcar, Paul também ficou noivo. De um moço que conhecia desde pequeno.

- É um moço muito meiga - suspirara Ruth mas tinham ambos vinte anos e, em alguns aspectos, a Joan era muito mais madura do que Paul. - Ao olhar para os olhos de Ruth, Ariana compreendeu imediatamente. - A Joan casou com outro homem há seis meses. não é o fim do mundo, naturalmente, ou não deveria ser, mas a - Olhara angustiada para Ariana. - Nunca contou ao Paul. Nós pensávamos que ela lhe escrevera, mas acabou por nos dizer que nunca lhe disse nada.

- Ele ainda não sabe? - A voz de Ariana estava cheia de compaixão. Ruth abanou a cabeça com ar desolado. Oh, meu Deus. E vão ter de lhe contar quando ele chegar?

- Vamos. E não consigo lembrar-me de nada que me apetecesse tão pouco fazer.

- E a moça? Acha que ela seria capaz de vir contar-lhe? Ela não tem nada de lhe contar, afinal de contas, está casada. Bastava que ela tivesse quebrado o noivado, e depois se ele descobrisse mais tarde.

Ruth sorriu pesarosamente.

- Adoraria, mas está grávida de oito meses. - Ariana sorriu. - Receio que me vai tocar a mim e ao pai.

Era então isso que os trazia tão ansiosos. Ariana não conseguia evitar interrogar-se acerca do modo como ele receberia a notícia. já ouvira as irmãs dizer que ele tinha um temperamento feroz e que era um jovem muito emotivo.

Também estava preocupada com o modo como ele reagiria ao facto de ter um estranha ali em casa, quando regressasse. Para ele, seria, afinal de contas, um estranha,

embora ainda antes de voltar para casa Paul já não fosse um estranho para ela. Ouvira dezenas de histórias acerca dele, da sua infância, das suas brincadeiras, das suas travessuras. Sentia que já era sua amiga. Mas o que acharia ele desta misteriosa alemã que aparecera subitamente no meio deles? Não conseguia deixar de pensar na hipótese de ele a por margem depois de encarar os Alemães como inimigos durante tanto tempo a ou, como o resto da família, confiaria nela e iria aceitá-la como alguém da família?

Era precisamente esta confiança e esta aceitação que fazia com que ela não lhes dissesse que não era judia. Depois de alguns dias de silencioso tormento, tomou essa decisão. não poderia dizer-lhes, deitaria tudo por terra. Nunca compreenderiam que um alemã não judia podia ser um ser hum no decente. Estavam demasiado cegos pela dor e pela repugnância perante aquilo que os Alemães tinham feito. Era mais fácil manter-se calada e sofrer os remorsos da culpa. Isso não importava agora. O passado estava morto. E eles nunca descobririam a verdade. Se soubessem, isso só os magoaria. Sentir-se-iam traídos. E isso não era verdade. Ariana perdera tanto como outra pessoa qualquer. Precisava dos Liebman tanto como eles sabiam que ela precisava deles desde 'o primeiro momento. não havia razão para lhes dizer. E agora não podia. não conseguiria suportar também a perda desta família. Só esperava que Paul também a aceitasse. De vez em quando, ficava preocupada com a eventualidade de ele poder fazer demasiadas perguntas, mas só teria de esperar para ver.

Porem, o espirito de Ruth estava virado noutra direção. Ocorreu-lhe que ter um moça jovem tão bonita como Ariana por perto distraí-lo-ia. Apesar da fadiga que continuava a atormentar-la, a moça desabrochava nestas curtas duas semanas. Tinha a tez mais perfeita que Ruth algum vez vira noutro ser vivo: era como a pele aveludada de um pêssego, os olhos como urze coberta de orvalho. O riso era radioso, o corpo gracioso, o espirito perspicaz. Teria sido um dádiva para qualquer mãe, e essa idéia não escapava a Ruth Liebman sempre que ficava preocupada com Paul. Mas agora não podia pensar apenas nele; também tinha de pensar em Ariana, o que a fez lembrar que havia um coisa que queria perguntar-lhe. Franziu os olhos quando olhou para Ariana, que se sentiu de repente como um criança debaixo daquele olhar.

- Diga-me um coisa, minha jovem senhora, por que razão não me disse que desmaiou ontem de manhã? Vi-a a hora do almoço e disse-me que estava boa.

- Os criados tinham-lhe contado isso nessa tarde.

- Na altura, estava boa. - Ariana sorriu-lhe, mas Ruth não parecia satisfeita.

- Quero que me conte quando essas coisas acontecerem. Entendido, Ariana?

- Sim, tia Ruth. - Era o nome que eles tinham achado mais adequado.

- Quantas vezes é que isso aconteceu?

Só um ou duas vezes. Penso que só acontece quando Estou muito cansada ou quando não como.

- O que, pelo que vejo, é sempre. não está a Comer o suficiente, jovem senhora.

- Pois não.

- Deixe lá. Se desmaiar novamente, quero que me diga de imediato, não quero que sejam os criados a dizer-me. Percebido?

- Sim, desculpe. Só não queria preocupá-la.

- Isso pouco me preocupa. Preocupa-me mais se não me contarem. - A expressão do rosto amenizou-se de novo e Arianne sorriu. - Por favor, querida,

preocupou-me mesmo consigo. É importante que nestes primeiros meses tenhamos cuidados especiais com a sua saúde. Se tiver cuidado com a sua recuperação, nunca mais ter recordações horrendas do seu passado. Mas se não tiver cuidado consigo, pode pagar por isso o resto da vida.

- Desculpe, tia Ruth.

- Não se desculpe. Tome mas é conta de si. E, se continuar a desmaiar, levo-a outra vez ao nosso médico. Certo? Ele já a vira no hospital antes de ela sair.

- Prometo que lhe digo da próxima vez. Mas não se preocupe comigo, vai andar num roda-viva com o Paul na próxima semana. Ele tem de ficar na cama?

- Não, julgo que deve conseguir andar, desde que tenha cuidado. Terei de andar atrás de vocês os dois para ver como é que se cuidam.

Ruth, porém, não teve de andar atrás do filho quando ele chegou a casa. Quando lhe deram a notícia do casamento de Joanie, Paul ficou tão destroçado que passou dois dias fechado no quarto. não deixou entrar ninguém, nem mesmo as irmãs, e foi o pai que finalmente o convenceu a sair. Quando o fez, estava com um ar pálido, exausto, com a barba por fazer. Mas o resto da família estava quase naquele estado. Depois de longos anos de terror e preocupação, tê-lo em casa finalmente, tão desesperado por causa do noivado quebrado, deixara-os com um sensação de frustração. Mas, num acesso de fúria, o pai acusou-o de comodismo e de fazer beicinho como as crianças, e a reação colérica a as palavras do pai tirou-o finalmente da sua concha. Apareceu ao pequeno almoço na manhã seguinte, de barba feita, pálido, de olhos vermelhos e, embora falasse de forma lacônica a todos os presentes, pelo menos estava ali. não dirigiu a palavra a ninguém até ao fim da refeição. Olhara com ar zangado para todos, exceto para Arianne, por quem parecia não ter dado pela presença. E então, subitamente, como se alguém lhe tivesse batido no ombro, olhou para ela com um ar surpreso.

Arianne ficou sem saber se havia de lhe sorrir ou de continuar sentada. Ficou quase aterrorizada ao se aperceber do seu olhar. Era um olhar penetrante que ia até ao mais fundo do seu ser, questionando a presença dela na sua casa, a sua mesa, perguntando-lhe silenciosamente por que razão estava ali. Segundo os seus instintos, Arianne fez um ligeiro aceno com a cabeça e depois desviou o olhar, mas continuou a sentir os olhos dele em cima dela durante momentos pérolas intermináveis; quando levantou os olhos, parecia haver um milhar de questões no olhar dele.

- De que parte da Alemanha é que veio? - Ele não disse o nome dela, e a pergunta caiu de maneira estranha no meio da conversa dos pais, enquanto a perscrutava com o olhar.

Ariana olhou diretamente para ele.

- Berlim.

Paul fez um ligeiro aceno com a cabeça e franziu subitamente o sobrolho.

- Viu a cidade depois da queda?

- Só de passagem. - Ruth e Samuel trocaram desconfortáveis olhares mas Ariana não vacilou. Só as mãos tremiam levemente ao barrar com manteiga um pequeno pedaço de pão torrado.

- Qual era o aspecto? - Paul olhava com crescente interesse. No Pacífico, só tinham ouvido rumores distantes de como tinha sido a queda de Berlim.

No entanto, para Ariana, a pergunta fez aparecer, como que por encanto, um súbita visão de Manfred no amontoado de corpos junto ao Reichstag, e fechou involuntariamente os olhos, como se esse gesto conseguisse banir a recordação, como se algo algum vez o pudesse fazer. Por instantes, instalou-se um terrível silêncio na mesa e Ruth tractou rapidamente de o preencher.

- Não acho que nenhum de nós precise de discutir coisas como essa. Pelo menos agora, e muito menos ao pequeno almoço.

- Olhou com ar preocupado para Ariana, que abrira um vez mais os olhos, mas estavam marejados de lágrimas.

Ariana abanou ligeiramente a cabeça e sem pensar estendeu um mão pela mesa na direção de Paul.

- Desculpe, só que é tão - Sentiu um pequeno aperto na garganta - É muito a difícil lembrar-me... As lágrimas rolavam-lhe agora pelo rosto. - Perdi a tanta coisa a - E então, subitamente, os olhos de Paul ficaram cheios de lágrimas e, estendendo as mãos na direção das dela, agarrou-as com força.

- Eu é que peço desculpa. Fui muito estúpido. Nunca mais lhe perguntarei nada disto.

Ariana fez um ligeiro aceno com a cabeça e esboçou um pequeno sorriso de gratidão; e então, Paul levantou-se cuidadosamente, caminhou até junto dela e com o seu guardanapo de linho limpou-lhe as lágrimas do rosto. havia um profundo silêncio na sala enquanto ele lhe limpava as lágrimas. Então, calmamente, o resto da família recobrou o animo e continuou. Mas um laço de união pareceu formar-se rapidamente entre eles e ela sentia-o como um amigo.

Paul era tão alto como o pai mas ainda tinha a estrutura esguia de um homem muito novo. Tinha os olhos castanho-escuros da mãe, e os cabelos negros e lustrosos como os das irmãs, mas Ariana sabia pelas fotografias que o seu sorriso era diferente do de todos os outros. Ele rasgava-se-lhe de um forma eletrizante, abrindo um

esplendoroso sulco de marfim, no rosto que de outra forma teria um ar sério. Fora o lado sério que Ariana vira nessa manhã, quando ele tomara um ar quase opressivo, com as sobrancelhas negras franzidas, os olhos escuros encolerizados, como um furacão a formar-se e a espera de descarregar a ira dos céus no momento certo.

Quase faltava trovejar e relampejar quando estava assim. Ariana sorriu ao pensar nisso enquanto punha um vestido de algodão branco e calçava as sandálias de sola de cortiça que ela e Júlia tinham comprado alguns dias antes.

Ruth insistira para que ela fosse comprar mais algumas coisas. Mas Ariana ainda não sabia o que fazer com aquela constante generosidade com que eles a brindavam. A única solução era fazer um registo detalhado e mais tarde, quando se sentisse em condições de arranjar um emprego, pagar-lhes-ia os chapéus, os casacos, os vestidos, a roupa interior, os sapatos. O armário do seu quarto ficou rapidamente cheio de roupa maravilhosa.

Quanto aos anéis, ainda os mantinha escondidos, não podia pensar em vendê-los. Agora não. Eram a única segurança que lhe restava. De vez em quando, enfiava nos dedos os anéis da mãe, e um vez ficara tentada a mostrá-los a Ruth, mas receou que parecesse que estava a dar nas vistas. E os anéis de Manfred ainda eram demasiado grandes para ela com todo o peso que perdera. Gostaria de usar os anéis de Manfred. Ao contrário dos da mãe, achava que os anéis de Manfred faziam parte da sua alma, tal como Manfred fazia a e sempre faria. Teria gostado de falar dele aos Liebman, mas era demasiado tarde. E de qualquer forma, não suportaria explicar-lhes que fora casada e que o marido morrerá, muito menos pensar no assunto, e eles talvez também não estivessem interessados em saber.

- Para o que é que Estás a olhar com ar tão sério, Ariana? - Júlia entrara no quarto com um pequeno sorriso nos lábios. Tinha o par de sandálias calçado, e Ariana olhou para os pés da jovem e sorriu.

- Nada de especial. Gosto das sandálias novas.

- Também eu. Queres sair com o meu irmão?

- vocês os três não preferem estar sozinhos?

- Não, ele não é como o Simon. O Paul e eu andamos sempre a bulha, depois ele pica a Debbie, e depois começamos a discutir a - Fez um largo sorriso convidativo para Ariana com um ar meio de mulher, meio de moça. não achas aliciante? Vem, vai divertir-te.- Talvez estejas a exagerar na forma como ele se comportar. Esteve na guerra durante dois anos, desde a última vez que o viste, Júlia. Talvez tenha mudado muito. - Ariana já vislumbrara isso a mesa nessa manhã. Júlia, Porém, apenas mostrou um ar superior.

- A julgar pela reação dele por causa da Joanie, não. Jesus, Ariana, ela Nem sequer era assim tão bonita. Ele ficou louco por ela ter partido para os braços de outro homem. E a - Júlia deu um risadinha de escárnio. - Devias vê-la. - Pôs os braços na

barriga. - Parece um elefante desde que engravidou. A minha mãe e eu vimo-la a semana passada.

Sim? - A voz que se ouviu na soleira da porta era gélida. - Bom, agradeço-te que não fales mais nisso. Nem comigo nem com outra pessoa c em casa. - Paul entrou no quarto com um ar lívido. Júlia ficou vermelha de embaraço ao ser apanhada a falar dos assuntos dele.

- Desculpa. não sabia que estavas aí.

- Obviamente. - Mas ao olhar para ela com um ar arrogante, Ariana percebeu imediatamente o papel que ele estava a representar. Ele era, afinal de contas, apenas um rapaz a fingir que era um homem. E fora ferido. Talvez fosse essa a razão por que tentara confortar a dor dela. Ele era, por estranho que parecesse, muito parecido com Gerhard. E, enquanto o observava, Ariana não conseguiu evitar um sorriso meigo; quando Paul a viu, olhou-a durante um longo instante, e então também lhe sorriu. - Desculpa se fui grosseiro, Ariana. - E após um pausa: - Acho que tenho sido grosseiro para toda a gente desde que voltei para casa. Era de facto muito parecido com Gerhard, e Ariana sentia mais simpatia por ele agora por causa disso. Os olhos encontraram-se ardorosamente e assim se mantiveram.

- Tinha um boa razão para isso. Estou certa de que deve ter sido muito difícil voltar para casa depois de tanto tempo. Muitas coisas mudaram.

Paul apenas lhe sorriu como resposta, e depois disse em voz baixa:

- Algumas coisas mudam para melhor.

Foram até Sheepshead Bay, em Brooklyn, comer ostras, desceram até a ponta de Manhattan para ver a estátua da Liberdade, que Ariana não vira semanas antes por estar extremamente doente; subiram lentamente a Quinta Avenida, e Paul levou-as então até a Terceira Avenida para poderem passar por baixo da linha aérea de caminho-de-ferro.

Mas ao passarem pelas pedras arredondadas dessa avenida, Ariana ficou visivelmente pálida.

- Desculpa.

- Não é nada. - Ariana parecia embaraçada.

Paul sorria-lhe, bem-disposto.

- Teria sido um problema se tivesse ficado maldisposta no carro novo da minha mãe. - Até Ariana riu com o comentário, e o grupo continuou até Central Park, onde fizeram um alegre piquenique junto ao lago dos barcos e acabaram a rir dos animais no jardim zoológico. Os macacos andavam todos a cabriolar nas suas jaulas, o sol estava quente, era um perfeita tarde de junho e todos eles eram jovens.

E, pela primeira vez desde que perdera Manfred, Ariana sentiu-se de novo verdadeiramente feliz.

- O que é que vamos fazer este verão? - Paul lançou o tema ao jantar nessa noite. -

Vamos ficar em casa?

Os pais trocaram rápidos olhares um com o outro. Paul era sempre aquele que punha as coisas a mexer. Levava algum tempo a habituarem-se a sua presença em casa.

- Bom, não sabíamos ao certo quais seriam os teus planos, querido. - Ruth sorriu-lhe, ao mesmo tempo que lhe servia um pouco de carne assada de um enorme travessa de prata que um das criadas segurava. - Pensei em alugar qualquer coisa em Connecticut ou em Long Island, mas o teu pai e eu ainda não tomamos qualquer decisão. - Tinham vendido a velha casa de campo na parte setentrional do estado de Nova Iorque após a morte de Simon. As recordações desses tempos eram extremamente dolorosas.

- Isso faz-me lembrar - Atirou o pai de repente - que tens de tomar algumas outras decisões primeiro. Mas não há Pressa, Paul. Acabaste de chegar a casa. - Ele referia-se ao escritório na sua empresa, que estava a ser redecorado para o filho.

- Acho que temos muito a conversar, pai. - Olhou diretamente para o Liebman mais velho e este sorriu.

- Temos? Então porque não vens almoçar comigo amanhã? - Ele pediria a sua secretaria para mandar vir tabuleiros especiais das cozinhas que ficavam por baixo da sala do conselho.

- Boa idéia.

No entanto, Sam Liebman não estava a espera que o filho quisesse apenas adquirir um Cadillac cabriolet e ter um último verão descontraído antes de ir trabalhar para o pai no Outono. Mas Sam tinha de admitir que fazia sentido o rapaz fazer isso. Só tinha vinte e dois anos e, se tivesse acabado a faculdade, as mesmas regras teriam sido aplicadas. Tinha o direito a um última estroinice, um verão, e o carro não era um pedido exagerado. Estavam gratos por tê-lo em casa agora a gratos por ele ter regressado a casa as quatro horas dessa tarde, Paul apareceu na soleira da porta do quarto de Ariana; ficou surpreendido por a encontrar sozinha.

- Bom, consegui. - Estava calmo mas com um ar vitorioso, e por instantes pareceu mais um homem do que um rapaz.

- O que é que fizeste, Paul? - Ariana sorriu e fez-lhe sinal com a mão para se sentar. - Senta-te e diz-me o que fizeste.

- Consegui que o meu pai me desse um s férias de verão antes de ir trabalhar para ele no Outono. E a - sorriu-lhe um vez mais com ar de rapaz. Vai-me dar um Cadillac cabriole. Que tal?

- Espantoso. - Só vira um Cadillac na Alemanha antes da guerra e mal se lembrava dele. não tinha a certeza se era um cabriole. Este era um mundo completamente novo. Que tal é esse Cadillac cabriole?

- Um autêntica beleza. Sabes conduzir, Ariana? Olhou para ela com um sorriso curioso, e o semblante de Ariana nublou-se.

- Sei.

Paul não sabia o que acontecera, mas sabia que despertara um dor antiga.

Estendeu os braços ternamente e pegou-lhe na mão. Ele fazia-lhe lembrar mais que nunca Gerhard, e Ariana tentava conter as lágrimas.

- Desculpa, não te devia ter perguntado. Só que a as vezes esqueço-me que não devo fazer perguntas acerca do teu passado.

- Não sejas tonto. - Ariana segurou-lhe na mão com mais força. Queria que ele soubesse que não a magoara. não podes estar sempre a tratar-me como um embalagem frágil. não podes ter medo de me perguntar as coisas. As coisas deixarão de me magoar com o tempo a Só que a algumas coisas ainda me doem muito, Paul a ainda está tudo muito recente. - Paul fez um ligeiro gesto com a cabeça, pensando em Joanie e no irmão, eles eram as únicas perdas que conhecera. Um tão verdadeira e para sempre, a outra diferente mas todavia dolorosa. Ao olhá-lo com a cabeça caída, Ariana sorriu de novo. - As vezes fazes-me lembrar o meu irmão. - Os olhos dele encontraram então os dela, era a primeira vez que ela estivera na disposição de lhe falar do seu passado.

- Como é que ele era?

- Excessivo, quase sempre a Um vez o quarto dele foi pelos ares com o seu estojo de química. - Sorriu por instantes, mas era fácil ver que os olhos ficaram rapidamente marejados de lágrimas. - E um vez pegou no novo Rolls do meu pai quando o motorista estava distraído e espetou com ele de encontro a um árvore. - Ele conseguia ouvir as lágrimas na sua voz. - Eu costumava - Ariana fechou os olhos, como se não suportasse a dor do que ia dizer. Eu costumava dizer que um rapaz como ele a como o Gerhard.

Não podia estar morto. Que encontraria um maneira de ficar vivo a de a sobreviver a - Abriu os olhos e as lágrimas rolaram-lhe silenciosas e tristes pelo rosto e, quando olhou para Paul, havia mais angústia no seu olhar do que ele vira em dois anos de guerra. - Mas agora, há meses que digo para comigo que tenho de acreditar no que me disseram, que tenho de deixar de ter esperança. - A voz de Ariana era um murmúrio frágil. - Tenho de acreditar que agora ele está morto a sem me importar com as gargalhadas que ele dava a ou com a beleza, a juventude e a força que tinha a sen, me importar com as sacudidelas dos soluços sentiam-se na garganta, enquanto murmurava as palavras.

Eu amava-o. Apesar de tudo isso a está morto. - Instalou-se um interminável silêncio entre eles; então, Paul tomou-a calmamente entre os seus braços e abraçou-a enquanto e, a chorava.

Só ao fim de muito tempo é que Paul falou de novo e, quando o fez, limpou cuidadosamente os olhos dela com o seu lenço de linho branco. Mas embora as palavras dele fossem serenas e incentivadoras, os olhos diziam a Ariana que ele se preocupava bastante com a dor dela. não havia nada de leviano naquilo que ele sentia

por aquela moça.

- Era assim tão rica? Tão rica para ter um Rolls?

- Não sei qual a riqueza que tínhamos, Paul.

- Ariana soltou um sorriso meigo.

- O meu pai era banqueiro. Os Europeus não falam de coisas desse gênero.

- E depois, com um profundo suspiro, tentou falar do passado sem chorar. - A minha mãe teve um carro quando eu era ainda muito criança. Penso que era um Ford.

- Um coupê?

- Não sei. - Ariana encolheu os ombros perante a sua ignorância. - Acho que sim. Terias gostado dele. Ficou na garagem durante anos. - Mas pensar nisso fê-la lembrar-se de Max, de Manfred e do Volkswagen que utilizara na primeira etapa da sua fuga a qualquer recordação levava a outra. Isso era ainda um jogo perigoso. Sentia o peso da perda nos seus ombros. Era como se tivesse vivido num universo que já não existia.

- Ariana, em que é que estavas a pensar?

Ela olhou-o com um ar sincero. Ele era agora seu amigo. Ela seria o mais honesta possível com ele.

- Estava a pensar em como é estranho que tudo tenha acabado, que já nada exista a nenhum das pessoas a nenhum dos lugares a estão todos mortos, foi tudo bombardeado.

- Mas tu não morreste. - Paul olhou para ela com ternura. - Agora estás aqui. - Pegou-lhe na mão com força, e os olhares detiveram-se durante um longo instante. - E quero que saibas que Estou muito contente por aqui estares.

- Obrigada. - Instalou-se um longo silêncio entre ele e então Júlia entrou no quarto.

Capítulo 35

Paul chegou a casa com o Cadillac cabriole verde-escuro uma semana depois e deu a Ariana a primeira boleia. Em seguida teve de dar um vultinha com Júlia e Debbie, um de cada vez, depois com a mãe e finalmente com Ariana outra vez. Deram um volta por Central Park. Os estofos de pele eram macios e o carro tinha um cheiro a novo que Ariana gostava.

Oh, Paul, é lindo.

- É, não é? - Paul soltou um gargalhada de contentamento. - E é todo meu. O meu pai diz que é um empréstimo até começar a trabalhar, mas conheço-o bastante bem. O carro é um prenda. - Sorriu, orgulhoso, para o novo cabriole e Ariana ficou com um ar divertido. Na semana anterior, convencera a mãe a alugar um casa em Long Island, e estavam já a tentar arranjar um sítio aprazível para todos para pelo menos um mês, se não mesmo dois. - E, depois, as minas de sal. - Paul sorriu para Ariana enquanto atravessavam vagarosamente o parque.

- E depois? Vais arranjar o teu próprio apartamento?

- Provavelmente. Já tenho muita idade para viver em casa dos pais.

Ariana fez um lento gesto de concordância com a cabeça. Ele já era adulto. Há muito que saíra de debaixo das saias da mãe. Ela já se apercebera disso.

- Eles ficarão desapontados se saíres de casa. Especialmente a tua mãe e as tuas irmãs.

Paul olhou então para ela de forma estranha, e Ariana sentiu algo dentro de si a palpitar. Depois, encostou o carro a berma.

- E tu, Ariana? Também irás ter saudades minhas?

- Com certeza que sim, Paul. - A voz de Ariana era muito calma. Mas subitamente recordou-se da troca de palavras entre ambos acerca do seu passado. Ele já a tocara profundamente. E seria doloroso perdê-lo agora. - Ariana a se eu saísse aqui de casa, passarias algum tempo comigo?

- Com certeza que sim.

- Não. - Paul olhou-a com ar contundente. - Não apenas como amigo.

- Paul, o que queres dizer?

- Que me preocupo contigo, Ariana. - Os olhos de Paul nunca se afastaram dos dela. - Que me preocupo muito, mas mesmo muito contigo. Acho que fiquei apanhado por ti desde aquele primeiro dia. O espírito de Ariana voltou imediatamente até ao pequeno almoço em que ele a fizera chorar ao inquiri-la acerca de Berlim e depois lhe limpou as lágrimas do rosto. Sentira uma estranha atração por ele nesse momento, e

que se mantinha desde então. Mas resistira desde o primeiro instante. não estava certo sentir isso por ele, e ainda era demasiado cedo.

- Sei no que Estás a pensar. - Paul recostou-se no assento, mas os olhos continuavam fixos em Ariana, eternamente bela como sempre, com um blusa de seda branca justa ao corpo. - Estás a pensar que eu mal te conheço, que até há algumas semanas atrás eu pensava que estava noivo de outra moça.

Estás a pensar que é um precipitação da minha parte, que é um repercussão do rompimento do noivado a - Continuou num tom frio e Ariana soltou um sorriso dócil.

- Nem pouco mais ou menos.

- Mas nem ao de leve?

Ariana fez um ligeiro aceno com a cabeça.

- Não me conheces, Paul.

- Conheço sim. És divertida, bonita e simpática, não és rancorosa apesar de tudo o que passaste. E Estou-me nas tintas para o facto de seres alemã e eu americano. Vimos dos mesmos mundos, temos raízes comuns e somos judeus.

Ariana ficou angustiada. De cada vez que um deles dizia um coisa daquelas, ela lembrava-se da sua mentira. Mas era tão importante para eles que ela fosse judia. Era como se tivesse de ser judia para merecer o amor deles.

Pensava nisso muitas vezes. Todas as pessoas que eles conheciam, todos os amigos das moças e toda a gente com quem Sam tinha negócios eram judeus. Era importante. Era um dádiva. Era um dado adquirido. E a idéia de que Ariana pudesse ser outra coisa que não judia era impensável para eles. Pior que isso, ela sabia que seria vista como um traidora. Porque ganhara o amor deles.

Sam e Ruth detestavam os Alemães, os não judeus. Para eles, todos os alemães que não fossem judeus eram nazis.

Ariana seria um nazi para eles, se soubessem a verdade. A verificação desse facto ainda a magoava. Era essa dor que Paul via um vez mais nos olhos dela., Ariana desviou o olhar, com um ar de angústia estampado no rosto.

- Paul, não... não.... por favor.

- Porquê? - Paul tocou-lhe com a mão no ombro. assim tão cedo? não vês aquilo que eu sinto? - As palavras eram de esperança e durante um longo instante Ariana não respondeu. Para ela, era e seria sempre demasiado cedo.

No seu coração, ainda estava casada. Estivesse Manfred vivo e teriam tentado ter o primeiro filho. não queria pensar noutro homem. Ainda não, nem agora, e durante muito tempo.

Ariana voltou-se então lentamente para Paul, com um ar angustiado no olhar.

- Paul, há partes do meu passado a Talvez eu nunca esteja preparada a não é justo deixar-te pensar

- Gostas de mim, mesmo como amigo?

- Muito.

- Muito bem, então vamos dar tempo ao tempo. - Os olhos encontraram-se e detiveram-se assim durante alguns momentos, e Ariana desejou-o ardentemente, o que a assustou. - Confia em mim. É a única coisa que te peço.

E então, beijou-a ternamente na boca. Ariana quis resistir-lhe, devia isso a Manfred, mas não queria que Paul parasse a e ficou corada e sem fôlego quando ele tirou a boca da dela.

- Ariana, esperarei se tiver de esperar, e assim, beijou-a ternamente na face e pôs de novo o carro em movimento. - mas, contento-me em ser teu amigo. Mas, quando Paul disse isto, ela sabia que tinha de dizer algo mais não podia deixar as coisas assim.

- Paul. - Ariana pousou-lhe ternamente um mão no ombro. - Que posso eu dizer-te para te mostrar o quanto aprecio os teus

sentimentos? Que posso eu dizer para te fazer saber que sinto por ti o mesmo que por um irmão, masPaul interrompeu-a.

- Não me beijaste como um irmã.

Ariana corou.

- Não compreendes a não posso.. não Estou a não Estou preparada para ser mulher de outro homem.

E então, não conseguindo agüentar mais tempo, e antes de chegarem a casa, onde os outros os aguardavam, Paul virou-se para ela, com um olhar angustiado que ela nunca vira antes.

- Ariana, eles magoaram-te? a Quero dizer, os nazis a magoaram-te? - Com a inquietação visível no olhar, os olhos encheram-se de lágrimas e, abraçando-a, com força pelo quanto ele se preocupava verdadeiramente com ela, Ariana abanou a cabeça.

- Não, Paul, os nazis não me fizeram o que pensas. Mas nessa noite não acreditou nela, quando ouviu o terrível grito que ela soltou. Muitas noites ouvira ele o tormento dela, mas agora em vez de não ligar, sabendo que a guerra que ela travava era com ela própria, foi devagarinho, descalço, até ao quarto dela e deu com Ariana sentada na beira da cama, um pequeno candeeiro aceso, a cabeça entre as mãos, a soluçar baixinho, um pequeno livro de capa de couro nas mãos.

- Ariana? - Paul avançou na sua direção e ela voltou-se. Viu então o que nunca vira nela antes: a pura angústia do tormento. não disse mais nada. Sentou-se ao lado dela e abraçou-a até os soluços acabarem e ela ficar mais calma.

Vira novamente Manfred em sonhos a morto junto do Reichstag. Mas não havia maneira de conseguir explicar isso a aquele jovem. Depois de um longo instante com a cabeça dela no seu ombro, Paul pegou no livro de capa de couro e olhou para a lombada.

- Shakespeare? Mas que intelectual para esta hora. não admira que estejas a chorar. Shakespeare também faria isso por mim. - Ariana sorriu com a última l grima,

depois abanou a cabeça.

não é verdadeiro. - E depois, tirando-lhe o livro das mãos: - Salvei-o dos nazis a É tudo o que me resta. Abriu o compartimento secreto e Paul ficou atônito. Eram da minha mãe. - As lágrimas começaram novamente a rolar. - E agora são tudo o que tenho.

Paul viu um anel de esmeralda e um enorme anel de diamantes com sinete entre outros, mas não se atreveu a perguntar-lhe nada. Ela estava visivelmente desesperada.

Ariana tivera a presença de espírito para enfiar as fotografias de Manfred no forro da carteira, mas ao pensar nelas as lágrimas surgiram de novo, ao pensar que tinha de as esconder assim.

- Ariana, para. - Paul abraçou-a com força e sentiu-a tremer, ainda de olhos postos nos dois anéis. - Meu Deus, são duas pedras incríveis. Conseguiste escondê-las dos nazis? - Ariana acenou vitoriosamente com a cabeça e Paul pegou no anel de esmeralda. - É um peça extraordinária de joalheria, Ariana.

- É, não é? - Ariana sorriu. - Penso que era da minha avó antes de ser da minha mãe, mas não tenho a certeza. Dizem que a minha mãe andava sempre com ele. - Pegou no anel de diamantes com sinete. - E este, também. Estas são as iniciais da minha bisavó. - O desenho era tão complexo que se tinha de dar por elas.

Paul olhou para ela com ar de espanto.

- É um milagre ninguém tos ter roubado no barco. Ou em qualquer sitio onde estiveste. Paul não se atrevia a dizer o que estava a pensar, mas ela fora engenhosa ao trazer o pequeno livro até ali. Engenho e coragem, mas ele já sabia que ela tinha ambas as qualidades.

- Não teria deixado que mas tirassem. Eram tudo o que me restava. Teriam de me matar primeiro. - E ao olhá-la nos olhos, Paul viu que ela estava a falar a sério.

- Não há nada por que valha morrer, Ariana. - A sua Própria experiência mostrou isso mesmo. - Aprendi isso sozinho. - E ela fez um lento sinal de concordância com a cabeça. Manfred descobrira a mesma coisa. O que é que havia por que merecesse a pena morrer? Nada. Os olhos estavam, marejados de lágrimas quando olhou de novo para Paul, e desta vez, quando ele a beijou, ela não resistiu. Agora, dorme. - Paul sorriu-lhe ternamente e fez-lhe sinal para se deitar debaixo dos lençóis para ele lhe aconchegar a roupa. Mas ela já se estava a repreender a si própria por se ter deixado beijar. não estava certo. Mas logo que ele saiu do quarto, Ariana deu com o espírito a vaguear até coisas que ele tinha dito, acerca da guerra a acerca dele próprio a eram coisas que Manfred poderia ter dito. Paul era jovem, mas cada dia que passava estava a ficar mais homem aos olhos de Ariana.

Capítulo 36

- Ariana, sente-se bem? - Ruth Liebman olhou para ela, por cima do pequeno almoço, na manhã seguinte, e achou-a com um ar estranhamente pálido. Levava horas a adormecer na noite anterior depois de Paul ter saído.

Sentia-se culpada de o encorajar. Ela sabia que depois de algum tempo em casa, de se divertir um pouco, de se encontrar com as velhas amigas e de fazer algumas novas, Paul deixaria de se sentir tão atraído por ela. Mas entretanto ele era como um grande cachorrinho fiel, e ela não queria ferir os sentimentos dele. Estava aborrecida consigo própria, mas ele tinha sido tão meigo com ela aquando do pesadelo, e afinal de contas ela era um simples ser hum no. Levantou os enormes olhos tristes para Ruth Liebman, e a mulher mais velha franziu o sobrolho, preocupada. - Minha querida, passa-se alguma coisa?

Ariana abanou ligeiramente a cabeça.

- Não, acho que é só cansaço, tia Ruth. não é nada. Vou descansar mais um pouco e fico boa. - Mas Ruth Liebman ficou suficientemente preocupada que meia hora depois pegou no telefone, e ao fim da manhã apareceu no quarto de Ariana.

Ariana levantou a cabeça da almofada com um sorriso amarelo. A noite de insônia tivera um efeito terrível nela. Depois de tomar o pequeno almoço, voltara para o quarto e vomitara durante meia hora. Os sinais ainda eram visíveis no rosto pálido. Ruth puxou um cadeira e sentou-se.

- Penso que é capaz de ser boa idéia ir ao doutor Kaplan hoje. - Ruth tentou dissimular a sua preocupação com Palavras triviais.

- Mas eu Estou bem a sério.

- Ora, Ariana. - Ruth olhou com ar repreensivo para a jovem, quase toda tapada pelos. cobertores, e Ariana fez um relutante sinal de concordância com a cabeça.

- Parece a Debbie ou a juba. Pensando bem - Ruth esboçou um sorriso irônico -, talvez até se pareça com o Paul. - E então, depois de ter atirado um, sapato, resolveu atirar o outro. - Ele não a tem pressionado, pois não? Olhou para o rosto da moça atentamente, enquanto Ariana abanava a cabeça.

- Não, com certeza que não.

- Só pensei. Ele tem um fraquinho por si, sabe?

Ariana nunca tinha ouvido a palavra fraquinho, mas entendeu a mensagem facilmente.

- Tive essa sensação, tia Ruth. - Ariana empoleirou-se na beira da cama. - Mas não tive intenção de o encorajar. Ele é como se fosse um irmão e eu tenho muitas

saudades do meu irmão a - A voz embargou-se e Ariana olhou um vez mais para os olhos da mulher mais velha. - E eu nunca faria nada que a ofendesse.

- É isso que eu lhe queria dizer, Ariana. Isso não me ofenderia de maneira nenhum .

- Não? - Ariana pareceu perplexa.

- Não. - Ruth Liebman sorriu; - O Sam e eu falamos nisso o outro dia. E sabemos que o rapaz ainda está na ressaca da Joanie, mas é um bom rapaz, Ariana. não Estou a empurrá-la em nenhuma direção. Só queria fazer-lhe saber que se o assunto vier a baila a - Olhou com ar terno para a jovem alemã sentada na cama do quarto de hóspedes. Nós gostamos muito de si.

- Oh, tia Ruth. - Os braços de Ariana enlearam instantaneamente a mulher que tinha sido tão boa para ela desde a primeira vez que se conheceram. - Eu também gosto muito de si.

- Queremos que se sinta livre de fazer o que quiser fazer. Agora faz parte da família Tem de fazer o que achar que é melhor para si. E, se ele andar com macaquinhos no sótão, não o deixe pressioná-la, se for esse o seu desejo. Eu sei o teimoso que ele !

Ariana riu como resposta.

- Não acho que ele chegue a esse ponto, tia Ruth. Ela não o deixaria. Ainda não lhe parecia bem.

- Não consigo deixar de me interrogar se era mesmo isso que estava a acontecer: o Paul atrás de si e você consumida de culpa por causa de nós.

- Não - Ariana abanou a cabeça algo hesitante -, embora o Paul dissesse um coisa o outro dia, mas a - Ariana encolheu os ombros e sorriu. - Penso que é apenas o seu fraquinho. - Usou a nova palavra.

- Siga o coração onde quer que ele a leve. - Ruth sorriu-lhe, esperançosa, e Ariana riu-se, enquanto saía da cama.

- Ser que é suposto as mães fazerem de cupido?

- Não sei. Nunca fiz esse papel. - Os olhos encontraram-se e detiveram-se assim durante alguns momentos. Mas não consigo pensar em alguém que desejássemos mais para nora, Ariana. você é um moça encantadora, muito especial.

- Obrigada, tia Ruth. - Com um ar de gratidão, Ariana virou-se para o armário e tirou um vestido de verão a as riscas cor-de-rosa e sandálias brancas. O sol de junho já estava quente. E estava quase a voltar-se outra vez para Ruth para lhe dizer que era um disparate irem ao médico, quando, de súbito, se sentiu tonta e caiu lentamente no chão.

- Ariana! - Ruth saltou instantaneamente da cadeira e aproximou-se da moça.

Capítulo 37

O consultório do Dr. Stanley Kaplan era na esquina da Rua 53 com a Park Avenue, e Ruth deixou Ariana a porta do edifício e foi até ao parque.

- Bom, minha jovem senhora, que tal se sente? Julgo que é um pergunta estúpida. não muito bem, obviamente, ou não estaria aqui. - O homem sorriu-lhe atrás da secretária quando Ariana se sentou a sua frente na cadeira do consultório. A última vez que ele a vira ela estava abatida, pálida, assustada e extremamente magra. Agora parecia a moça bonita que era. Quase. Ainda havia aquele ar assustado a volta dos olhos, o ar de dor, de perda e de angústia, que não desaparecia tão depressa. Tirando isso, o seu aspecto parecia bom, os olhos cintilantes; os longos cabelos louros cortados a pajem. E com o vestido fresco, a as riscas, que envergava naquela manhã, parecia a filha de um dos pacientes dele, não um mulher jovem que fugira da Europa devastada pela guerra algumas semanas atrás. - Então, diga-me, qual é o problema? São ainda os pesadelos, as náuseas, as tonturas, os desmaios?

Diga-me. - Solto um sorriso afável e pegou na caneta.

- Sim, ainda tenho os pesadelos, mas não com tanta frequência. Agora, pelo menos algumas vezes, consigo dormir.

- Sim - fez um ligeiro aceno com a cabeça -, está com um ar mais descansado.

Ariana fez um sinal de concordância com a cabeça e depois admitiu que ficava maldisposta depois de quase todas as refeições. Ele pareceu chocado.

- A Ruth sabe?

Desta vez, Ariana abanou a cabeça.

- Tem de lhe dizer. Devia fazer um dieta especial. A todas as refeições, Ariana?

- Quase.

- Não admira que esteja tão magra. Teve isto antes, este problema de estômago?

- Só desde que palmilhei a pé a maior parte do caminho até Paris. Um vez, não comi durante dois dias, e algumas vezes tentei comer lixo num terreno a o médico abanou a cabeça em silêncio.

- E os desmaios?

- Ainda acontecem muitas vezes.

E então ele fez algo que ela não estava a espera. Pousou a caneta e olhou-a demorada e fixamente, mas o olhar era meigo e de total compaixão; quando lhe dirigiu a palavra, ela sabia que este homem era seu amigo.

- Ariana, quero que sintas que não há nada que não possa contar-me. Quero que me conte tudo o que eu precise de saber acerca da sua vida passada.

É me quase impossível ajudá-la se não fizer qualquer idéia daquilo por que passou. Mas quero que saiba que o que me contar é sagrado. Sou médico, e fiz um juramento. Qualquer coisa que me conte eu não posso repetir a quem quer que seja, e eu nunca o faria. Nem a Ruth, nem ao Sam, nem aos filhos. A ninguém, Ariana. Sou o seu médico, e seu amigo também. E sou um velho que tenho visto muita coisa nesta vida, talvez não tanto como aquilo que acabou de ver na sua, mas já vi o suficiente. Nada me chocar. Por isso, se houver algum coisa que precise de me contar, coisas que eles lhe fizeram que possam ter levado a estes problemas, pela sua saúde, vá em frente.

- Ele era tão simpático que ela apetecia-lhe beijá-lo, mas em vez disso apenas suspirou baixinho.

- Acho que não, doutor Kaplan. Estive num cela mais de um mês, e a única coisa que eles me deram foi caldo de batatas, pão bolorento, água e um vez por semana davam-nos restos de carne. Mas isso foi há muito tempo, há quase um ano.

- Os pesadelos começaram nessa altura?

- Alguns deles. Eu a estava terrivelmente preocupada com o meu pai e o meu irmão. - A voz ficou sumida, angustiada. - Nunca mais os voltei a ver depois disso.

O médico acenou ligeiramente com a cabeça.

- E o problema de estômago, também começou nessa altura?

- Não propriamente. - Um sorriso iluminou então o rosto de Ariana, ao lembrar-se das suas primeiras tentativas de cozinhar para Manfred e o guisado de salsicha de fígado. Talvez tivesse sido isso a rebentar-lhe com o estômago. Mas não explicou o sorriso.

- Ariana, sinto que nos conhecemos um pouco melhor agora. - Entrou no assunto lentamente. A primeira vez que a vira, não se atrevera a perguntar.

- Sim? - Ariana olhou-o, expectante.

- Foi a - Pensou na maneira mais delicada de por a questão. - Foi a usada? - A julgar pela beleza delicada dela, ele sentira desde o principio que ela fora, mas Ariana abanou a cabeça, e ele interrogou-se se ela não estava com receio de contar a verdade. - Nunca?

- Um vez. Quase. Nessa mesma cela. - Mas não deu mais explicações e ele abanou a cabeça.

- Então talvez seja melhor observá-la. - Chamou a enfermeira, que ajudou Ariana a despir-se.

O médico sentiu algo estranho enquanto observava o corpo de Ariana. Franziu o sobrolho e examinou-a com maior minúcia, pediu mais informações, e então, finalmente, com ar pesaroso, sugeriu um exame pélvico. Estava certo de que ela o encararia como um experiência penosa. Mas Ariana parecia ter têmpera para o inevitável, e ficou estranhamente calada quando ele lhe introduziu o espécule e sentiu finalmente aquilo que suspeitara, o útero inchava para o dobro do seu tamanho normal.

- Ariana, pode-se sentar agora.

Ela assim fez, e ele olhou-a com ar triste. Ela estivera a mentir. não só a tinham violado, como a tinham engravidado.

- Ariana. - Ela sentou-se depois de a enfermeira ter abandonado a sala, tão pálida, tão jovem, envolta no lençol. Tenho algo para lhe dizer, e depois talvez tenhamos de conversar um pouco mais.

- há algum coisa que não está bem, doutor? - Estava com um ar assustado.

Presumira apenas que estava exausta. Nunca acreditara realmente que estava seriamente doente. Mesmo a falta das menstruações atribuíra-as ao choque, a viagem e a adaptação.

- Receio que não, minha pequena. está grávida. - Ficou a espera de ver um olhar de angústia e de horror. O que viu em vez disso foi um olhar de pasmo total, e depois um pequeno sorriso. - Não suspeitava?

- Ariana abanou a cabeça, esboçando um largo sorriso. - E está contente?

Agora era a sua vez de olhar.

Ariana estava com um ar de quem tinha recebido um dádiva inestimável, ultrapassando todas as esperanças e expectativas, e olhou para o Dr. Kaplan com os olhos azuis esbugalhados cheios de amor e receio. Deveria ter sido logo após o casamento a já perto do final de Abril, talvez naquela última vez antes de ele ter ido defender o Reichstag a o que fazia com que estivesse com cerca de sete semanas de gravidez. Olhou para o médico, incrédula.

- Tem a certeza?

- Vou fazer-lhe um teste se quiser, mas tenho a certeza absoluta. Ariana, sabe.....

Ariana levantou os olhos para ele com um sorriso dócil nos lábios.

- Sim, eu sei. - Sabia que podia confiar naquele homem. Tinha de ser. - O bebe , do meu marido. Ele é o único homem que eu a conheci.

- E onde é que está o seu marido agora?

Ariana baixou os olhos lentamente, e duas lágrimas enormes rolaram-lhe das pestanas até a as faces.

- Está morto a como todos os outros. - Levantou novamente a cabeça devagar.

- Está morto.

- Mas vai ter este bebe. - Kaplan falou em voz baixa e regozijou-se em silêncio com o facto. - Agora vai ter o bebe, não é verdade?

Ariana sorriu, admitindo finalmente pensar em Manfred, imaginar o seu rosto, lembrar-se do seu toque. Era, como se agora ela conseguisse trazer a memória dele até junto de si, para partilharem a alegria do filho comum. Até então lutara desesperadamente com as recordações, com receio de lhe invadirem o espirito. Mas agora, quando o médico saiu da sala, deixou-se ficar sentada durante uns bons dez minutos, mergulhada nas temas recordações e nos sonhos; e agora, quando as lágrimas

surgiram, estava a sorrir. Este era o momento mais feliz da sua vida.

Quando voltou para junto do médico no consultório, ele olhou para ela com um ar sério durante alguns instantes.

- Ariana, o que vai fazer agora? Ter de dizer a Ruth.

Durante uns minutos, Ariana ficou em silêncio. Ainda não tinha pensado nisso. Por momentos, todos os Liebman, se tinham apagado da sua memória. Mas agora ela sabia que tinha de lhes contar, e sabia o que eles diriam. Como poderiam acolher bem este bebe? Bebe, de quem? Filho de um oficial nazi?

Tinha de defender aquela criança ainda por nascer. Que faria agora? Em silêncio pensou nos anéis da mãe. Se tivesse de ser, usá-los-ia para arranjar sustento até a criança nascer. Faria qualquer coisa, mas não poderia abusar deles por mais tempo.

- Não quero dizer a Mistress Liebman, doutor.

- Mas Porquê? - Ele pareceu aflito. - Ela é um boa mulher, Ariana, um mulher meiga, ela compreender.

Contudo, Ariana parecia inflexível.

- Não lhe posso pedir mais do que aquilo que ela já fez. Tem feito tanto por mim. E isto seria demasiado.

- Tem de pensar no bebê Ariana. Deve dar a esse bebê, um vida decente, um oportunidade decente, tão boa como aquela que lhe deram a si, como a que os Liebman lhe deram.

Foi um discurso pesado que não lhe saiu da cabeça toda a tarde, depois de ter feito o médico prometer que não contaria a Ruth. Ele apenas disse a Ruth que Ariana estava obviamente um pouco cansada, mas não era motivo de preocupação. não devia fazer esforços e devia comer bem e dormir bastante mas, tirando isso, estava ótima.

- Oh, sinto-me muito melhor por saber isso - dissera Ruth para Ariana a caminho de casa. Parecia ainda mais meiga naquele dia do que habitualmente, e Ariana ficou de coração destrozado por lhe estar a mentir acerca da criança não achava correto pedir-lhes ainda mais. Tinha de resolver esse problema sozinha, tinha de tratar da criança pelos seus próprios meios. A criança era dela a era sua a e de Manfred. Era o filho que ambos haviam desejado tão ardentemente a concebido entre as cinzas dos seus sonhos. Ele voltaria agora para florescer em colinas mais verdejantes, um recordação da resplandecência do seu amor. Ariana sentou-se só no seu quarto nessa noite, a pensar, a sonhar a Seria moça ou rapaz? Parecer-se-ia com Manfred a ou talvez com o seu pai? Era como esperar um visitante de um velho mundo familiar, enquanto se interrogava qual dos rostos que nunca mais voltaria a ver reencarnaria nessa pequena criança. O médico disse que o bebê, nasceria no final de janeiro, ou talvez no principio de Fevereiro. Referiu que os primeiros filhos costumavam nascer atrasados. E pensou que a barriga se começaria a notar durante o mês de Setembro, talvez mesmo Outubro, se tivesse cuidado com o que vestisse. Como tal, nessa altura, teria de deixar os Liebman.

E, logo que estivesse instalada, logo que tivesse um emprego, dir-lhes-ia. Quando o bebê, nascesse, Júlia e Debbie poderiam ir visitá-la. Sorriu para consigo quando pensou na pequenina trouxa de roupa de malha que as moças viriam ver.

- Porquê esse ar tão feliz, Ariana? - Era Paul, a seu lado. não o vira entrar.- não sei. Estava só a pensar.

- Em que? - Paul sentou-se no chão ao lado dela e levantou os olhos para o pequeno e perfeito rosto.

- Nada de especial. - Ariana lançou-lhe um demorado sorriso. A sua felicidade era quase impossível de esconder, e agora também contagiava Paul.

- Sabes no que estava a pensar hoje? No nosso verão. Vai ser maravilhoso irmos para o campo. Podemos jogar ténis e nadar. Podemos apanhar sol e ir a festas. não te parece divertido? - Parecia, mas agora ela tinha mais alguém para ter em consideração.

Ariana fez um sinal afirmativo com a cabeça. E então olhou para o seu jovem amigo com ar sério.

- Paul, tomei uma decisão importante.

- Que decisão? - Paul sorriu na expectativa.

- Em setembro vou arranjar um emprego e vou mudar-me.

- Então somos dois. Queres ser minha companheira de quarto?

- Muito engraçado. Estou a falar a sério.

- Também eu. A propósito, que tipo de emprego é que vais arranjar?

- Ainda não sei, mas vou pensar em algo. Talvez o teu pai me dê algumas idéias.

- Tenho uma idéia melhor.- Paul inclinou-se para a frente e beijou os sedosos cabelos louros.- Ariana, porque não me ouves?

- Porque não tens idade suficiente para ser levado a sério. - há meses que Ariana não estava tão feliz, e Paul sorriu em resposta. Ele sentia a boa disposição dela.

- Se estás a falar a sério acerca de arranjar um emprego em setembro, então este também ser o teu último verão. A nossa última estroinice antes de nos instalarmos.

- Na realidade - Ariana soltou um largo sorriso -, é o que ser. Paul sorriu-lhe e levantou-se.

- Então vamos fazer dele o melhor verão que algum vez tivemos, Ariana.

Ela sorriu-lhe, sentindo o coração bater com mais força.

Capítulo 38

Um semana mais tarde mudaram-se todos para a enorme casa em East Hampton. havia um edifício principal com seis quartos, três quartos de criadas, um sala de jantar formal, um escritório mais pequeno e um sala comum no piso de baixo. A cozinha era gigantesca e simpática, e nas traseiras havia um casa de hóspedes e um casa de praia onde se podia mudar de roupa. Na casa de hóspedes, havia cinco camas de hóspedes, que os Liebman planeavam ter cheias todo o verão com familiares e amigos. Tudo se encaminhava para as férias se iniciarem em grande, quando Ruth soube por Paul, no dia a seguir a chegada, que Ariana se tencionava mudar e arranjar um emprego no Outono.

- Mas Porquê, Ariana? não seja tonta. não queremos que se vá embora. - Ruth Liebman olhou para ela, destroçada.

- Eu não posso abusar de vocês eternamente.

- Mas não está a abusar. É um das nossas filhas. Ariana, isto é um absurdo.

E, se tem de ter um emprego, por que razão não vive na nossa casa? - Ruth parecia desesperada perante a perspectiva de perder a moça. - vá para a universidade se quiser, como disse um vez ser seu desejo. Pode fazer todo o tipo de coisas, mas não existe absolutamente nenhum razão para se mudar.

- Oh, Paul, parece que ficou muito magoada. - Ariana olhou para ele, desesperada, enquanto ele a conduzia até a cidade, no seu cabriole, a fim de irem buscar algumas bugigangas especiais que tinham prometido a Ruth levar de Nova Iorque: mais dois factos de banho para Debbie, medicamentos para Júlia e um monte de papéis da Wornen's Relief Organization que Ruth esquecera em cima da secretaria. Reuniram tudo rapidamente e Ariana olhou então para o pequeno relógio de ouro que Ruth lhe dera para usar. - Achas que tenho tempo de fazer mais um coisa?

- Certamente, o que é que se passa?

- Prometi ao doutor Kaplan que passava por lá a buscar algumas vitaminas, se tivesse tempo.

- Absolutamente. - Paul olhou-a com um ar austero. Devíamos ter feito isso primeiro.

- Sim, senhor. - Ariana riu-se e reuniram todas as coisas que tinham prometido levar e dirigiram-se para o centro da cidade. Sabia bem ser jovem e saborear o verão. O sol sorria-lhes e Ariana espreguiçou-se.

- Queres levar o carro no regresso?

- O teu precioso cabriole? Paul, o que é que estiveste a beber?

Paul riu-se, feliz por ela se sentir alegre.

- Confio em ti. Disseste que sabias conduzir.

- Sinto-me lisonjeada por me deixares conduzir o teu novo carro. - Sentiu-se sensibilizada pela oferta de Paul, sabendo o quanto o carro significava para ele.

- Confiar-te-ia tudo o que possuo, Ariana. Até o carro novo.

- Obrigada. - Ariana pouco mais disse até chegarem ao consultório do Dr. Kaplan, e preparou-se para entrar. Mas Paul saltou rapidamente para fora do carro para a ajudar. Envergava um s calças brancas de linho e um blazer, o passo largo e fácil e o sorriso cordial davam-lhe um ar jovem e elegante quando entraram.

- Vou entrar contigo. já não o vejo há uns, tempos. já não havia muito motivo para ele ver Kaplan: o joelho que o pusera fora de combate estava quase curado. De facto, pouco coxeava e, com o exercício que faria nesse verão, no Outono estaria como novo.

No entanto, o Dr. Kaplan ficou satisfeito por vê-lo, e os três cavaquearam um bocado até o Dr. Kaplan lhe pedir se podia observar Ariana a sós. Paul acatou o pedido e sentou-se na sala de espera, pondo o seu chapéu de palha na cadeira do lado.

No consultório, Ariana olhou para o médico com os olhos muito abertos.

- Que tal se sente, Ariana?

- Bem, obrigada. Desde que preste atenção ao que comer, Estou bem. - Ariana sorriu-lhe e ele achou que nunca a vira Tão 'calma. Trazia um vestido de Verão com um saia grande de cintura estreita, e um enorme chapéu de palha atado por baixo do queixo com fitas azuis da mesma cor dos olhos.

- Está com um ar maravilhoso. - E então, depois de um pausa embaraçosa, ele olhou-a com um ar mais sério. não contou a nenhum deles, pois não?

- Não. - Ariana abanou lentamente a cabeça. - Já decidi. o doutor disse-me que já se notava em setembro. Por isso, quando regressarmos de Long Island este Verão, vou mudar-me, vou procurar emprego. E então conto-lhes tudo. E Estou certa de que compreenderão. Mas recuso-me a abusar mais deles ou a esperar que eles sustentem o meu filho.

- É um gesto nobre da sua parte, Ariana. Mas tem algum idéia de como você e o bebe, comerão? Já pensou no bebê, ou apenas em si? - Era um discurso severo pouco habitual nele, e Ariana ficou ligeiramente irritada e, depois, magoada.

- Com certeza que pensei no bebê. É a única coisa em que penso. O que quer dizer com isso?

- Que tem vinte anos, não tem ocupação, nem profissão, que vai estar sozinha com um bebe, num pais que não conhece, onde as pessoas podem não lhe dar trabalho simplesmente porque é alemã. Acabamos um guerra com a Alemanha e por vezes as pessoas mantêm essa espécie de recordação durante muito tempo. Estou a dizer-lhe que não vai dar a esse bebê, o apoio devido, e pode dá-lo, se não protelar a situação

durante demasiado tempo. Se fizer alguma coisa já. - Kaplan olhou-a com um ar sério e Ariana arregalou os olhos.

- Que quer dizer?

- Ariana a - A voz tornou-se dócil. - Case-se! dê uma oportunidade decente a si e ao seu bebê. Eu sei que é uma coisa complicada para se decidir, mas, Ariana, desde que a vi a última vez, o assunto não me tem saído da cabeça.

Penso que é a única solução. não tenho parado de pensar. Conheço o Paul desde bebê. Vejo o que ele sente por si. Custa-me sugerir-lhe isto, mas quem é que ficar magoado? Se casar com o rapaz que está na sala de espera, garantir o futuro do seu filho e o seu.- não me importo comigo. - Ficou chocada com o que ele estava a sugerir.

- Mas importa-se com o bebê.

- Mas não posso fazer isso a é desonesto.

- Pensa que a maioria das outras moças não faz a mesma coisa? Moças que têm muito menos razão para o fazer fazem-no a Ariana, o bebê, não nasce senão ao fim de sete meses. Eu poderia dizer que o bebê, tinha vindo antes do tempo. Ninguém teria de saber. Ninguém. Nem mesmo o Paul.

Ariana olhou para o médico, chocada com aquilo que ele estava a sugerir.

- Não acha que consigo dar conta do bebê, sozinha?

- Com certeza que não. Qual foi a última vez que viu um mulher grávida a trabalhar? Quem é que lhe daria trabalho? E a fazer o que?

Ariana sentou-se e depois, com um ar pensativo, fez um ligeiro sinal de concordância com a cabeça. Talvez ele tivesse razão. Ela julgara que conseguiria arranjar um emprego numa loja. Mas que baixeza a que fraude a que baixeza iria fazer a Paul a Como é que lhe poderia mentir assim? Ele era seu amigo e, de certa maneira, amava-o. De facto, tinha um grande afeição por ele.

- Como poderia eu fazer tal coisa, doutor? não está certo. - Ariana sentia-se culpada, e a vergonha dentro de si aumentava só de pensar nisso.

- Podia fazer isso pelo seu filho por nascer. O que fez para chegar a Paris, para chegar até aqui? Foi sempre tão honesta? não teria mentido ou matado para salvar a sua vida? Tem de fazer a mesma coisa pelo seu bebê Ariana. Dar-lhe uma família, um pai, um estilo de vida decente, refeições na barriguinha, uma educação.

Ariana percebeu que era uma ingênua ao pensar que uns anéis escondidos numa caixa seriam o suficiente para fazer face a isso. Abanou lentamente a cabeça.

- Terei de pensar no assunto.

- Pense, mas depressa. Se continuar a espera por muito mais tempo, será demasiado tarde. Assim, se o bebê, vier aos sete meses, posso facilmente explicar o facto com a sua saúde precária, a viagem desde a Europa, isso tudo.

- O doutor pensa em tudo. - Ariana olhou para ele e percebeu que ele lhe estava a dar o empurrão que precisava para sobreviver, que estava a ensinar-lhe as regras de

um jogo em que ela viria a ser um ótima jogadora. No fundo, sabia que ele tinha razão. Mas onde é que isso acabaria?

- Se fizer isso, Ariana, o seu segredo ficar sempre seguro comigo.

- Obrigada, doutor, pela minha vida e pela vida do meu filho.

Kaplan deu-lhe as vitaminas e bateu-lhe levemente no ombro quando ela saiu.

- Decida-se rapidamente, Ariana.

Ariana fez um sinal afirmativo com a cabeça.

- Sim, vou decidir.

Capítulo 39

- Ariana, queres vir nadar? - Júlia batia a porta a as nove da manhã, e Ariana abriu os olhos, ensonada.

- Tão cedo? Ainda não me levantei.

- Nem o Paul. E ele também vem.

- É verdade - confirmou Paul, enquanto entrava devagarinho no quarto. - E, se eu tenho de me levantar para ir nadar com estes monstros, também tens de vir.

- Oh, tenho? - Ariana espreguiçou-se e sorriu, enquanto ele se sentou ao seu lado e beijou os cabelos louros que lhe cobriam o rosto.

- Sim, tens. Caso contrário, arranco-te da cama e levo-te de rastos até a praia.

- Que delicadeza a tua, Paul.

- Achas? - Sorriram um para o outro durante alguns instantes. - A propósito, queres ir a um festa em southampton logo a noite? Os meus pais vão a um sítio qualquer com as minhas irmãs.

- Festa de que?

- É o fim-de-semana do quatro de julho, minha querida. Dia da independência.

Espera para veres. Deve ser um festa de arromba. Dito e feito. Foram nadar com as moças nessa manhã e a um piquenique com toda a família. Após o qual, Sam e Ruth levaram as moças a dar um passeio e Ariana desapareceu para dormir um sesta. Mas a as sete horas estava vestida para sair e, quando desceu as escadas da enorme casa de verão, Paul assobiou e soltou um largo sorriso.

- Minha senhora, nunca ninguém me avisou que ficava com esse aspecto bronzeada!

Ariana trazia um vestido de seda turquesa que lhe realçava a pele fresca e bronzeada. Paul estava igualmente elegante com um facto de linho branco, um camisa branca e um gravata larga azul marinho com pequeninos pontos brancos, e partiram no carro novo.

Imbuído no espirito de festa, Paul deixou Ariana conduzir o carro até a festa, e logo que lá chegaram, trouxe-lhe imediatamente um gin com água tônica. Hesitante perante as suas reacções a bebida, Ariana apenas deu goles muito pequenos. Mas a festa a volta dela estava já a mexer.

Havia duas bandas a tocar, um na casa e outra no relvado. vários iates tinham-se engalanado para a ocasião e estavam ancorados na comprida doca onde um dúzia de barqueiros cuidavam deles e havia um lua cheia de Verão a pairar no céu.

- Queres dançar, Ariana? - Paul baixou os olhos para ela com um sorriso afável, e

ela enfiou-se calmamente entre os seus braços. Era a primeira vez que dançavam juntos, e ao luar era fácil fingir que era Manfred, ou o pai, ou outra pessoa qualquer. - Já algum vez te disseram que danças como um anjo?

- Ultimamente, receio que não. - Ariana riu-se baixinho do cumprimento e continuaram a dançar até ao fim da série de músicas. Caminharam devagarinho até um muralha onde podiam ver os barcos a balouçar por baixo deles, e Paul olhou para ela com um ar sério que ela ainda não tinha visto.

Sinto-me tão feliz quando Estou contigo, Ariana. Nunca conheci ninguém assim.

- Ariana teve vontade de picá-lo e de lhe fazer perguntas acerca de Joanie, mas sabia que esta não era a altura.

- Ariana a - Paul olhou-a em silêncio. - Tenho um coisa para te dizer. - Estendeu lentamente os braços, envolveu-lhe ambas as mãos nas suas e depois beijou-as ternamente, um de cada vez. - Amo-te. não sei como te hei de dizer. Amo-te. não suporto estar sem ti. Quando Estou contigo, sinto-me a bem a tão feliz e tão forte a como se pudesse fazer qualquer coisa, como se tudo em que toco fosse um espécie de dádiva a como se tudo valesse a pena a e não quero que esta sensação desapareça. Se te mudares sozinho depois do verão e eu fizer a mesma coisa, perderemos isso. - Os olhos ficaram embaciados ao dizer isto. E, Ariana, não suportarei que te vá embora.

- Não ter de ser assim. - A voz dela era um murmúrio. - Paul e eu então, como se ele tivesse programado, os primeiros foguetes rebentaram por cima das suas cabeças. Meteu a mão no bolso e tirou um enorme anel de diamantes com um esmeralda. Antes que ela percebesse o que acontecera, enfiou-lho no dedo e colou a sua boca a dela, fazendo-lhe sentir toda a sua ânsia, toda a sua paixão. Ariana sentiu um forte desejo e um estremecimento dentro de si, que nunca pensara sentir de novo. Agarrou-se a Paul quase desesperadamente, durante alguns instantes, retribuindo-lhe o beijo e tentando reprimir o desejo que sentia dentro de si. Por fim, depois de os seus lábios se separarem, Ariana disse a Paul que estava cansada, e voltaram para a casa dos pais dele, em East Hampton, num estado de espírito muito mais calmo. Ela ainda tentava lutar com a sua consciência.

Como poderia ela continuar com aquele fingimento? E não era que não o amasse. Amava-o, de um maneira apaixonada, mas era errado aproveitar-se da afeição dele e impingir-lhe um criança que não era dele. Quando finalmente saíram do carro, Paul pôs-lhe afavelmente o braço por cima e conduziu-a até dentro de casa. E no vestíbulo principal, baixou os olhos e olhou-a com um ar triste.

- Sei no que estás a pensar, não queres nem o anel, nem o que ele representa, nem me queres a mim a nada. Tudo bem, Ariana, compreendo. - Mas havia lágrimas na sua voz quando a apertou contra si. - Mas, oh meu Deus, amo-te tanto, por favor, por favor, deixa-me ficar sozinho contigo aqui, só esta noite.

Deixa-me sonhar, deixa-me imaginar como seria se esta fosse a nossa casa, se

fôssemos casados, se todos os sonhos se tornassem realidade.

- Paul a - Ariana afastou-se com um movimento dócil mas, quando o fez, viu o jovem e belo rosto lavado em lágrimas. Então, não conseguindo agüentar mais tempo, puxou-o de novo para si e aproximou o seu rosto do dele, com um ardor e um desejo que ela nunca pensara que teria para oferecer de novo a alguém. Pouco depois chegaram ao quarto dela, e Paul despiu-lhe cuidadosamente o vestido de seda com um docilidade extrema. E ali ficaram, durante um eternidade de tempo, ao luar, abraçados, acariciando-se, a sonhar, a beijarem-se, sem dizerem palavra. E finalmente, com a primeira luz da manhã, com o último acto de paixão, adormeceram nos braços um do outro.

Capítulo 40

- Bom dia, querida. Ariana semicerrou os olhos quando encarou com a luz do Sol e viu Paul. Ele pousara um tabuleiro de pequeno almoço ao fundo da cama e estava a abrir várias gavetas e a por o conteúdo., num pequena mala que colocara em cima da cama.

- Que vais fazer? - Ariana sentou-se na cama e teve de reprimir um onda de vômitos. O café, estava amargo e fora um noite longa.

- Estou a fazer a tua mala. - Paul sorriu-lhe por sobre o ombro.

- Mas onde é que vais? Os teus pais voltam logo a noite. ficarão preocupados se não nos encontrarem.

- Já estaremos em casa nessa altura.

- Então, Porquê a mala, Paul? não compreendo. Ariana sentiu-se completamente desorientada, ali sentada, ainda nua, enquanto aquele homem, de pernas compridas e roupão de seda azul marinho, fazia a sua mala. - Paul, por favor, importas-te de parar e falar comigo? - havia um ligeiro tom de pânico na sua voz.

- Já paro. - E então, quando parou, virou-se, sentou-se calmamente em cima da cama e envolveu a mão dela na sua, aquela que ainda usava o enorme anel de diamantes com um esmeralda. - Está bem, vou dizer-te. Vamos até Maryland esta manhã, Ariana.

- Maryland? Porquê?

Desta vez, Paul encarou-a de frente. Era como se tivesse se tornado homem durante a noite.

- Vamos até Maryland para nos casarmos, porque Estou farto de andar a brincar e de agir como se tivéssemos catorze anos. E não temos, Ariana. Eu sou homem e tu és mulher. E, se algo como esta noite pode acontecer entre nós um vez, então também pode acontecer muitas vezes. não ando a brincar contigo, não suplicarei. Amo-te a e penso que também me amas. - A voz tomou de novo um tom ligeiramente mais temo. - Casas comigo, Ariana? Querida, amo-te de todo o coração!

- Oh, Paul. - As lágrimas inundaram-lhe os olhos enquanto estendia os braços para ele. Seria possível que ela o pudesse fazer feliz? Se casasse com ele, como agradecimento por aquilo que ele ia dar ao seu filho, seria sempre boa para ele. Mas a única coisa que conseguiu fazer, enquanto ele a abraçava, foi chorar. Era um decisão tremendamente difícil, e ainda não estava segura do que fazer.

- Para de chorar e dê-me uma resposta? - Beijou-a ternamente no pescoço, depois no rosto, depois nos cabelos. Oh, Ariana, amo-te a amo-te tanto a - Beijou-a de novo, e

desta vez ela fez um ligeiro gesto com a cabeça; depois, virou-se para ele, enquanto outros rostos lhe vinham a cabeça a Manfred a o pai a fugazmente até se lembrou de Max Thomas a ter beijado no quarto da mãe na noite em que fugira de Berlim. Que pensariam todos dela se casasse com aquele homem? Depois considerou que isso não importava, que a decisão e a vida eram agora suas. não deles. Todos eles tinham partido. Todos. Ela era a única que restava a ela a e o seu bebe, a e Paul. Ele era mais verdadeiro do que os outros algum vez poderiam ser agora. Ariana estendeu um mão para ele com um longo e brando sorriso. Estava a agarrar um vida, a oferecer-se de alma e coração. E, ao fazer isso, fez um voto em silêncio de nunca trair o seu amor.

- Então? - Paul olhou para ela, a tremer, com receio de lhe pegar na mão, com receio de se mexer. Mas Ariana pegou-lhe em ambas as mãos e levou-as lentamente a boca. Depois, beijou-lhe os dedos um a um e fechou os olhos.

Quando os abriu de novo, havia um ar de ternura nela que Paul sentiu bem fundo.

- Sim. - Ariana sorriu-lhe e puxou-o para junto de si. Sim, meu querido. Sim! A resposta é sim. - E então, enterrando a cabeça no ombro dele, rejubilou. - E como te amarei, Paul Liebman. - Deu um passo atrás para olhar para ele. - És um homem maravilhoso!

- Meu Deus! - Paul soltou um sorriso irônico. Acho que ficaste maluca. Mas a cavalo dado não se olha o dente. Continua maluca e deixa-me tratar do resto. E assim fez. um hora depois, estavam na estrada para Maryland, com as malas no banco de trás e os bilhetes de identidade temporários de Ariana no bolso dele. Horas mais tarde, a mulher de um juiz da paz nos arredores de Baltimore tirou-lhes um fotografia, enquanto o marido olhava com ar solene para Paul e fez um gesto de aquiescência, murmurando num tom firme:

- Pode beijar a noiva.

- Mamãe a Papai - A voz de Paul quase tremeu quando os encarou, mas procurou ternamente a mão de Ariana. Pegou-lhe e agarrou-a orgulhosamente; depois, sorriu para os pais com um ar de quem já era um homem. A Ariana e eu fugimos para casar. - Baixou os olhos com um sorriso para a pequena e nervosa Ariana. - Quase tive de a forçar a casar, e é por isso que não quis perder o meu tempo a discutir o assunto convosco. Por isso a - Olhou para os pais, excitado. Estes embora ficassem evidentemente atônitos, não pareciam descontentes. - Posso apresentar-lhes Mistress Paul Liebman? - Curvou-se para ela com cortesia, e ela fez um vênha a seus pés. Depois, com um movimento rápido e gracioso, ela levantou os braços e beijou-o, estendendo-os em seguida rapidamente para Ruth. A mulher mais velha abraçou-a, apertando-a contra si durante um longo instante, lembrando-se da moça doente e aterrorizada que recolhera no barco. Sam observou-os por instantes; depois, estendeu os braços para o filho.

Capítulo 41

Como planejado, Ariana e Paul ficaram em East Hampton até Setembro, e então, depois do dia do trabalhador, voltaram para a cidade para começarem a procura de casa nova. Paul começou a trabalhar com o pai no escritório, e Ruth acompanhou Ariana na procura da casa certa. Pouco depois de terem celebrado o Rosh hashanah juntos descobriram uma pequena e bonita casa na cidade e, após um muito breve discussão, Paul decidiu que a casa tinha de ser deles. Por agora, iam arrendá-la, mas o dono estava interessado em vender-lha no fim do arrendamento. O jovem casal concluiu que o acordo era perfeito. Dar-lhes-ia oportunidade de verem se gostavam realmente da casa.

Agora só precisavam de mais mobília e, com as moças de regresso a as aulas, Ruth tinha muito mais tempo para ajudar. Andava um pouco menos ocupada com a sua organização de refugiados e passava quase todos os dias com Ariana, o suficiente para verificar um vez mais que a moça não andava bem.

- Ariana, voltou ao doutor Kaplan? - Ruth olhou para ela com um ar preocupado, e Ariana fez um sinal afirmativo com a cabeça, enquanto tentava escolher a amostra de tecido que pedira para condizer com o novo tapete. - Bom, voltou?

- Sim. Fui lá na Quinta-feira passada. - Ariana evitou os olhos de Ruth e depois levantou os olhos para a sua sogra com um pequeno sorriso.

- Que é que ele disse?

- Que os desmaios e os problemas de estômago vão continuar durante uns tempos.

- Ele acha que é algo permanente? - Ruth olhou-a com maior preocupação. Mas Ariana abanou a cabeça.

- De modo nenhum. De facto, ele Nem sequer está preocupado com isso. Disse que isso se devia aos rigores da minha viagem até aqui. E agora é o preço que Estou a pagar por aquilo que fiz depois de chegar.

- O que é que ele quer dizer com isso? - E então, de súbito, Ruth entendeu a mensagem enigmática. Arregalou os olhos e olhou para Ariana com um longo e brando sorriso. - Quer dizer que está grávida?

- Sim, estou.

- Oh, Ariana. - Ruth olhou-a com um ar de felicidade e atravessou rapidamente o quarto para a abraçar. Mas olhou para a pequena mulher jovem com nova preocupação. Ele acha que não haver qualquer problema para si? Passou ainda tão pouco tempo desde que esteve doente a É tão frágil, não tem uma estrutura robusta

como eu. - Mas apertou a mão de Ariana com força, tão excitada estava com a novidade. Fazia-a lembrar-se da alegria que sentira quando soubera que estava a espera do primeiro filho.

- A única coisa que ele quer que eu faça é começar a ir a um ginecologista daqui a algum tempo, quando estiver no final do tempo.

- Parece razoável. e, a propósito, quando é que ser?

- No principio de Abril. - No íntimo, Ariana encolheu-se perante a mentira, rezando para que Ruth nunca descobrisse a verdade acerca do bebe, e prometendo a si mesma e a Ruth que um dia haveria de ter um Liebman genuíno. Devia a Paul o facto de ter este bebe,, e logo que pudesse ia ter outro, e mais ainda, se fosse vontade dele. Devia-lhe tudo por proteger o filho de Manfred.

A medida que os meses passavam, Paul amadurecia, ficando cada vez mais paternal, ajudando Ariana no quarto das crianças, de sorriso nos lábios, enquanto ela passava noites a fio a tricotar roupa. Ruth também trouxera caixas de coisas dos filhos, e parecia haver pequenos chapéus, meias, vestidos e camisolas por todo o lado onde Paul procurava.

- Bom, pelo aspecto da casa, Mistress Liebman, diria que vamos ter um bebe. Faltavam duas semanas para o Natal. Paul pensava que ela só estava grávida de cinco meses e meio, mas só faltavam efetivamente seis semanas para o nascimento da criança.

Mas ninguém parecia achar a barriga demasiado grande. julgavam que o tamanho impressionante da barriga se devia simplesmente ao facto de se notar mais num mulher do tamanho de Ariana. Paul começava a gostar da barriga, chamava-lhes nomes engraçados e dizia que tinha de a esfregar duas vezes para dar sorte antes de sair para o trabalho todos os dias.

- Não faças isso! - gritava Ariana quando ele lhe fazia cócegas. - Vais fazer com que ele me dê outro pontapé,.

- Deve ser rapaz - disse Paul, um noite, num tom de grande seriedade, enquanto lhe escutava o estômago. Penso que está a tentar jogar futebol. Ariana gemeu e revirou os olhos, enquanto ria para o marido.

- Está certamente a jogar futebol a com os meus rins, penso.

Na manhã seguinte, depois de Paul sair para o escritório, aconteceu algo estranho, e durante horas sem fim Ariana sentiu-se destrocada pela nostalgia da sua antiga vida. Ficou durante horas, sentada num poltrona, a pensar em Manfred, abriu a caixa das jóias e experimentou os anéis. E pôs-se a pensar nos seus planos e nas suas promessas; depois, interrogou-se acerca do que é que ele teria achado dessa criança. E até se interrogou acerca do nome que ele teria gostado de lhe pr. Paul estava inclinado para Simon, em memória do irmão que morreria. E isso era algo que ela sentia que devia fazer por ele.

Enquanto passava pelas suas recordações naquela manhã, Ariana chegou ao envelope com as fotografias dela e de Manfred, escondidas num livro num gaveta do fundo da sua secretaria fechada a chave.

Festa judaica. (N. do T.)

Abriu-a e espalhou as fotografias no colo, ficando de olhos fixos no rosto que amara, a recordar todos os pormenores do uniforme, a ouvir as palavras dele no primeiro Natal que haviam passado juntos. Era difícil de acreditar que as fotografias dos bailes da véspera de Natal tinham sido tiradas apenas um ano antes. Com dois fios de lágrimas a correrem-lhe das faces até a enorme barriga, as fotografias nas mãos, não ouviu o marido a entrar. Pouco depois, Paul postou-se atrás dela, de olhos fixos nas fotografias, primeiro, confuso, depois, horrorizado, quando reconheceu a insígnia do uniforme.

- Meu Deus, quem é esse? - Baixou os olhos, furioso e atônito, vendo o rosto sorridente de Ariana ao lado do homem. Ariana deu um pulo, horrorizada, quando o ouviu. não se apercebera de que ele estava atrás de si.

- Que Estás a fazer aqui? - As lágrimas haviam parado e ela ainda segurava as fotografias na mão enquanto se levantava.

- Vim a casa para ver como está a minha mulher e para convidá-la para almoçar comigo num sítio qualquer, mas parece que interrompi um momento íntimo bastante intrigante. Diz-me, Ariana, fazes isto todos os dias, ou só aos feriados? - E então, depois de um gélida pausa: - Importas-te de me dizer quem era esse?

- Era a era um oficial alemão. - Ariana olhou para Paul, quase desesperada. Não era assim que ela queria que ele descobrisse.

- Vejo que é do exercito nazi. Alguém de que me queiras falar? Quantos judeus, que ele matou? Que campo é que comandou?

- Ele não matou nenhum judeu e não comandou nenhum campo. Na verdade, ele salvou-me a vida. E evitou que eu fosse violada por um tenente e me tornasse prostituta de um general. Se não tivesse sido ele - Começou a soluçar descontroladamente, enquanto segurava na mão a fotografia do homem que fora morto sete meses antes. - Se não tivesse sido ele a estaria provavelmente morta nesta altura.

Por instantes, Paul arrependeu-se do que lhe dissera, mas depois, ao olhar para a fotografia a tremular na mão dela, sentiu novo acesso de raiva.

- Então, por que raio estavas a rir e a sorrir nestas fotografias se a tua vida esteve em risco? - Pegou nas fotografias e verificou então, furioso, que ela estava a dançar com o Oficial nazi num baile. - Ariana, quem é este homem? E então, de repente, compreendeu como é que ela sobrevivera aos campos. A mãe tivera razão por censurá-

la por aquilo que, ela fizera. A moça não tivera alternativa. Ternamente, com um ar abalado, estendeu os braços para Ariana e puxou-a o mais que pode para si, para os seus braços, com a sua enorme barriga. - Desculpa a oh, querida, desculpa. Penso que, por instantes, me esqueci do que aconteceu. Vi esse rosto e esse uniforme e tudo me pareceu tão alemão a Penso que perdi o juízo momentaneamente.

- Mas eu também sou alemã, Paul. - Ariana ainda estava a chorar e a soluçar baixinho nos braços dele.

- Sim, mas não és como eles, e se o que tiveste de fazer foi ser amante deste homem para sobreviver aos campos, Ariana, então Estou-me nas tintas para o que aconteceu. Mas, ao dizer isto, Paul sentiu-a gelar nos seus braços. E ela afastou-se dele, em silêncio, e sentou-se.

- É isso que pensas, não é Paul? - Ariana olhou para ele durante um interminável instante e ele não disse nada. Então, prosseguiu num tom de voz calmo: - Pensas que fui a prostituta deste homem para salvar a pele. Bem, isso não é verdade e quero que saibas a verdade. Depois da morte do meu pai e do Gerhard, ele, o Manfred, levou-me para casa dele sem esperar nada em troca da minha parte, nada. não me violou, não me tocou, não me magoou. Apenas me ofereceu a sua proteção e tornou-se o meu único amigo.

- É um história enternecedora, mas é um uniforme nazi, não é? - A voz de Paul tinha um tom glido, mas ela não sentia qualquer receio, sabendo que estava a agir corretamente.

- Sim, Paul, é mas havia alguns homens decentes que usavam uniformes nazis, e ele era um deles. As coisas não se resumiam a bons e maus. A vida não é tão simples como isso.

- Minha querida. Obrigado pela lição. Mas, francamente, custa um bocado a engolir que, quando chego a casa, encontro a minha mulher a chorar sobre fotografias de um maldito de um alemão, e então venho a saber que ele era seu amigo. Os nazis não eram amigos de ninguém, Ariana. não compreendes isso? Como podes dizer aquilo que Estás a dizer? És um judia! - vociferou, enquanto Ariana continuava sentada. Ela levantou-se, virou-se para ele e abanou a cabeça.

- Não, Paul, não sou um judia. Sou um alemã. Paul ficou chocado sem dizer palavra, e ela prosseguiu, com receio de que, se parasse agora, as palavras lhe faltassem.

- O meu pai era um bom alemão a e era banqueiro, diretor do banco mais importante em Berlim. Mas, quando eles recrutaram o meu irmão, depois de ter feito dezasseis anos, o meu pai não quis que o Gerhard fosse. - Tentou sorrir-lhe. Que alívio era contar-lhe a história, contar-lhe a verdade, custasse o que custasse no fim.

- O meu pai nunca simpatizou com os nazis e, quando eles tentaram recrutar o Gerhard, ele sabia que tínhamos de fugir. Arquetou um plano para levar o Gerhard

para a Suíça. Depois voltaria a buscar-me. Só que deve ter acontecido alguma coisa e nunca voltou. Os nossos criados denunciaram-me, pessoas em quem eu confiei toda a minha vida a - A voz subiu de tom. - E os nazis vieram e levaram-me. Mantiveram-me num cela durante um mês, Paul, como refém, para o caso de o meu pai voltar, mas ele não voltou. Durante um mês vivi num pequena cela imunda e fedorenta, meio esfomeada e meio louca, num espaço com metade das dimensões de um dos roupeiros das criadas da tua mãe. E depois libertaram-me porque eu era inútil. Apossaram-se da casa do meu pai ficaram com todas as coisas e puseram-me na rua. Mas o general que tomou conta da casa do meu pai em Grunewald, aparentemente, também me queria. O Manfred, este homem - Apontou para as fotografias com as mãos trêmulas, enquanto as lágrimas lhe rolavam pelo rosto - salvou-me das garras do general e de toda a gente. Manteve-me em segurança até a guerra acabar. - A voz ficou embargada. - Até a queda de Berlim, quando foi morto.

- Levantou então os olhos para Paul, mas ele continuava de semblante carregado.

- E foram amantes, tu e este nazi nojento?

- Não compreendes? Ele salvou-me! Isso não te importa? - Olhou-o durante um longo instante, a fúria a ferver.

- Importo-me que fosses a amante de um nazi.

- Então és doido. Mas sobreviviste, bolas! Sobreviviste!

- E gostavas dele? - A voz era frígida. Subitamente, ia mesma maneira que começara a amar Paul, detestava-o agora. Apetecia-lhe magoá-lo tanto quanto ele a estava a magoar.

- Gostava muito. Era meu marido e continuaria a sê-lo se não estivesse morto.

Ficaram a olhar um para o outro, subitamente conscientes de tudo o que fora dito e, quando Paul falou de novo, a voz era trêmula. Olhou e apontou para a barriga dela e depois levantou os olhos para ela.

- De quem é esse bebé?

Apetecia-lhe mentir, pelo bem da criança, mas já não podia fazer tal coisa.

- É do meu marido - respondeu. A voz tinha um tom forte e orgulhoso, como se Ariana fosse ressuscitar Manfred.

- Sou o teu marido, Ariana.

- É do Manfred - respondeu em voz baixa, tomando subitamente consciência do que fizera a Paul. Quando todo o impacto a atingiu, ela quase cambaleou. Obrigado - murmurou Paul. Depois, dando meia volta, saiu e bateu com a porta.

Capítulo 42

Na manhã seguinte, Ariana recebeu um maço de papéis do advogado de Paul. Ia ser notificada de que Mister Paul Liebman tinha intenção de intentar um ação de divórcio contra ela. Ia ser notificada formalmente de que quatro semanas depois do nascimento da criança teria de desocupar a casa, mas que entretanto poderia lá permanecer. Também continuaria a ter sustento durante esse breve período e, depois de sair, logo que o bebe, nascesse, ser-lhe-ia dada a soma de cinco mil dólares em cheque. não haveria nenhum subsidio para o bebe,, pois pelos vistos não era filho de Mister Liebman, nem para ela, dadas as circunstancias do seu breve e aparentemente fraudulento casamento.

Um carta no mesmo maço, do seu sogro, confirmava os acordos financeiros, e um nota da sogra censurava-a por os ter traído a todos. Como é que ela se atrevera a fazer-se passar por judia. Era, como Ariana sempre suspeitara que seria, a traição máxima, já para não falar no facto de ela estar grávida com um filho de um nazi. Além disso, proibiu Ariana de por o pé perto da casa na Quinta Avenida, e proibiu-a até de voltar a aproximar-se de qualquer um deles.

Ruth não teria qualquer pejo em chamar a Policia se descobrisse que Ariana tentara ver Deborah e Júlia.

Quando se sentou no apartamento a ler o que eles lhe haviam mandado, Ariana desejou desesperadamente ver Paul. Mas ele procurara refúgio junto dos pais e em nenhum s circunstancias atenderia as chamadas dela. Em vez disso, ele falava com ela através do seu advogado, chegaram a acordo, o processo foi arquivado, os Liebman calaram-na, e a vinte e quatro de Dezembro, pouco depois da meia-noite, Ariana entrou em trabalho de parto completamente só.

A sua jactância desvaneceu-se então, tal como, momentaneamente, a sua coragem. Ficou paralisada de medo - do desconhecido, e da sua solidão - mas conseguiu ir até ao médico e depois até ao hospital num táxi.

Doze horas depois, Ariana ainda estava no meio do trabalho de parto, quase desorientada com as dores. Assustada, fora de si, ainda chocada com o que acontecera com Paul e os Liebman, não se encontrava em condições de lidar com o que estava a acontecer, e gritava repetidamente por Manfred, até que finalmente lhe deram algo para as dores. As dez horas, na noite de Natal, o bebê, nasceu finalmente, de cesariana mas, apesar das dificuldades do trabalho de parto, nem a mãe nem o bebê, tiveram qualquer problema. Mostraram-no durante breves instantes a Ariana, um pequenino monte de pele enrugada com as mãos e os pés mais pequenos que ela algum vez vira.

Não se parecia com ela ou com Manfred, ou com Gerhard ou com o pai. não se parecia com ninguém.

- Que nome é que lhe vai dar? - perguntou-lhe a enfermeira em voz baixa, enquanto segurava a mão de Ariana.

- Não sei. - Estava tão cansada, e ele era tão frágil, que até se interrogou sobre se não haveria problema de ele ser tão pequeno. Mas, apesar das dores e da anestesia, ela ainda sentia um ardor de felicidade.

- É Natal, podia chamá-lo Noel.

- Noel? - Ariana pensou por instantes, sorrindo, ainda meio adormecida pelo efeito das drogas. - Noel? É um nome bonito. - E então, virando-se para onde imaginava o bebe,, soltou um calmo sorriso. - Noel von Tripp - disse para consigo, e adormeceu.

Capítulo 43

Exatamente quatro semanas depois do nascimento do bebê, Ariana estava no vestibulo principal com a última das suas malas. Conforme o estabelecido, ia desocupar o apartamento, e já tinha o bebe, bem aconchegado, no táxi. Iam para um hotel que um enfermeira no hospital lhe recomendara. Era confortável e barato, e a proprietária servia refeições. Com tão pouco tempo depois da cesariana, Ariana não devia andar em pé. Tentara um vez mais contatar Paul no escritório a e um vez mais o tentara apanhar em casa. Mas foi inútil. Ele não lhe falava. Acabara tudo. Ele enviara-lhe cinco mil dólares. A única coisa que ele queria agora eram as chaves dela.

Ariana fechou a porta devagarinho e, com as roupas dela e do bebê as fotografias de Manfred e o volume de Shakespeare com o compartimento para os anéis, iniciou a sua nova vida. Já devolvera o enorme anel de diamantes que Paul lhe oferecera e estava um vez mais a usar os anéis de Manfred. Fosse como fosse, estavam melhor nos seus dedos, e sabia agora que nunca mais voltaria a tirá-los. Seria Ariana von Tripp para sempre. Por prudência, tiraria o von, mas nunca trairia a sua antiga vida, nunca mentiria ou esconderia quem e o que era. Sofrera a as mãos dos nazis, embora soubesse melhor que ninguém que os nazis eram apenas um horda de homens, e na horda houvera homens bons. Nunca mais voltaria a trair Manfred.

Ele era o marido que ela lembraria com prazer para o resto da vida. Era o homem de que falaria ao filho. O homem que servira corajosamente o seu pais e ela a mulher que o amara até ao último momento. Falar-lhe-ia do avô e do querido Gerhard. Talvez até lhe contasse que casara com Paul, mas não tinha a certeza. Sabia que errara ao tentar enganá-lo, mas também pagara um bom preço por isso. Mas a baixou os olhos com um sorriso nos lábios para a criança adormecida a teria sempre o seu filho.

Capítulo 44

Quando Noel tinha dois meses de idade, Ariana respondera a um anúncio no jornal e arranjava um emprego numa livraria especializada em livros estrangeiros. Deixavam-na trazer o bebé, e pagavam-lhe um pequeno salário, com o qual ela e o filho conseguiriam sobreviver.

- Ariana a devias fazer isso. - A jovem olhava-a com um ar profundo, enquanto Ariana tentava não tirar os olhos de cima do filho que andava de um lado para o outro. Trabalhava na livraria há mais de um ano e Noel aprendera a andar cedo, e já estava fascinado com os livros de cores vivas empilhados nas prateleiras perto do chão.

- Acho que não quero nada deles, Mary.

- Está bem, mas não queres algo para o teu filho? Queres fazer este tipo de trabalho o resto da vida? - Ariana olhou-a, hesitante. - Não custa perguntar. E não vais pedir-lhes esmola, vais pedir aquilo que é teu.

- O que era meu. É diferente. Quando me vim embora, estava tudo nas mãos dos nazis.

- Vai, pelo menos, ao consulado e pergunta-lhes - Insistiu Mary; Ariana decidiu que talvez fosse perguntar no seu próximo dia de folga.

O governo alemão implementara um sistema em que as pessoas que tinham perdido bens e propriedades às mãos dos nazis poderiam agora pedir ao governo alguma compensação por essas perdas. Ela não tinha qualquer prova do que lhe pertencera, nem da casa de Grunewald nem do palacete de Manfred, o qual, por direito, seria seu.

Duas semanas mais tarde, num Quinta-feira, o seu dia de folga, Ariana empurrou o carrinho de Noel até ao consulado. Estava frio, um dia tempestuoso de Março, e estivera quase para não sair com receio de que pudesse nevar. Mas embrulhou o bebé, num cobertor felpudo e ultrapassou a impressionante porta de bronze.

- Bitte? Em que posso ajudá-la? - Por instantes, Ariana limitou-se a olhar. Há tanto tempo que não ouvia a sua própria língua, que não via um europeu, ou que não via coisas feitas da maneira oficial a que estava habituada, que por momentos a única coisa que conseguiu fazer foi olhar a sua volta com um ar atônito. Era como se de repente tivesse sido transportada até ao seu país. Lentamente, começou a responder e a explicar por que razão viera. E, para sua surpresa, foi tratada com o máximo respeito e cortesia, deram-lhe as informações que desejava e um monte de impressos para preencher, dizendo-lhe para voltar na semana seguinte. Quando voltou havia um

multidão de pessoas no trio. Tinha todos os impressos preenchidos no bolso, e a única coisa que tinha a fazer agora era esperar uma entrevista com um qualquer funcionário consular que processaria os dados. E depois, quem é que sabia quanto tempo é que tudo isso levaria?

Talvez anos, se conseguisse alguma coisa deles. Mas valia a pena tentar.

Enquanto estava no consulado, Noel a dormir no carrinho, Ariana não conseguiu resistir a fechar os olhos e a imaginar-se de novo em casa. Havia alemães por todo o lado, os sons da Baviera, de Munique, de Leipzig, de Frankfurt e depois o sotaque de Berlim. Soava-lhe tão doce e familiar, e ao mesmo tempo custava-lhe tanto ouvi-lo. Entre todas aquelas palavras, sotaques e ditos familiares, nem uma voz conhecida conseguiu ouvir. E então, de súbito, como se estivesse a sonhar, sentiu alguém a agarrar-lhe o braço, soltou um exclamação, conteve a respiração e, quando levantou os olhos, encarou com um par de olhos castanhos familiares. Eram olhos que ela vira antes em qualquer lugar a olhos que ela conhecia e que vira pela última vez apenas três anos antes.

- Oh, meu Deus! Oh, meu Deus!

Então, de súbito, estava a chorar. Era Max a Max Thomas e sem pensar, atirou-se nos braços dele. Durante aquilo que pareceram horas, ele abraçou-a com força, ao mesmo tempo que choravam e riam. Ele abraçou-a, beijou-a, pegou no bebé, e para ambos era um sonho que pensavam que nunca se tornaria realidade. E depois, comprimidos no corredor enquanto esperavam, ela contou-lhe do pai e do Gerhard e de como tinham perdido a casa. E depois falou-lhe calmamente de Manfred; já sem receio ou vergonha, contou a Max que o amara, que tinham casado e que Noel era filho dele. Mas descobriu rapidamente que, a exceção de Noel, ele sabia de tudo. Depois da guerra, vasculhara Berlim a procura dela e do pai.

- Procuraste-os depois da guerra, Ariana?

Ela hesitou um pouco e depois abanou a cabeça.

- Não sabia realmente como. O meu marido disse que estava seguro de que o meu pai estava morto. E depois contatei um amigo dele em Paris, um homem que dirigia uma organização de assistência a refugiados, antes de deixar a Europa. Seguiu todas as pistas possíveis em busca de qualquer pista deles, especialmente do Gerhard. - E murmurou baixinho: - Ele até tentou descobrir uma pista tua, mas não havia qualquer sinal teu ou do Gerhard. - E então, de súbito, sentiu todo o impacto do que acabara de dizer. Não havia sinais de Max e ele estava vivo. Seria que Gerhard também estava? Pareceu estupefacta por momentos e Max pôs-lhe delicadamente as mãos no rosto e abanou a cabeça. - Não. Eles desapareceram, Ariana. Eu sei. Também procurei. Depois da guerra voltei a Berlim, para tentar encontrar o teu pai e a - Estivera quase a dizer para te ver. Os homens do banco contaram o que aconteceu.

- O que é que eles te disseram?

- Que ele desapareceu. E praticamente toda a gente sabia que ele fora salvar Gerhard do alistamento. não existem absolutamente nenhuma s pistas nem do teu pai, nem do Gerhard. Um vez, na Suíça, um criada num hotel reconheceu-a, num fotografia que eu tinha dele, achava que era parecido com um rapaz que lá estivera há coisa de um ano, mas não tinha a certeza. Depois de olhar para a fotografia durante alguns momentos ficou segura de que não era o mesmo rapaz. Voltei para a Suíça e procurei-os durante três meses. - Respirou fundo e encostou-se a parede. - Acho que os guardas fronteiriços os apanharam, Ariana. É a única resposta que faz sentido. Se estivessem vivos, teriam voltado para Berlim. E nunca o fizeram. Tenho estado em contacto com o banco. - Ouvir isto da boca dele agora fez com que Ariana regressasse um vez mais a realidade. Se estivessem, vivos, teriam aparecido e, se Max se mantinha em contacto com o pessoal do banco em Berlim, então era seguro. Ouvir isto fazia com que a noticia parecesse novamente recente e sentiu um vez mais a dor destroçar-lhe o coração. Max pôs um braço a volta dos ombros e com a mão afagou-lhe os cabelos dourados. - É espantoso. Soube que vieste para os Estados Unidos, Ariana, mas nunca pensei que algum vez te voltaria a ver.

Ariana virou-se para ele, espantada.

- Sabias? Como?

- Eu contei-te, andei a procura de vocês os três. Era meu dever. Devo minha vida ao teu pai .

- Ficou, por momentos, com um ar arrapazado. - Nunca a me esqueci daquela noite a noite em que - baixou o tom de voz e te beijei. Lembras-te?

Ariana olhou para ele com um ar triste.

- Achas que eu me esqueceria?

- Podias ter-te esquecido. Foi há tanto tempo.

- Temos tido um vida muito atribulada. Mas lembras-te. Eu também. - E depois, ela lembrou-se de algo mais. Ainda queria conhecer todos os pormenores da história. Como é que soubeste que eu viria para os Estados Unidos.

- Não sei. Foi um palpite. Pensei que, se tivesses sobrevivido a queda de Berlim, não ficarias. Como mulher de um oficial alemão a Vês, eu sabia. - Max hesitou por instantes, os olhos pregados nos dela. - Foste forçada a casar?

Ariana abanou a cabeça. Iria passar a vida inteira a negar isso?

- Não, Max, não fui. Era um homem maravilhoso. Lembrou-se, de repente, de Mdebrand e do general Hitler a e de Von Rheinhardt e dos interrogatórios pérolas intermináveis a Voltar ali e escutar as inúmeras conversas em alemão a sua volta fê-la recordar-se de tudo. Mas voltou a centrar as suas atenções em Max.

- Ele salvou-me a vida, Max.

Instalou-se um longa pausa entre eles, e então ele puxou-a lentamente para entre os seus braços.

- Ouvi dizer que foi morto.

Ariana confirmou com um ligeiro e melancólico sinal com a cabeça.

- Por isso tentei várias possibilidades a e a França era um delas. Os Serviços da imigração em Paris têm um registo de te terem passado documentos de viagem temporários. Sei a data em que saíste de Paris. Segui a tua pista até ao Saint Marne.

Ariana estava sem palavras.

- O que é que te fez procurar com tanto afinho?

- Senti que estava em dívida para com o teu pai, Ariana. Contratei um detective para te procurar logo que cheguei a Berlim. E do teu pai e do Gerhard - hesitou, um ar pesaroso estampado no rosto - A não havia sinal. - Esboçou um ligeiro sorriso. - Mas tu, Liebchen, sabia que estavas viva e não quis desistir.

- Então por que razão é que desististe? Porque não procuraste aqui?

Certamente que Jean-Pierre te deve ter dito que vim para Nova Iorque. E disse. Sabes que morreu?

O Jean.-Pierre? Morto? - Ficou petrificada com a noticia.

- Morreu num acidente de viação fora de Paris. - Instalou-se um momento de silêncio entre eles e depois prosseguiu: - Deu-me o nome de algumas pessoas de Nova Jérsei. Escrevi-lhes e elas declararam que nunca te viram. Admitiram que tinham estado para ser os teus patronos, mas que haviam mudado de idéias.

Ariana recordou-se, a pouco e pouco, dos seus patronos de Nova Jérsei. Tinham-se varrido da sua vida enquanto estivera meio morta no hospital.

- Eles escreveram a dizer que não sabiam quem é que ficara como teu patrono a e também ninguém parecia saber - prosseguiu Max. - As pessoas que tomaram conta dos ficheiros do Saint Marne em Paris não faziam qualquer idéia. Só meses depois quando c cheguei é que alguém da Wornen's Relief Organization me falou dos Liebman. Mas, quando lá fui para falar com eles, as coisas ficaram confusas.

Ariana sentiu o coração a bater nervosamente ao ouvir o nome.

- Que disseram eles? - Ariana parecia estranhamente ansiosa.

- Disseram que também nunca te tinham visto e que não faziam nenhum idéia de onde estavas. Mistress Liebman disse que se lembrava do nome mas não tinha mais informações a dar-me.

Ariana conseguia imaginar Ruth a fazer isso. Estava tão zangada com Ariana que agora negaria tudo, especialmente o casamento dela com o filho. Ariana levantou lentamente os olhos até ficar a olhar para Max com um expressão que fazia transparecer que havia muito mais.

- Não encontrei qualquer sinal teu depois.

- Não faz mal, Max. - Ariana deu-lhe um leve toque no braço. - Encontrei-me, afinal de contas. - Hesitou por instantes e depois decidiu contar-lhe. Porque não? A Ruth Liebman mentiu-te. Fui casada com o filho dela. Max ficou espantado quando

Ariana lhe contou, e ela prosseguiu até lhe ter narrado tudo, sem esconder nada, e apareceram lágrimas nos olhos dele enquanto escutava. Sem se aperceber disso, Max pegou na mão de Ariana e apertou-a com força, enquanto ela lhe contava a história do princípio ao fim.

- E agora?

- Estou a espera do divórcio. A audiência final ser em julho.

- Desculpa, Ariana. Que mais posso dizer?

- A culpa foi minha. não devia ter feito aquilo da forma que fiz, mas fui estúpida.

Só lamento porque os perdi a todos, e eram pessoas muito especiais.

A Ruth salvou a minha vida e a do Noel.

- Talvez um dia mudem de idéias.

- Duvido.

- E o pequenito? - Max sorriu, pensativo, lembrando-se dos seus próprios filhos da mesma idade. - Qual é o nome dele?

- Noel. - Ariana retribuiu o sorriso de Max. - Nasceu no Natal.

- Que bela prenda! - E depois, com um terno olhar para Ariana: - Estava alguém contigo?

Ela abanou lentamente a cabeça.. - Lamento, Ariana.

Contudo, ela lamentava todos eles. A distância que tinham percorrido, e o quanto tinham perdido nos últimos anos. Só ela parecia estar feliz ao olhar em volta para as pessoas que esperavam para fazer as suas reivindicações a Ela tinha Noel, o seu tesouro, e ele valia mais que tudo.

- E tu? - Enquanto esperavam nos corredores do consulado, ele contou-lhe que os quadros do pai o tinham mantido vivo durante a guerra, e não só lhe deram para comer como para entrar na faculdade de Direito para tirar o curso de advocacia logo que chegou aos Estados Unidos.

Permanecera na Suíça até ao fim da guerra, a fazer pequenos trabalhos, sem ganhar o suficiente, a espera, até ao dia da vitória, altura em que vendera finalmente o último dos quadros, e pouco depois partira para os Estados Unidos, e isso fora dois anos atrás.

E agora, finalmente, ele era um vez mais oficialmente advogado, que fora a razão da sua vinda ali. Queria fazer a sua reivindicação de bens e depois fazer um acordo com o consulado para tratar de muitas das reivindicações que iam chegar em catadupa. Esperava que o consulado o recomendasse, um vez que era diplomado na Alemanha e nos Estados Unidos.

- Não me faz rico, mas é um meio de subsistência. E tu? Ficaste com algum coisa, Ariana?

- A pele, algumas peças de joalharia e as fotografias do Manfred.

Max meneou ligeiramente a cabeça, lembrando-se de tudo o que outrora tivera, o

esplendor da casa do pai. Parecia incrível que tivessem chegado até ali e que não restasse nada desse mundo. Só recordações, jóias, souvenirs e sonhos.

Para Max eram recordações a que não suportaria regressar.

- Pensas em voltar, Ariana?

- Nem por isso. não tenho mais lá do que tenho aqui. não tenho ninguém a exceção do Noel, agora. E aqui ele vai ter uma boa vida.

- Espero que sim. - Max lançou-lhe um sorriso afável.

LIVRO QUATRO - NOEL

Capítulo 45

A cerimônia teve lugar num manhã solarenga, no Harvard Yard, entre a Widener Library e a Apleton Chapel. havia um mar de rostos jovens e radiosos, de corpos altos e magros, de borla e batina, a espera de receber os diplomas por que porfiavam há tanto tempo. Ariana observava-os, com um vago sorriso, enquanto Max estava sentado a seu lado, na estreita cadeira dobrável, segurando-lhe a mão e reparando em como a enorme esmeralda do anel que ela agora usava constantemente brilhava ao sol.

- Não o achas elegante, Max? - Ariana inclinou-se ligeiramente para o distinto cavaleiro de cabelos brancos em que ele se tornara, e Max deu-lhe um palmadinha na mão e sorriu.

- Como é que podes dizer isso, Ariana? Eu Nem sequer sei qual deles é que ,.- Algumas pessoas não têm respeito nenhum - murmuraram um para o outro, como duas crianças, os olhos ainda com um ar de riso. Ele era o constante companheiro de Ariana há quase vinte e cinco anos, e ainda gostavam da companhia um do outro ao fim de todo esse tempo.

Ariana levantou os olhos para ele com um sorriso, a sua beleza dourada ainda não se desvanecera e estava apenas um pouco mais discreta com o tempo. As feições ainda eram perfeitas, o cabelo de um dourado menos vivo, os olhos ainda enormes e do mesmo azul escuro. Max é que mudara bastante: ainda alto, magro, quase esgalgado, mas agora com um juba de cabelos brancos. Dezanove anos mais velho do que Ariana, já ultrapassara os sessenta e quatro.

- Oh, Max, Estou tão orgulhosa dele.

Desta vez Max pôs-lhe o braço nos ombros e fez um gesto afirmativo com a cabeça.

- E deves estar. É um bom homem. - E então, sorriu de novo. - E um bom advogado. Só é pena querer trabalhar para aquela empresa pomposa. Teria orgulho em ter um sócio como ele. - Mas embora a poética jurídica de Max em Nova Iorque tivesse aumentado para proporções consideráveis, era ainda relativamente pequena em comparação com a empresa que já fizera um proposta a Noel no verão anterior. Ele trabalhara para eles durante um verão, e apressaram-se a oferecer-lhe emprego logo que se formasse em Harvard. E agora esse momento chegara.

Ao meio-dia, tudo acabara, e ele voltou para abraçar a mãe fervorosamente e dar

um aperto de mãos a Max.

- Então vocês os dois ainda estão vivos? Receei que já estivessem esturricados do sol. - Os enormes olhos azuis dançavam enquanto ele olhava para a mãe, e ela sorria para o rosto que era exatamente o de Manfred, o que ainda a perturbava a as vezes. Tinha a estatura alta e magra do pai, os ombros largos, as mãos graciosas embora, estranhamente, de vez em quando,

houvesse um ar a um expressão a um vago traço de Gerhard, e ela continuava a sorrir enquanto olhava para Noel a Sim, eles continuavam a viver dentro do seu filho.

- Querido, foi um bonita cerimônia. E estamos ambos muito orgulhosos de ti.

- Também eu. - Noel inclinou os ombros largos para falar com ela baixinho, e ela fez-lhe um festa com a mão que usava o anel com sinete no dedo mindinho e o anel que Manfred lhe oferecera, que nunca tirara da mão desde que o filho nascera. Durante todos aqueles anos depois de Paul a deixar, nunca se desfizera dos anéis. Eles eram não só a sua última segurança mas também as únicas recordações do passado. Max ganhara-lhe o processo de restituição de bens, tanto pela casa de Grunewald e parte do seu recheio como pelo palacete de Manfred. A quantia não era um soma exorbitante, mas também não era irrisória, dera para investir bem e para proporcionar a Ariana e ao filho um importante fonte de receita, pelo menos até ao resto da vida de Ariana. Ela não precisava mais do que isso, pois os seus dias de glória pertenciam ao passado. Pode deixar a livraria. Comprou um pequena casa no East Side, investiu todo o dinheiro, e passava todos os momentos disponíveis a tratar do único filho.

Durante os primeiros anos, Max tentara convencê-la a casar-se, mas depois deixou de falar nisso. Nenhum deles queria mais filhos e, a sua maneira, ainda estavam demasiado ligados a aqueles que tinham amado no passado. Em vez disso, Max alugou um pequeno apartamento durante uns tempos, e depois, por insistência de Ariana, comprou um pequeno mas simpático andar em frente a casa dela. Iam a ópera, ao teatro, desapareciam ocasionalmente aos fins-de-semana, mas acabavam por ir cada um para o seu retiro particular. Durante muito tempo, Ariana fez isso por causa de Noel, mas acabou por tornar-se um hábito. Até mesmo durante os sete anos em que ele estivera em Harvard, Ariana passava grande parte do tempo na sua própria casa.

- Tens todo o direito para estar orgulhoso, querido. Ariana olhou para ele debaixo do chapéu de palha e ele interrogou-se por instantes, como Max fazia tantas vezes, se ela algum vez mostraria sinais de velhice. Ainda estava espetacularmente bonita como quando era moça. Noel abanava a cabeça e sorria.

- Não quis dizer que estava orgulhoso de mim - murmurou. - Quis dizer que estava orgulhoso de si. - Ariana riu-se, divertida, fez-lhe um festa no rosto, e enfiou o braço no de Max.

- Penso que não deves dizer coisas dessas a tua mãe, Noel.

- Certo. Além disso - Max sorriu para ambos - posso ficar ciumento. - Ambos

riram-se e Ariana pegou na mão do Max. - Então quando é que comesças a trabalhar, Noel?

- Um ova é que vou agora trabalhar, tio Max. está a brincar? Vou tirar umas férias!

Ariana voltou-se para olhar para ele com surpresa e prazer.

Vais? Para onde? - Ele ainda não lhe contara nada. Mas já era um homem.

Ela não estava a espera de partilhar todos os planos dele. Prudentemente, com a ajuda de Max, aprendera a dar-lhe liberdade aos poucos quando ele partira a primeira vez para Harvard, no Outono de 1963.

- Pensei ir para a Europa.

- A sério? - Ariana olhou para ele, espantada. Nas suas viagens juntos tinham ido até a Califórnia, ao Arizona, ao Grande Canyon, Nova Orleães, Nova Inglaterra a todo o lado, a exceção da Europa, porque nem Max nem ela tinham algum vez sido capazes de regressar. Qual o interesse de voltar a lugares antigos, ver as casas, os refúgios das pessoas que tinham partido mas não estavam ainda esquecidas? Max e ela haviam concordado há muito em nunca mais voltarem. - Para que lugar da Europa, Noel? - Por instantes, ficou pálida.

- Ainda não decidi. - E olhou então para ela com um olhar afável. - Mas farei provavelmente um paragem na Alemanha, mamãe. Tenho de a Quero a - Ela fez um ligeiro gesto de compreensão com a cabeça. - Consegue compreender?

Ariana levantou os olhos com um sorriso dócil para o filho que se tornara homem tão de repente.

- Sim querido, compreendo. - No entanto ficou surpreendida por isso a magoar. Desejara tanto dar-lhe tudo americano, criar um mundo onde não haveria lugar na sua vida para a Alemanha, onde o rapaz ficaria contente com o que tinha aqui, sem nunca querer regressar ao antigo mundo dela.

- Não fiques tão triste, Ariana. - Max olhou-a com um ar meigo, enquanto Noel lhes foi arranjar almoço. - Para ele, não é nenhum regresso. É simplesmente um visita para ver algo de que ouviu falar e leu. não tem todo esse significado que queres dar-lhe. Confia em mim. - Ariana levantou os olhos para ele e soltou um demorado sorriso. Talvez tenhas razão.

É um curiosidade saudável, acredita. Além disso, não é apenas o teu pais, Ariana, era também o pais do pai. - E ambos sabiam que para Noel isso era sagrado. Para Noel, Manfred fora sempre como que um deus. Ariana contara-lhe tudo acerca do pai, de como ele a salvara dos nazis, da bondade dele, do amor que nutriam um pelo outro. Ele vira as fotografias do pai fardado.

Nada lhe fora ocultado, nada fora poupado.

Max olhou para ela de novo e deu-lhe um palmadinha na mão, sob o sol quente da Califórnia.

- Fizeste um bom trabalho com ele, Arianas.

- Achas? - Arianas fitou-o com um ar travesso por baixo do chapéu.

- Acho.

- E tu não deste um mãozinha, pois não?

- Bem, só um pouco.

- Max Thomas, és um mentiroso. Ele é tanto teu filho como meu. - Durante um longo instante, Max não respondeu, e depois beijou-a ternamente no pescoço.

- Obrigado, minha querida.

Deram ambos um pulo, surpreendidos, quando Noel surgiu com dois tabuleiros e um largo sorriso.

- Estou a falar a sério: toda a gente saber que vocês não são casados se andarem por aí agarradinhos. - Os três riram-se e Arianas corou.

- A sério, Noel?

- Não olhe para mim dessa maneira, mamãe. não era eu que estava para aqui a comportar-me como um adolescente a e em plena luz do dia - Noel acentuou de novo o facto e riram-se os três. - É bom ver-vos tão felizes.

- Não está vamos sempre? - Arianas olhou para Max, surpreendida, e depois para o filho, que acenou afirmativamente com a cabeça.

- Sim, surpreendentemente, vocês os dois estavam sempre. Embora pense que agora isso seja bastante raro nas pessoas. - Noel sorriu de novo. E desta vez Arianas beijou Max calmamente.

- Talvez seja.

Os três começaram então a almoçar, e estava quase na hora do orador convidado falar, quando Noel se levantou de repente e acenou para um amiga. A batina ondeou durante alguns instantes, enquanto ele acenava, insistindo para que ela se aproximasse; depois sentou-se, com um largo sorriso nos lábios e um ar de vitória que partilhava com a mãe e Max.

- Ela já vem aí.

- Ela? - gracejou Max, e desta vez foi Noel que corou. Pouco depois, um jovem juntava-se-lhes. Noel levantou-se imediatamente. Ela era extraordinariamente alta e elegante, e morena, ao contrário de Noel. Os olhos eram enormes e verdes, cor de azeitona, e tinha um longo feixe de cabelos pretos, lisos e sedosos. As pernas eram compridas e finas, e Arianas reparou que usava sandálias.

- Max, mamãe, apresento-lhes a Tâmaras. - Foi um apresentação agradável. A moça sorriu, mostrando dentes impecáveis. - Tammy, a mamãe e o tio Max.

- Como estão? - Ela apertou as mãos delicadamente, o grande feixe de cabelos negros sobre os ombros, e depois perscrutou os olhos de Noel. Por momentos pareceu haver um espécie de segredo, um mensagem especial, um troca de olhares. E Max sorriu-lhes. Aquele tipo de olhar entre duas pessoas só significava um coisa.

- Também está na faculdade de Direito, Tâmara? Ariana olhou para ela delicadamente, tentando não sentir receio da presença desta moça na vida do filho. Mas ela incutia-lhe muito pouco receio; parecia ser um moça aberta e simpática.

- Estou, sim, Mistress Tripp.

- Sim, mas ela ainda é um advogada novata - gracejou Noel, enquanto tocava num madeixa de cabelos sedosos. - Um simples caloirá - disse, provocador, e os olhos dela faiscaram num misto de raiva e ternura.

- Ainda me faltam dois anos para acabar - Explicou ela a Max e Ariana. - Hoje o Noel está todo satisfeito consigo próprio. - Disse isto num tom como se existisse uma certa empatia entre eles. Como se Noel fosse mais dela do que deles. Ariana percebeu a mensagem e sorriu.

- Talvez estejamos todos um pouco impressionados com ele, Tâmara. A sua vez chegar. Vai continuar em Harvard?

- Penso que sim. - Mas houve de novo uma rápida troca de olhares entre os dois.

Noel tractou do assunto despreocupadamente e olhou de relance para Tâmara.- Vão vê-la em Nova Iorque noutra oportunidade. Se ela fizer os trabalhos de casa. Certo, pequerrucha?

- Oh! Olha quem fala! - De repente, enquanto olhavam para eles, divertidos, Ariana e Max viram-se esquecidos pelos jovens. - Quem é que te acabou a tua última dissertação? Quem é que fez todo o trabalho de dactilografia nos últimos seis meses? - Mas ambos desataram a rir e ele apressou-se a por um dedo nos lábios.

- Chiu, é segredo, por amor de Deus, Tammy! Queres que eles me tirem o diploma?

- Não. - Tâmara soltou um sorriso irónico. - Só quero que eles me deem, para também poder sair daqui. Mas naquele momento, o orador convidado estava pronto para iniciar o discurso; Noel mandou calar Tâmara, que deu novos apertos de mãos a Max e a Ariana, e depois desapareceu para se ir juntar aos seus amigos.

- É uma moça muito bonita - murmurou Max para Noel com um sorriso. - Uma beleza admirável, de facto.

Noel fez um gesto de concordância com a cabeça.

- E um dia ser uma advogada bestial. - Noel olhou para ela, ao longe, com um ar de admiração, e Ariana, enquanto olhava para o filho, tão jovem, tão alto, tão louro, sentou-se e sorriu.

Capítulo 46

Nessa noite, jantaram no Locke Ober's, mas estavam os três exaustos, e o assunto da Tâmara não voltou de novo a baila. Max e Noel falavam de direito, enquanto Ariana de ouvido meio a escuta observava as pessoas, e pensou um ou duas vezes na moça. Por algum Razão, ela tinha a impressão de já a ter visto, mas interrogava-se se isso não era por Noel ter uma fotografia dela no apartamento de Nova Iorque. De qualquer modo, era algo que não lhe parecia muito importante. Por mais apaixonados que parecessem estar, os seus caminhos iam agora tomar direções muito diferentes.

- Não achas, Ariana? - Max olhou para ela de sobrolho franzido e depois sorriu ironicamente. - A namoriscar com os mais jovens, querida?

- Oh, meu Deus, ele apanhou-me. Desculpa, querido. O que é que disseste?

- Perguntei-te se não achavas que ele devia preferir a Baviera a Floresta Negra.

O rosto de Ariana anuviou-se com a pergunta.

- Talvez. Mas francamente, Noel, acho que devias ir a Itália.

- Porquê? - Noel olhou-a com ar resoluto. - Porque não a Alemanha? De que tem medo, mamãe? - No fundo, Max estava contente por o rapaz ter a coragem de encarar frontalmente o assunto.

- Não tenho medo de nada. não sejas tonto.

- Tem, sim senhora.

Ariana hesitou durante um longo instante, olhou para Max, depois baixou os olhos. Os três tinham sido sempre tão sinceros uns com os outros, mas agora, de repente, magoava-a dizer o que estava a pensar.

- Receio que se lá fores, encontres um pouco de ti que pertence. Sentir-tes em casa.

- E depois? Pensa que vou lá ficar? - Noel sorria ternamente para a mãe e, sem dizer palavra, pegou-lhe na mão.

Talvez - murmurou Ariana. - Não sei efetivamente do que tenho medo, só que a sai de lá há tanto tempo, e eram tempos tão horríveis. Só consigo pensar no que perdi a nas pessoas que amava.

- Mas não acha que eu também tenho o direito de saber algo mais acerca delas? Ver o país onde elas viveram. Onde a senhora viveu em criança. Ver a casa onde viveu com o seu pai, onde o meu pai viveu com os pais. Por que razão é que não posso ver isso, só para saber que ali está algures, um bocado de mim, assim como um parte de si?

Instalou-se um longo silêncio a mesa e Max falou primeiro.

- O rapaz tem razão, Ariana. Ele tem esse direito. E depois olhou para Noel. - É

um pais bonito, filho. Sempre foi e Estou certo de que sempre ser. E talvez um das razões por que não voltamos é porque ainda o amamos muito e magoa-nos imenso sabermos o que aconteceu.

- Compreendo, Max. - Noel olhou então para a mãe com ternura e compaixão. - A mim não me pode magoar, mamãe, nunca o conheci como era. Só lá vou visitá-lo, mais nada, e depois volto para junto de si, para o meu pais, um pouco mais rico por aquilo que sei de si e de mim.

Ariana olhou para os dois e murmurou:

- Com tanta eloquência, deviam ser advogados. - E os três riram baixinho, acabaram de tomar o café, e Max fez sinal para lhe trazerem a conta. O plano de Noel era partir do Aeroporto Kennedy daí a duas semanas, e planeava ficar na Europa durante cerca de seis semanas. Queria estar de volta a Nova Iorque em meados de Agosto, para ter tempo de encontrar um

apartamento e começar a trabalhar no dia um de Setembro.

As semanas antes de partir para a Europa foram frenéticas. Tinha amigos que queria ver, festas para ir, e quase diariamente sentava-se com Max a analisar o itinerário da viagem. A viagem ainda aborrecia Ariana, mas conformou-se. E achava graça a constante correria de Noel de um lado para o outro. Ela achava, ao vê-lo partir com uns amigos um noite, que em vinte anos os jovens não haviam mudado muito.

- Em que estavas a pensar? - Max vira o lampejo da nostalgia no olhar dela.

- No facto de nada mudar. - Ariana sorriu ternamente para o seu amado.

- Achas? Eu estava a pensar que as coisas mudam. Mas talvez seja porque sou quase vinte anos mais velho do que tu.

Recordaram-se ambos dos aposentos desertos da mãe na casa de Grunewald, quando ele a beijou pela primeira vez, enquanto se escondia dos nazis. Os olhos de Max perguntaram-lhe se ela se lembrava.

Ariana fez um lento gesto afirmativo com a cabeça.

- Sim, lembro-me.

Max retribuiu-lhe o sorriso.

- Disse-te então que te amava. E amava, como sabes.

Ariana beijou-o ternamente na face.

- Também te amava, só eu sei quanto. - E sorriu para os olhos castanho vivos.

- Foste o primeiro homem que algum vez beijei.

- E agora espero ser o último. Em qualquer caso, ainda vais chegar pelo menos aos cem anos.

- Estou a contar com isso, Max. - Sorriram um para o outro durante um longo instante e então, deliberadamente, Max pegou-lhe na mão, o pesado anel de esmeralda como sempre no dedo.

- Tenho um coisa para te dizer, Ariana a ou melhor, um coisa que gostaria de

perguntar.

Ela percebeu de imediato. Seria possível? Isso ainda importaria depois desses anos todos?

- Sim, é muito importante. Para mim. Ariana, queres casar comigo? - Max fez a pergunta num tom terno e com um expressão de amor e súplica no olhar.

Por instantes, ela não respondeu, e depois olhou para ele com a cabeça inclinada para o lado.

- Max, Porquê agora, meu amor? Faz assim tanta diferença?

- A mim, faz. O Noel vai partir já, um homem, Ariana. Quando voltar da Europa, vai mudar-se para o seu próprio apartamento. E nós? Mantemos as aparências, como sempre? Porquê? Por causa do meu porteiro e da tua criada?

Porque não vendes a tua casa, ou eu o apartamento, e casamo-nos? É a nossa vez. Devotaste vinte e cinco anos a Noel. Agora devotemos os próximos vinte e cinco anos a nós. Ariana apenas conseguiu sorrir perante a argumentação de Max. Ela sabia que, de algum modo, ele tinha razão, e gostava da idéia. - Mas temos de casar para isso?

Max soltou um largo sorriso.

- Não queres ter um ar respeitável na tua idade?

- Mas, Max, só tenho quarenta e seis anos. - Ela sorrira-lhe, e ele sabia que finalmente a conquistara. E beijou-a um vez mais, vinte e oito anos depois da primeira vez.

Contaram a Noel na manhã seguinte, e ele ficou encantado. Beijou a mãe, e desta vez beijou também Max.

- Agora, é melhor ir-me embora. E especialmente é melhor mudar-me em setembro. vão ficar com a casa, mamãe?

- Ainda não discutimos o assunto. - Ainda estava um pouco atrapalhada com a decisão. E Noel sorriu quando Max a beijou novamente na face.

- Nem todos os casais se casam para celebrar as bodas de prata.

- Noel! - Ariana ainda achava um pouco esquisito casar-se com a sua idade. O casamento, para Ariana, era um coisa que se fazia aos vinte e dois, vinte e cinco anos, não duas décadas mais tarde, com um filho que era já um homem.

- Então quando é O Casamento?

Max respondeu por ela.

- Ainda não decidimos. Mas esperaremos até voltares.

- Espero que sim. Bom, vamos comemorar? - Parecia que aquilo era a única coisa que eles faziam há semanas desde que Noel saíra de Harvard, e ele ia para a Europa no dia seguinte.

Max levou-os a jantar ao Cte Basque nessa noite. Foi um refeição sumptuosa e um ocasião maravilhosa. Comemoraram o vôo de Noel até ao passado e a aventura deles em direção ao futuro e, como sempre, Ariana derramou algumas lágrimas.

Paris correspondeu a todas as suas expectativas. Visitou a Torre Eiffel, o Louvre, parou num café, leu o jornal, escreveu um postal para casa, endereçando-o aos queridos noivos o assinando-o com o fosso filho.

Nessa noite, antes do jantar, telefonou a um amiga de Tammy a quem prometera telefonar, Brigitte Goddard, filha do conhecido negociante de arte e proprietário da Galeria Gerard Goddard. Noel conhecera Brigitte superficialmente durante a breve passagem dela por Harvard, mas ela e Tammy tornaram-se grandes amigas. Era uma moça intrigante com uma família esquisita, uma mãe que detestava, um pai que estava obcecado com o passado, e um irmão que ela dizia, rindo, ser louco. Estava sempre a gozar e a cabriolar. Era bonita e engraçada.

No entanto, também havia algo trágico nela, como se faltasse alguma coisa. E quando Noel a inquiriu acerca disso um vez, ela respondeu: Tens razão. Falta-me a família, Noel. O meu pai vive no seu próprio mundo. Nenhum de nós importa para ele a só a o passado a os outros a as pessoas que ele perdeu noutro período da vida a Nós, os vivos a não contamos. Para ele, não. Depois dissera algo cínico e engraçado, mas ele nunca se esquecera da expressão no olhar: era uma expressão de mágoa, perda e desolação, para além da idade. E agora Noel queria vê-la, e ficou amargamente desiludido quando soube que ela estava fora da cidade.

Como consolação decidiu ir jantar fora, com uns copos no La Tour d'Argent e jantar no Maxim's. Prometera a si próprio que faria isso antes de abandonar Paris, e agora não seria possível ir com Brigitte. Mas agora tinha mais que tempo para o jantar de luxo, e deleitou-se com ele, enquanto observava as elegantes mulheres francesas acompanhadas de homens de aspecto bastante imponente. Reparou em como os estilos ali eram diferentes, e as pessoas pareciam muito mais cosmopolitas. Gostava da beleza das mulheres, do modo como andavam, do modo como se vestiam, do modo como arranjavam o cabelo. Faziam-lhe lembrar, de certa forma, a sua mãe. havia uma perfeita elegância no modo como se arranjavam que era agradável a vista, um toque extra, algo subtil mas sexy, como uma flor escondida num jardim; não agredia os sentidos, mas sentia-se imediatamente a sua presença. Noel gostava da subtileza destas mulheres; despertava nele algo que não sabia existir dentro de si.

Na manhã seguinte, partiu para Orly muito cedo, apanhou o voo para Berlim e aterrou no Aeroporto de Tempelhof, o coração a bater de excitação e expectativa. não era a sensação de regresso a casa, mas de descoberta, de encontrar as respostas para os segredos há muito guardados, de descobrir as pessoas há muito desaparecidas, onde tinham estado, onde tinham vivido, o que tinham sido e o que significavam uns para os outros. De qualquer modo, Noel sabia que as respostas estavam todas ali.

Deixou as suas coisas no Hotel Kempinski, onde reservara um quarto, e quando saiu do trio ficou a olhar para a Kurfürstendamm durante bastante tempo. Era esta a avenida de que Max lhe falara, onde escritores, artistas e intelectuais se reuniam há

décadas. · sua volta, via cafés e lojas, e um considerável número de pessoas a passear de braço dado. havia um

sentimento festivo ao seu redor, como se tivessem estado todos a sua espera. Com um mapa e um carro alugado partiu vagarosamente. já vira os restos da Igreja de Maria Regina onde ele sabia que os pais se tinham casado. O que restava dela ainda ali se encontrava, a apontar em vão para o céu. Lembrou-se da descrição da mãe de quando a bombardearam, e agora as ruínas não eram mais do que um lembrança de um outra época. Na maior parte de Berlim não se vislumbravam quaisquer cicatrizes, os estragos tinham sido todos reparados, mas aqui e ali havia partes de estruturas de edifícios, monumentos a essa época conturbada. Passou lentamente pela Estação de Anhalter, que também estava em ruínas, continuou até ao salão Filarmônico, depois atravessou o Tiergarten até a Coluna da Vitória, que se encontrava na mesma posição de sempre, e ao Palácio de Bellevue, um pouco mais adiante, que era tão bonito como Max lhe dissera. Então, mais a frente, deteve-se de súbito. Ali estava ele, resplandecente, o Reichstag, que fora o quartel-general nazi, situado naquela que agora chamavam strasse des 17 Tury, o edifício onde o seu pai morrera a defendê-lo. A volta de Noel, outros turistas olhavam o edifício em silenciosa reverência.

Para Noel, este não era nenhum monumento aos nazis; não tinha nada a ver com a história, nem com a política, nem com o homenzinho de bigode que tivera o desejo insaciável de controlar o mundo. Tinha a ver sim com um homem que Noel sempre achara ter muitas semelhanças consigo, o homem que amara a mãe, e que ele nunca conhecera. Lembrou-se da descrição da mãe dessa manhã a as explosões, os soldados, os refugiados, a destruição das bombas a e depois encontrara o seu pai morto. Enquanto contemplava o edifício, um silencioso fio de lágrimas escorreu-lhe pelo rosto. Chorava por ele próprio e por Ariana, sentindo a dor que ela sentira, a olhar para o rosto sem vida do pai, que jazia sobre um pilha de corpos, na rua esventrada. Como conseguira ela sobreviver a tudo isso?

Noel afastou-se calmamente do Reichstag, e foi então que vislumbrou o Muro pela primeira vez; sólido, intransigente, determinado, estendendo-se por Berlim, até um dos flancos do Reichstag, atravessando a Porta de Brandenburgo, transformando a outrora florescente Unter den Liden num beco.

Olhou-o em interessado silêncio, curioso por saber o que estava do outro lado. Isto era algo por que Max e a mãe nunca tinham passado: o Muro que deixara um Berlim dividida. Mais tarde, iria, para ver a Igreja de Santa Maria, a Câmara Municipal e a Catedral. Supunha que houvesse muitas ruínas intactas aí. Mas primeiro havia outros lugares que queria visitar, lugares que viera ver.

Com o mapa no banco do Volkswagen que alugara, Noel deixou o coração da cidade, contornou o estádio olímpico e dirigiu-se para Charlottenburg, onde parou, por instantes, junto ao lago, e olhou para o palácio. E embora pudesse não saber, este foi

exatamente o sitio onde trinta e cinco anos antes a sua avó Kassandra von Gotthard se encontrara com o homem que amara, Dolff Sterne.

De Charlottenburg partiu para Spandau, e ficou fascinado ao ver a notável cidadela, e saiu do carro para examinar as famosas portas. Ai, os capacetes de inúmeras guerras estavam esculpidos em grande pormenor, desde a Idade Média até ao último painel, que tinha a inscrição 1939. A prisão albergava apenas um prisioneiro, Rudolf Hess, cuja vigilância custava ao governo da cidade mais de quatrocentos mil dólares por ano. E de Spandau foi até Grunewald, ao longo do lago, observando todas as casas, e procurando o endereço que Max lhe dera.

Estivera para pedir a mãe mas, quando a altura chegou, não se atreveu. Max dera-lhe as instruções e falara-lhe, em poucas palavras, da beleza da casa, e contara-lhe um vez mais a história de como o avô de Noel lhe salvara a vida quando ele ia fugir do país, de como cortara as duas telas de valor inestimável que estavam penduradas na parede, as enrolou e as ofereceu ao seu amigo.

Noel ainda pensou que não conseguia dar com a casa, mas então, de súbito, viu os portões. De acordo com a descrição de Max, não estavam muito diferentes e, quando saiu do carro e espreitou lá para dentro, um jardineiro acenou-lhe.

- Bitte? - O alemão de Noel estava muito enferrujado. Sabia apenas o que aprendera em Harvard em três semestres vários anos atrás. Mas, de qualquer forma, conseguiu explicar ao velhote que tratava dos jardins que há muito tempo esta fora a casa do seu avô.

- Já? - O homem olhou-o com interesse.

- Já. Walmar von Gotthard - disse Noel, orgulhoso, e o homem sorriu e encolheu os ombros. Nunca ouvira o nome. Apareceu um velhota, incitando o velhote para se apressar, a senhora voltaria da viagem na noite seguinte.

Com um sorriso nos lábios, o velhote explicou a mulher por que razão é que Noel viera ali e, depois de o fitar com um ar desconfiado, olhou de novo para o velhote. Ao principio, a mulher hesitou, mas após alguns instantes, fez um relutante sinal de aquiescência com a cabeça e fez um gesto na direção de Noel. Este olhou para o homem com um ar interrogador, sem saber ao certo se o tinha percebido.

Mas o velhote estava a sorrir quando pegou no braço de Noel.

- Dentro de casa?

- Sim. - O velhote soltou um sorriso afável. Ele compreendeu. Era bom que este jovem americano ficasse a gostar do país do avô para voltar. Tantos que se tinham esquecido donde provinham. Tantos que não sabiam nada do que acontecera antes da guerra. Mas este parecia diferente, e o velhote gostava disso.

Havia alguns aspectos da casa que eram muito diferentes daquilo que ele esperara, outros correspondiam exatamente a as lembranças de Ariana de quando era criança, lembranças que ela partilhara com ele constantemente ao longo dos anos. O

terceiro piso, onde ela vivera com a ama e o irmão, ainda estava conforme ela o descrevera. A enorme sala que fora o quarto de brinquedos deles, os dois quartos, a vasta casa de banho que as crianças haviam partilhado. Agora estava tudo transformado em quartos de hóspedes, mas Noel ainda conseguia ver o sítio onde a mãe vivera. No piso inferior parecia ter havido grandes mudanças. Parecia haver muitos quartos mais pequenos, salas de estar, bibliotecas, um sala de costura e um pequeno quarto cheio de brinquedos. A casa fora obviamente remodelada, e poucos vestígios existiam do passado. O rés-do-chão continuava magnificente e algo abafado. Noel imaginou o avô a presidir a enorme mesa da sala de jantar.

Imaginou fugazmente um general nazi a cabriolar ali com as suas meninas, mas tirou rapidamente a imagem da cabeça.

Agradeceu fervorosamente ao casal idoso antes de os deixar, e tirou um fotografia da casa desde o sitio onde deixara o carro. Talvez conseguisse que Tammy fizesse um esboço a partir da fotografia, e poderia oferecê-lo a mãe. A idéia agradava-lhe, enquanto se dirigia para o cemitério de Grunewald, onde levou muito tempo a encontrar o talhão da família. Mas ali estavam eles, as tias e os tios, os avós; todos com nomes e histórias que ele não conhecia. O único nome que lhe era familiar era o da sua avó Cassandra von Gotthard.

Comoveu-o o facto de ela ter apenas trinta anos e ficou curioso por saber como, que ela morrera. Havia coisas que a mãe ainda não lhe contara, coisas que ele não precisava de saber. Tal como a verdade acerca do suicídio da mãe dela, que fora sempre algo que perturbara bastante Ariana. E o facto de ter sido casada durante um curto período de tempo com Paul Liebman. Também achava que Noel não precisava de saber disso. Na altura em que ele tinha idade suficiente para compreender as coisas, ela e Max resolveram que isso era um capítulo encerrado na vida dela, que o filho não precisava de conhecer. Noel vagueou lentamente pelo cemitério, passando o olhar pelas verdejantes campas, depois voltou para o carro e partiu em direção de Wannsee, mas desta, vez não teve sorte. A casa cujo endereço ele ainda se lembrava vagamente das histórias da mãe, já não existia. Em seu lugar havia fiadas de edifícios modernos. A casa onde ela vivera com Manfred desaparecera. Noel permaneceu em Berlim durante mais três dias, voltando um vez mais a Grunewald e a Wannsee, mas passando a maior parte do tempo do outro lado do Muro. A parte oriental de Berlim fascinava Noel: que diferentes eram as pessoas, que ridos os seus rostos, que desolação as suas lojas! Era o seu primeiro e único contacto com o comunismo, e isto era muito mais autêntico para ele do que os desvanecidos fantasmas dos nazis, que alguns ainda tentavam manter vivos.

Depois de Berlim, Noel foi até Dresden, e foi aos poucos locais que conhecia. Estava interessado sobretudo no palacete pelo qual a mãe fora indemnizada. Só sabia que agora ele era usado como pequeno museu rural com visitas esporádicas. No dia

em que lá foi, estava deserto, protegido por um guarda adormecido. Estava escuro e tinha um ar algo lúgubre, o mobiliário era escasso, a maior parte havia sido retirada, dizia um placa, durante a guerra. Mas ali, tal como acontecera em Grunewald, podia tocar nas mesmas paredes que o seu pai tocara enquanto rapaz. Era um sensação estranha e emocionante olhar pelas mesmas janelas, estar nas mesmas portas, tocar nas mesmas maçanetas das portas, respirar o mesmo ar. Esta podia ter sido a casa da sua juventude, senão tivesse vivido na Rua 77 da zona oriental em Nova Iorque. E, quando saiu, o guarda sorriu-lhe da cadeira onde estava a vigiar.

- Auf Wiedersehen.

Sem pensar, Noel sorriu-lhe e murmurou:

- Adeus.

Contudo, em vez de estar deprimido por causa das suas visitas, ele sentia-se finalmente livre. Livre das perguntas, dos lugares vazios que eles tinham visto e ele não. Agora também os vira todos. Vira-os como eram agora, como parte do presente, como parte da sua época, não da deles, não como tinham sido. Agora faziam parte da sua vida, e sentia que os compreendia, e agora sentia-se mais livre para ser ele próprio. Tinha o tempo de que precisava para perspectivar o passado, para compreender ainda melhor a sua mãe, aquilo que ela suportou, a força que ela tinha. Prometeu que faria tudo o que pudesse para que ela tivesse orgulho nele até ao resto da vida.

Saiu do avião no Aeroporto Kennedy com um ar descontraído e feliz, e durante um longo instante abraçou fogosamente a mãe. não importava o que vira, nem o que isso significara para si, mas de um coisa ele não tinha dúvidas: a sua casa era ali.

Capítulo 47

- Bem, pessoal, quando é o casamento? - No regresso, Noel arranjara o seu próprio apartamento, com vista para East River e localizado perto de um série de simpáticos bares de bairro. Ainda gostava de ir beber um copo com os seus colegas de faculdade, e a sua hora de recreio ainda não acabara, mesmo com o primeiro emprego. Mas ainda não tinha vinte e seis anos, e Max e Ariana sabiam que ele tinha tempo de assentar. - Já marcaram a data? - Era o primeiro jantar que partilhavam desde que ele se mudara, e o roupão de banho de Max aparecia com mais regularidade atrás da porta do quarto de Ariana.

- Bem. - Ariana sorriu para Max e depois para Noel. - Está vamos a pensar por altura do Natal. O que é que achas?

- Maravilhoso. Pode ser antes dos meus anos. - E depois sorriu, envergonhado.

- Vai ser um boda grande?

- Não, com certeza que não. - Ariana abanou a cabeça, a rir. - Com a nossa idade, não. Só alguns amigos. Mas ao dizer isto, os olhos ficaram com um ar distante. Pela terceira vez na vida, ia-se casar, e a lembrança da família perdida trespassou-lhe o coração e o espírito. Noel olhou para ela e pareceu sentir os seus pensamentos. Desde a sua viagem para a Europa estavam

ainda mais unidos que antes. Era como se ele agora soubesse. Raramente falavam disso, mas o novo elo de união existia.

- Estava a pensar se podia trazer um amiga ao casamento, mamãe. não se importa?

- Com certeza que não, querido. - Ariana sorriu de imediato. - Alguém que eu conheço?

- Sim. Conheceu-a na minha festa de final de curso. Lembra-se da Tammy? -

Noel tentava manter desesperadamente um ar despreocupado, mas em vez disso ficou tão nervoso que Max não conseguiu conter um gargalhada.

- A encantadora Rapunzel de longos cabelos negros, se não me engano. Tâmara, não é?

- Sim. - Ficou agradecido a Max e a mãe sorriu.

- Também me lembro dela. A jovem estudante de Direito que estava a acabar apenas o primeiro ano.

- Certo. Ela vem ver os pais no Natal, e pensei a quero dizer a ela gostaria de ir ao casamento.

- Com certeza, Noel. Com certeza. - Max deu-lhe um mão mudando rapidamente

de assunto, mas a expressão no rosto de Noel não escapara a Ariana. Nessa noite, ela virou-se para Max antes de irem para a cama.

- Achas que ele está a falar a sério? - Ariana estava com um ar preocupado, e Max sorriu-lhe afavelmente e sentaram-se na beira da cama.

- É possível, mas duvido. Penso que ainda não está preparado para assentar.

- Espero que não. Ainda nem sequer tem vinte e seis anos.

Max Thomas soltou um largo sorriso para a mulher que ia desposar em breve.

- E que idade tinhas quando casaste?

- Era diferente, Max. Podia só ter vinte anos, mas eram tempos de guerra.

- Achas mesmo que terias ficado solteira até aos vinte e seis se não tivesse havido guerra? Pelo contrário, penso que terias casado num abrir e fechar de olhos.

- Oh, Max, isso era outro mundo. Outra vida! - Durante um longo instante não disseram palavra e depois, calmamente, chegou-se para junto dele na cama e abraçou-o. Precisava dele agora, para afastar as recordações e a dor. E ele também o sabia.

- Diz-me, Ariana, depois de todos estes anos, aceitas o meu nome?

Ariana olhou-o, perplexa.

- Com certeza. Por que razão é que não haveria de aceitar?

- Não sei. - Max encolheu os ombros.- Nos dias que correm as mulheres são tão independentes. Pensei que talvez preferisses ficar Ariana Tripp.

- Prefiro ser tua mulher, Max, e ser Mistress Thomas. - Soltou então um prolongado sorriso. - Já não era sem tempo.

- Aquilo que eu gosto em ti, Ariana - disse Max num tom afável, enquanto as mãos acariciavam o corpo dela por baixo dos lençóis -, é que tomas decisões rápidas. Só demoraste vinte e cinco anos.

Ariana riu-se baixinho. O riso cristalino não mudara desde que era moça, nem a paixão com que o recebia, espantada, como sempre, com o desejo ardente com que ele a tomava nos braços, a abraçava e a enchia de amor.

Capítulo 48

- E tu, Maximilian, aceitas esta mulher como a cerimônia foi breve e encantadora, e Noel observou-os com lágrimas nos olhos, grato por, alto como era, poucas pessoas conseguirem reparar que as pestanas estavam úmidas. -

Pode beijar a noiva. - Beijaram-se durante um longo instante, saboreando obviamente o momento mais do que deviam. Os amigos que haviam convidado riram a socapa, Noel deu um palmadinha no ombro de Max e sorriu.

- Vá , vocês os dois, acabem lá com isso. A lua-de-mel é em Itália. Isto é apenas a recepção. - Max virou-se para ele com um largo e divertido sorriso, e Ariana sorriu também e compôs o cabelo.

Tinham resolvido realizar o casamento e a recepção no Carly e ficava perto de casa e havia um sala disponível que era mesmo a medida. Acabaram por convidar quase quarenta pessoas para a cerimônia e um almoço formal, e um pequeno quarteto estava já a tocar para aqueles que queriam dançar.- Posso, mamãe? Penso que a primeira dança deve ser entre a noiva e o pai, mas talvez aceite esta moderna variação no tema.

- Teria imenso gosto. - Noel fez um ligeira vênia, ela deu-lhe o braço e apressaram-se para dançar um graciosa valsa. Ele dançava impecavelmente como o pai, e Ariana interrogava-se se isso não estaria nos genes. O rapaz tinha um fluidez e um graça de movimentos que era irresistível para qualquer mulher que o estivesse a observar a evoluir lentamente pela sala. Quando olhou com ar feliz para o seu novo marido, Ariana viu Tammy, calada, a um canto, os cabelos negros apanhados elegantemente num carrapito, de brincos de diamantes nas orelhas e envergando um bonito vestido de malha preto.

- Olha-me para aqueles dois. - Noel sorria para a mãe quando Tammy se aproximou. Ela sentia-se pouco a vontade no meio da multidão de pessoas estranhas, mas ficava feliz quando estava ao lado de Noel. Embora fosse um sensação estranha vê-lo ali. Estava habituada a vê-lo de calças de ganga e camisola com gola olímpica, a jogar futebol americano com os amigos, no Harvard Yard. já a fora visitar duas vezes este Inverno, e ela dissera-lhe o que tinha em mente.

- O que é que achas, Noel?

- Acerca do que? - Estava a sorrir distraidamente para a mãe, do sítio onde estava.

- Tu sabes acerca do que ,.

- Da tua transferência para Columbia? Acho que Estás louca. Tens hipóteses de te

formares em Harvard, garota. Estás a trocar um diploma a sério por um porcaria.

Não te é indiferente? - Tammy franziu o sobrolho e ficou com um ar zangado e ao mesmo tempo magoado. Mas Noel apressou-se a pegar-lhe na mão e beijou-a ternamente.

- Não, e tu sabes isso. Mas o que eu Estou a tentar chamar-te a atenção é que por seres tão teimosa - sorriu-lhe afavelmente - é que não estás disposta a continuar em Harvard, enquanto eu terei de viajar diariamente de um lado Para o outro.

- Mas isso é absurdo! É tão duro para ti como para mim. Agora que Estás a trabalhar vais ter mais processos, mais trabalho de investigação. Quanto tempo , que pensas que vais ter para ir até Cambridge? E com o trabalho na faculdade a apertar como tem apertado este ano, dificilmente poderei sair. Se ficar aqui, então podemos fazer o que estamos a fazer juntos. - Os enormes olhos fixaram-se nele, suplicantes, e Noel teve de se controlar para não lhe pedir para fazer o que ele dissera.

- Tammy, não quero influenciar a tua decisão. É extremamente importante.

Estás a falar num mudança de vulto que pode afetar toda a tua carreira.

- Oh, não sejas tão snobe por amor de Deus, Estou a falar de Columbia, não Estou a falar de Backwater .

- Como é que sabes que eles aceitam a tua transferência? - Noel tentava desesperadamente cumprir a sua obrigação, procurando demovê-la.

- Já perguntei, e eles disseram que podia começar no próximo período. - Noel olhou-a propositadamente sem fazer comentários. - E agora? - Tammy olhou-o, expectante.

Noel inspirou lenta e profundamente.

Penso que devo desencorajar-te e ser nobre.

É isso que queres fazer? - Tammy perscrutou o rosto dele, e os olhos de Noel encontraram os dela com ar resolutivo.

Não. Quero viver contigo. Aqui. já. Mas Estás a ser extremamente egoísta.

Devias pensar nisso. - Noel encostou-se mais a ela e os seus corpos tocaram-se suavemente.

- Então deixa-me fazer o que quero fazer. - Tammy levantou os olhos para ele com um sorriso, e ele retribuiu-lhe o sorriso, no preciso momento em que Max e Ariana se aproximavam, observando-os com apreciativos sorrisos. Eram tão jovens e tão bem-parecidos, tão felizes e tão livres, que apetecia estar perto deles, para se ser parte daquilo que eles tinham a sua frente. Era como olhar para um estrada sem fim.

- Lembra-se da Tammy, mamãe?

- Lembro. - Ariana lançou um olhar afável para a moça. Gostava dela.

Gostava do seu ar e da sua fibra. Só não estava muito segura do olhar terno e sério nos olhos do filho.

- Talvez deva renovar as apresentações. Afinal de contas, a minha mãe tem um

novo nome. - Desta vez foi Ariana que corou ligeiramente, enquanto Max se postava, orgulhoso, a seu lado, com um largo sorriso nos lábios. A minha mãe, Mistress Maximilian Thomas, o meu padrasto, Max Thomas, e a minha amiga, Tâmara Liebman.

- Liebman - Ariana foi apanhada de surpresa mas conseguiu controlar a emoção rapidamente. - É familiar da Ruth e do Samuel Liebman? - Não se atrevera a referir o nome de Paul. Tammy fez um silencioso gesto afirmativo com a cabeça, os olhos perplexos com aquilo que via e não compreendia no rosto da outra mulher.

- Eram meus avós, mas morreram há muito tempo. Nunca os conheci.

- Oh! - Ariana emudeceu por instantes. - Então a filha do Paul e da Marie Liebman. E a minha tia Júlia vive em Londres. Talvez também a conhecesse.

- Sim a - Ariana estava quase sem fala e ficou subitamente muito pálida.

Tammy não conseguiu saber o que estava por detrás do choque de Ariana. Só sentiu a angústia da rejeição quando poucos minutos mais tarde rodopiou lentamente com Noel pela pista de dança e as lágrimas lhe rolaram pelo rosto.

- Tammy? Estás a chorar? - Noel olhou-a ternamente e ela abanou a cabeça. Mas as suas recusas eram inúteis. Anda, vamos sair um pouco. - Conduziu-a pelas escadas abaixo até ao vestíbulo e caminharam vagarosamente pelos corredores. - Que se passa, querida?

- A tua mãe detesta-me. - Deixou escapar um pequeno soluço ao dizer isto. E ela que queria tanto que tudo corresse bem. Sabia como Noel era muito chegado a mãe, e era importante que ela causasse boa impressão desde o princípio. Sabia disso. Mas agora já tudo acabara. - Viste a cara dela quando ouviu o meu nome? Quase desmaiou por eu ser judia. não lhe tinhas contado?

- Acho que não tinha nada que lhe contar, por amor de Deus. Tammy, estamos nos anos setenta. Ser judeu não é nada por ai além.

- Talvez não seja para ti, mas é para ela. Tal como o facto de seres alemão foi um choque para os meus pais. Mas, pelo menos, eu avisei-os! Como é que não consegues entender isso na tua mãe? Ela é anti-semita, por amor de Deus, e tu Nem sequer sabias!

- Não, não ,! Só falta chamares nazi a minha mãe. não era provável, mas foi exatamente o que o pai dela lhe chamara a ele.

- Noel, não percebo nada. - Tammy estava a tremer, enquanto via as pessoas a descer a rua em passo apressado.

- Compreendo. Compreendo perfeitamente que Estás a ir atrás das patranhas, das velhas rivalidades deles. Essa não é a nossa luta, Tammy. não foi a nossa guerra. Nós somos pessoas, negros, brancos, mestiços, amarelos, judeus, irlandeses, rabes. Somos americanos, é esse o encanto deste país. O resto não interessa.

- Interessa-lhe a eles. - Tammy pareceu ficar de coração destrozado quando, um vez mais, pensou na mãe dele, mas Noel puxou-a firmemente para entre os seus braços.

- Mas isso não me interessa, acreditas?

Tammy fez um sinal afirmativo com a cabeça.

- E vou falar com a minha mãe esta noite antes de ela ir para o aeroporto, para ver se tens razão.

- Sei que tenho razão, Noel.

- Não estejas assim tão segura.

Mas ela recusou voltar para a festa. Subiram por breves instantes para que ela fosse buscar o casaco e, depois de delicadamente se despedir da mãe dele, Tammy desceu e Noel meteu-a num táxi.

- A tua amiga estava muito bonita, Noel - disse Ariana num tom frio, quando se sentaram na sala de estar, depois de voltarem da recepção no hotel. Tinham três horas até ela e Max partirem para o aeroporto. Iam voltar a Europa para passarem a lua-de-mel, mas iam só até Genebra e Roma. - Parece ser um moça encantadora. - Porém, instalou-se um estranho silêncio na sala depois de ela dizer isto. já discutira o assunto com Max quando tiveram alguns momentos sozinhos.

Noel olhava-a do sitio onde estava, junto a lareira, com um expressão no olhar que dizia que ele não compreendera o tom de voz dela.

- Ela acha que a mãe não gosta dela.

Não obteve resposta.

- Por ser judia. É verdade?

Foi um acusação serena, e Ariana baixou lentamente o olhar.

- Lamento que ela pense isso, Noel. - Depois levantou novamente o olhar para o filho. - Não, não é por isso.

- Então ela tem um certa razão, não gosta dela? Noel estava zangado e magoado com o que estava a ouvir, e foi com grande mágoa que Ariana prosseguiu.

- Não disse isso. Parece ser um jóia de pessoa. Mas, Noel. Olhou para ele sem cerimônia. - Tens de deixar de ver essa moça.

- O que? está a brincar? - Saiu de junto da lareira e caminhou silenciosamente pela sala.

- Não, não Estou.

- Bem, o que é que exatamente se está a passar aqui? Tenho vinte e seis anos e está a dizer-me quem é que eu posso ver ou não?

- Estou a dizer-te isto para teu próprio bem. - A excitação das últimas horas parecia ter-se dissipado, e Ariana ficou de repente com um ar cansado e velho. Max estendeu o braço e tocou-lhe levemente na mão, mas nem mesmo Max a conseguia confortar por ter de magoar o próprio filho agora.

- Não são contas do teu rosário.

Ariana estremeceu ligeiramente.

- Lamento ouvir-te dizer isso. Mas o facto é que, quando o pai souber tudo a teu

respeito, vais ficar magoado, Noel. Também já deves saber isso.

- Porquê? - Era um lamento agonizado. - E que diabo é que a mãe sabe acerca do pai dela?

Instalou-se um longo silêncio na sala, que Max ia interromper para salvar

Ariana, mas ela resistiu.

- Fui casada com ele, Noel, quando cheguei aos Estados Unidos. - Desta vez foi o filho que ficou chocado. Deixou-se cair num cadeira. não entendo.

- Eu sei. - A voz de Ariana era doce. - E lamento. Só achei que não precisavas de saber.

- Mas não estive efetivamente casada com o meu pai?

- Estive, mas quando cheguei, viúva e assustada, estava extremamente doente. Cheguei num barco fretado pela Women's Relief Organization daqui. Nem sei se a organização ainda existe, mas foram muito importantes então. Um mulher encantadora ajudou-me a - Pensou nela durante alguns instantes, triste por ter ouvido que Ruth morrera. A Ruth Liebman a Era a avó de Tammy. E resolveram levar-me para casa deles. Foram maravilhosos para mim. Devolveram-me a saúde, deram-me tudo, e adoravam-me.

Mas também julgavam que eu era judia. E eu fui parva por ter corrigido essa idéia. - Fez um longa pausa. Depois olhou diretamente para o filho.

- Tinham um filho. Tinha regressado do Pacífico porque estava ferido, e tinha um fraquinho por mim. Eu tinha então vinte anos e ele vinte e dois. E depois do teu pai, ele parecia a bem, um rapaz pequeno. Mas era meigo, e a moça de que ficara noivo durante a guerra acabara de o deixar. E a - Sentiu um nó na garganta. - E descobri que estava grávida de ti, Noel. Ia deixá-los para te ter, mas a algo a não sei o que aconteceu a O Paul continuou a pedir-me para casar com ele, e parecia tão simples. não tinha nada para te dar e, se casasse com Paul Liebman, poderia fazer tudo por ti. Limpou um lá grima da face com ar triste. - Pensei que a ele te daria tudo aquilo que eu não poderia dar a e ficar-lhe-ia grata para sempre. - Limpou as lágrimas com um mão. - Mas duas semanas antes de nasceres, ele chegou a casa um tarde e encontrou-me a olhar para as fotografias do teu pai e tudo se soube. já não poderia mentir.

Contei-lhe a verdade. E então ele ficou a saber que o bebe, era do Manfred e não dele. - A voz parecia muito distante e o olhar perdia-se no espaço. - Ele saiu de casa nesse dia e nunca mais o voltei a ver. Só comunicava comigo através dos advogados. - A voz ficou ainda mais sumida. - Nunca mais voltei a ver nenhum deles. Para eles, eu era um nazi.

Noel abandonou então a cadeira, aproximou-se da mãe e ajoelhou-se junto dela, afagando-lhe os cabelos.

- Eles não podem fazer nada, mamãe, nem a mim nem a Tammy. Os tempos são outros.

- Isso não importa.

Noel levantou-lhe ternamente o queixo com um mão.

- Importa, sim. A mim.

- Concordo contigo inteiramente, Noel. - Max levantou-se e falou pela primeira vez em meia hora. - E agora, se me perdoam por ser egoísta, gostaria de ter a tua mãe só para mim até nos irmos embora. - Sabia que Ariana já tivera o suficiente.

- Com certeza, Max. - Noel beijou os dois e manteve-se na soleira da porta durante um longo instante.

Não estás zangado por eu não te ter contado, Noel? Ariana olhou-o com ar pesaroso, mas ele abanou ligeiramente a cabeça.

- Zangado, não, mamãe, apenas surpreendido.

- Isso já lhe passa - tranqüilizou-a Max, quando a levou para dentro. - Não debes explicações a ninguém, querida. Nem mesmo a ele. - E com isso, beijou-a ternamente e ela seguiu-o para dentro.

Noel já entrara num táxi e poucos minutos depois estava no seu apartamento, de telefone na mão. Pouco depois, ela estava em linha, com um voz invulgarmente desanimada.

- Tammy? Tenho de te ver.

- Quando?

- Agora.

Vinte minutos depois, ela estava ali.

- Tenho algumas surpresas para ti, garota.

- De que gênero?

Noel não sabia onde começar. Como tal, resolveu ir direto ao assunto.

- O teu pai foi quase meu pai.

- O que? - Tammy olhou-o, confusa, e ele começou calmamente a explicar. Levou quase meia hora a contar-lhe tudo, após o que se sentaram e ficaram de olhos fixos um no outro. - Penso que na família ninguém sabe que ele foi casado antes.

- Bem, os pais dele sabiam obviamente, e as irmãs dele. Gostava de saber se a tua mãe sabe.

- Provavelmente. - Tammy pensou nisso por instantes. - Ele é tão escrupuloso acerca da honestidade e do facto de revelar tudo a que provavelmente lhe contou quando se conheceram.

- Ele não fez nada de censurável, A minha mãe é que tentou atirar-lhe areia para os olhos. - Mas Noel disse isto num tom afável, só sentia ternura e compaixão por aquilo que ela tentara fazer. Imaginou a refugiada grávida de vinte anos, e sentiu o coração a bater mais depressa.

A tragédia que pertencera a outra geração passara a história com a passagem do tempo. não lhes fazia qualquer diferença agora, só interessava a aqueles que tinham

participado no drama há muito tempo atrás.

- Vais falar-lhe de nós, Tammy?

- Não sei. Talvez.

- Penso que devias contar-lhe agora. não vamos guardar nenhum segredo para mais tarde. Gostava de por já todas as nossas cartas em cima da mesa. Os nossos pais já tiveram surpresas que bastassem nas suas vidas.

- Isso significa que queres viver comigo, Noel? - Os olhos verde-escuros de Tammy transbordavam de esperança, e Noel fez um solene gesto afirmativo com a cabeça.

Capítulo 49

Quando o primeiro período terminou, Tammy já tomara a sua decisão. há muito que organizara a papelada para a transferência para a Columbia Law School, e só lhe restava fazer as malas e deixar o pequeno apartamento que arrendara em Cambridge com outras quatro moças. Noel apareceu todo contente, num sábado de manhã bem cedo, e fizeram a breve viagem até Nova Iorque.

No seu apartamento, Noel arranjara espaço em todos os armários para ela, e havia flores, balões e um balde para champanhe a espera no frigorífico. Isso fora há três meses, e não houvera quaisquer problemas entre eles, a exceção de um. Nem os pais dela nem Ariana sabiam que estavam a viver juntos.

Contrário aos habituais princípios de completa honestidade com a mãe, Noel não lhe contara que estava a viver com Tammy. Tammy instalara o seu próprio telefone na secretaria e, quando tocava, Noel sabia que não podia atender.

Podia ser o pai para saber se ela estava em casa. Em finais de Maio, o jogo acabou abruptamente um dia, quando Ariana passou por lá para deixar correspondência que tinha ido parar a casa dela por engano. Estivera quase para a deixar no porteiro, quando Tammy saiu a toda a pressa do edifício, com roupa deles para lavar e os livros de Direito, a caminho da faculdade.

- Oh oh oh, Mistress Tripp a quero dizer, Mistress Max a Mistress - o rosto de Tammy ficara vermelho que nem um tomate quando Ariana a cumprimentou com frieza.

- Foi visitar o Noel?

- Eu a sim a Tive de procurar umas coisas nos velhos livros de Direito dele a investigação a um exame a - Só queria que se abrisse um buraco no chão e desaparecer. Noel tivera razão. Deviam ter-lhes contado meses antes. Agora Ariana estava com um ar desapontado e sentia-se traída.

- Estou certa que ele a tem ajudado muito.

- Sim, sim a muito e como tem passado a senhora?

- Muito bem, obrigada. - Depois, com um cumprimento delicado, foi até a cabina telefônica mais próxima para telefonar ao filho. Ele acabou por ficar satisfeito por isto ter acontecido já estava na altura de eles saberem. e, se Tâmara não tencionava contar ao pai, Noel decidira contar. Com movimentos firmes, ligou para as informações e depois para o gabinete de Paul Liebman e marcou um encontro para um quarto para as três.

O edifício onde o táxi parou era o mesmo edifício onde Sam Liebman

estabelecera a sua empresa quase cinqüenta anos antes, e o gabinete onde Paul Liebman dirigia os investimentos da empresa era o mesmo em que Sam se sentara durante tantos anos. Era o gabinete que Ruth visitara para pedir ao marido para levar a pequenita alemã loura para casa. Era o gabinete em que o filho dessa moça alemã entrou com passo largo e confiante, apertou as mãos ao pai de Tâmara e se sentou calmamente.

- Já nos conhecemos, Mister Tripp? - Examinou Noel de alto a baixo e havia algo familiar no jovem. O seu cartão comercial revelava que estava associado a um empresa de advocacia muito reputada, e Paul Liebman interrogou-se se ele estava ali por motivos profissionais ou por motivos pessoais.

- Encontramo-nos um vez, Mister Liebman. O ano passado.

- Oh, desculpe. - O homem mais velho sorriu com ar cordial. - Tenho a impressão que a memória me anda a atraiçoar ultimamente.

Noel esboçou um leve sorriso.

- Com a Tâmara. Formei-me na Harvard Law o ano passado.

- Oh, Estou a ver. - E então, lembrou-se subitamente, e o sorriso começou lentamente a desvanecer-se. - Todavia, Mister Tripp, julgo que não está aqui para falar da minha filha. Em que posso servi-lo? - Só haviam concedido a marcação da reunião ao rapaz por força do nome da empresa.

- Receio que a sua suposição não esteja correta. Estou efetivamente aqui para falar da Tâmara. E de mim. Receio ter algumas coisas penosas a contar-lhe, mas quero ser franco consigo.

- A Tâmara está metida em algum problema? - O homem empalideceu. Lembrou-se de quem era o rapaz. Lembrava-se perfeitamente. E ainda lhe dava volta ao estômago.

Mas Noel foi logo tranquilizando-o.

- Não, senhor. A Tâmara não está metida em nenhum tipo de problema. De facto, ela está a viver um momento muito agradável. - Sorriu e tentou parecer menos nervoso do que estava. - Estamos apaixonados um pelo outro, Mister Liebman, há já algum tempo.

- Custa-me a acreditar nisso, Mister Tripp. já não fala em si há meses.

- Julgo que é por ter medo da sua reação. Mas antes de continuar, há algo que tenho de lhe dizer, porque se não o fizer, mais cedo ou mais tarde, saber-se -. E devemos esclarecer isso já. - Desviou o olhar por instantes e interrogou-se se não fora louco em ter vindo. Isto era um loucura. E foi também a coisa mais difícil que algum vez fizera. Há vinte anos, julgo que a sua mãe fazia parte de um organização de apoio a refugiados aqui em Nova Iorque. O rosto de Paul ficou tenso, e Noel prosseguiu: - Ela auxiliou um jovem, um moça de nacionalidade alemã, um refugiada de Berlim. Com a qual, por quaisquer razões, o senhor se casou pouco depois, até descobrir que estava

grávida do marido que morrera durante a queda de Berlim. O senhor deixou-a, divorciou-se dela e a - Fez um curta pausa. - Eu sou filho dela - Instalou-se um eletrizante momento de silêncio e Paul levantou-se então.

- Saia do meu gabinete! - Apontou selvaticamente para a porta, mas Noel não se mexeu.

- Só depois de lhe dizer que amo a sua filha e que ela me ama. É que - levantou-se, ultrapassando Paul Liebman em altura. - As minhas intenções para com ela são as mais sinceras.

- Atrave-se a dizer-me que quer casar com a minha filha?

- Sim, senhor, quero.

- Nunca! Entendeu? Nunca! Foi a sua mãe que promoveu este encontro?

- Com certeza que não - Por instantes, os olhos de Noel também faiscaram, mas o olhar inflamado de Paul desvaneceu-se. Independentemente do que acontecera entre eles, Liebman não iria difamar Ariana agora. Poria a questão de Ariana de parte.

- Proíbo-o de voltar a ver a Tâmara. - havia rancor no seu rosto, baseado num mágoa muito antiga que ele nunca conseguira esquecer.

Noel, Porem, falou num tom calmo.

- Digo-lhe agora, cara a cara, que nem ela nem eu lhe obedeceremos. A sua única escolha é encarar a situação com calma. - E depois, sem esperar ouvir o resto da fúria de Liebman, Noel dirigiu-se para a porta e saiu. Ouviu um enorme murro em cima da secretaria atrás de si, mas nessa altura a porta do gabinete já estava fechada.

A medida que ia conhecendo melhor a mãe de Noel, Tâmara começou a gostar dela cada vez mais, e foi no natal, quando Noel decidiu anunciar o noivado, que Ariana ofereceu a Tammy a prenda que a tocou bem fundo. Noel já sabia o que era e, por instantes, mãe e filho trocaram um secreto sorriso, quando Tammy desembulhou o vistoso papel e então, de súbito, o anel brilhante caiu na mão dela. Era o anel com sinete cravejado de diamantes, que fora de Cassandra tantos anos atrás.

- Oh, meu Deus oh oh, não! - Tammy olhou em volta, atônita, primeiro para Noel, depois para Ariana, que estava perto, depois para Max, que ostentava um largo sorriso, e então, enquanto procurava agarrar-se a Noel, começou a chorar.

- É o teu anel de noivado, minha querida. A minha mãe mandou-o calibrar para ti. vá lá, experimenta-o! Mas ao enfiá-lo no dedo, a única coisa que fez foi chorar ainda mais. Conhecia bastante bem a história desse anel de diamantes e agora o anel que fora usado por quatro gerações antes dela era seu. Servia perfeitamente no dedo médio da mão esquerda, e lá ficou, magnífica e habilidosamente trabalhado, os diamantes a cintilar, e ela de olhos fixos nele.

- Oh, Ariana, obrigada. - Ao apertar firmemente a mão da mãe de Noel só conseguiu derramar mais algumas lágrimas.

- Tudo bem, querida. Tudo bem. Agora é teu. Que te traga muita felicidade. -

Ariana olhou para a moça com ar afável, fora completamente conquistada. E agora resolvera tomar os assuntos nas suas próprias mãos.

Três dias depois do Natal, com as mãos trêmulas, procurou o número e discou-o. Identificou-se apenas como Mrs. Thomas, marcou um Reunião, e no dia seguinte apanhou um carro até ao centro da cidade. não disse nada a Max

nem a Noel, achava que eles não tinham nada que saber, mas estava na altura, ao fim destes anos todos, de o enfrentar e de ele a enfrentar.

A secretaria anunciou-a, e Ariana, envergando um vestido preto e um casaco escuro de pele de marta, entrou calmamente na sala. Usava apenas o anel com a enorme esmeralda na mão. O anel com sinete era de Tâmara.

- Mistress Thomas? - Mas quando se levantou para a cumprimentar, Paul Liebman esbugalhou os olhos, chocado. Mesmo surpreso, ainda reparou em como ela estava tão pouco mudada, ao fim de quase trinta anos.

- Olá, Paul.- Ariana permaneceu de pé com ar destemido, e esperou que ele a convidasse a sentar. - Achei que devia vir ver-te. Por causa dos nossos filhos. Posso sentar-me? Paul fez-lhe sinal para se sentar numa cadeira e depois, ainda de olhar espantado, sentou-se também.

- Julgo que o meu filho já veio ver-te um vez.

- Não serviu de nada. - O rosto endureceu ainda mais. - E a tua visita também ser inútil.

- Talvez. Mas a questão, penso, não é como nós sentimos, mas como os nossos filhos se sentem. Ao princípio, senti o mesmo que tu. Opus-me violentamente ao facto de estarem juntos. Mas o facto é que, quer gostemos ou não, é aquilo que eles querem.

- E posso perguntar por que razão é que porias objeções?

- Porque julgo que tens rancor a mim e ao Noel. - Fez então uma pausa, e o tom de voz ficou mais suave quando prosseguiu. - O que fiz foi um erro tremendo. Mais tarde, compreendi isso, mas no desespero do momento, querendo o melhor para o bebé, a aquilo que lhe poderias ter dado, e eu não a. Que mais posso dizer-te, Paul? Errei.

Paul ficou a olhar para ela durante uma eternidade de tempo.

- Tens mais filhos, Ariana?

Ela abanou a cabeça com um pequeno sorriso.

- Não. E só voltei a casar o ano passado.

- Não porque ansiasses por mim, julgo. - havia menos rancor na voz de Paul e vislumbrava-se um leve lampejo de uma velha afabilidade no seu olhar.

Ariana murmurou de pronto: - Não, porque sabia que tinha sido casada, que arriscara a minha sorte com o que aconteceu. Tinha o meu filho, e nunca quis voltar a casar.

- Quem, é que te fez mudar de ideias?

- Um velho amigo. Deduzo que voltaste a casar muito rapidamente.

Paul fez um gesto afirmativo com a cabeça.

- Logo que o divórcio foi declarado. Ela fora minha colega de escola. - E então, do outro lado da secretária, murmurou para Ariana: - Eles acabam por ser o melhor que temos. E é por isso que me tenho oposto tanto a Tâmara e ao teu filho. não por ser teu filho. - E murmurou de novo: É um jóia de moço, Ariana.

Um bom homem. Teve a coragem de vir aqui ter comigo, para me contar toda a história. Respeito isso num homem. - E depois resmungou baixinho: - Foi mais do que a Tâmara teve a decência de fazer. Mas a questão fulcral aqui não é se tu e eu fomos casados, mas que gênero de pessoas é que eles são. Olha para a proveniência dele, para o seu património. Olha para a tua família, Ariana, o que eu sei dela. E nós somos judeus. Consegues justificar a união dos dois?

- Se eles conseguem. não acho que o facto de eu ser alemã e tu judeu importe realmente.. Talvez isso só tenha importado naquela altura, depois da guerra.

Gostaria de pensar que isso já não tem assim tanta importância. Paul Liebman abanou a cabeça com determinação.

- Ainda tem. Essas coisas nunca mudarão, Ariana. Muito depois de tu e eu desaparecermos, essas coisas ainda continuarão.

- Não vais dar-lhes pelo menos um oportunidade?

- Para fazerem o que? Para me convencerem que Estou errado? Para que possam ter rapidamente três filhos e depois voltem cinco anos depois para me dizerem que se vão divorciar porque eu tinha razão e as coisas correram mal?

- Achas realmente que consegues evitar isso?

- Talvez.

- E o homem seguinte? E o outro a seguir a esse? não percebes que, de qualquer das formas, ela fará o que quiser? Não importa o que. Casar com quem quiser, levar a sua vida, a sua maneira. Vive com o Noel há já um ano, sem se importar com o que pensas disso. A única pessoa que acaba por perder no fim disto tudo és tu, Paul. Talvez esteja na altura de acabares com a guerra entre nós e olhes para esta geração de outra forma. O meu filho nem sequer quer seja alemão. E talvez a tua filha não queira transportar mais estandartes que a proclamem judia.

- O que é que ela quer ser então?

- Pessoa, mulher, advogada. Eles hoje em dia têm idéias que eu não entendo. São muito mais independentes e mais liberais na forma de pensar. - Ariana soltou um demorado sorriso. - Talvez tenham razão. O meu filho diz-me que a guerra de que falamos é a nossa guerra, não a deles. Para eles, isso pertence a história. julgo que para nós, algumas vezes, ainda é verdadeira.

- Eu vi-o, Ariana a - O tom de voz baixou dolorosamente. - E ainda vejo aquelas fotografias que tu seguravas naquele dia. Imagino-o de uniforme a Um uniforme nazi como o do pai a - Fechou os olhos com força e depois olhou para ela com um ar

desolado. - Ele é parecido com o pai, não é? Ariana esboçou um ténue sorriso e acenou afirmativamente com a cabeça.

- Mas a Tâmara não é muito parecida contigo. - Não havia nada mais que lhe pudesse dizer, mas, pelo menos, ele sorriu.

- Eu sei, é parecida com a mãe. Embora a irmã seja parecida com a Júlia e o meu rapaz - disse ele num tom orgulhoso - É parecido comigo.

Folgo em saber. - E depois, após um longo e vazio silêncio: - Tens sido feliz? Paul fez um ligeiro sinal afirmativo com a cabeça.

- E tu? Interroguei-me acerca de ti algumas vezes, o que acontecera, para onde foras. Queria chegar ao pé de ti e dizer-te que ainda pensava em ti, mas tinha medo.

- Porquê?

- Tinha medo de parecer louco. Ao principio fiquei muito magoado. Pensava que estavas a rir-te de mim. Foi a minha mãe que acabou por compreender a situação. Ela sabia que te tinhas casado por causa do bebe,, e suspeitava que tu também me amasses.

- Ao ouvi-lo fazer menção a mãe, os olhos de Ariana inundaram-se de lágrimas. - Eu amava-te de verdade, Paul.

Paul fez um ligeiro gesto de concordância com a cabeça.

- Depois de pensar no assunto, ela chegou a essa conclusão. - E então, ali ficaram sentados por instantes, unidos ao fim de tanto tempo. - E o que fazemos agora com os nossos filhos, Ariana?

- Deixamo-los fazer o que têm a fazer. E nós aceitamos.

Ariana sorriu e levantou-se, hesitante, estendendo-lhe a mão. Mas ele não lhe pegou na mão, contornou a secretaria e, durante alguns instantes, tomou-a nos seus braços.

- Desculpa aquilo que se passou há tanto tempo. Desculpa não ter sido adulto suficiente para compreender ou deixar-te explicar a situação.

- Aconteceu o que tinha de acontecer, Paul. - Ele encolheu os braços e abanou a cabeça; depois, Ariana beijou-o na face e deixou-o mergulhado em pensamentos, de olhos fixos na Wall Street.

Capítulo 50

O casamento foi marcado para o verão seguinte, depois de Tâmara ter acabado a faculdade. Procuraram um apartamento, escolheram aquilo que queriam, e Tâmara arranhou um emprego que ia começar no Outono - Mas primeiro vamos para a Europa! - Anunciou Tammy a Ariana e a Max com um sorriso de felicidade.

- Para onde? - Max olhou-a, interessado.

- Paris, Riviera, Itália, e depois o Noel quer levar-me a Berlim. - Mas desta vez o olhar de Ariana não se nublou.

- É um cidade bonita. Pelo menos, era. - Mas vira as fotografias de Noel da viagem realizada dois anos antes, e lembrava-se da fotografia da casa de Grunewald. Agora já não tinha de se esforçar por recordar algum pormenor efêmero. Bastava olhar para a fotografia. Ele até lhe dera fotografias do palacete de Manfred de que ela ouvira falar mas nunca vira. - Quanto tempo é que vão andar em viagem?

- Cerca de um mês - murmurou Tammy com um ar feliz. - Este é o meu último verão livre, e o Noel viu-se aflito para arranjar quatro semanas de férias.

- Que vão fazer a Riviera?

- Visitar um moça que conheci na faculdade. - Tinham decidido visitar Brigitte. - Mas primeiro - Tammy soltou um largo sorriso para Ariana -, temos de sobreviver ao casamento.

- Vai ser um cerimônia bonita. - há meses que Ariana ouvia falar dos planos.

Finalmente, Paul enternecera-se, e teve de admitir que gostava de Noel, e começaram a tratar do casamento em Fevereiro, para junho.

Quando finalmente o dia chegou, Tâmara estava deslumbrante com um vestido feito inteiramente de cetim creme e coberto por um véu de renda de Chantilly de valor incalculável. O chapéu que usava sobre os cabelos escuros cobria apenas o alto da cabeça com as rendas impecáveis, e as nuvens de véu que flutuavam a volta dela criavam ainda mais um impressão de esplendor etéreo. Até Ariana ficou impressionada.

- Meu Deus, Max, ela está maravilhosa.

- Absolutamente, - Max sorriu para a esposa, orgulhoso. - Mas o Noel também está - de fraque e calças listradas, Noel estava mais elegante que nunca, com os cintilantes olhos azuis e o feixe de cabelos louros. Ariana teve de admitir, enquanto sorria para ela própria, que ele estava com um ar muito alemão, mas mesmo isso parecia não importar mais. Paul Liebman sorria para o jovem casal com ar afável, tendo desembolsado um fortuna no casamento com os sonhos algo extravagantes de

sua mulher. Ariana conhecera-a finalmente, um mulher simpática que fora provavelmente um boa esposa ao longo dos anos.

Debbie estava casada com um produtor de Hollywood. Júlia era a mais bonita e a mais espirituosa, e os filhos parecia terem tanto de inteligentes como de engraçados. Mas as duas mulheres só falaram com Ariana por breves instantes. Tinham ficado profundamente magoadas com o passado. Para todos eles, Ariana deixara de existir no dia em que Paul a deixara.

Paul olhou para ela um ou duas vezes durante o casamento, e um das vezes, durante um longo instante, os olhares ficaram colados um no outro, e pela primeira vez desde há muito tempo ela lembrou-se dele com amor. E, enquanto ali estava, sentiu tristeza pela perda de Ruth e Sam.

- Bem, Mistresse Tripp, conseguimos. - Noel sorriu para Tammy e ela encostou os sedosos lábios ao pescoço dele.

- Amo-te, Noel.

- Também eu, mas, se não paras com isso a vou começar a lua-de-mel mesmo aqui no avião. - Tammy sorriu timidamente para o marido e retirou-se para o seu assento com um suspiro de felicidade. Olhou para o enorme e bonito anel de diamantes com sinete no dedo. Nunca lhe passaria pela cabeça que Ariana lho desse como anel de noivado. Acabara por gostar verdadeiramente dela, e sabia que Ariana também gostava de si.

Quero comprar um coisa bonita para a tua mãe em Paris, Noel.

- Como o que? - Noel sorriu-lhe por cima do livro. o engraçado de terem vivido juntos há quase dois anos foi terem perdido o frenesi de estarem finalmente casados. Sentiam-se bem um ao pé do outro, e sentiam-se em casa onde quer que estivessem. - Então o que é que queres comprar-lhe?

Não sei. Um coisa excitante. Como um quadro ou um vestido Dior.

- Meu bom Deus, isso é excitante. Porquê?

Ariana apressou-se a mostrar-lhe o anel como resposta e sorriu.

Como prenda do pai de Tammy, ficaram no Plaza-Athené e num luxuosa suite.

Desceram depois do seu primeiro jantar de lua-de-mel a luz das velas, para se encontrarem com Brigitte no famoso bar. Quando lá chegaram, o Relais Plaza estava a transbordar de pessoas de aspecto exótico: homens de camisas abertas com os peitos cobertos de correntes, e mulheres de calças vermelhas de cetim rasgadas ou envergando pequenos casacos de marta com calças de ganga.

Tammy mal reconheceu a moça que conhecera em Radcliffe. O rosto era branco, os lábios eram de um vermelho vivo, e os cabelos louros tinham sido frisados com ar selvagem; mas os olhos azuis ainda tinham o mesmo ar traquinas de sempre, e ela estava encantadoramente pequenina envergando um smoking completo e um top de cetim preto com um soutien vermelho.

- Oh, oh.... nunca pensei que ficasses tão conservadora! - E os três soltaram largos sorrisos, Brigitte Goddard estava ainda mais excêntrica que nunca.

- Sabes, Noel, tu também estás com muito melhor aspecto. - Brigitte esboçou um sorriso irônico e Tammy soltou um gargalhada.

- Demasiado tarde, estamos casados, lembras-te? Desculpem - Mas Noel olhou para ela com um ar afável e Brigitte limitou-se a rir.

- De qualquer forma, é muito alto para mim. não é o meu gênero.

- Vê lá o que dizes, que ele é muito sensível! - Tammy pôs um dedo nos lábios e os três riram de novo. Passaram um noite divertida e, durante a semana seguinte, Brigitte levou-os de um ponta de Paris a outra, desde almoçar no Fouquet a jantar na Brasserie Lipp no Quartier Latin, a dançar no Castel e no Chez Regine, a tomar o pequeno almoço no Halles, e a jantar no Maxim's no dia seguinte. E continuaram num roda-viva, de bares a restaurantes, a festas, onde toda a gente a conhecia e ela conhecia toda a gente, e os homens quase lhe suplicavam que ela lhes dispensasse alguma atenção, enquanto mudava de um vestimenta bizarra para outra, e Tammy e Noel assistiam, francamente admirados.

- Não é divina? - murmurou Tammy para Noel enquanto vagueavam pela boutique de Courrsges.

- Sim, e um pouco louca. Acho que gosto ainda mais de ti, garota.

É uma boa noticia. Não Estou a espera de conhecer a família dela. Oh, são ótimas pessoas.

- Não quero ficar muito tempo com eles. Dois dias chegam, Tammy. Quero falar um pouco a sós contigo. Afinal de contas, estamos em lua-de-mel. - Olhou-a com ar petulante, beijou-a e riu-se.

- Desculpa, querido.

- Não precisas de pedir desculpa. Promete-me apenas que não são mais de dois dias com eles na Riviera e depois continuamos para Itália. Concordas?

- Yes, sir! - Tammy fez-lhe um vistosa continência, e Brigitte levou-os a Balmain, a Givenchy e a Dior.

Na Dior, Tammy encontrou exatamente aquilo que queria para Ariana, um delicado vestido de cocktail de seda cor de malva que ela sabia que ligaria bastante bem com os enormes olhos azuis de Ariana. Tinha um lenço de pescoço a condizer, e Tammy juntou-lhe um par de brincos. Aquilo tudo custou-lhe mais de quatrocentos dólares e Noel quase se engasgou.

- Em setembro já Estou empregada. não fiques assim.

- Acho bem que estejas, se estás a pensar comprar esse gênero de presentes.

- Mas ambos sabiam que este era especial. Era a forma de Tammy agradecer

O anel. Brigitte reparara nele de imediato aquando do primeiro encontro no Plaza; comera-o com os olhos e depois admitira para Tammy que não conseguia tirar

os olhos da mão dela. A galeria do pai tinha agora um seção de jóias, mas não tinha nada tão extraordinário como o novo anel de Tâmara.

Na última tarde antes de deixarem Paris, Brigitte levou-os a Galeria Gerard Goddard no Jaubourg St. Honoré, e andaram por lá durante mais de um hora, admirando os Renoir, os Picasso, as caixas de Faberg, e os braceletes de diamantes antigas de valor incalculável, os pequenos bustos e as está tuas. Era realmente extraordinário. Noel olhou para Brigitte totalmente deleitado quando saíram.

- É como um museu em ponto pequeno, só que melhor.

Brigitte fez orgulhosamente um sinal de concordância com a cabeça.

- O papai tem umas coisas giras. - Era uma cruel subestimação, e atrás dela, Noel e Tammy sorriram. Fora por isso que o pai a mandara para Radcliff, com a esperança de que ela adquirisse sólidos conhecimentos nas áreas de História e Arte, mas Brigitte tinha outras inclinações, como jogos de futebol e festas, estudantes de Medicina e erva. E, no final de dois anos de desastre, o pai trouxera-a para casa para se divertir muito simplesmente em França. Agora, falava em estudar fotografia ou em fazer um filme, mas era evidente que não tinha ambições ardorosas; contudo, era muito divertida. Era um espécie de duende que andava por todo o lado a fazer traquinices, sempre na farra, mas nunca assentando arraias no mesmo sitio durante muito tempo. havia um inquietude nela que estava a tornar-se rapidamente o mal do século.

- O estranho nela é que não parece crescer - devaneou Tammy acerca dela, enquanto Noel encolheu os ombros.

- Eu sei. Mas algumas pessoas não sabem. O irmão também, assim?

- Sim. Só que mais.

- Porquê? - Noel parecia confuso.

- Não sei, estragado com mimos, talvez infeliz. não sei. Tens de conhecer os pais para entenderes. A mãe é a generosidade em pessoa, e o pai é extremamente introvertido, como se estivesse possuído por espíritos.

André Courrsges, costureiro francês que lançou a mini-saia em França em 1965. (N. do E.)

Capítulo 51

A viagem até Nice só levou pouco mais de um hora, e Bernard Goddard aguardava-os a entrada. Era tão louro e tão bonito como a irmã, estava descalço e com um camisa de seda e calças também de seda. Tinha um ar ausente, como se tivesse sido posto ali sem o seu conhecimento. Pareceu voltar a si quando a irmã atirou os braços a volta do pescoço. A enorme caixa de prata de marijuana no porta-luvas do Ferrari explicava um pouco o seu ar ausente.

Porem, quando forçado a conversar com Tammy e Noel, pareceu ganhar vida.

- Estou a pensar em ir a Nova Iorque em Novembro. Bernard soltou um afável sorriso e, durante um estranho momento, Noel teve a sensação de que ele se parecia com fotografias que vira algures há muito tempo. - Estarão lá nessa altura?

- Estaremos. - Tammy respondeu por Noel.

- Quando é que vais? - Brigitte olhou para o irmão, surpreendida.

- Novembro.

- Pensei que era nessa altura que ias ao Brasil.

- Isso é mais tarde a De qualquer modo, acho que não vou ao Brasil. A Mimi quer ir a Buenos Aires. - Brigitte fez um ligeiro gesto com a cabeça como se tudo isso fizesse sentido, e Tammy e Noel trocaram silenciosos olhares de estupefação. E Tammy desejou subitamente não terem planeado passar por St. Jean-Cap-Ferrat: antes de prosseguirem para Roma.

- Queres ir embora amanhã de manhã? - murmurou Tammy para Noel enquanto seguiam os dois até a enorme casa rústica francesa.

- Está bem. Nós lhe diremos que tenho que ver um cliente da empresa no caminho. - Tammy fez um sinal afirmativo com a cabeça em ar de conspiração e foram para o quarto, um sala enorme com tetos sem fim, um cama italiana antiga, e um vista que incluía um vasta extensão de mar.

O chão era de mármore bege pálido, e no terraço estava um maravilhosa cadeirinha antiga, na qual Brigitte deixara comodamente o telefone. O almoço foi servido no jardim e, apesar das suas vidas e planos algo absurdos, Brigitte e Bernard conseguiam ter graça. Ao saberem que se iam embora na manhã seguinte, Tammy e Noel sentiam-se melhor, menos como

prisioneiros num estranha colônia de ficção científica e mais como convidados.

Contudo, sentiram-se muito mais como convidados nessa noite quando entraram na formal sala de jantar e Noel foi apresentado aos pais de Brigitte e Bernard pela primeira vez. a frente dele, estava um mulher algo espadaúda mas ainda

extraordinariamente bonita, com enormes e cintilantes olhos verdes. Tinha um sorriso deslumbrante e pernas bonitas e compridas, mas também havia nela um ar de grande tenacidade. Como se estivesse habituada a mandar, como se tivesse sempre dirigido o seu próprio espetáculo. não estava particularmente contente com os filhos, mas parecia achar Tammy e Noel encantadores, e fez um grande esforço por ser um boa anfitriã, supervisionando tudo, incluindo o marido, que era um homem alto e bem-parecido, de cabelos louros, com calmos, mas tristes, olhos azuis. Vezes sem conta, ao longo da noite, Noel viu-se atraído pelo olhar do homem mais velho. Era quase como se ele o conhecesse ou já o tivesse visto; finalmente,

concluiu que era apenas por ser tão parecido com o filho. Quando em determinada altura Madame Goddard saiu com Tammy da sala de estar, depois do jantar, para lhe mostrar um pequeno Picasso, Gerard Goddard virou-se para Noel, e foi então que o americano reparou no sotaque dele pela primeira vez. não era muito parecido aos outros, nem tão rico nem tão francês. Por instantes, Noel ficou na dúvida se ele não seria suíço ou belga. não tinha a certeza, mas, mais do que nunca, estava intrigado com a angústia que se vislumbrava entre as rugas no rosto do homem.

Quando Tammy voltou, o grupo recomeçou um vez mais a sua cavaqueira sem rumo, até que Tammy pôs a mão em cima da mesa e o anel de diamantes com sinete cintilou a luz das velas. Gerard Goddard ficou, por instantes, de olhos fixos nele e não conseguiu acabar a frase. E então, sem pedir licença, pegou-lhe na mão e olhou o anel com mais atenção.

- Bonito, não acha, papai? - Brigitte elogiou novamente o anel, e Madame Goddard pareceu desinteressada enquanto conversava com o filho.

- É maravilhoso. - Monsieur Goddard ainda segurava a mão de Tammy. - Posso vê-lo? - Ela tirou-o lentamente do dedo e entregou-lho com um sorriso.

É o meu anel de noivado.

A sério? - Olhou para o jovem convidado. - Onde é que o arranjou? Na América? - Parecia ter um milhar de perguntas.

- Foi a minha mãe. Era dela.

- A sério? - Os olhos de Gerard Goddard procuraram no seu íntimo.

- Tem um longa história de família que ela lhe poderia contar melhor que eu, se fosse um dia a Nova Iorque.

- Sim, sim... - Ficou com um ar vago por instantes, e depois sorriu para os seus jovens amigos. - Vou lá a as vezes, gostaria de lhe telefonar. - E depois, de imediato: - Sabe que acabamos de abrir um espaço completo para joalharia na galeria. Estaria interessado em mais algum coisa que ela possa ter .

Noel soltou um sorriso afável. O homem era tão persistente. De certo modo, tão desesperado e tão triste.

- Não creio que ela vendesse algum coisa, Monsieur Goddard, mas ela tem outros

anéis da minha avó.

- A sério? - Gerard arregalou os olhos.

- Sim. - Tammy sorriu-lhe. - Ela tem um esmeralda fabulosa. - Mostrou-lhe com os dedos. - A volta deste tamanho.

- Tem mesmo de me dizer como chegar a fala com ela.

- Com certeza. - Noel puxou de um bloco e de um pequeno lápis de prata e começou a escrever. Escreveu o endereço e o número de telefone. - Estou certo de que ela ficar contente de falar consigo sempre que for a Nova Iorque.

- Ela está lá este verão?

Noel fez um gesto afirmativo com a cabeça, e o homem mais velho sorriu.

A conversa passou então para outros temas e finalmente chegou a hora de ir para a cama. Tammy e Noel queriam retirar-se cedo para estarem frescos para a longa viagem no dia seguinte. Iam alugar um carro em Cannes e partir de lá. e Brigitte e Bernard tinham um festa para ir, que eles insistiam que só começava lá para a meia-noite ou um da manhã. Assim, por momentos, só Goddard e a mulher é que ficaram no salão, a olhar um para o outro e para o que restava da sua vida, não vais começar outra vez com aquele disparate, pois não? - Quando olhou para ele, a luz tênue das velas, a voz dela tinha um tom seco. - Vi-te com o anel que a moça tinha.

Seria um boa peça para a galeria, embora a sogra tenha outros. De qualquer forma, tenho de ir a Nova Iorque esta semana.

- Sim? - Olhou-o com desconfiança. - Para que? não me falaste nisso antes.

- há um colecionador que quer vender um Renoir ótimo. Quero vê-lo antes de ele o por oficialmente a venda.

Ao ouvir aquilo, ela fez um ligeiro sinal de compreensão com a cabeça. Fossem quais fossem os defeitos dele como homem, saíra bem com a galeria, melhor do que o pai dela algum vez sonhara, razão pela qual ela deixara Gerard mudar o nome da galeria para o dele. Mas fora um acordo desde o principio, quando eles o recolheram, lhe deram abrigo, emprego, e depois um educação no mundo da arte. Isso fora quando ela e o pai fugiram para Zurique durante a guerra.

Conheceram-no nessa altura e deram-lhe abrigo, emprego e um lar. E, ao regressarem a Paris quando a guerra acabou, trouxeram-no com eles. Giselle estava então grávida e o velhote não dera qualquer hipótese a Gerard. Mas no final foi ele que imperou sobre os dois espertos parisienses, ele que aprendera o ofício tão bem que transformara a galeria num enorme sucesso. E quanto a Giselle, não fazia diferença. há vinte e quatro anos que ele fazia o seu papel.

Na manhã seguinte, Tammy e Noel despediram-se de Brigitte e do irmão e, pouco antes de partirem, Gerard Goddard desceu apressadamente as escadas. Olhou profundamente para os olhos de Noel, interrogando-se, mas isso era um disparate e não podia ser, mas talvez este Max Thomas soubesse a era um tipo de loucura que

Gerard Goddard vivera durante quase trinta anos.

- MUITÍSSIMO obrigado, Mister Goddard.

- Não tem de que, Noel a Tâmara a Esperamos vê-los aqui de novo. - Gerard não disse nada do endereço que eles lhe tinham dado, partiram; tinham-lhe dado aquilo que ele queria: um lar, um vida, sucesso, dinheiro, e os meios para a sua busca. Era a busca que o mantinha ativo ao longo de todos esses anos.

Há vinte e sete anos que ele procurava o pai e a Irmã, e há muito que sabia que nunca os encontraria. Todavia, continuava a procurar, quando achava que tinha algum pista, quando alguém pensava que conhecia alguém que a Fizera para cima de sessenta viagens até Berlim. E todas haviam sido infrutíferas. Inúteis. No íntimo, Gerard sabia que eles estavam mortos. Se não estivessem, tê-los-ia encontrado ou eles tê-lo-iam encontrado. O seu nome não era assim Tão diferente. De Gerhard von Gotthard passara a Gerard Goddard. Mas usar o nome de um alemão depois da guerra em França era um convite ao ridículo, ao insulto, ao rancor, a agressão. Pouco depois, ele já não o podia usar. Fora idéia do velho mudar o nome, e na altura parecia ser um idéia inteligente.

Agora, ao fim de todos esses anos, ele era mais francês do que alemão. E isso não interessava. já nada interessava. Os seus sonhos encontravam-se desfeitos.

Por vezes, gostava de saber o que teria feito se os tivesse encontrado. O que é que na realidade teria mudado? No seu íntimo, ele sabia que tudo teria mudado para si. Teria tido finalmente a coragem de deixar Giselle, talvez tivesse tomado com mais firmeza as rédeas dos filhos, talvez vendesse a galeria e aproveitasse o dinheiro para dar um novo rumo a vida. Sorriu perante as inúmeras opções, sabendo intimamente que encontrá-los não seria o fim, mas o princípio do sonho de toda a sua vida.

- Gosto dos teus amigos de Nova Iorque, Brigitte. Sorriu afavelmente para a filha e por esta vez ela retribuiu o sorriso. Ele fora sempre tão vago, tão distante, tão infeliz. Fizera dele um pai ausente durante toda a vida.

- Também gosto deles, papai. são muito simpáticos. Brigitte ficou então a observá-lo enquanto ele voltava, com ar pensativo, para o quarto. Ao fim dessa manhã, ouviu-o a telefonar para a Air France. E entrou, com ar descontraído, no quarto. - Vai a algum lado, papai?

Ele fez um ligeiro sinal afirmativo com a cabeça.

- Vou. A Nova Iorque. Esta noite.

- Em negócios?

Gerard confirmou com a cabeça.

- Posso ir consigo?

Ficou com ar surpreso a olhar para ela. De repente, ela ficou quase tão só como ele. Mas era um viagem que ele tinha de fazer sem ela. Talvez da próxima vez.....

- E se eu te levar da próxima vez? Isto, vai ser um pouco duro. É um espécie de

negócio apertado que vou fazer. E não acho que vá demorar-me muito tempo.

Brigitte olhou-o da porta do quarto.

- Vai mesmo levar-me da próxima vez, papai?

Ele fez um ligeiro sinal afirmativo com a cabeça, admirado por ela lhe ter perguntado.

Foi vago quando falou com Giselle mais tarde nessa manhã. Voltou então calmamente para o quarto e fez a mala. não planeava ficar mais de um dia ou dois, pouco mais que isso. E, depois de beijar apressadamente Giselle e os filhos, foi a toda a pressa até ao aeroporto. O seu passo largo permitiu-lhe chegar a horas, e o vôo foi de Nice até Paris e depois diretamente para Nova Iorque. No Aeroporto Kennedy, apanhou um táxi; depois, com mãos trêmulas, pediu ao taxista que parasse num cabina telefônica muito próxima do seu endereço.

- Mistress Thomas?

- Sim.

- Receio que a senhora não me conheça, mas a minha filha é amiga da Tammy...

- Há algum problema? - Ariana ficou subitamente assustada, mas a voz dela não tinha nada de familiar para o homem que escutava. Era provavelmente mais um caçada em vão. já fizera tantas anteriormente.

- Não, de modo nenhum. - Apressou-se a tranquilizá-la. - Foram para Itália esta manhã e estava tudo a correr bem. Só achei que a tinha uns negócios a fazer aqui a um Renoir a e fiquei tão impressionado com o anel da sua nora. Ela referiu que a senhora tinha outro, um esmeralda, e eu tinha um tempo livre, pensei que... - gaguejou Gerard, interrogando-se por que razão é que percorrera toda aquela distância.

- O meu anel de esmeralda não está a venda.

- Com certeza, com certeza. Compreendo. - Pobre homem. Parecia tão infantil e tão tímido. Ariana concluiu então que era provavelmente o Gerard Goddard que Tammy referia e, de súbito, sentiu-se desgostosa por ser tão desagradável e tão antipática com ele.

- Mas, se quiser vê-lo, pode passar por aqui daqui a pouco.

- Adoraria, Mistress Thomas a Meia hora? ótimo. Nem sequer tinha um quarto de hotel; as únicas coisas que tinha eram um táxi e um mala, e ainda tinha de esperar mais meia hora. Pediu ao motorista que andasse aos círculos, que subisse a Madison Avenue, descesse a Quinta Avenida e entrasse formalmente no parque. E estava finalmente na hora de se encontrar com ela.

Com os joelhos a tremer, saiu do táxi.

- Quer que espere aqui? - Ofereceu-se o taxista. A bandeirada estava já em quarenta dólares. Diabos, porque não? Mas o francês abanou a cabeça, deu ao homem um nota de cinquenta dólares que trocara no aeroporto e pegou na pasta e na mala. Tocou a campainha, junto ao batente de bronze, e esperou durante aquilo que lhe

pareceu um eternidade. O facto cinzento de bom corte assentava bem na sua estrutura fina e trazia um gravata Dior azul escura; a camisa branca estava lamentavelmente amarrotada da viagem, e os sapatos eram feitos a mão em Londres, tal como as camisas. Mas apesar de todos os caros adornos, Goddard sentia-se de novo um jovem rapaz a espera de um pai que nunca mais voltaria.

- Sim? Mister Goddard? - Ariana abriu lentamente a porta e olhou para ele com um dócil sorriso. Tinha o anel de esmeralda no dedo. Os olhos encontraram-se, tinham a mesma cor azul escura. Por instantes, ela não o reconheceu e não se apercebeu de quem ele era, mas o homem que fora Gerhard von Gotthard sabia que tinha encontrado finalmente um dos seus. E ali ficou, comovido, sem dizer palavra. Ela era a mesma moça que assombrava as suas lembranças a o mesmo rosto a aqueles mesmos olhos azuis risonhos.

- Ariana? - Foi um murmúrio, mas despertara nela os sons de há tanto tempo a os gritos na escadaria a os guinchos vindos do laboratório a os jogos que jogavam no jardim a Ariana a ainda o conseguia ouvir, Ariana!, Ariana! - Era como um eco, soltou um soluço e deixou-se cair nos braços dela.

- Meu Deus a meu Deus, és tu oh, Gerhard, abraçou-o com a angústia de um vida inteira, enquanto entre os seus braços o homem alto, bem-parecido, de olhos azuis, a abraçava com força e soluçava.

Ficaram assim durante instantes pérolas intermináveis, abraçando firmemente o presente e o passado. E quando Ariana levou o irmão para dentro, levantou os olhos para ele com um sorriso, e ele também sorriu a duas pessoas que, sozinhas, tinham carregado pesados fardos ao longo de metade das suas vidas e que tinham acabado de encontrar-se a e eram finalmente livres.

Carla Maria Ferreira dos Mártires

2000-06-25